

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Thais Antonia Pires Salla Trevisan

**Razões e expectativas da escolha pela Educação Profissional Técnica de Nível
Médio por jovens de 18 a 24 anos na área de Saúde e Bem-estar**

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo
2017

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Thais Antonia Pires Salla Trevisan

**Razões e expectativas da escolha pela Educação Profissional Técnica de Nível
Médio por jovens de 18 a 24 anos na área de Saúde e Bem-estar**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação do Professor Doutor Antonio Carlos Caruso Ronca.

São Paulo
2017

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Folha de Aprovação

AUTOR: Thais Antonia Pires Salla Trevisan

Razões e expectativas da escolha pela Educação Profissional Técnica de Nível Médio por jovens de 18 a 24 anos na área de Saúde e Bem-estar.

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do programa de Pós-Graduação em educação: psicologia da educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aprovada em ___ de ____ de ____.

Professor Dr. Antonio Carlos Caruso Ronca,
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Banca Examinadora

Dedico esse trabalho a minha amada avó Mercedes (in memoriam) por quem guardo um constante sentimento de ad-miração.

Essa pesquisa foi realizada com auxílio CAPES/PROEX – Modalidade Taxa.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que me apoiaram e contribuíram para a realização desse trabalho:

A meu querido marido, Renan Trevisan, por seu apoio incondicional e afetuoso, pelo exercício de paciência, por compreender minhas ausências e respeitar minhas escolhas.

A minha querida mãe, Denise Pires Salla, pelo seu incentivo permanente e pelos conselhos carinhosos, por perdoar quando faltei.

Ao querido e ad-mirado Prof^o. Dr^o. Antonio Carlos Caruso Ronca, pelos inúmeros ensinamentos, pela sua dedicação docente exemplar e por sua condução paciente durante toda a orientação desse trabalho.

À querida e ad-mirada Prof^a. Dr^a. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, pelos valiosos ensinamentos sobre a História da Psicologia da Educação, sobre a Filosofia da Educação e sobre a vida.

À querida e ad-mirada Prof^a. Dr^a. Ana Mercês Bahia Bock, por seu exemplo de dedicação à Psicologia Social e por seus ensinamentos que me fizeram mudar o olhar em relação à desigualdade social.

À querida e ad-mirada Danielle Girotti Callas, pela sua amizade, pelo seu companheirismo e pelo seu exemplo de vida, sem o qual esse trabalho não seria possível.

Às queridas Janaína Stabile Lenzi e Cibele Yamamoto e ao querido Inocente Muendo pela ajuda, pela companhia, pelos risos e pela amizade durante todos os semestres de aulas do programa.

Ao sempre gentil secretário do Programa de Psicologia da Educação, Edson Aguiar por seus atendimentos e providenciais avisos.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro, sem o qual minha continuidade de estudos não seria possível.

Ao SENAC São Paulo, que me permitiu conciliar a rotina de trabalho com a realização desse projeto e que me concedeu Bolsa Estímulo Educacional durante o primeiro semestre do programa de mestrado.

À Superintendente do SENAC São Paulo, Lucila Mara Sbrana Sciotti, por aceitar gentilmente o convite para a banca examinadora deste trabalho e contribuir com importantes informações sobre a instituição.

Ao gerente do SENAC Jundiaí, Mauro de Nardi Costa, pelo estímulo constante na conclusão dessa etapa, meus agradecimentos.

À Técnica de Desenvolvimento Profissional, Marlene Aparecida de Oliveira André, pelas ricas contribuições e pela compreensão nos momentos de estudo intensos.

Aos amigos do SENAC - Jundiaí que acompanharam minha trajetória de estudos, me incentivaram ao longo dessa jornada e me ajudaram na conclusão desse trabalho, em especial Alexandra Bonavito Tinelli, Daniel Francisco de Oliveira, Janis Kunrath e Narawuanda Monteiro Elias Gonzaga, meus sinceros agradecimentos.

A todos os alunos que, carinhosamente, dedicaram seu tempo às entrevistas transcritas neste trabalho e contribuíram diretamente para a realização dessa pesquisa; e a todos os meus alunos, fontes inesgotáveis de inspiração para meu trabalho, meus estudos e minha vida.

RESUMO

A Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), está no ponto de intersecção de dois direitos fundamentais do cidadão brasileiro, o direito à Educação e o direito ao Trabalho. Atribui-se a ela, uma formação de caráter dinâmico e autônomo, a qual é capaz de acompanhar as constantes e velozes alterações do mundo do trabalho. Além disso, é uma modalidade de educação que tem figurado promessas políticas e propagandas televisivas, representa uma importante meta no Plano Nacional de Educação do país e acompanha as modificações propostas pela atual Reforma do Ensino Médio. Neste estudo, buscamos identificar elementos que apontem as razões e as expectativas da escolha pela EPTNM por jovens de 18 a 24 anos, especificamente, na área de Saúde e Bem-estar. Tendo como *locus* a unidade escolar da cidade de Jundiaí, pertencente a rede do SENAC SP, foram entrevistados oito alunos, igualmente divididos entre os seguintes cursos Técnicos: Enfermagem, Estética, Massoterapia e Podologia. Como ferramenta utilizamos a entrevista semiestruturada, a partir da qual buscamos reunir as impressões dos alunos sobre o tema proposto, valorizando seus critérios qualitativos. As entrevistas nos deram recursos para que estudássemos o material produzido a partir da Análise de Conteúdo, procedimento que nos permitiu construir três categorias de análise, a saber: *Razões para a escolha*, *Surpresas no caminho da formação* e *Projeto de formação está contido no projeto de vida*. Na primeira categoria, a possibilidade de ajudar e cuidar constituiu para os sujeitos, assim como a valorização da EPTNM e do trabalho na área da Saúde e Bem-estar motivos para a escolha dos cursos. Em relação à última categoria, a possibilidade de se formar como forma de gratidão à família ou para cuidar dos membros da família é uma das expectativas que os sujeitos referiram nutrir ao final do curso. E, por não representarem nem motivos que determinaram a escolha, nem expectativas em relação ao curso, uma categoria “entre as razões e as expectativas” foi construída para a expressão das surpresas vividas pelos alunos ao longo dos cursos. As relações de constituição da identidade profissional, entendida como uma constituição histórica, social e cultural dos sujeitos, e que nos são reveladas pelos motivos e expectativas em relação a escolha de um curso de formação profissional vão nos permitindo acessar mais amplamente a missão da formação de cidadãos, pela EPTNM, e nos mantém atentos em entender quais os seus propósitos.

Palavras - chave: Educação Profissional, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Saúde e Bem – estar, Jovens.

ABSTRACT

The Vocational Technical Education is at the intersection point of two fundamental Brazilian rights: the Educational right and the Work right. A dynamic and autonomous character formation is attributed to Vocacional Technical Education, which may follow the all-time speed changes of the work around world. Furthermore, it is special modality of education that has been listed on political promises, and on television advertisements. Vocational Technical Education depicts an important goal in the National Plan of Education and keeps up with High School Reform Proposals. Target young people, from 18 to 24 years old, those are studying technical courses in the Health and Wellness field, this paper seeks to identify elements that point out the reasons and the expectations for the course choice. The research *locus* was a SENAC-SP's school, in Jundiaí City. That time, eight students, equally divided among the following technical courses: Nursing, Aesthetics, Massotherapy and Podology were interviewed. As a research tool, we used the semi-structured interview, from which we seek to got the students' impressions about the proposed theme, valuing their qualitative issues. The interviews gave us the resources to study the material produced from the Content Analysis, a research tool that allowed us for the construction of three Analysis Categories: *Reasons for the choice*, *Surprises on the way* and *The student project is held in the project. Life*. In the first category, the possibility of nursering, as well as the pround of the Vocational Technical Education, and the pround of Health and Welness work fiels, were reasons to the course choice. For the last category, a form of Family gratitude is one of the expectations that the subjects reported to aim at the end of the course. And, an "at the middle" category, "between reasons and expectations" was constructed to express the students'surprises during the courses. The relations of constitution of the professional identity, allow us to more broadly access Vocational Technical Education porposes in the mission for the Citizens formation.

Keywords: Technical Vocational Education; Technical Training; Health and Wellness; Young People

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Marcos históricos do Período Colonial (1500 – 1822) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil.....	33
Figura 2 Marcos históricos do Período Imperial (1822 - 1889) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil.....	35
Figura 3 Marcos históricos da Primeira República (1889 - 1930) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil.....	37
Figura 4 Marcos históricos da Era Vargas (1930 – 1945) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil.....	40
Figura 5 Articulação entre os ramos e ciclos de ensino, estabelecida pelas Leis Orgânicas (1942 – 1946)	44
Figura 6 Marcos históricos da Segunda República (1945-1964) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil.....	46
Figura 7 Articulação tendencial entre os níveis de ensino, estabelecidos pela Lei 4.024/1961	47
Figura 8 Marcos históricos do Regime Militar (1964 - 1985) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil.....	48
Figura 9 Articulação entre os níveis de ensino, estabelecidos pela Lei 5.692/1971	49
Figura 10 Articulação entre os níveis escolares, segundo a Lei n. 9394/ 1996 e o Decreto n. 2.208/ 1997.....	51
Figura 11 Articulação entre os níveis escolares, de acordo com o Decreto n. 5154/ 2004.....	52
Figura 12 Marcos históricos das décadas de 1990, 2000 e 2010 que influenciaram a história da educação profissional no Brasil	54

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 Indicadores relacionados à educação do Município de Jundiaí – SP.....	71
Quadro 1 Análise dos sujeitos participantes	78
Quadro 2 Categorias de análise	202

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAOIM	Centro de Atendimento à Obesidade Infantil de Marília
CEB	Câmara de Educação Básica
CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
CENAFOR	Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional.
CFESP	Centros Ferroviários de Ensino e Seleção Profissional
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CONPEP	Comitê Nacional de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPTNM	Educação Profissional Técnica de Nível Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDORT	Instituto de Organização Racional do Trabalho
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OECD	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PREMEM	Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio
PROEJA	Educação Profissional ao ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos
PROJovem	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PSG	Programa Senac de Gratuidade
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PUC – SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAC-SP Comercial	Departamento regional de São Paulo do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USAID	United States Agency for International Development

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Apresentação.....	15
1.2	Educação Profissional da área de Saúde e Bem-estar.....	19
1.3	Objetivo geral e objetivos específicos.....	28
2	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL	31
2.1	Breve histórico.....	31
2.2	Desafios para a Educação Profissional no Brasil.....	57
3	O SENAC SÃO PAULO	62
4	A PESQUISA	68
4.1	Instituição campo de pesquisa.....	68
4.2	Sujeitos participantes.....	72
4.3	Instrumento de pesquisa e de identificação de categorias.....	73
4.4	Aplicação do instrumento.....	75
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO	77
5.1	Sujeitos.....	77
5.1.1	Nô - Técnico em Podologia.....	79
5.1.2	Felipe - Técnico em Podologia.....	79
5.1.3	Rapha – Técnico em Estética.....	80
5.1.4	Manuela – Técnico em Estética.....	80
5.1.5	Sofia A. – Técnico em Massoterapia.....	81
5.1.6	Rafaela – Técnico em Massoterapia.....	82
5.1.7	Marília – Técnico em Enfermagem.....	82
5.1.8	Sophia S. – Técnico em Enfermagem.....	83
5.2	Categorias.....	84
5.2.1	Razões para a escolha.....	84
5.2.1.1	A possibilidade de ajudar e cuidar.....	85
5.2.1.2	A valorização do trabalho na área de saúde e bem-estar.....	89

5.2.1.3 A valorização da EPTNM.....	91
5.2.1.4 A influência da família na escolha pelo curso e pela profissão.....	95
5.2.1.5 As experiências de vida promovem uma aproximação do curso e/ou da profissão	96
5.2.2 Surpresas no caminho de formação	97
5.2.2.1 Estudar nos transforma e nos surpreende	100
5.2.2.2 Aprender a fazer.....	101
5.2.2.3 O professor como exemplo.....	109
5.2.2.4 Desafios da EPTNM	113
5.2.3 O projeto de formação está contido no projeto de vida	117
5.2.3.1 A garantia do emprego após formação	117
5.2.3.2 A trajetória e a continuidade dos estudos.....	119
5.2.3.3 Formar-se com objetivo de ajudar à família	120
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE A	136
APÊNDICE B	139
APÊNDICE C	140
APÊNDICE D	141
APÊNDICE E	203

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Tenho um carinho especial pela minha vida escolar. Indubitavelmente, minhas referências de vida, meus mestres e meus exemplos estão imersos em ambientes de estudos e dedicação. Dentre minhas memórias de infância, arrisco-me a afirmar que as memórias das experiências vividas na escola figuram entre as mais antigas. Reforço aqui a contribuição e a dedicação de meu tio e padrinho, professor de Matemática e Educador Físico, de quem fui aluna nas salas de aula e nas quadras. Memórias da casa em que vivi na infância também remetem a um clima dedicado aos estudos: meu pai dedicava-se a sua graduação em Engenharia Mecânica e era na sala de nossa casa que recebia seus colegas de classe para estudos coletivos. No ambiente que servia de copa, sala de estar e sala de estudos, era imponente a presença da prancha de desenho técnico que ele utilizava tanto para o trabalho como para os estudos. Essa mesma prancha despertava a curiosidade de muitos alunos de minha mãe. Graduada em Administração, ela atendia jovens com dificuldades escolares em aulas de “reforço escolar”. Sem ter formação pedagógica, desenvolveu didática própria e ajudou alguns jovens a “perder o medo da matemática”. Incrementava suas aulas mostrando-lhes os desenhos técnicos do meu pai e despertava o interesse de alguns pela Engenharia.

Entendi, pelo exemplo dos meus pais, que ensinar e aprender eram indissociáveis. Mais que isso, percebo hoje que o ambiente escolar é indissociável da minha história. Meus exemplos ora assumem o papel de professor, ora assumem o papel de aluno. Com naturalidade, a escola se tornou meu reduto de amizades e relações sociais e, com o passar do tempo, de crescimento profissional.

Minha trajetória educacional ajudou a constituir minha identidade como professora, muito embora a formação em Educação só tenha se dado na realização do Mestrado. Mesmo tendo como referenciais acadêmicos e profissionais meus pais e meu tio, os quais tiveram uma formação técnica profissional anterior à graduação, optei por cursar o ensino médio regular, abrindo mão da formação profissional,

atingindo o ensino superior sem a experiência de qualquer formação técnica anterior.

Cursei Fisioterapia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), na Faculdade de Filosofia e Ciências, da cidade de Marília. Ainda que imersa em um mundo de clínicas, hospitais, unidades básicas de saúde, laboratórios de anatomia, fisiologia e biomecânica, logo no primeiro semestre da graduação me senti atraída pelas possibilidades de pesquisa e pelo encantador cenário universitário. Estimulada pela então coordenadora do curso, Prof.^a Dr.^a Lúgia Maria Presumido Braccialli, fui representante discente no conselho de classe, monitora da disciplina de Fisiologia e atuei como multiplicadora do Centro de Atendimento à Obesidade Infantil de Marília (CAOIM). Nessas atividades, me dediquei a entender as necessidades dos meus “alunos”, ora colegas ingressantes do curso de Fisioterapia, ora crianças atendidas pelo CAOIM. Em tempo, vale reforçar que minha formação como profissional da saúde foi intensamente influenciada pela marca institucional do campus de Marília, referência na área da Educação, mais especificamente, da Educação Especial. Em meu trabalho de conclusão de curso me interessei pela análise da força de preensão palmar em crianças com dificuldades de aprendizagem, e validei o desejo de me dedicar profissionalmente à vida acadêmica, em especial à produção científica. Passaria, a partir de então, a planejar minha entrada em um programa de mestrado ligado à fisioterapia hospitalar.

Entretanto, formada e regressando a Jundiaí, minha cidade natal, enfrentei lutos pessoais que me fizeram repensar o plano de ação do sonho de mestrado. Redefini meu projeto de formação profissional e passei a me dedicar a atendimentos fisioterapêuticos clínicos e hospitalares, assim como a atendimentos dentro de empresas, nos quais desenvolvia projetos de qualidade de vida e de conforto no trabalho. Foi graças a este último trabalho que surgiu a oportunidade de reencontro com a escola: candidatei-me e fui aprovada para uma vaga de docente no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), em Jundiaí. Tratava-se de uma vaga para a docência no curso Técnico em Segurança do Trabalho.

Buscando entender a Educação Profissional, em especial a Educação Profissional de Nível Médio e a atuação profissional do Técnico em Segurança do Trabalho, passei a me dedicar a duas vertentes de formação. Uma seria uma formação de caráter pedagógico, o Programa de Desenvolvimento Educacional

oferecido pela instituição de ensino que me contratara. O papel e o impacto deste programa foram tão relevantes para o meu desenvolvimento profissional que busquei qualificações oferecidas pelo próprio SENAC, e me tornei uma multiplicadora do programa. Este, por sua vez, tem como objetivo principal viabilizar formações que promovam os ideais contidos na Proposta Pedagógica da instituição, e estimulem a prática docente alinhada com este referencial. A transdisciplinaridade proposta pela instituição permitiu que eu lecionasse para diversos alunos, de diferentes cursos. Lecionei para turmas dos cursos Técnicos de Enfermagem, Enfermagem do Trabalho, Podologia, Estética, Massoterapia, para turmas dos cursos de capacitação diversos e para turmas do Programa de Aprendizagem.

Entretanto, era importante que eu ainda atendesse às empresas de forma paralela à docência, entendendo a importância da minha proximidade de atuação profissional com o segmento em que meus alunos almejavam atuar. Assim, me dediquei a uma segunda vertente de formação e iniciei a pós-graduação *lato sensu* em Sistemas de Gestão Integrada em Qualidade, Meio Ambiente, Segurança do Trabalho e Responsabilidade Social, no próprio SENAC - Jundiaí. Foram quase dois anos de estudos e de uma interessante experiência, na qual fui aluna do Ensino Superior na mesma instituição na qual eu também era docente.

Percebo que assim como meus professores e familiares, meus alunos também foram e são exemplos para mim. Ainda que não tivesse graduação em educação, me constituí professora na execução do trabalho como docente. No ano de 2014, participei como sujeito de pesquisa da minha então coordenadora técnica, Danielle Girotti Callas, a qual desenvolvia sua pesquisa para obtenção do título de mestre na linha de formação de formadores no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP). Sua pesquisa, *A constituição da profissionalidade e os saberes docentes na educação profissional de nível técnico das áreas de Saúde e Bem-estar*, foi inspiração e ensinamento para mim (CALLAS, 2015). Com extremo incentivo dela, pelo seu exemplo e por sua amizade, busquei então o mesmo programa para conduzir meu objetivo de realização de um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Além disso, sentia a necessidade de refinar meu olhar pedagógico e aprimorar minha atuação como professora, como mediadora de formação de docentes e nas diversas atividades que realizava até então no meu

cotidiano de trabalho. Faço uso de um trecho da Proposta Pedagógica do SENAC - São Paulo como forma de expressar minha relação com meu trabalho, desenvolvido nessa mesma instituição. Trata-se da explicação dada por ela sobre o homem e o mundo do trabalho, e reforça a importância dessa relação para as relações humanas e sociais.

O homem é um ser que se relaciona com o mundo de modo consciente, intencional, reflexivo e potencialmente responsável. É capaz de fazer juízos de valor sobre sua própria forma de ser e agir e a dos demais seres humanos. Pelo pensamento, pela linguagem e pelo trabalho o homem dá sentido, conhece e modifica o mundo, entendido como o ambiente ou circunstância no qual o homem vive, convive e transforma pela sua ação. Desta forma, o trabalho é a ação tipicamente humana que promove e estrutura formas de convivência e de relações entre os homens e entre eles e o meio em que atuam. (SENAC, 2005, p.4)

Posso dizer que, com a Educação Profissional, na qual não vivi o papel de aluna, mas pude desenvolver-me profissionalmente, presenciei histórias de transformação pela educação. Acompanhei a trajetória de alunos que venciam dificuldades diárias para estudar: ausência de suporte financeiro, falta de apoio familiar, alfabetização prévia deficiente, desamparo social. Alunos estes que, com a formação profissional, puderam desenvolver a autonomia para o trabalho, que ressignificaram seus papéis como cidadãos, suas condições socioeconômicas e que se permitiram planejar o futuro, incluindo também entre esses planos a continuidade de estudos no ensino superior.

Além disso, assim como Sciotti (2016, p.32) concordo que:

“Trabalhamos para suprir nossas necessidades materiais, mas também precisamos suprir nossa carência de realização individual e de contribuição social. O local de trabalho é o maior espaço que se tem para alcançar essas realizações, considerando-se o tempo dedicado à vida profissional para a maioria das pessoas.”

Certa de minha constituição diária como professora e de meu aprendizado contínuo no ambiente de trabalho, algumas percepções me provocam inquietações e me estimulam a conhecer mais em profundidade as motivações e as razões que levam os jovens à escolha pela Educação Profissional. Entender como esses jovens enxergam essa modalidade de ensino e quais são suas expectativas de futuro pode

nos ajudar na aproximação do trabalho docente às expectativas desses jovens quanto ao curso escolhido e na futura dedicação profissional destes.

1.2 Educação Profissional Técnica de Nível Médio

A Educação Profissional é uma modalidade de ensino que, ao mesmo tempo em que aponta para o futuro, transforma a sociedade no presente, contribui para a construção da cidadania e para a melhoria da condição de vida da população, com destaque para os aspectos de qualidade de vida e bem-estar e para as questões relacionadas ao meio ambiente e à sustentabilidade (CORDÃO, 2005).

Discutiremos sobre a Educação Profissional no sistema educacional brasileiro, considerando-a como modalidade de educação e ensino que tem como referência o mundo do trabalho e sua constante interação com a ciência e a tecnologia, as quais são entendidas como construções sociais, histórico-culturais e políticas. O papel dessa interação é essencial para situar a Educação Profissional na confluência de dois direitos sociais fundamentais do cidadão brasileiro, elencados na Constituição Federal, em seu art. 6º: o direito à Educação e o direito ao Trabalho. Ainda segundo a nossa Constituição em seu art. 227, a profissionalização destaca-se entre os direitos fundamentais a serem assegurados, com absoluta prioridade, pela família, pela sociedade e pelo Estado. A Carta Magna assegura como um direito social inalienável o direito do trabalhador ao conhecimento, e em seu art. 225 define que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Consagrados como preceitos constitucionais, educação e trabalho são retomados pela Lei Federal n. 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no art. 2º, o qual define os princípios e fins da Educação Nacional:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

A Educação Profissional configura-se, portanto, como um instrumento educacional de construção da cidadania, e dialoga com os mundos do trabalho e da educação. Cordão (2015), enfatiza que a educação é direito público universal e de fundamental importância para todos os cidadãos, a qual deve ser garantida de forma integrada com a orientação, a formação e a qualificação profissional para o trabalho. Assim sendo, além de propiciar autonomia intelectual para o cidadão, a educação também deve proporcionar sua formação profissional, partindo do trabalho como princípio educativo. Assim como o autor, entendemos que o sucesso da formação profissional é um grande desafio para nosso país. Além dos desafios postos à qualidade da educação, desde os primeiros anos da educação básica, acompanhamos uma transformação muito veloz da própria natureza do trabalho que, em função da inovação tecnológica, tem promovido a valorização cada vez maior de profissões que não geram produtos industriais, como as desenvolvidas nos âmbitos da arte, da saúde, da comunicação, da educação e do lazer.

Podemos então entender que acompanhamos uma mudança no eixo das relações entre trabalho e educação que não pode deixar de ser acompanhada por alterações da própria Educação Profissional. Não há mais como concebemos uma Educação Profissional em seu enfoque tradicional, de formação baseada apenas na preparação para a execução de tarefas. Exige-se uma formação que permita a superação do simples domínio operacional de um determinado fazer e que possibilite ao cidadão trabalhador a compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico, a valorização da cultura do trabalho e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões. Devemos, então, pensar e conduzir uma Educação Profissional que nos permita ultrapassar a histórica divisão social do trabalho entre os trabalhadores comprometidos com a ação de executar e os trabalhadores comprometidos com a ação de pensar e/ou planejar a qualidade de produtos e serviços oferecidos à sociedade.

Essa dicotomia cristalizada nas relações de trabalho relaciona-se intrinsecamente com a divisão histórica de nosso sistema educacional. Educação e trabalho dialogam como razões e consequências, tanto da divisão social do trabalho como da distinção entre a educação de cunho propedêutico e a educação de cunho laboral. No compromisso com a oferta de uma Educação Profissional mais ampla e politécnica, o atual cenário requer uma compreensão para além do domínio

operacional, com alvo na promoção humanística, científica e tecnológica do país, sendo necessário a compreensão da indissolúvel interação entre Educação e Trabalho.

Para avançarmos no diálogo entre Educação e Trabalho inerente à discussão sobre a Educação Profissional precisamos situá-la, no sistema educacional brasileiro, nos diferentes níveis e modalidades de educação que ela pode ocupar. Dividido em níveis, nosso sistema de educação também reflete uma dualidade, ao ser separado em Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica, dividida e organizada em etapas que compreendem a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, pode ser desenvolvida em modalidades de ensino, a saber: a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Profissional e Tecnológica, a Educação do Campo, a Educação Escolar Indígena e a Educação à Distância. Por sua vez, a Educação Superior abrange cursos e programas de graduação, destinados aos concluintes do ensino médio e pós-graduação, que compreende programas de mestrado e de doutorado, cursos de especialização e de aperfeiçoamento e cursos de extensão. Não podemos, contudo, nos apressar em concluir que a Educação Básica seja o reduto exclusivo da Educação Profissional. Recorremos nesse sentido ao Capítulo III da LDB, na redação dada pela Lei n. 11.741, de 2008, o qual define a Educação Profissional em seu art. 39:

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, **integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação** e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;
II – de educação profissional técnica de nível médio;
III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

§ 3º Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação. (BRASIL, 2008, grifos nossos)

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, **integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação** e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;
II – de educação profissional técnica de nível médio;
III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

§ 3º Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação. (BRASIL, 2008, grifos nossos)

Entende-se pela redação do artigo supracitado que a Educação Profissional, ocupa os níveis de Educação Básica e de Educação Superior do sistema de educação brasileiro. Apresentar os diferentes níveis e modalidades de ensino que a Educação Profissional pode ocupar é essencial para o entendimento do tema de estudo deste trabalho, posto no nível da Educação Básica, a saber, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio podem nos auxiliar nas questões sobre perspectivas de desenvolvimento do mundo do trabalho e sobre as relações entre educação e trabalho, sucintamente abordadas neste capítulo de introdução. Ainda mais, abordaram também as modalidades de Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola e Educação no Campo em articulação com a Educação Profissional, além de orientarem a organização curricular desejada para os cursos de EPTNM. Tais diretrizes, de construção democrática, são essenciais na construção de cursos realmente conectados ao mundo do trabalho, em estado de permanente transformação e de profundas alterações estruturais e conjunturais. (BRASIL, 2013b)

A LDB, em seu Capítulo II, na seção IV trata do Ensino Médio. Uma das finalidades dessa etapa da Educação Básica, segundo o art. 35 da mesma lei, consiste na “preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas

condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores”. Na seção IV-A, ao texto original dado pela lei de 1996, foi acrescida a Seção IV – Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, por parte da Lei Federal n. 11.741 de 2008:

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional.

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas:

- I - articulada com o ensino médio;
- II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.

Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar:

- I - os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação;
- II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino;
- III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico.

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do **caput** do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma:

- I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;
- II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer:

- a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;
- b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;
- c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior.

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com

aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2008)

A EPTNM, como apresentada na LDB, pode portanto ser articulada com o ensino médio ou realizada após a conclusão dessa etapa terminal da Educação Básica, de forma subsequente. Oportunamente, adiantamos aqui que os alunos sujeitos dessa pesquisa podem cursar a EPTNM tanto na sua forma articulada, enquanto cursam o Ensino Médio, como na forma subsequente, quando já terminaram essa etapa da Educação Básica.

No *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio* (BRASIL, 2016b), os títulos da EPTNM são organizados a partir de eixos tecnológicos que permitem a orientação do projeto pedagógico de cada título com base em itinerários formativos, que direcionam a ação educativa das instituições e dos sistemas de ensino. Este catálogo construído em regime de colaboração, concretiza-se como um instrumento para disciplinar a oferta de cursos de EPTNM, para orientar as instituições, os estudantes e a sociedade em geral. É um referencial para subsidiar o planejamento dos cursos e correspondentes qualificações profissionais e especializações técnicas de nível médio. Nele estão definidos a carga horária mínima e uma breve descrição do curso, além de possibilidades de temas a serem abordados, possibilidades de atuação dos profissionais formados e infraestrutura recomendada para a implantação do curso. Dentre os eixos tecnológicos abordados pelo Catálogo, este trabalho tem interesse especial pelo primeiro eixo, denominado *Ambiente e Saúde*, no qual se agrupam os cursos de EPTNM das áreas de Saúde e Bem-estar, que serão tratados nessa pesquisa:

- Técnico em Enfermagem;
- Técnico em Estética
- Técnico em Massoterapia
- Técnico em Podologia

Tal eixo compreende as tecnologias associadas à melhoria da qualidade de vida, ao desenvolvimento e inovação de aparato tecnológico de suporte e atenção à saúde. Entendemos aqui que o eixo Ambiente e Saúde permite o agrupamento de cursos, que abrangem ações de proteção e preservação dos seres vivos e dos

recursos ambientais. Desta forma, esclarecemos que os cursos designados mercadologicamente pela instituição de pesquisa como pertencentes às Áreas de Saúde e Bem-estar atendem, no *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio*, ao eixo tecnológico Ambiente e Saúde (BRASIL, 2016b),.

Há uma discussão importante sobre os propósitos, as formas de oferta, os títulos disponíveis e os diferentes currículos dos cursos de EPTNM. A procura por essa modalidade de ensino integra o rol de discussões. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o país conta com aproximadamente 1,9 milhão de matrículas na Educação Profissional, sendo que um milhão dessas estão concentradas na rede pública. Enquanto as Instituições privadas de ensino lideram as matrículas da EPTNM nas modalidades concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio, as instituições públicas de ensino são as maiores responsáveis pelas matrículas da EPTNM integradas ao ensino médio e à Educação de Jovens e Adultos (EJA). (BRASIL, 2016a, p.250)

Até o ano de 2015 as matrículas na EPTNM representavam cerca de 1,7 milhão de matrículas, considerando as formas integradas e concomitantes com o ensino médio. Considerando o ano de 2013, dentre os dez cursos com maior número de matrículas na EPTNM, o curso Técnico em Enfermagem, um dos cursos que abordaremos nesse estudo, ocupou o primeiro lugar dentre as matrículas da rede privada com 121.357 matrículas e o quinto lugar da rede pública, com 32.475 matrículas. Não por acaso, é um curso amplamente mencionado em artigos publicados no campo da EPTNM (BRASIL, 2014).

Neste trabalho é de nosso interesse ir além da produção científica centrada no curso Técnico em Enfermagem, e ampliar a discussão para outros cursos da área de Saúde e Bem-estar, já mencionados anteriormente, e desenvolvidos, especialmente, na unidade escolar do SENAC - Jundiaí, *locus* desta pesquisa.

Com base em informações disponíveis no site da própria instituição de pesquisa (SENAC, 2016d) , destacamos algumas que nos ajudam a justificar a importância destes cursos de EPTNM e suas relações com o mundo do trabalho:

a) Quanto ao curso Técnico em Enfermagem:

- Atualmente, os profissionais técnicos e auxiliares de enfermagem concentram, aproximadamente, 800 mil vínculos de trabalho formal. Apesar

dessa quantidade, há escassez de profissionais para o mercado de trabalho.

- O crescimento populacional, o aumento da expectativa de vida, o aumento da conscientização da população com relação à prevenção de doenças e a crescente preocupação com a saúde e bem-estar dos brasileiros nas últimas décadas ampliaram a demanda por serviços públicos e privados de saúde.

- As políticas públicas de saúde estão cada vez mais voltadas para a promoção, prevenção e assistência à saúde, o que contribui para a expansão da rede de atendimento à população.

- A formação técnica de nível médio é promissora em termos de possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e o concluinte deste curso poderá atuar em hospitais, ambulatórios, diferentes serviços e programas de saúde pública, unidades de pronto atendimento, consultórios, centros de educação infantil, escolas, instituições de longa permanência, serviços home care e pré-hospitalares. (SENAC, 2016d)

b) Quanto ao curso Técnico em Estética:

- O aumento significativo pela demanda do profissional esteticista no mercado de trabalho levou ao reconhecimento da profissão de esteticista em todo o território nacional, por meio da Lei nº 12.592, de 18 de janeiro de 2012.

- O desempenho do setor de estética está associado à ascensão da mulher no mercado de trabalho, à expansão do mercado consumidor de serviços de estética e beleza pelo público masculino, além do aumento da expectativa de vida.

- O setor apresenta grande desenvolvimento de pesquisa e tecnologia, com lançamentos frequentes de produtos e serviços que objetivam a melhoria da aparência e do bem-estar.

- A possibilidade mercadológica de empreender está presente nas possibilidades de atuação do profissional de estética, que poderá atuar na área de saúde e bem-estar, principalmente como profissional autônomo ou prestador de serviços a clínicas de estética e cirurgia e centros de beleza e bem-estar. (SENAC, 2016d)

c) Técnico em Massoterapia:

- O profissional técnico em massoterapia é um profissional da saúde habilitado para a realização de técnicas ocidentais e orientais de massagens a fim de promover relaxamento, bem-estar e saúde.

- Sua atuação é ampla, o profissional reconhece a saúde como sua área de trabalho e a possibilidade de empreender, assim como ocorre no curso técnico em estética, também está presente, podendo este profissional atuar em espaços próprios ou de terceiros.

- Por ações de orientação, prevenção, promoção, manutenção da saúde e melhoria de qualidade de vida da comunidade o massoterapeuta pode,

ainda, atuar em institutos de estética, beleza e bem-estar, clínicas médicas, hospitais, casas de repouso e centros de convivência para idosos, clubes desportivos ou sociais, hotéis, condomínios, saunas, spas, academias, centros de fitness e em programas de qualidade de vida oferecidos pelas empresas a seus trabalhadores e programas sociais voltado à promoção da saúde coletiva. (SENAC, 2016d)

d) Técnico em Podologia

- O aumento da demanda pelo técnico em podologia está associado ao aumento da busca pela qualidade de vida da população, e à ampliação de pesquisas, produtos e tecnologias que servem ao atendimento desse cuidado específico.
- O cuidado com os pés, principal atribuição do técnico em podologia, tem sido cada vez mais valorizado pelos demais profissionais da saúde, uma vez que importante parcela da população apresenta problemas podológicos, sem reconhecê-los.
- O profissional podólogo tem atuação de grande importância na prevenção de podopatias e em casos de complicação de doenças sistêmicas de grande incidência na população brasileira, como o diabetes mellitus, a hipertensão e a hipercolesterolemia. (SENAC, 2016d)

Para a matrícula nas quatro habilitações profissionais de nível médio abordadas nesta pesquisa (Técnico em Enfermagem, Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia e Técnico em Podologia) há dois pré-requisitos que determinam o ingresso do aluno nesses cursos: estar cursando, no mínimo, o segundo ano do ensino médio e ter 18 anos de idade no mínimo.

Em relação à faixa etária dos alunos de EPTNM, há um aumento discreto da participação de estudantes de 18 a 24 anos nesta modalidade de ensino. A faixa que compreende os estudantes de 31 a 40 anos é, historicamente, a mais representativa. Para fins deste estudo, nos limitaremos aos estudantes com faixa etária entre 18 e 24 anos, entendendo essa como a faixa de idade que abarca estudantes que tenham recém-concluído o Ensino Médio (BRASIL, 2014).

Algumas inquietações acerca da função da Educação Profissional, em especial da EPTNM, nos levam a questionar sobre o entendimento quase que consensual da importância dessa modalidade de ensino para o desenvolvimento do país. Entretanto, embora tenhamos elevado nossas taxas de matrículas nessa modalidade de ensino na última década, dados internacionais do *Education at a Glance*, da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) mostram que apenas 6% do total de concluintes do ensino médio cursaram a

EPTNM de forma integrada ou concomitante, enquanto a média nos países da OECD é de 49%. A mesma publicação nos mostra que diferenças de gênero na escolha pela área de conhecimento, muito atribuídas às percepções de papéis e identidades de gênero, persistem em nosso país e no mundo. No Brasil, assim como na média dos países da OECD, as mulheres representam 83% dos concluintes da EPTNM na área de saúde e bem-estar. (OECD, 2014)

Como indica a recomendação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na pesquisa *Ensino Médio: Múltiplas Vozes*, “é oportuno pensar estratégias de maior envolvimento dos jovens no processo de transformação da sociedade brasileira”. O país possui mais de oito milhões de jovens matriculados no ensino médio e mais de 9,1 milhões de matrículas na Educação Profissional, contudo, elaboração de currículos, reformas educacionais e medidas como a conversão da Medida Provisória nº 746/2016 na Lei nº 13.415/2017, conhecida como a reforma do Ensino Médio, raramente levam em conta os interesses, as opiniões e as necessidades dos jovens (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p.572; MORAES; KÜLLER, 2016, p.147).

Consideramos que compreender os jovens já matriculados em cursos da EPTNM e as razões pelas quais buscam uma formação nessa modalidade de ensino pode ajudar na compreensão de suas expectativas com relação ao curso e o peso dessa escolha em seus projetos de vida. Desta forma, perguntamos: Quais as razões pelas quais os jovens buscam uma formação na EPTNM, especialmente na área de Saúde e Bem-estar? Quais suas expectativas com relação a essa escolha?

Na intenção de escutar e considerar os motivos desses alunos pelas suas escolhas, como recursos para o entendimento das necessidades e dos desafios da EPTNM, propusemos o presente trabalho, com objetivos geral e específicos a serem apresentados a seguir.

1.3 Objetivo geral e objetivos específicos

Em uma população de jovens estudantes, com idade entre 18 e 24 anos dos cursos de habilitação profissional técnica de nível médio em Enfermagem, Estética, Massoterapia e Podologia da Unidade Escolar do SENAC Jundiaí, buscamos, como **objetivo geral** dessa pesquisa, compreender as razões, bem como as expectativas,

da escolha pela educação profissional técnica de nível médio nas áreas de saúde e bem-estar.

Para tanto, temos como **objetivos específicos**:

- Buscar elementos que possam ter influenciado a escolha pela educação profissional técnica de nível médio;
- Buscar elementos na vida pessoal desses alunos que possam ter influenciado a escolha pela educação profissional, especificamente, na área de saúde e bem-estar;
- Identificar elementos de inserção no mercado de trabalho e empregabilidade que possam ter influenciado a escolha pela educação profissional;
- Apontar quais características do curso escolhido são vistas como importantes para o aluno;
- Buscar elementos que possam identificar as expectativas que os alunos possuem com relação à formação nas áreas de saúde e bem-estar;
- Buscar elementos que indiquem os planos de futuro com relação aos estudos e as possibilidades de continuidade de formação nas áreas de saúde e bem-estar ou em outras áreas de formação.

O presente estudo pretende levantar as razões e expectativas da escolha pela educação profissional na área de saúde e bem-estar por jovens de 18 a 24 anos, por meio de entrevistas com alunos matriculados exclusivamente nas áreas citadas. A partir das entrevistas serão investigados os motivos que os levaram à escolha do curso, quais são suas expectativas com relação a ele, suas motivações para a continuidade dos estudos e qual a relação entre os estudos e o mundo do trabalho que o aluno consegue identificar em seu cotidiano e em suas aspirações futuras. A forma como os jovens enxergam a EPTNM e quais são suas expectativas profissionais e de formação futuras podem ser importantes ferramentas para a condução do trabalho do docente dedicado a esta modalidade de ensino e às instituições de formação profissional e tecnológica. O momento dado à escuta do aluno pode engrandecer a prática do docente e contribuir para a ressignificação constante de sua postura enquanto exemplo de professor e profissional técnico.

Submetido à Plataforma Brasil, de acordo com a Resolução CNS nº 466/2012, para apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), o projeto desta pesquisa foi registrado neste sistema de acordo com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 69150917.7.0000.5482, e aprovado pelo CEP da PUC – SP

No segundo capítulo, *Educação Profissional no Brasil*, apresentaremos uma breve discussão sobre a história da Educação Profissional no Brasil, e a importância dessa contextualização para a identificação de seus desafios atuais, em especial as metas 10 e 11 propostas pelo Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 13.005/2014.

O terceiro capítulo traz uma breve caracterização histórica do SENAC - São Paulo e sua posição no cenário da educação nacional.

O quarto capítulo trata do itinerário metodológico a ser seguido no presente trabalho. Apresenta a unidade do SENAC - Jundiaí como *locus* de pesquisa, os sujeitos participantes, o instrumento de pesquisa utilizado e a forma de construção de categorias de análise.

O quinto capítulo, *Análise e discussão*, passa por uma breve apresentação individual dos sujeitos entrevistados e discute sobre as categorias identificadas nesse trabalho.

Por fim, o último capítulo desse trabalho aborda as considerações finais da pesquisa e as possíveis respostas para os problemas apresentados nesta introdução.

2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

2.1 Breve histórico

A trajetória da Educação Profissional do Brasil foi registrada de forma extremamente competente por diversos autores que se dedicaram especialmente à pesquisa histórica dessa modalidade de ensino, ou ainda, de forma mais ampla sobre toda a história da educação brasileira. Não teremos aqui, a pretensão de realizar um estudo sobre a história da educação profissional brasileira, mas destacar, a partir das fontes de pesquisa e clássicos do tema, os marcos históricos que influenciaram nossa concepção atual de educação profissional e as atuais tomadas de decisões políticas que cercam a temática aqui proposta. “As disputas travadas em torno das finalidades e do conteúdo da educação profissional no Brasil hoje, na verdade, foram produzidas ao longo da história como mediações da luta de classes.”. Esta citação, encontrada no prefácio da obra de Caires e Oliveira (2016, p. 32), destaca a forma como a história da Educação Profissional no Brasil está intrinsecamente relacionada com a história das relações de trabalho de nosso país. Desta forma, é importante contextualizar as relações escravistas de produção, que se estenderam por quase quatro séculos desde o período colonial. Esta relação de produção deixou marcas importantes na sociedade brasileira, influenciou as relações de trabalho e, por consequência, constituiu também uma herança sobre o pensamento em relação à Educação Profissional, percebida até a atualidade. Como aponta Cury:

A educação profissional no Brasil possui um largo caminho em nossa evolução histórica [...]. Hoje, graças ao sistema de Pós-graduação, inúmeras pesquisas, formalizadas em relatórios de grupos de pesquisa, dissertações de mestrado e teses de doutorado vão fazendo avançar o conhecimento sobre este assunto. (CURY, 2014, p.130)

Para facilitar a explanação, os períodos históricos do Brasil serão distintamente apresentados neste capítulo nas figuras 1; 2; 3; 4; 6; 8 e 12, assim como os marcos históricos que foram mais relevantes em cada período para a constituição da Educação Profissional como é hoje entendida. Entretanto, Ciavatta e Campos (2009) ressaltam importante consideração sobre as datas-limite definidas

nas obras, registradas historicamente e utilizadas nessa pesquisa “[...] um conjunto de fatos, contradições, confrontos e desenvolvimentos que não se iniciam nem terminam na data escolhida, mas que lhe dão valor simbólico como demarcador dos eventos”. (CIAVATTA; CAMPOS, 2012, p.30). Nesse mesmo sentido, Saviani (2004), trata da investigação histórica da educação brasileira:

Na tarefa de reconstruir a história da escola pública no Brasil, uma das principais questões com que nos defrontamos se refere à periodização que, a par de ser uma exigência inerente à investigação histórica, é um dos problemas mais complexos e controvertidos da historiografia, já que não se trata de um dado empírico, mas de uma questão teórica que o historiador enfrenta ao organizar os dados que lhe permitem explicar o fenômeno investigado [...]. Na história da educação brasileira a periodização mais frequentemente adotada, em consonância com a situação geral, guiava-se pelo parâmetro político, abordando-se, em consequência, a educação no período colonial, no Império e na República. (SAVIANI, 2004, p.16)

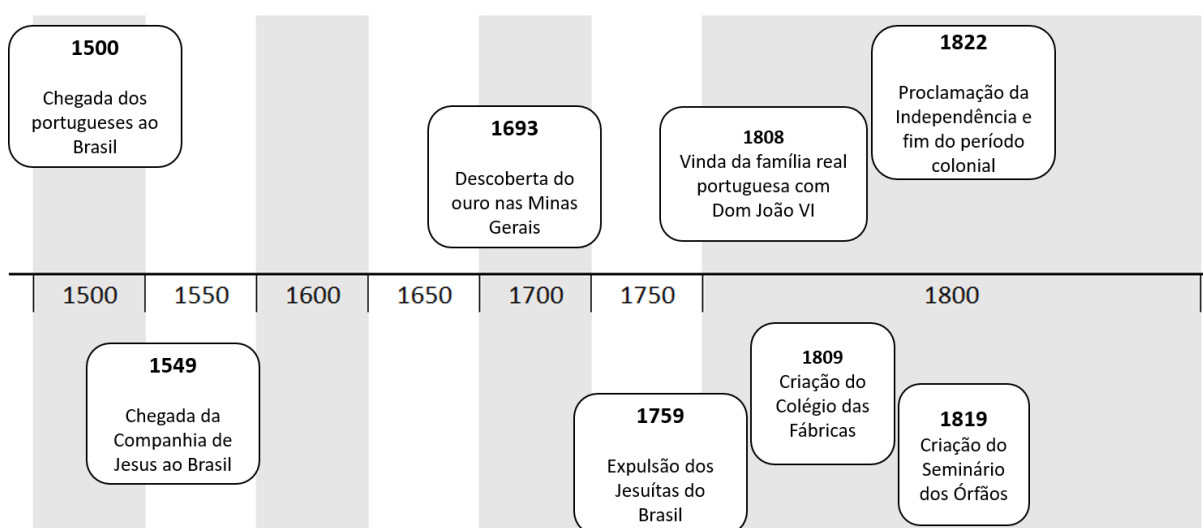
Iniciaremos discutindo sobre os primórdios da Educação Profissional no Período Colonial Brasileiro, que corresponde ao período de 1500 a 1822.

[...] o Período Colonial deixou uma herança socioeducacional marcada, principalmente, pela gênese do preconceito contra os trabalhos manuais e práticos, destinados apenas aos escravos, aos menores desvalidos e aos desfavorecidos de fortuna [...] (CAIRES; OLIVEIRA, 2016, p. 32)

Neste período, sob a condição de colônia de Portugal, a base da economia do Brasil era a agroindústria açucareira e a extração e comércio madeireiros, sustentados pelo trabalho manual dos escravos. A formação da mão-de-obra para a realização de ofícios que eram inerentes à vida colonial acontecia na experiência e na vivência, sem que houvesse a organização e a sistematização de práticas formais de ensino (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

Na contramão da ausência de uma prática de ensino formal da mão-de-obra, a formação dos filhos dos colonizadores seria garantida com a chegada da Companhia de Jesus, em 1549. O ensino de caráter clássico, intelectual e humanista dos jesuítas era destinado à instrução da camada mais elevada da sociedade, que se distanciava de qualquer possibilidade de realização de trabalho físico (CUNHA, 2005a).

Figura 1:



Marcos históricos do Período Colonial (1500 – 1822) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Ainda no período colonial, o trabalho manual, como artesanato e manufatura, associado ao trabalho escravo, era rechaçado pela força de trabalho dos homens livres, a fim de reafirmar suas condições e afastar quaisquer possibilidades de ambiguidade de classificação social. Este motivo, dentre outros, contribuiu para que as corporações de ofícios não se desenvolvessem como nos países europeus. Trabalhos como os de ferreiros, marceneiros, carpinteiros, pedreiros, tecelões, eram destinados aos escravos, negros e índios, e aos que deles se aproximavam socialmente, como mestiços e brancos pobres (CUNHA, 2005a; CUNHA, 2005b).

Durante o período histórico do ciclo do Ouro, casas de Fundição e de Moeda passaram a demandar um serviço mais especializado, e para isso começaram a capacitar aprendizes para o trabalho. Entretanto, em 1785 com a proibição da instalação de fábricas no Brasil, então colônia de Portugal, o desenvolvimento tecnológico estagnou-se, e apenas modelos de aprendizagem, como casas de amparo e ensino de atividades manufatureiras, como alfaiataria, sapataria, carpintaria e encadernação, que eram destinados à camada menos privilegiada da sociedade brasileira, podiam representar o ensino de ofícios no país (CUNHA, 2005a).

Iniciado nas rudimentares oficinas situadas ao lado das casas-grandes, o ensino de ofícios manuais também foi difundido pelos jesuítas, iniciadores dos processos de educação no Brasil. Embora tenham sido expulsos do Brasil e de Portugal durante a Reforma Pombalina, em 1759, a concepção educacional por eles promovida foi pouco alterada no modelo educacional à luz da visão iluminista, neste momento promovida pelos preceptores, uma vez que os últimos foram formados exatamente pelos jesuítas para a condução da educação dos filhos da aristocracia (ROMANELLI, 2014).

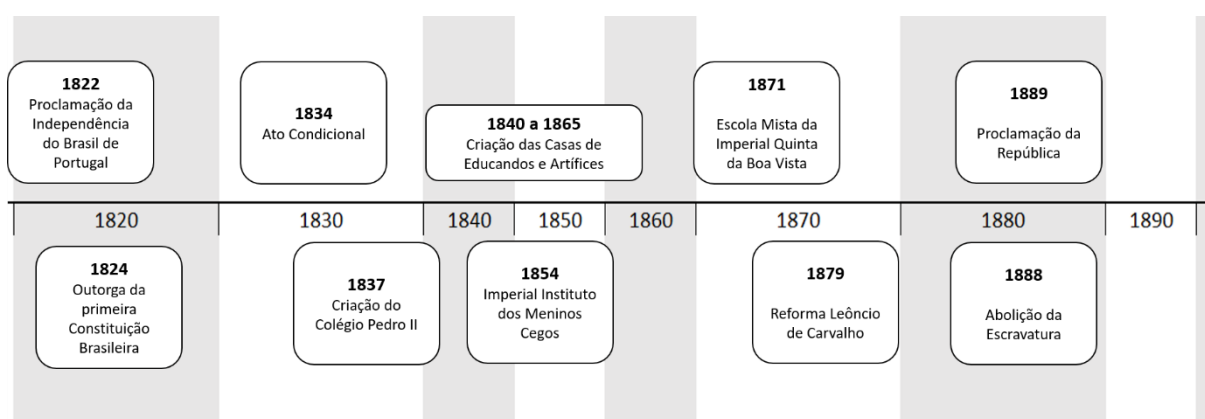
Com a chegada da família real portuguesa e com a retomada das instalações fabris no país, foram criadas instituições como o Colégio das Fábricas. O colégio criado em 1809, no Rio de Janeiro, pode ser considerado como o primeiro estabelecimento do poder público destinado a atender aprendizes, em especial órfãos da casa Pia de Lisboa, trazidos na frota da família real e sua comitiva para o Brasil. O colégio funcionaria até 1811 e fecharia definitivamente em 1812, uma vez que a implantação das indústrias não prosperou nesse período (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

O período colonial deixa uma herança sociocultural marcada pela educação de ofícios manuais compulsória a escravos, menores desvalidos e desfavorecidos de fortuna, e pela educação humanista e intelectual aos filhos da elite colonial. Representando a dualidade da concepção educacional do período, destacaram-se a aparição do Seminário dos Órfãos na Bahia, em 1819, e a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, futuramente transformada em Escola Nacional de Belas Artes, em 1820. Pode-se dizer, assim como Cunha (2005b), que a história da rejeição do trabalho manual em nosso país não se deu por sua característica laborativa, mas pela forma como fora considerado socialmente. Um trabalho considerado pela sociedade como vil estaria fadado à rejeição. Havia considerável montante de ocupações socialmente rejeitadas, mas de relevante importância para o funcionamento dessa mesma sociedade e para a economia da época. Resolvia-se então tal impasse na aprendizagem e no trabalho compulsórios a crianças e jovens que não opusessem resistência à educação para o trabalho, especialmente para o trabalho manual (CUNHA, 2005a).

No período imperial, o direcionamento colonial, discriminatório e assistencialista reservado ao aprendizado de ofícios manuais foi mantido. Na

outorga da primeira Constituição Brasileira, em 1824, a única referência à educação garantia a gratuidade da educação primária. Entretanto, o mesmo artigo que defendia esse posicionamento do Estado foi destituído de base prática, frente à indisponibilidade de recursos e da continuidade do regime escravocrata (CUNHA, 2005a).

Figura 2:



Marcos históricos do Período Imperial (1822 - 1889) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Entre os anos de 1826 e 1827 um projeto de lei instituiu, pela primeira vez, a organização do ensino público no país. Foram assim divididos os níveis de ensino da educação brasileira: Pedagogias (primeiro grau), Liceus (segundo grau), Ginásios (terceiro grau) e Academias (ensino superior). Curiosamente, nesse mesmo momento, à formação das meninas ficou definida a obrigatoriedade da aprendizagem de costura e bordados. Mas as dificuldades decorrentes da falta de recursos e da grande extensão do território brasileiro foram impactantes na condução das novas propostas para a educação. Em 1834, o Ato Condicional redefiniu as responsabilidades administrativas da educação no país. O poder central, instância administrativa mais elevada, passou a promover o ensino superior, enquanto às províncias reservou-se o dever de promoção dos ensinos primário e secundário. Um marco desse período é a criação, em 1837, do Colégio Pedro II, instituição pioneira na educação de nível secundário que serviria de exemplo para as demais, e que objetivava a formação para ingresso no ensino superior. Entretanto, a polarização administrativa proposta pelo Ato Condicional foi responsável pelo consequente abandono, em especial do ensino secundário pelas províncias, sem

recursos suficientes para manter o apartado sistema de ensino brasileiro. O ensino secundário passa, então, a ser concentrado nas mãos de particulares e mais uma vez a educação propedêutica é restrita à classe social economicamente favorecida e com possibilidades de custear a educação de seus filhos (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

Entre os anos de 1840 e 1865, um tipo de ensino extremamente segregado do secundário e do superior era desenvolvido pelo Estado para a formação da força de trabalho. Este movimento possibilitou a criação das Casas de Educandos Artífices nas 10 capitais provinciais, como descreve Cunha (2005b):

[...] as casas de educandos artífices foram criadas e mantidas integralmente pelo Estado; todas foram criadas e por presidentes de províncias, autorizados por leis das assembleias provinciais legislativas; sua clientela era constituída, predominantemente, de órfãos expostos, o que as fazia serem vistas mais como “obras de caridade” do que “obras de instrução pública”; a disciplina era bastante rigorosa, militar ou para militar; a instrução propriamente profissional era dada em arsenais militares e/ou oficinas particulares. (CUNHA, 2005b, p.113, grifos do autor).

Outros marcos históricos do período imperial que constituíram o cenário da educação profissional foram:

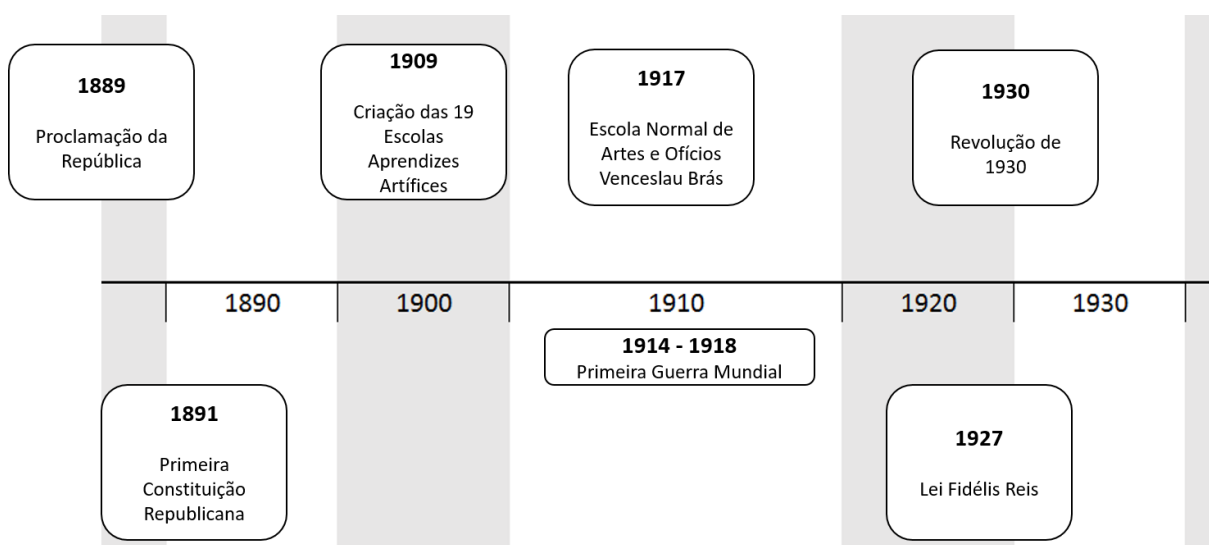
- A reforma da Instrução Primária e Secundária, promovida por Couto Ferraz em 1854, que introduziu medidas para assistir menores abandonados, mesmo ano em que Dom Pedro II cria o Imperial Instituto dos Meninos Cegos;
- A criação da Escola Mista da Imperial Quinta da Boa Vista, destinada à formação profissional de filhos libertos de escravas, nascidos após a Lei do Ventre Livre, de 1871;
- A reforma Leôncio de Carvalho, que incluiu no currículo das escolas de segundo grau a prática de ofícios manuais para os meninos e os trabalhos com agulha para as meninas, em 1879, também favorece a criação dos liceus de artes e ofícios, ainda vinculados à classe burguesa emergente;
- A Abolição da Escravatura, que coloca fim a um período de quase 400 anos de um regime econômico de base escravista, em 1888. Um longo

período que certamente corroborou para a discriminação dos ofícios manuais.

A proclamação da República, em 1889, marca o fim do período imperial. Consta-se que as iniciativas voltadas para a Educação Profissional no período foram empreendidas com caráter assistencialista, destinada aos desfavorecidos da sociedade, em especial pobres, órfãos e escravos (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

A partir da extinção da escravatura e da Proclamação da República, iniciou-se a Primeira República ou República Velha, primeira fase do período republicano, compreendida de 1889 a 1930. A conjuntura de fatores, como o fortalecimento das oligarquias agrárias, o avanço do capitalismo, a expansão da industrialização e do processo de urbanização, influenciou a instauração e o desenvolvimento da Educação Profissional no país neste período.

Figura 3:



Marcos históricos da Primeira República (1889 - 1930) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

Em 1891, a primeira Constituição Republicana, inspirada nos princípios do positivismo, instituiu o Sistema Federativo de Governo, promoveu a laicização da sociedade e manteve a descentralização do ensino, decorrente do Ato Adicional de 1834. Como destaca Cunha (2005b), a Educação Profissional do período sustentava um cunho pedagógico tanto preventivo – a fim de evitar que as crianças e jovens escolhessem o caminho do crime, dos vícios e da subversão político-ideológica –

como curativo – de modo a propiciar meios de correção àqueles que já tivessem cometido algum tipo de desvio da conduta social (CUNHA, 2005b).

Com esse plano de fundo socioeconômico, em 1909, Nilo Peçanha assume a presidência do país e assina o Decreto n. 7.566 de 23 de setembro, instituindo oficialmente a Educação Profissional Brasileira com a criação de 19 Escolas de Aprendizes Artífices. Essas escolas ainda mantinham seu caráter pragmático, voltado para a formação das camadas pobres da população, a fim de suprimir a demanda do mercado produtivo, dominado pela burguesia emergente. Neste momento, o ensino profissional, delegado ao Ministério de Indústria e Comércio, concentra-se em oferecer cursos de tornearia, mecânica, eletricidade e carpintaria, em especial em São Paulo, devido ao surto manufatureiro vivenciado pelo estado. Como destaca Cunha:

A finalidade dessas escolas era a formação de operários e contramestres, mediante ensino prático e conhecimentos técnicos necessários aos menores que pretendessem aprender um ofício em oficinas de trabalho manual ou mecânico que forem mais convenientes e necessárias ao estado em que funcionar a escola, consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais (CUNHA, 2005b, p. 63).

A década de 1910 é acompanhada pela transformação das instituições herdadas do Período Imperial no ensino de ofícios, por meio de iniciativas dos governos federal e estaduais, de associações de trabalhadores, alguns sindicatos e pela Igreja Católica, em especial da ordem dos padres salesianos. É desta década a transformação do Asilo dos Meninos Desvalidos em Instituto Profissional João Alfredo, estabelecimento de Educação Profissional, em regime de internato e não mais exclusivo aos denominados desvalidos de sorte (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

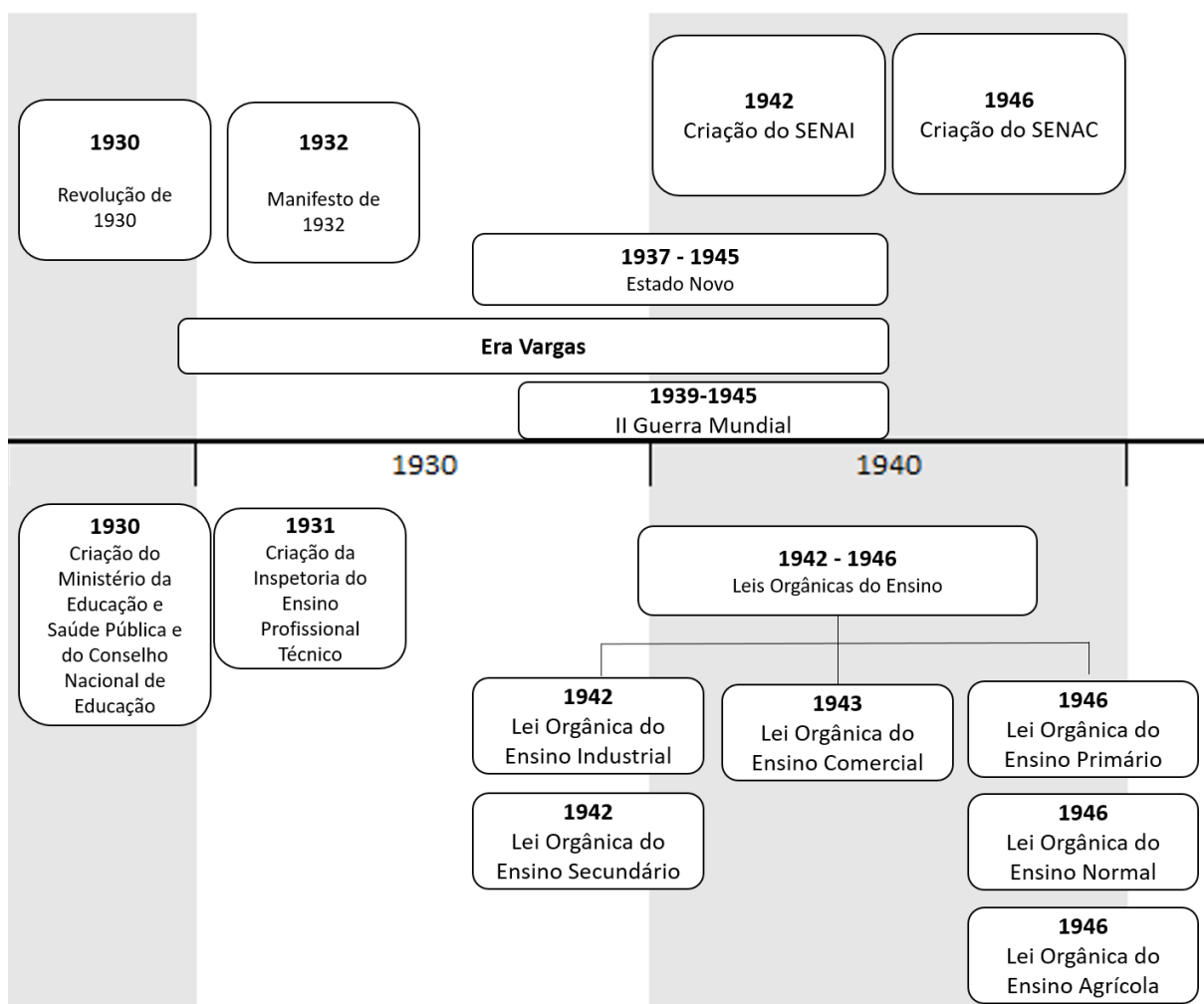
Especialmente entre os anos de 1914 e 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, a instalação de indústrias no país que suprissem a demanda por artigos de primeira necessidade reforçou a importância de se aumentar a oferta e a qualidade da Educação Profissional. Neste momento havia grande dificuldade de importação de manufaturados, bem como de exportação, especialmente de café, principal produto da economia brasileira. Devido a essa nova conjuntura, em 1917 é fundada no Distrito Federal a Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, que tinha como objetivo preparar professores para a Educação Profissional (FONSECA, 1986 apud CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

Ainda nesta fase do período Republicano, a conhecida Lei Fidélis Reis merece destaque como tentativa de intervenção no sistema educacional, e especialmente na Educação Profissional. Pelo Decreto n. 5.241, de 22 de agosto de 1927, buscou-se instituir a obrigatoriedade da Educação Profissional que, embora sancionada pelo Presidente da República, nunca entrou em vigência por falta de recursos públicos (CURY, 2014).

A Primeira República encerra sua fase quando da Revolução de 1930, e inaugura a Era Vargas, marcada pela instauração de um Estado forte, centralizador e intervencionista, nos âmbitos econômico e social que influenciavam a Educação Profissional da época, estreitamente ligada à divisão técnica do trabalho (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

O período compreendido entre 1930 e 1945 é caracterizado pelos ideários nacionalistas do então Presidente Getúlio Vargas. Mais uma vez, a educação profissional se presta à formação de mão de obra operacional para o atendimento da promissora indústria brasileira. A temática da Educação Profissional ganha força e perpassa as três fases da Era Vargas: a fase Revolucionária, de 1930 a 1934, a fase Constitucional, de 1934 a 1937 e a fase Ditatorial ou Estado Novo, de 1937 a 1945.

Figura 4:



Marcos históricos da Era Vargas (1930 – 1945) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

O início da Era Vargas é acompanhado pela criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, do primeiro Conselho Nacional de Educação e da Inspeção do Ensino Profissional Técnico. A inspeção, criada de forma a viabilizar a estrutura do ensino profissional, foi um dos veículos do primeiro Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, que teve como inspiração o fascismo italiano e promoveu uma política educacional autoritária. Dentre as determinações do ministro destacam-se a obrigatoriedade nacional do ensino religioso nas escolas primárias, secundárias e normais, a reforma do ensino secundário e a organização do Ensino Comercial, por meio do Decreto n. 20.158, de 30 de junho de 1931. O ensino secundário passou a ter então sete anos, cinco destinados ao aprendizado de cultura geral e dois preparatórios para o ensino

superior, e embora moderadamente questionado, o decreto supracitado marca o primeiro momento em que o termo **técnico** é empregado na legislação educacional brasileira (CUNHA, 2005c).

Neste momento, o clima educacional do país, marcado pela cisão entre a educação propedêutica e a educação para o trabalho, sentia também a dualidade entre duas concepções de educação, uma de cunho mais tradicional e conservadora, que defendia o ensino particular confesso, e outra favorável à educação gratuita, laica, de qualidade e de cunho democrático, defendida especialmente pelos integrantes do movimento escolanovista. Foi deste movimento, liderado por nomes como os de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, que o *Manifesto de 1932* constituiu a posição de muitos educadores, influenciando inclusive a elaboração da Constituição Brasileira, promulgada em 1934. Trechos do Manifesto dos Pioneiros da Educação e da Constituição de 1937 referem-se à Educação Profissional:

De fato, o divórcio entre as entidades que mantêm o ensino primário e profissional e as que mantêm o ensino secundário e superior, vai concorrendo insensivelmente, como já observou um dos signatários desse manifesto, para que se estabeleçam no Brasil, dois sistemas escolares paralelos, fechados em compartimentos estanques e incomunicáveis, diferentes nos seus objetivos culturais e sociais, e, por isto mesmo, instrumentos de estratificação social (AZEVEDO *et al.*, 2010)

[...] O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos estados, dos municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.

É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinados aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a serem concedidos pelo poder público. (BRASIL, 1937)

A Constituição em vigor à época fez menção aos colégios vocacionais e pré-vocacionais como dever do Estado, a quem competia criar escolas de aprendizes em colaboração com as indústrias e sindicatos, a fim de formar os filhos dos operários para o mercado produtivo. Também é importante salientar que esta Constituição, em seu artigo 152, atribuiu ao Conselho Nacional de Educação a elaboração de um Plano Nacional de Educação (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

Em 1937, o Ministério da Educação e Saúde Pública foi reorganizado, passando a se chamar Ministério da Educação e Saúde, e o ensino industrial, preparatório dos operários, foi inserido ao órgão. Com o estabelecimento do Estado Novo, as lutas pela qualidade da educação entravam numa espécie de hibernação. A partir de 1939, com a eclosão da II Guerra Mundial, o Brasil fortaleceria ainda mais seu processo de industrialização, em função de embargos de importação e aumento da exportação. A indústria brasileira passou a demandar ainda mais profissionais técnicos qualificados, fazendo-se urgente a qualidade da educação do ensino industrial (ROMANELLI, 2014).

Mais uma vez, reafirmamos os caminhos paralelos entre a formação profissional no Brasil, as demandas do mercado de trabalho e a qualificação para o trabalho de classes menos favorecidas. Em função da emergente industrialização brasileira, o ensino profissional se expandiu pelo país. Foi necessário capacitar a nova classe operária para atender à industrialização em massa. O ensino superior também foi sutilmente incrementado nesse momento, a fim de garantir a formação de recursos humanos e profissões burocráticas, também necessários ao processo produtivo. Esses caminhos nos permitem compreender como os esforços realizados para a formação profissional se orientaram mais para a perspectiva do assistencialismo que para a perspectiva da educação (WITTACZIK, 2008).

Como alternativa ao ensino secundário, de caráter propedêutico e destinado à elite brasileira, a Educação Profissional foi reafirmada como a modalidade de ensino secundário destinada aos filhos da classe operária. Foi na década de 1940 que essa modalidade foi estruturada e sistematizada, e neste sentido, ações em três frentes foram empreendidas:

1. As reformas do ensino promovidas por Gustavo Capanema, que procede Francisco Campos como Ministro da Educação, conhecidas como Reforma Capanema ou Leis Orgânicas do Ensino, de 1942 a 1946, reforçaram ainda mais a separação dual entre o ensino profissional e o ensino propedêutico. As mudanças demográficas da população, acompanhadas especialmente pelo êxodo rural e pela urbanização de regiões em franco desenvolvimento econômico, estimularam a adoção de medidas de formação de mão de obra, as quais impactaram diretamente na organização de uma modalidade educacional que se desenvolvesse em função de tal demanda. Aos setores

industrial, agrícola e comercial foi atribuída a responsabilidade da aprendizagem e capacitação dos jovens trabalhadores (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

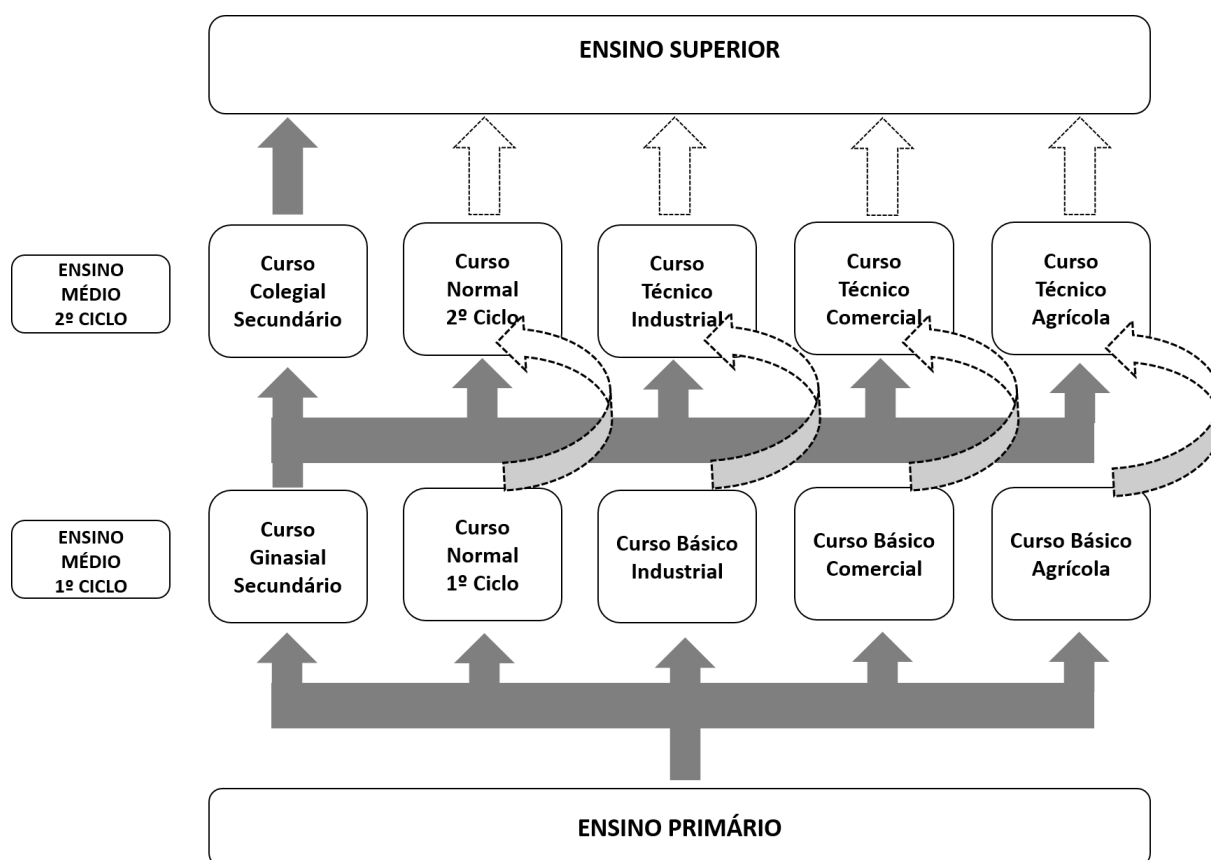
2. Criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em 1942, sob a direção da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Serviço Nacional da Aprendizagem Comercial (SENAC), em 1946, sob a direção da Confederação Nacional do Comércio (CNC). Do regime de colaboração entre o governo e as conhecidas classes produtoras, em especial a indústria e o comércio, originaram-se o SENAI e o SENAC, que juntos originaram o chamado “Sistema S” (WITTACZIK, 2008).

3. A transformação dos Liceus em Escolas Industriais e Técnicas, que passaram a criar a Rede Federal de Estabelecimentos de Ensino Industrial, destinada à oferta de cursos técnicos.

Quanto às reformas propostas por Gustavo Capanema, as Leis Orgânicas do Ensino destacam-se como reformas de alguns ramos do ensino, de forma fragmentada. Deram atenção para a os níveis primário e médio, deslocaram o Ensino Profissional para o ensino médio e criaram os Cursos Técnicos. O ensino técnico foi alocado exclusivamente no ensino médio, o que manteve o ensino primário destinado apenas à educação básica. Entretanto, as exigentes provas que eram impostas para se avançar ao próximo nível de educação já selecionavam os alunos mais “educáveis”, colocando o sistema de ensino a serviço das demandas do mercado de trabalho (CUNHA, 2005c).

Além disso, reforçavam ainda mais as cisões sociais no cenário da educação, diminuindo a flexibilidade de formação dos jovens da época. Embora não tenham realizado nenhuma mudança no Ensino Superior, as Leis Orgânicas contribuíram para limitar o acesso da população à formação no ensino superior e no ensino propedêutico. A arquitetura erigida da política educacional do Estado Novo ressaltava a sintonia entre a divisão social do trabalho e a estrutura escolar, como ilustrado na figura 5, a seguir:

Figura 5:



Articulação entre os ramos e ciclos de ensino, estabelecida pelas Leis Orgânicas (1942 – 1946).
 Fonte: Adaptado de Cunha (2005c, p.48).

Nesta organização, a entrada no curso de primeiro grau do ensino médio dependia obrigatoriamente da conclusão do ensino primário e da aprovação em provas de admissão. O mesmo acontecia para a entrada no segundo grau do ensino médio, a admissão só era possível a partir de vestibulares. A continuidade dos estudos era sistematicamente desestimulada, uma vez que a escolha profissional entre primeiro e segundo grau e segundo grau e ensino superior estava obrigatoriamente vinculada à habilitação anterior. Pela figura, podemos identificar que as escolhas profissionalizantes não permitiam mobilidade de escolha, à exceção do ensino Secundário, de caráter propedêutico, tanto ginásial como colegial. Essa condição revelava claramente que estrutura estava voltada para garantir a formação de profissionais técnicos, fadados à inflexibilidade da estrutura destinada à Educação Profissional.

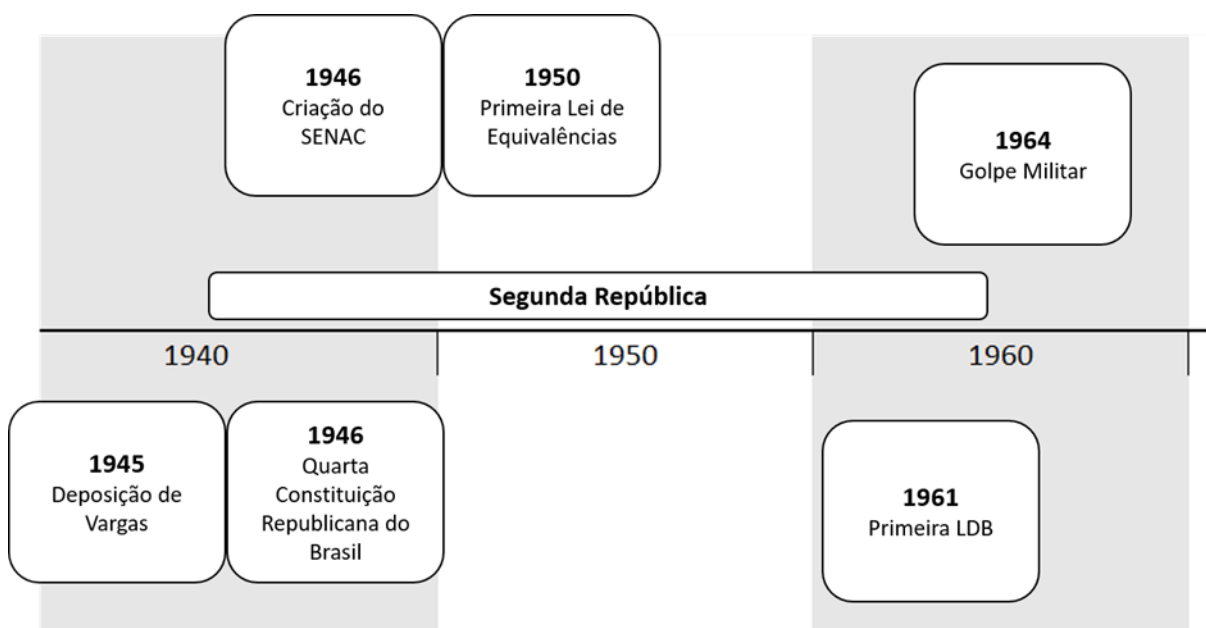
A criação dos Sistemas Nacionais de Aprendizagem cumpre a função de reorganizar o sistema educacional, em especial da educação técnica, num momento em que o próprio sistema educacional não possui infraestrutura necessária para a implantação, em larga escala, do ensino profissional. O primeiro a ser criado é o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), pelo Decreto-lei 4.048, de 22 de janeiro de 1942.

Em sua origem, o SENAI incorpora os Centros Ferroviários de Ensino e Seleção Profissional (CFESP), criados pelo Engenheiro suíço Roberto Mange em 1934, e herda desses centros a sua pedagogia de formação de operários, baseada na doutrina da Organização Racional do Trabalho, sistematizada por Frederick Taylor. Tal metodologia baseava-se no aumento da produtividade geral das fábricas pela produtividade individual de cada trabalhador. Mange, na época, já havia divulgado a doutrina, que contava com a aplicação de testes psicotécnicos e com a sistematização do ensino de ofícios, no Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), do qual foi fundador. É pela influência dos CFESPs, e em especial de Roberto Mange, que se tornaria o primeiro Diretor Regional do SENAI São Paulo, que a doutrina de Organização Racional do Trabalho incide sobre as origens desse sistema nacional de aprendizagem e de todo sistema de ensino industrial do país. (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial é o segundo serviço nacional de aprendizagem a ser criado, pelos Decretos-lei n. 8.621 e n. 8.622 de 10 de janeiro de 1946. Falaremos mais detalhadamente sobre sua história no terceiro Capítulo deste trabalho, *O SENAC São Paulo*.

Por fim, a Educação Profissional ainda seria marcada nos anos da década de 1940 pela transformação dos Liceus em Escolas Industriais e Técnicas, que deram origem à Rede Federal de Estabelecimentos de Ensino Industrial, destinada à oferta dos cursos técnicos propostos pela Reforma Capanema. A coexistência de um sistema tido como oficial, composto pela Rede Federal, e de um sistema tido como paralelo, formado pelos sistemas nacionais de aprendizagem, marcou o final da Era Vargas pela sua característica de mediação entre os grupos ligados ao ensino profissional, como visto na figura.6:

Figura 6:



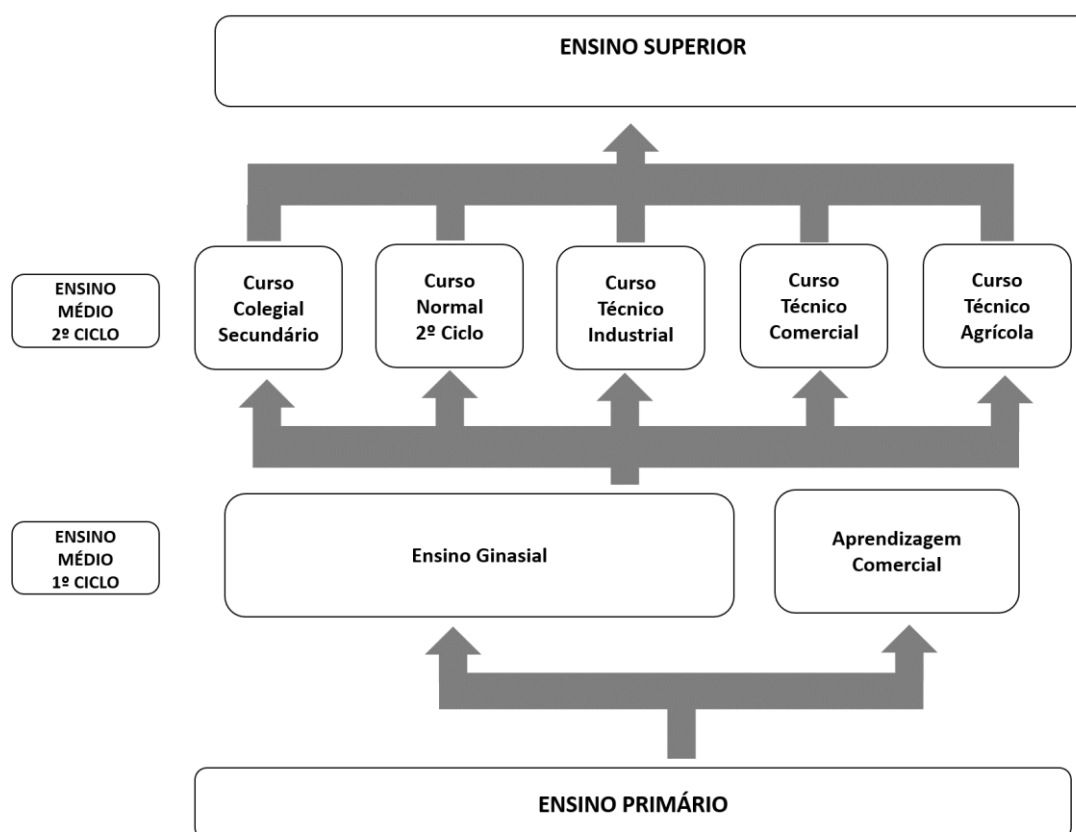
Marcos históricos da Segunda República (1945-1964) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora

Com a promulgação da Quarta Constituição Republicana do Brasil, o país retorna ao regime democrático. Essa Constituição, entretanto, faz poucas referências à Educação Profissional, mas determina a vinculação obrigatória de parte dos impostos da União, dos Estados e dos Municípios para o desenvolvimento do ensino. Neste sentido, em 1948, o então Ministro da Educação Clemente Mariani possibilita a retomada dos princípios do Manifesto de 1932. Para a Educação Profissional tratava-se não apenas de um momento de expansão ou de reorganização, mas de eliminação das dualidades do sistema de ensino. Com a primeira lei de equivalência, a Lei n. 1.076, de 31 de março de 1950, foi possibilitado o ingresso no segundo ciclo do ensino médio aos egressos dos ensinos industrial, agrícola e comercial, uma alternativa possível até então apenas aos alunos do ensino propedêutico, como demonstrado na figura 7. (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

A Educação Profissional fortaleceu-se durante as décadas de 1950 e 1960, principalmente em função do Plano de Metas implementado pelo governo de Juscelino Kubitschek. O expansionismo do setor industrial, especialmente da indústria automobilística, provocou a implementação de indústrias norte-americanas e europeias e fomentou a formação de profissionais técnicos de nível médio. Neste

período, as escolas Industriais e Técnicas ligadas ao Ministério da Educação foram transformadas em Escolas Técnicas Federais. Além disso, esse momento de crescimento foi acompanhado da redação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1961, que contemplava idênticos valores formativos, tanto para a formação profissional como para a formação acadêmica, em equivalência plena de formação dos estudos. O processo de instalação dessa LDB teve início em 1947, pelo Ministro da Educação e Saúde Clemente Mariani. Seu desfecho, quatorze anos mais tarde, teria sido uma possibilidade de se atribuir um sentido mais integral e humanizado à formação profissional, não fossem as reformas lamentavelmente produzidas pelo regime militar (FERES, 2015).

Figura 7:

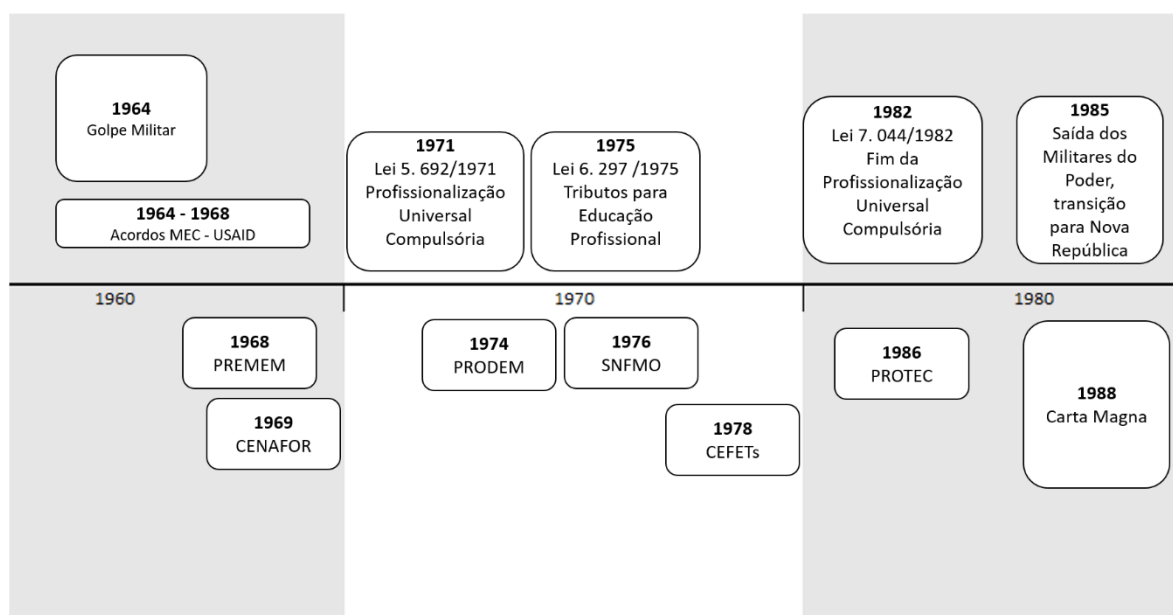


Articulação tendencial entre os níveis de ensino, estabelecidos pela Lei 4.024/1961. Fonte: Adaptado de Cunha (2005c, p.166).

Embora atravessasse um momento de ampliação da oferta de vagas para a Educação Profissional e um quadro de organização educacional mais flexível, o país acompanhava um modelo de desenvolvimento não sustentável. Os audaciosos empreendimentos de expansão liderados por Juscelino Kubistcheck aumentaram

conflitos sociais e econômicos. Após um curto período de governo, Janio Quadros renuncia ao poder, levando João Goulart à presidência da República em 1961. Seu modelo de governo, entretanto, desagradou à elite política e econômica do país, que apoiada pelo governo dos Estados Unidos, deflagrou o Golpe Militar de 1964.

Figura 8:



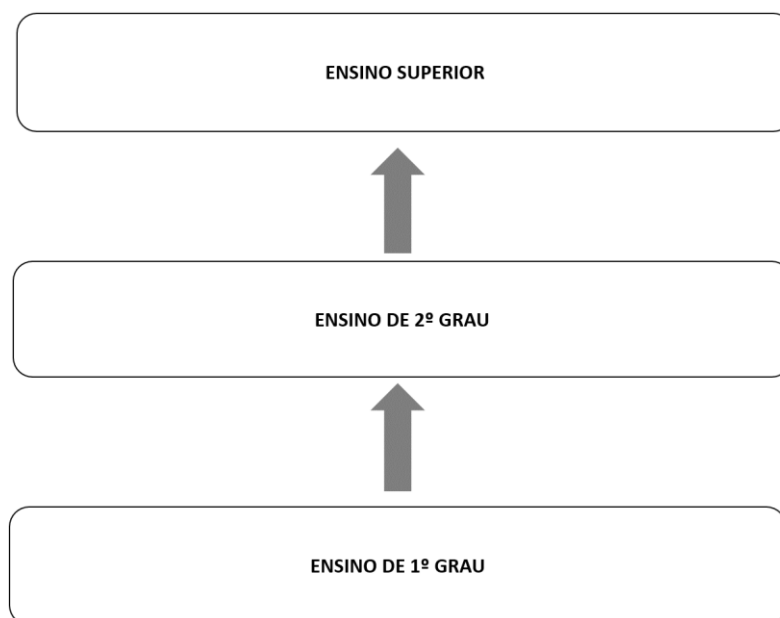
Marcos históricos do Regime Militar (1964 - 1985) que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora.

O período do Regime Militar estendeu-se de 1964 a 1985, com fortes influências dos Estados Unidos na economia e na política brasileira. Na educação, um caráter tecnicista da formação foi valorizado: acordos financeiros com a *United States Agency for International Development* (USAID) fomentaram a criação de escolas voltadas para a capacitação de jovens para o mercado de trabalho. Também foram criados em 1968 e 1969, respectivamente, o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM) e o Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional (CENAFOR).

Podemos dizer que foi o primeiro momento na história do país em que o ensino técnico foi priorizado em detrimento do ensino propedêutico, com intuítos únicos de qualificação da mão-de-obra necessária para a condução e garantia do desenvolvimento econômico do país. O sistema de ensino foi mais uma vez reorganizado, estruturando-se em ensino de primeiro grau, ensino de segundo grau e ensino superior. No ensino de segundo grau, com duração de quatro anos, dois

anos eram destinados à qualificação profissional, graças à Lei n. 5.692 de 1971, a qual alterava em parte a LDB de 1961 e instituía a obrigatoriedade do ensino profissionalizante. Essa medida, de caráter unilateral do governo militar, tinha como características a falta de diálogo com a população e com as escolas, o que fez com que a habilitação profissional obrigatória não promovesse nem a qualificação técnica nem a possibilidade de formação acadêmica, fatos que culminaram no fracasso dessa lei e no recuo de tal obrigatoriedade, em 1982 com a Lei n. 7.044/1082 (FERES, 2015).

Figura 9:



Articulação entre os níveis de ensino, estabelecidos pela Lei 5.692/1971. Fonte: Caires e Oliveira (2016, p.80).

A tradicional contradição socioeducacional brasileira, que endereçou a educação intelectual à elite e a educação profissional às classes menos favorecidas, entretanto, não deixou de existir. Esse novo padrão de status deixou raízes, e ainda hoje pode influenciar as escolhas e expectativas de atuação profissional em nossa sociedade. No ano de 1978, as escolas técnicas federais de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) e passam a ofertar cursos de Graduação e Pós-Graduação em engenharia,

principalmente para atender a demanda, agora do profissional graduado, em obras como a hidrelétrica de Itaipu e a Bacia de Campos (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

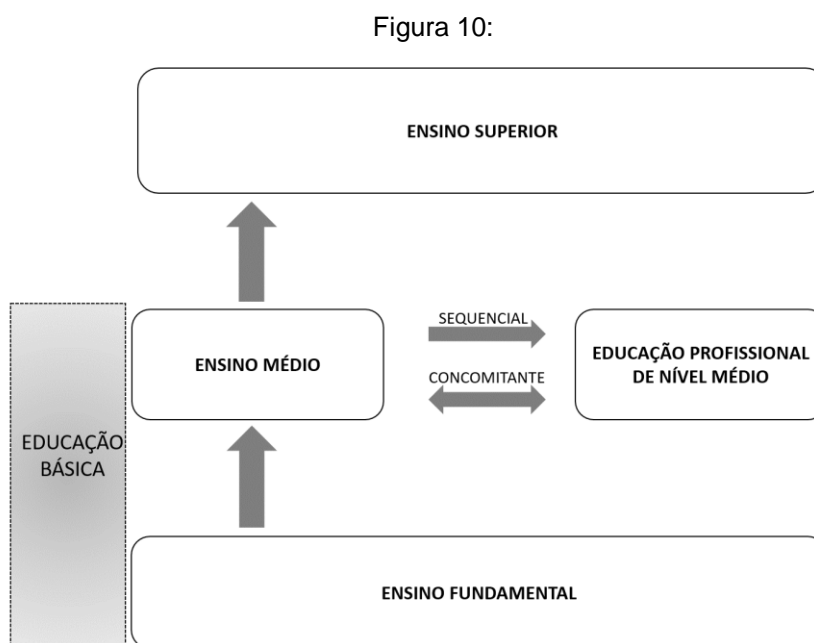
Com o fracasso econômico da década de 1980, caracterizada por profunda recessão, desemprego e miséria, além de uma sociedade desgastada por um governo autoritário e arbitrário, movimentos para a redemocratização do país foram organizados a fim de mobilizar a luta por um Estado Democrático de Direito. A transição progressiva para a democracia inicia-se em 1985, ano que inaugura o período denominado Nova República.

Durante as décadas de 1980 e 1990, o cenário da educação brasileira esteve associado, organicamente, aos processos de transição política do país e ao contexto histórico mundial. Uma longa discussão com fins de reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação tem início em 1987. Conhecida como Substitutivo Jorge Hage, a proposta de alteração liderada por Dermeval Saviani defendia uma Educação Profissional de caráter politécnico, de compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos e de relação integral entre a teoria e a prática. Influenciado pela proposta de ensino politécnico proposto por Marx e Engels e renovada por Gramsci e outros teóricos, o texto de Saviani, entretanto, viria a ser substituído por um texto de caráter liberal conservador, em maior sintonia com as características da política dominante, influenciada pelo neoliberalismo:

[...] evidencia-se que foram necessários oito longos e conturbados anos, começando com o Governo Sarney, atravessando os governos Collor e Itamar e chegando ao governo FHC, para que a LDB fosse, finalmente, aprovada e sancionada pelo Presidente da República. Desta forma, a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, LDB/1996, consubstanciou-se a partir do Substitutivo Darcy Ribeiro, que, reitera-se, apresentava maior proximidade com a proposta neoliberal priorizada pelo Governo FHC. (CAIRES; OLIVEIRA, 2016. p.107)

Na redação da LDB de 1996, a Educação Profissional é descrita no Capítulo III, do Título V, em quatro artigos, sendo considerada como uma modalidade de educação separada dos níveis de ensino da educação brasileira. A forma como se daria a articulação entre o Ensino Médio e a Educação Profissional não estava clara na redação da lei. Assim, o Decreto 2.228/1997, que estabeleceu a Reforma do Ensino Técnico, determinou que a Educação Profissional Técnica de Nível Médio poderia ser promovida, então, de forma sequencial ou concomitante ao Ensino Médio. Tais medidas alteraram a forma integrada de oferta dessa modalidade de

ensino pelos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), que tiveram suas matrículas reduzidas a quase metade entre os anos de 1997 a 2004. À redação da Lei 9.394/1996 foi então acrescentada a redação do Decreto 2.228/1997, que cita no Art. 5º: “A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este” (BRASIL, 1997). Desta forma, uma nova estrutura organizacional dos níveis escolares passou a vigorar no país, como representado na fig.10:

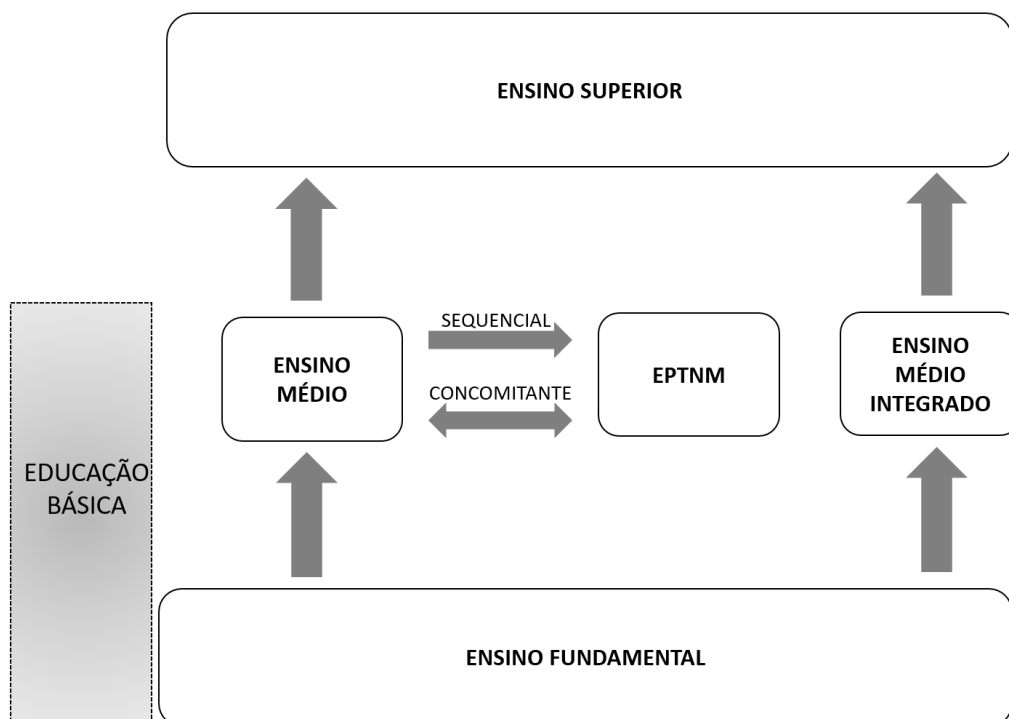


Articulação entre os níveis escolares, segundo a Lei n. 9394/ 1996 e o Decreto n. 2.208/ 1997. Fonte: Caires e Oliveira (2016, p.116).

A década de 1990 marcou a história da Educação Profissional tanto pela Reforma do Ensino Técnico como pela redação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, já mencionadas na introdução deste trabalho. Ciavatta e Campos (2012) se referem à essa década como a “Era das diretrizes”, a qual teve início no governo FHC, manteve-se no Governo Lula e estendeu-se no Governo Dilma. Trata-se de um momento de busca pela formação integral e mais humanística associada à Educação Profissional, que destaca o valor do trabalho como um princípio formativo e não apenas a formação para o trabalho, noção arraigada na concepção da Educação Profissional brasileira (CIAVATTA; CAMPOS, 2012).

Para a Educação Profissional o início do século XXI é marcado pela aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), pela Lei n. 10.172 de 9 de janeiro de 2001. Em seu texto introdutório, o plano estabeleceu as prioridades para a educação nacional no período entre 2001-2010 e destacou as dificuldades de se diagnosticar as informações sobre a Educação Profissional, considerando sua heterogeneidade de oferta e de instituições de ensino. Destacou, por esses motivos, a necessidade de se mobilizar, articular e ampliar a capacidade das instituições de educação profissional, de forma a triplicar a cada cinco anos a oferta de cursos da EPTNM. Na mesma época, um novo arranjo à estrutura de oferta da Educação Profissional foi aprovado pelo Decreto n. 5.154/ 2004, e revogou o Decreto n. 2.208/ 1997. Nesta nova estrutura, a Educação Profissional passaria a ser desenvolvida por meio de cursos e programas de: formação inicial e continuada de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio e educação profissional tecnológica, de graduação e pós-graduação, representada na fig.11:

Figura 11:

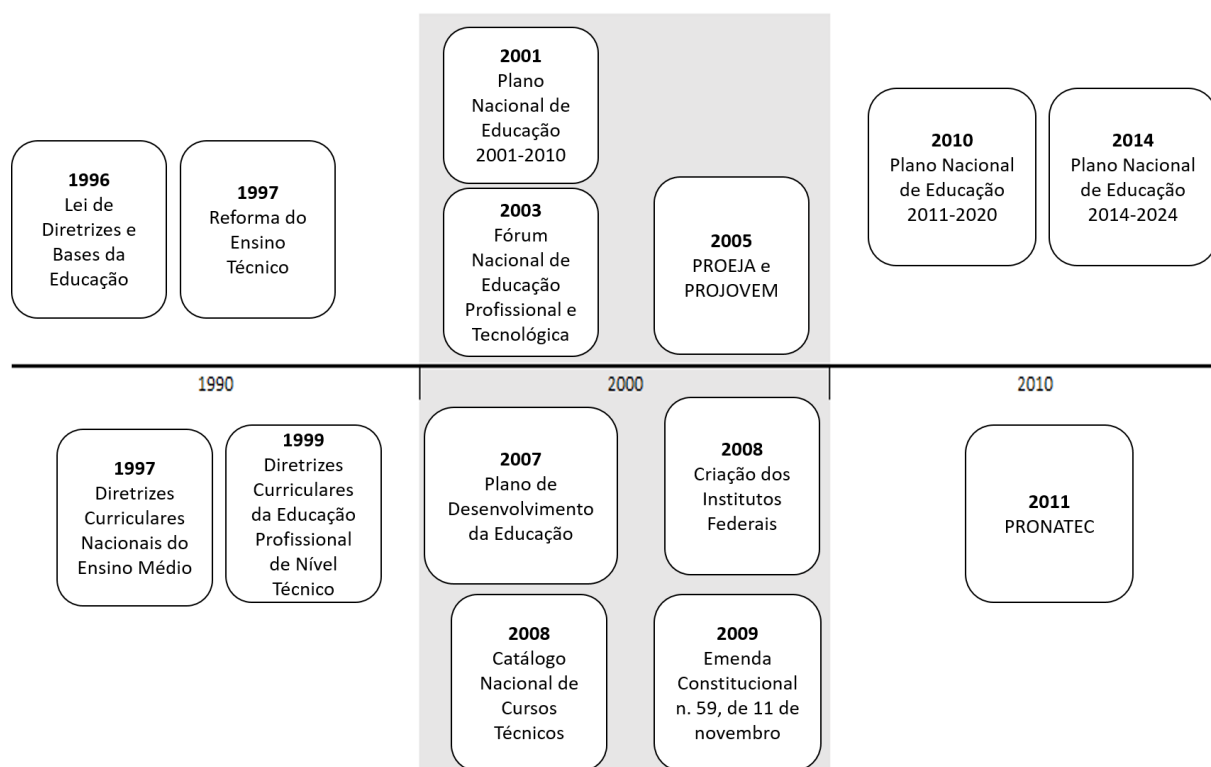


Articulação entre os níveis escolares, de acordo com o Decreto n. 5154/ 2004. Fonte: Caires e Oliveira (2016, p.142).

Ainda por determinação do mesmo decreto, o Programa de Integração da Educação Profissional ao ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJovem) foram criados em 2005, ano em que foi elaborado o Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica. Em linhas gerais, tais medidas tinham como objetivo atender a demanda de escolarização da população que não tivera acesso à educação na idade adequada a cada nível de ensino.

Podemos dizer que a primeira década do século XXI é marcada por uma atenção especial à Educação Profissional pelo Estado, pela sociedade e pelas instituições de ensino públicas e privadas. Isso pode ser visto no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado pelo Governo Federal em 24 de abril de 2007. Nesse plano foram organizados programas em torno de quatro eixos norteadores: Educação Básica, Educação Superior, Educação Profissional e Tecnológica; e alfabetização, educação continuada e diversidade. Para a Educação Profissional, o PDE propôs a criação dos Institutos Federais e a criação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, ações que se concretizam no ano seguinte. Fica evidente, pela quantidade de ações governamentais, que a atenção dada pelos órgãos federais a essa modalidade de ensino aumenta significativamente no governo Lula e se expande durante os mandatos de Dilma Rousseff. Tais marcos foram representados na figura 12, a seguir:

Figura 12:



Marcos históricos das décadas de 1990, 2000 e 2010 que influenciaram a história da educação profissional no Brasil. Fonte: elaborada pela autora

Para assegurar o crescente processo de gratuidade na oferta da Educação Profissional, o Governo Federal e o Sistema S fecharam um acordo, visando a ampliação de vagas oferecidas gratuitamente para os cursos ministrados nas unidades escolares dos Sistemas de Aprendizagem Nacional. Em 22 de julho de 2008, dois protocolos de compromisso foram assinados entre os órgãos federais e as Confederações Nacionais do Comércio e da Indústria, o Protocolo MEC/CNC e o Protocolo MEC/CNI. Esses protocolos estabeleciam o comprometimento das Confederações com a gratuidade de 66,6% das vagas oferecidas nos Serviços de Aprendizagem Nacional a elas vinculados, entre os anos de 2009 a 2014. Outra importante medida governamental ocorrida em 2009 foi a Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro, que previu a obrigatoriedade e a gratuidade da educação básica dos quatro aos dezessete anos de idade, o que permitiu que o ensino médio também fosse contemplado com programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

De forma a ampliar a oferta dos cursos de Educação Profissional e em especial da EPTNM, a Lei n. 12.513, de 26 de outubro de 2011, estabeleceu o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), com ampla participação do Sistema S. O PRONATEC prioriza o atendimento de estudantes do ensino médio da rede pública (inclusive EJA), trabalhadores, beneficiários dos programas federais de transferência de renda e estudantes que tenham cursado o ensino médio em instituições privadas, na condição integral de bolsistas, e dispõe sobre a atuação das instituições ligadas ao Sistema S, em seus artigos 20 e 20-A, que tiveram sua redação alterada pela Lei n.12.816/ 2013:

Art. 20. Os serviços nacionais de aprendizagem integram o sistema federal de ensino na condição de mantenedores, podendo criar instituições de educação profissional técnica de nível médio, de formação inicial e continuada e de educação superior, observada a competência de regulação, supervisão e avaliação da União, nos termos dos incisos VIII e IX do art. 9º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e do inciso VI do art. 6º-D desta Lei.

§ 1º As instituições de educação profissional técnica de nível médio e de formação inicial e continuada dos serviços nacionais de aprendizagem terão autonomia para criação de cursos e programas de educação profissional e tecnológica, com autorização do órgão colegiado superior do respectivo departamento regional da entidade

§ 2º A criação de instituições de educação superior pelos serviços nacionais de aprendizagem será condicionada à aprovação do Ministério da Educação, por meio de processo de credenciamento

§ 3º As instituições de educação superior dos serviços nacionais de aprendizagem terão autonomia para

- I - criação de cursos superiores de tecnologia, na modalidade presencial
- II - alteração do número de vagas ofertadas nos cursos superiores de tecnologia
- III - criação de unidades vinculadas, nos termos de ato do Ministro de Estado da Educação
- IV - registro de diplomas

§ 4º O exercício das prerrogativas previstas no § 3º dependerá de autorização do órgão colegiado superior do respectivo departamento regional da entidade

Art. 20-A. Os serviços nacionais sociais terão autonomia para criar unidades de ensino para a oferta de educação profissional técnica de nível médio e educação de jovens e adultos integrada à educação profissional, desde que em articulação direta com os serviços nacionais de aprendizagem, observada a competência de supervisão e avaliação dos Estados

O atendimento aos compromissos de gratuidade e ao PRONATEC, pelos Serviços Nacionais de Aprendizagem, trouxe uma nova configuração para o cenário

da Educação Profissional. A partir do Art. 20, da lei supracitada, os Serviços de Aprendizagem Nacional passaram a integrar o Sistema Federal de Ensino. Tema desta pesquisa, é notável a participação do SENAC na educação brasileira. Em 2016, ao completar 70 anos, este Serviço Nacional apresentou alguns dados expressivos de sua atuação nacional (CNC, 2016):

- São mais de 800 cursos ofertados nas modalidades de EPTNM e de Formação Inicial e Continuada e na Educação Superior;
- Em setenta anos de atuação, a instituição registra mais de 63 milhões de atendimentos;
- Em todo país, são 32.436 docentes que atuam em mais de 600 unidades escolares;
- Além das unidades escolares, a instituição dispõe de 87 carretas-escola e uma balsa-escola.
- No ano de 2015, foram atendidos 638 mil alunos pelo programa de gratuidade. No mesmo ano, 141,5 mil matrículas do PRONATEC foram atendidas em todo Brasil pelas diversas unidades escolares do SENAC.

Ciente do crescimento da sua atuação na educação brasileira, o SENAC tem atualizado suas diretrizes, a fim de acompanhar as necessidades e expectativas de toda a sociedade em relação a sua atuação e também superar os desafios postos à educação nacional, em especial à EPTNM. Faz parte dos desafios desse Serviço Nacional e de todas as escolas públicas e privadas o atendimento do Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Este plano, que constituiu um marco fundamental não apenas para a EPTNM, mas para todo o sistema educacional no Brasil, determina 20 metas para a educação do país. Tais metas pretendem consolidar um sistema educacional capaz de reduzir as desigualdades, garantir a educação em sua integralidade, promovendo os direitos humanos e garantindo a formação para o trabalho e para o exercício autônomo da cidadania. (BRASIL, 2015b). São pelas metas propostas no PNE para a Educação Profissional que iniciaremos a próxima discussão desse trabalho, que dialogará sobre os desafios postos para a EPTNM no Brasil.

2.2 Desafios para a EPTNM no Brasil

Além de prever as metas para o decênio da Educação Nacional o PNE também prevê a construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já mencionada na LDB de 1996. Entretanto, desde a entrega de sua primeira versão, em setembro de 2015, mudanças no cenário político brasileiro provocaram alterações de grande impacto na educação nacional. Com a destituição de Dilma Rousseff da presidência da República, pelo Senado Federal em 31 de agosto de 2016, a BNCC traça um percurso polêmico. O texto final sofre acusações por cindir a participação popular, expressa nas versões anteriores. Além disso, a construção da base do Ensino Médio tem sido feita separadamente da Educação Fundamental e da Educação Infantil, o que causa uma ruptura nos objetivos mais integrais de aprendizagem para a Educação Básica. Sem divulgação até o presente momento, porém, a BNCC do Ensino Médio deve orientar a reforma dessa etapa da Educação Básica. Conhecida como a Reforma do Ensino Médio, a conversão da Medida Provisória n. 746/ 2016 na Lei n. 13.415/ 2017 figura entre os pontos de discussão, na qual a formação técnica e profissional compõe o quinto itinerário formativo. Tal lei altera o artigo 36 da LDB, que passa a adotar, no que se refere à educação profissional, a seguinte redação:

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

- I - linguagens e suas tecnologias;
 - II - matemática e suas tecnologias;
 - III - ciências da natureza e suas tecnologias;
 - IV - ciências humanas e sociais aplicadas;
 - V - formação técnica e profissional.
- [...]

§ 6º A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará:

I - a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional;

II - a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade;

§ 7º A oferta de formações experimentais relacionadas ao inciso V do caput, em áreas que não constem do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, dependerá, para sua continuidade, do reconhecimento pelo respectivo Conselho Estadual de Educação, no prazo de três anos, e da inserção no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, no prazo de cinco anos, contados da data de oferta inicial da formação.

§ 8º—A oferta de formação técnica e profissional a que se refere o inciso V do caput, realizada na própria instituição ou em parceria com outras instituições, deverá ser aprovada previamente pelo Conselho Estadual de Educação, homologada pelo Secretário Estadual de Educação e certificada pelos sistemas de ensino

§ 9º—As instituições de ensino emitirão certificado com validade nacional, que habilitará o concluinte do ensino médio ao prosseguimento dos estudos em nível superior ou em outros cursos ou formações para os quais a conclusão do ensino médio seja etapa obrigatória.

§ 10. Além das formas de organização previstas no art. 23, o ensino médio poderá ser organizado em módulos e adotar o sistema de créditos com terminalidade específica.

§ 11. Para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento, mediante as seguintes formas de comprovação:

- I - demonstração prática;
- II - experiência de trabalho supervisionado ou outra experiência adquirida fora do ambiente escolar;
- III - atividades de educação técnica oferecidas em outras instituições de ensino credenciadas;
- IV - cursos oferecidos por centros ou programas ocupacionais;
- V - estudos realizados em instituições de ensino nacionais ou estrangeiras;
- VI - cursos realizados por meio de educação a distância ou educação presencial mediada por tecnologias;

§ 12. As escolas deverão orientar os alunos no processo de escolha das áreas de conhecimento ou de atuação profissional previstas no *caput*.

Polêmica e contraditória, a reforma do Ensino Médio, embora proponha a formação técnica e profissional como um itinerário formativo, dá poucas informações de como esse itinerário será ofertado, como será financiado, qual a infraestrutura necessária para a oferta e de que forma a carga horária poderá ser distribuída. Não há clareza no texto da lei sobre como será feita a operação dos itinerários formativos, em especial do quinto itinerário, referente à Educação Profissional e Tecnológica. Sem dúvida, a atual proposta de Reforma do Ensino Médio compõe um desafio atual para a Educação Profissional. Além disso, não parece responder à superação das desigualdades sociais, refletidas na divisão entre Educação Básica e Educação Superior do sistema de ensino brasileiro. Trata-se de uma lei que exigirá maior atenção e cuidados por toda sociedade.

Os desafios atuais da EPTNM estão imersos em uma difícil conjuntura do país. Diante da instabilidade política, limites orçamentários impostos pela Emenda Constitucional n. 95/ 2016, que impede novos investimentos na área da educação, afetam diretamente as metas 10 e 11 do PNE, que abordam desafios prioritários do país para Educação Profissional. A Meta 10 traça como objetivo a ampliação das matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ensino fundamental e no ensino médio de forma integrada à Educação Profissional. Seu intuito é garantir 25% do total de matrículas da EJA na modalidade integrada com a Educação Profissional. Essa meta propõe a conclusão da educação básica em consonância com a capacitação desse público para o mercado de trabalho, e assim superar a dicotomia escola-trabalho, muitas vezes imposta a esse público. Em Relatório do primeiro ciclo de monitoramento das metas do PNE, referente ao biênio 2014-2016, podemos verificar que o número de matrículas nessa modalidade de ensino passou de 20.345, em 2008, para 86.109 em 2015. Esse aumento fez com que o percentual de matrículas nessa modalidade chegasse a 3% do total de matrículas da Educação Profissional em 2015. Mas para o cumprimento desta meta ainda há a necessidade de se aumentar em 22 pontos o percentual das matrículas até 2024.

A Meta 11, por sua vez, pretende triplicar as matrículas na Educação Profissional até o final do plano, garantindo não só a qualidade da oferta, como também a expansão em pelo menos 50% dessa modalidade no segmento público, um desafio de grandes proporções. Segundo monitoramento das metas do primeiro biênio do PNE, houve crescimento de 13,9% do número de matrículas na EPTNM entre os anos de 2013 e 2015, um aumento ainda aquém do proposto (BRASIL, 2015b; BRASIL, 2016a)

Sabemos que a educação é estruturante do desenvolvimento de um país. No Brasil, a distribuição desigual da educação é um importante entrave ao desenvolvimento sustentado e à promoção da equidade. Problemas no acesso e na permanência e problemas de desempenho educacional na alfabetização, na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio também representam desafios do país em relação à educação, e evidenciam níveis de desigualdade que desfavorecem as populações rurais, os mais pobres, os pretos e pardos e a população deficiente (BRASIL, 2015b, p.17).

É garantido pela Constituição Federal que todos os cidadãos tenham oportunidades de acessar às instituições escolares e que encontrem nelas as condições propícias para concluir, na idade certa, suas etapas com níveis satisfatórios de aprendizagem. Para se construir uma educação de potencial transformador da sociedade e com qualidade é necessário monitorar o processo e a própria realização do direito à educação no país. Embora a Emenda Constitucional n. 59 de 11 de novembro de 2009 tenha ampliado a obrigatoriedade da educação básica, em 2013 apenas 55,3% da população entre 15 e 17 anos frequentava o ensino médio (BRASIL, 2009; BRASIL 2015b).

O número de matrículas na Educação Profissional tem aumentado no decorrer dos anos. Embora exista uma transição demográfica em curso, com diminuição do estrato populacional mais jovem, os índices mostram que há considerável número de crianças e jovens fora da escola. Dados do censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014 mostraram que mais de três milhões de crianças e jovens não frequentavam a escola no Brasil. Destes, 46,3% dos jovens entre 18 e 24 anos, recorte etário escolhido para o presente trabalho, não estudavam, e 23,6% não estudavam nem trabalhavam (BRASIL, 2015a).

Marcada por um passado assistencialista, a Educação Profissional no Brasil tem como um de seus maiores desafios vencer o preconceito que enfrenta, pois é considerada como uma formação de segunda categoria, ainda associada à formação de mão de obra. Neste contexto, a Educação Profissional reproduz o dualismo presente em nossa sociedade, na qual às classes mais favorecidas são reservadas as vagas do ensino superior e o trabalho intelectual, enquanto às classes menos favorecidas são destinadas as vagas do ensino técnico, formador de mão-de-obra. Essa visão limitadora, pela qual a formação escolar acadêmica não seria necessária à maior parte da população, não reconhecia o vínculo necessário entre a preparação para o trabalho e o ambiente educacional. Reforça-se, desta forma, um afastamento entre planejamento do trabalho e realização do trabalho, em que a Educação Profissional sustenta sua característica instrumental, na qual os trabalhadores supõem-se treinados para a realização de uma tarefa ou atividade, mas não são encorajados a fazê-la com autonomia (CORDÃO, 2005).

Além de seus aspectos históricos e políticos, cabe aqui indagar: qual a Educação Profissional que queremos? Que profissionais técnicos esperamos formar nas diversas áreas do conhecimento? Qual a razão de ser do ensino profissional? O trecho do Parecer CNE/CEB n. 5/ 2011, das Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, nos ajuda a pensar sobre essas questões:

A concepção do trabalho como princípio educativo é a base para a organização e desenvolvimento curricular em seus objetivos, conteúdos e métodos. Considerar o trabalho como princípio educativo equivale a dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, dela se apropria e pode transformá-la. Equivale a dizer, ainda, que é sujeito de sua história e de sua realidade. Em síntese, o trabalho é a primeira mediação entre o homem e a realidade material e social. O trabalho também se constitui como prática econômica porque garante a existência, produzindo riquezas e satisfazendo necessidades. Na base da construção de um projeto de formação está a compreensão do trabalho no seu duplo sentido, ontológico e histórico. (BRASIL, 2012)

Esperamos, com esse trabalho, contribuir para a discussão sobre a Educação Profissional, em especial da EPTNM. Muito longe de superar as questões em torno dessa modalidade de ensino, mas considerando-as como desafios para a Educação Profissional brasileira.

3 O SENAC SÃO PAULO

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC é um dos serviços de aprendizagem nacional criados na década de 1940. Sua gestão é privada, sem fins lucrativos e sua existência é prevista no Art. 240 da Constituição Federal. A partir dos Decretos-Lei n. 8.621 e 8.622, de 10 de janeiro de 1946, a Confederação Nacional do Comércio (CNC) foi autorizada pelo governo federal a instalar e administrar escolas de aprendizagem comercial em todo o país (SENAC, 2006).

Atualmente, após 70 anos de sua criação, a instituição ainda sustenta características que estiveram presentes desde o seu nascimento: a descentralização e a autonomia. Organizada em conselhos e departamentos regionais de cada estado da União, a instituição dedicou-se, inicialmente, à prestação de serviços educacionais, em especial cursos de especialização e educação continuada para trabalhadores do comércio (SENAC, 2017a).

São Paulo foi o primeiro estado a constituir seu departamento regional, e se tornou o estado pioneiro no desenvolvimento de cursos para educação profissional. Iniciou suas atividades em 1º de setembro de 1946, no prédio da Associação Comercial, da cidade de São Paulo. Entre os anos de 1946 e 1948 o SENAC - SP ampliou não só a quantidade de unidades, por todo o território paulista, como também sua variedade de cursos. Seus anos iniciais de atuação foram dedicados aos cursos de aprendizagem comercial e aos cursos destinados à formação de jovens para o mercado de trabalho nos setores de comércio e prestação de serviços. Os primeiros cursos foram os de Praticante de Comércio e de Praticante de Escritório. Ofertando também cursos de Balconista de Tecidos, de Arquivista e de Caixa-Tesoureiro, a instituição iniciou em 1948 o curso de Prática de Enfermagem, seu primeiro curso na área da saúde. Ofertado em resposta a uma demanda específica dos hospitais do estado, este curso foi realizado em formato de convênio com o Sindicato dos Enfermeiros e Empregados em Hospitais e Casas de Saúde do Estado de São Paulo (SENAC, 2017a).

Entre as décadas de 1950 e 1960 a instituição fortaleceu seu portfólio, com destaque para os cursos nas áreas de hotelaria, contabilidade e secretariado. Deu-se início, também nestas décadas, a construção de prédios próprios que abrigariam

as unidades do interior paulista, em Bauru, Marília e Ribeirão Preto (SENAC, 2017a).

Vale lembrar que na década de 1950 é criada a área de Beleza, no Senac-SP, a partir da qual surgiria mais tarde o curso Técnico em Estética, posteriormente incorporado à área de Saúde e Bem-Estar. No mesmo período, a área de saúde se expandia, com a construção de laboratórios para os cursos de ótica e contatologia (SENAC, 2006).

No ano de 1961 o SENAC-SP iniciou as atividades do curso de Atendente de Hospital. Tal oferta foi implantada com o objetivo de preparar as equipes de hospitais da capital, como o Hospital Oswaldo Cruz, o Instituto Central do Câncer e a Real Beneficência Portuguesa. O foco principal deste curso era a atuação profissional imediata, e suas aulas aconteciam dentro dos hospitais supracitados. Posteriormente, o curso seria substituído pelo curso de Atendente de Enfermagem, que por sua vez foi o embrião do curso de Auxiliar de Enfermagem. Já no final da década, a procura por cursos nas áreas de beleza e bem-estar começou a crescer e favoreceu o surgimento dos cursos de maquiagem, de massagem corporal e de estética corporal (ARONE; SANNA, 2011).

Foi nesse mesmo período que o Governo do Estado de São Paulo cedeu ao SENAC-SP o prédio do Hotel Águas de São Pedro, onde seria instalado o primeiro hotel-escola da América Latina, que iniciou seus cursos no ano de 1970. De forma similar seria a concessão, em regime de comodato pelo governo do Estado no início da década de 1980, do Grande Hotel Campos do Jordão para o funcionamento de mais um hotel-escola (SENAC, 2017a).

A década de 1980 é marcada por uma crise econômica que combinava alterações do modo de trabalho com escassez de recursos financeiros. Os anos iniciais dessa década promoveram mudanças estruturais do mercado de trabalho brasileiro e acompanharam o surgimento de novas profissões, em meio à recessão econômica do país. Nesse momento de sua história o SENAC-SP, que já havia ampliado a abrangência de seus serviços, entendeu a necessidade de rever toda a sua oferta de cursos. Era necessário concentrar-se na melhoria da qualidade da formação de seus alunos. Assim, a instituição iniciou uma reavaliação sobre a sua intenção de ser, com uma reflexão sobre sua missão institucional. Esse processo de reestruturação das unidades, de reorientação da programação de cursos e de

expansão da rede física foi organizado no documento *Proposta Estratégica para ao Senac de São Paulo nos anos 80* (ARONE; SANNA, 2011).

A partir dessa proposta estratégica, o SENAC-SP passou a organizar as ofertas de cursos em unidades especializadas. Um exemplo na área de Saúde foi a transformação da Unidade da Avenida Tiradentes na unidade “Senac-Saúde”, em 1986 (ARONE; SANNA, 2011).

Como marcos do Senac-SP das décadas de 1980 e 1990, destacamos a criação do Programa Senac de Educação e Cidadania, que tinha como objetivo reunir ações sociocomunitárias sob orientação da instituição, como campanhas de amamentação e prevenção ao câncer de pele, além da capacitação profissional para populações de baixa renda e participação em movimentos sociais; a criação da TV Senac e a aquisição do complexo de prédios pertencentes à empresa Walita que, futuramente, serviriam como futuras instalações do Campus Santo Amaro (SENAC, 2017a).

Em 1990 a instituição concluiu sua Proposta Estratégica para a década e promoveu mais uma reorganização institucional. Os objetivos desta proposta estavam voltados para a sistematização de procedimentos e para a expansão de unidades e serviços. Com a definição de estratégias institucionais que abordavam ações educativas, de recursos humanos, de marketing e de finanças, o SENAC-SP assim definiu sua Missão institucional na época: “Desenvolver pessoas e organizações por meio de ação educacional voltada para o conhecimento em atividades de comércio e serviços”. Desta forma, a instituição renovava sua vocação educacional, assumia como metas a qualidade dos cursos destinados à formação profissional e preparava-se para a implementação da LDB de 1996 (ARONE; SANNA, 2011).

A instituição acompanhou a década de 1990 com a ampliação de cursos nas áreas de comunicação e artes. Também nesta década o SENAC-SP lançou o Programa Educação para o Trabalho (PET), iniciativa dirigida para jovens de 14 a 21 anos, em vulnerabilidade social. Foi marcante a expansão da rede SENAC-SP durante essa década, na qual foram inauguradas 13 unidades, inclusive a unidade de Jundiaí, *locus* dessa pesquisa, no ano de 1992. É também neste período que a Editora Senac São Paulo é formalmente constituída e são iniciadas as primeiras turmas dos cursos técnicos em Podologia, Massoterapia e Estética (SENAC, 2017a).

O Senac-SP inaugurou a década de 2000 com empenho para a construção de sua *Proposta Estratégica para a década de 2001-2010* (SENAC, 2000). Nessa nova proposta, a instituição formulou sete macroestratégias, nas quais suas ações seriam pautadas durante as décadas seguintes: Educação; Pessoas; Responsabilidade Social; Internacionalização; Tecnologia da Informação; Autossustentabilidade operacional e Organização e Gestão.

A constituição da *Proposta Pedagógica do Senac – SP*, em 2003, reforçou a macroestratégia *Educação*. O texto da proposta, que seria revitalizado em 2005, orienta a construção e a prática dos projetos pedagógicos das Unidades Escolares (UE) em todo o estado de São Paulo, e também organiza as diretrizes educacionais da instituição. Neste documento é apresentada a abordagem pedagógica do Senac-SP para a educação profissional, em que se destacam o desenvolvimento de competências e o uso de metodologias ativas na aprendizagem, conforme abaixo:

O Senac São Paulo propõe-se a práticas pedagógicas inovadoras, que estimulam o aluno a construir o conhecimento e a desenvolver competências. Metodologias que são mais participativas, estruturadas na prática, baseadas em situações reais de trabalho, através de estudos de caso, pesquisas, solução de problemas, projetos e outras estratégias, especialmente algumas apoiadas em recursos da tecnologia educacional. Procura-se fortalecer a autonomia dos alunos na aprendizagem, desenvolvendo a capacidade crítica, a criatividade e a iniciativa. (SENAC, 2005)

Outros acontecimentos institucionais do SENAC-SP são presenciados no início do milênio e merecem destaque: a inauguração do *campus* Santo Amaro, a criação do Núcleo de Empreendedorismo e de Atendimento Corporativo do SENAC-SP, além da implantação da Política de Concessão de Bolsas de Estudo. Esta política de bolsas, que tem início em 2006, é incrementada pelo Programa Senac de Gratuidade (PSG), a partir de 2009 (SENAC, 2017a).

O programa, de abrangência nacional, foi baseado em acordos de compromisso entre todo o Sistema S e o Governo Federal, a partir do protocolo MEC/CNC, de 22 de julho de 2008, ratificado pelo Decreto n. 6.633, de 5 de novembro de 2008. Por estes acordos, o SENAC se comprometeu com o aumento da oferta de vagas gratuitas em cursos de Formação Inicial e Continuada e de EPTNM para pessoas de baixa renda (SENAC, 2010).

Receptor compulsório de 1% dos impostos advindos do Comércio Nacional, o SENAC passou, com o PSG, a dedicar gradativamente essa receita para a oferta de vagas gratuitas nos cursos de Educação Profissional. Os percentuais de aplicação da receita para o programa tiveram uma evolução gradativa, iniciando com 20%, em 2009, e 25% em 2010. A partir da década seguinte, este percentual passou para 35% em 2011, e alcançou 66,6%, em 2014, percentual mantido até os dias atuais. Segundo dados mais recentes do *Relatório Anual do Senac - SP*, a instituição atendeu 86,2 mil alunos pelo PSG, em todo ano de 2016 (SENAC, 2016b).

Além do atendimento ao PSG, todo o Departamento Nacional (DN) do SENAC passou também a atender ao PRONATEC, programa do governo federal, que fomenta o acesso ao ensino técnico, a partir de 2011. É também neste ano que os Serviços Nacionais de Aprendizagem passaram a integrar o Sistema Federal de Ensino, fato que exigiu do SENAC uma configuração mais unificada na oferta dos cursos de EPTNM, até então, diversificada entre os departamentos regionais.

Para responder a essas novas demandas, em 2013 o DN iniciou um processo de alinhamento institucional, visando a unificação e o incremento da qualidade da oferta educacional, que deu origem ao *Modelo Pedagógico Senac*. Com a elaboração desse documento, o SENAC-SP passou a atender em toda sua oferta de cursos da EPTNM não só aos pressupostos de sua Proposta Pedagógica, como também às macrodiretrizes nacionais do Modelo Pedagógico Senac (SENAC, 2015b).

É certo que a década de 2010 iniciou importantes movimentos em torno de uma unidade institucional. Além do Modelo Pedagógico Nacional, novas *Diretrizes da Educação Profissional do Senac* foram publicadas em 2014, a fim de garantir o alinhamento na oferta de cursos entre o Departamento Nacional e os Departamentos Regionais. Há de se considerar que a década atual traz um novo movimento institucional para o SENAC que, ao mesmo tempo em que busca a sua identificação como uma unidade em todo território nacional, não deixa de lado as características que são particulares à oferta de cursos em cada departamento regional. Sinais desse movimento são percebidos no novo *Planejamento Estratégico Senac* para o período de 2016-2020, lançado na comemoração de 70 anos da instituição, orientado pela missão, visão e valores nacionais da instituição. (SENAC, 2014; SENAC, 2016a)

Em uma década de expansão da atuação do SENAC na educação nacional, seu Departamento Regional de São Paulo, inaugurou novas unidades, como a UE

Guarulhos e a UE Registro, chegando a 57 unidades no estado. No compromisso que mantém com a missão nacional da instituição, "*Educar para o trabalho em atividades do comércio de bens, serviços e turismo*", o SENAC – SP tem o desafio de se renovar, a partir de seus valores comuns, com todo o Departamento Nacional, e de seus valores regionais, expressos em sua proposição educacional:

A educação é a razão de ser e o negócio central do Senac São Paulo. Visa a formação do profissional cidadão, contribuindo para o desenvolvimento econômico, a equidade social e a sustentabilidade, por meio de uma educação inclusiva e que valoriza a autonomia do aluno, voltada ao desenvolvimento de competências profissionais e alinhada às tendências educacionais e do trabalho. (SENAC, 2016a)

4 A PESQUISA

Sendo a “Educação Profissional” o campo de estudo escolhido para esse trabalho e o problema de pesquisa atentar-se em entender as razões e expectativas da escolha pela EPTNM por jovens de 18 a 24 anos na área de Saúde e Bem-estar, este capítulo expõe uma breve caracterização da instituição campo de pesquisa, a Unidade Escolar de Jundiaí, pertencente à rede de ensino do SENAC-SP, além de apresentar os sujeitos participantes dessa pesquisa. Apresenta também a entrevista semiestruturada, como instrumento de pesquisa e a Análise de Conteúdo para a construção das categorias.

4.1 Instituição campo de pesquisa

Neste momento, pretendemos proporcionar um panorama das características que são particulares à unidade escolar do SENAC Jundiaí. Inaugurada em 1992 em Jundiaí, em prédio próprio no Jardim Paulista, esta unidade escolar passou por reformas e ampliações, para atender à crescente demanda do mercado profissional na cidade.

Nesta unidade são oferecidos cursos técnicos, cursos de pós-graduação lato sensu, cursos de especialização e cursos livres. São considerados cursos livres, por denominação institucional mercadológica do SENAC-SP, os cursos de formação inicial e continuada, que compreendem as modalidades de qualificação profissional, com carga horária a partir de 160 horas e cursos de aperfeiçoamento, programas socioprofissionais, programas socioculturais e programas instrumentais, com carga horária a partir de 15 horas. São cursos de características variadas, que possuem como objetivos desenvolver competências básicas relacionadas à atuação profissional, ao aprimoramento cultural ou ainda a competências instrumentais requeridas para o exercício profissional.

Atualmente, a Unidade Escolar SENAC Jundiaí (SENAC-JUN) passa pelo processo de desenvolvimento de seu primeiro Projeto Político Pedagógico. Resultado de um novo movimento institucional, como já discutido no capítulo dedicado ao SENAC-SP, as unidades escolares passam por um momento de

reflexão de suas ações educativas, de suas projeções de futuro e de clareza sobre sua função política.

A elaboração do PPP pelas unidades escolares, embora já prevista pelo SENAC-SP, em sua *Proposta Pedagógica*, passa a ser obrigatória com o início do atendimento ao PRONATEC. A Lei n.12.513/2011, que instituiu o atendimento dos Serviços Nacionais de Aprendizagem ao programa, também determinou em seu Art.20 que estes serviços passariam a constituir a Rede Federal de Ensino. Assim, todas as unidades até então denominadas “unidades operacionais” passaram a constituir “unidades escolares” e a demandar seus próprios Projetos Políticos Pedagógicos. A partir do PPP, o SENAC-JUN tem como objetivo encontrar suas características mais amplas, que se aproximam das características presentes em toda a rede SENAC-SP, mas principalmente, identificar quais são suas particularidades e as características que o diferencia das demais unidades do estado

Dados disponíveis no *Portal Transparência* (SENAC, 2017b), mostram que a unidade escolar de Jundiaí conta com cerca de 160 funcionários e, destes, 61% se dedicam às atividades de docência. Em 2016, a unidade recebeu 8.194 matrículas em todas as modalidades de ensino, atende atualmente a, aproximadamente, 1.200 alunos distribuídos em diferentes modalidades de ensino. A maioria dos alunos cursa o Programa de Aprendizagem, seguida de uma importante parcela de alunos matriculados na EPTNM. Dentre os cursos da EPTNM, são variados os títulos ofertados no SENAC JUN:

- Técnico em Administração;
- Técnico em Computação Gráfica;
- Técnico em Comércio Exterior;
- Técnico em Enfermagem;
- Técnico em Estética;
- Técnico em Guia de Turismo;
- Técnico em Informática;
- Técnico em Logística;
- Técnico em Massoterapia;
- Técnico em Podologia;
- Técnico em Programação de Jogos Digitais;

- Técnico em Recursos Humanos;
- Técnico em Segurança do Trabalho.

Dentre estes, fazem parte da área de Saúde e Bem-estar, tema dessa pesquisa, os cursos técnicos em Enfermagem, em Estética, em Massoterapia e em Podologia. Juntas, as matrículas desses cursos representam cerca de 12% do total de matrículas da unidade, e aproximadamente 40% das matrículas dos cursos de EPTNM do SENAC-JUN. A área de Saúde e Bem-estar representa uma importante parcela das atividades realizadas na unidade escolar, sendo atualmente responsável por oito turmas de cursos técnicos, além dos cursos livres relacionados à área. Atualmente, o SENAC-JUN dispõe de um laboratório de Enfermagem, e dois laboratórios que são compartilhados entre as turmas de Estética, Massoterapia e Podologia. (SENAC, 2016e)

Além da infraestrutura preparada para os cursos da área de Saúde e Bem-estar, a unidade possui uma área construída de 2.672 m², abriga 19 salas de aula e 3 laboratórios de informática, 1 laboratório de *hardware*, 1 laboratório de moda e 1 laboratório de radicalismo. Conta também com um auditório com capacidade para 110 lugares e um amplo saguão, que também é utilizado para eventos educacionais e como espaço cultural para exposições, além de biblioteca com acervo de cerca de 2000 livros. Outra característica particular dessa unidade escolar é o intenso trabalho realizado pelo Atendimento Corporativo, que por meio de assessoria, consultoria, cursos e treinamentos atende a órgãos empresariais, públicos e instituições do Terceiro Setor. A área de atendimento do SENAC-JUN abrange as cidades de Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Bragança Paulista, Campo Limpo Paulista, Itupeva, Itatiba, Jarinú, Jundiaí, Joanópolis, Louveira, Nazaré Paulista, Piracaia, Tuiuti, Vargem e Várzea Paulista.

A unidade escolar de Jundiaí oferece cursos nos períodos matutino, vespertino e noturno, e recebe em média cerca de 1.000 alunos por dia, distribuídos nos três períodos de aulas. Os cursos da área de saúde e bem-estar registram sensível procura. Nos últimos 18 meses, o curso Técnico em Enfermagem foi o segundo curso mais procurado, depois do curso técnico em administração, de acordo com o programa de registro de interesse da unidade. Em ordem de procura,

o curso Técnico em Estética foi o terceiro curso de EPTNM mais procurado no período.

A unidade escolar do SENAC Jundiaí recebe alunos de todo o município e de várias cidades de seu entorno, inclusive alunos advindos da grande São Paulo e de grandes cidades do interior paulista, como Campinas. Situada geograficamente entre estas duas grandes metrópoles, Jundiaí pode ser acessada por seis grandes rodovias do estado, dentre elas a Rodovia dos Bandeirantes, a Rodovia Anhanguera e a Rodovia Tancredo de Almeida Neves, e também pelo trem expresso da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade ocupa a categoria “muito alto” com índice de 0,857, enquanto a média do estado de São Paulo é de 0,814 e a média do país é de 0,769. É uma cidade que concentra 43,87% dos empregos formais no setor de serviços, possui 940 indústrias e 3.797 estabelecimentos comerciais cadastrados no Ministério do Trabalho. Esses setores correspondem a 29,64% e 21,90% dos empregos formais registrados, sendo que os setores da construção civil e agropecuária correspondem a 4,26% e 0,33%, respectivamente. Os indicadores relacionados à educação do município, segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), de acordo com o senso de 2010, apontam que a taxa municipal de analfabetismo da população acima de 15 anos é menor que a apresentada pelo estado. A média, em anos de estudo, e a porcentagem da população com ensino médio completo na cidade também é maior que a média estadual, como apresentado na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Indicadores relacionados à educação do Município de Jundiaí – SP:

	Ano	Município	Estado
Taxa de Analfabetismo da População de 15 anos e mais (em %)	2010	3,08	4,33
Média de Anos de Estudos da População de 15 a 64 anos	2010	8,02	7,64
População de 25 anos e mais com menos de 8 anos de estudo (em %)	2010	52,7	55,55
População de 18 a 24 anos com pelo menos ensino médio completo (em %)	2010	65,87	57,89

Fonte: Fundação SEADE (2010).

Importante mencionar aqui que o campo desta pesquisa é, também, local de trabalho da pesquisadora. Assumindo a importância de seu papel enquanto

pesquisadora e tendo clareza dos cuidados a serem tomados para manter seu olhar para os fins da pesquisa, assumimos aqui a suspensão de nossas percepções enquanto funcionária da instituição. Ressaltamos que a pesquisadora nunca atuou como docente nas turmas das quais procedem os sujeitos de pesquisa, a fim de evitar questionamentos sobre possíveis vieses das informações coletadas.

4.2 Sujeitos participantes

Como já mencionado na introdução desta pesquisa, os sujeitos participantes são alunos matriculados nos cursos de habilitação técnica de nível médio da área de saúde e bem-estar na unidade escolar do SENAC em Jundiaí, especificamente nos cursos: Técnico em Enfermagem, Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia e Técnico em Podologia, com idade entre 18 e 24 anos. A delimitação da idade dos sujeitos se deu em função das seguintes justificativas:

- A característica de Educação Profissional Subsequente dos cursos que serão abordados e seus pré-requisitos, já mencionados: idade mínima de 18 anos e cursar, no mínimo, o segundo ano do ensino médio no ato da matrícula;
- O intervalo de 18 a 24 anos constitui uma das faixas etárias das pesquisas estatísticas utilizadas em educação. Os dados estatísticos do Censo da Educação Básica, referenciados nas pesquisas do INEP, consideram os seguintes intervalos de faixa etária:
 - a) Até 14 anos;
 - b) De 15 a 17 anos;
 - c) De 18 a 24 anos
 - d) De 25 a 30 anos;
 - e) De 31 a 40 anos;
 - f) De 41 a 50 anos;
 - g) 51 anos ou mais.
- Desconsiderando as possibilidades de distorção série-idade, esta é a faixa etária dos jovens egressos e concluintes do ensino médio;
- O aluno concluinte do ensino médio pode ainda optar pelo ingresso na educação de nível superior e iniciar a formação na graduação. Entretanto, há

uma condição de escolha pela Educação Profissional. Essa opção pode estar ligada ao interesse e/ou à necessidade de ingresso no mercado de trabalho pelo aluno, objetivo específico de pesquisa desse trabalho.

Mais detalhes sobre os sujeitos participantes são apresentados no Capítulo *Análise e discussão*, no qual os alunos que participaram das entrevistas serão apresentados, valendo-se de trechos que ressaltaram em seus discursos.

4.3 Instrumento de pesquisa e identificação de categorias

Utilizou-se como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, escolhida por se tratar de uma ferramenta adequada para o entendimento das razões e expectativas dos participantes em relação à escolha dos cursos por eles realizados na instituição campo de pesquisa.

Segundo Moroz e Gianfaldoni (2006, p. 79), lançar mão da entrevista como instrumento de pesquisa, além de exigir a presença do pesquisador para obter dos sujeitos informações de relevância para os objetivos pretendidos, também permite maior esclarecimento daquilo que as autoras chamam de “pontos nebulosos”.

Ao considerarmos o caráter de interação social da entrevista, passamos a vê-la submetida às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações entre entrevistador/ entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo de informação que aparece. (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2010, p.11)

O uso da entrevista como instrumento de pesquisa também foi adotado em função de permitir maior expressão dos entrevistados com relação aos objetivos desse trabalho. Constituído pelas suas interações sociais ao mesmo tempo em que as constitui, o homem revela sua historicidade, suas ideologias e suas relações sociais na e pela atividade no mundo. Entendemos que é em uma relação dialética, com o social e com a história, que ele se constitui e torna-se ao mesmo tempo único, singular e histórico (Vigotski, 2001). Buscamos a partir da entrevista semiestruturada acessar a relação dessas interações e como elas se manifestam nos discursos sobre razões e expectativas desse aluno com relação ao curso e à profissão escolhida.

Nossa intenção com esse instrumento é acessar a constituição das razões e expectativas do aluno perante seu processo histórico de escolha da profissão, avançando assim para além da descrição dos fatos, permitindo, como dito por Aguiar e Ozella (2006), caminhar para além das aparências.

Acrescenta-se, como razão de escolha desse modelo de pesquisa, uma propriedade de caráter reflexivo da entrevista que está apoiada na interlocução face a face desse modelo, uma interação fundamentalmente humana de seus protagonistas, em que percepções, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações do outro e de si estão postas (SZYMANSKI; ALMEIRA; PRANDINI, 2010).

Dada a intenção de se acessar essas interações e os significados nelas contidos, a entrevista semiestruturada se configura como uma alternativa de instrumento de pesquisa importante. Não traz questões fechadas ou pré-definidas, mas prevê um roteiro, a partir do qual organizam-se as informações que pretendemos coletar, e a entrevista se orienta considerando todas as respostas do sujeito.

Para estudo das entrevistas realizadas utilizamos a Análise de Conteúdo, metodologia que tem como ponto de partida a mensagem. Por meio desta, as mensagens são contempladas em suas manifestações verbais, silenciosas e simbólicas e consideram as condições contextuais de seus produtores. Este procedimento de análise envolve, portanto, as condições sociais, econômicas e culturais nas quais seus emissores estão inseridos (FRANCO, 2012).

Assentando-se em pressupostos que vão além da concepção formalista da linguagem, a Análise de Conteúdo leva em consideração não apenas o conteúdo observável da fala, mas também o latente, a hermenêutica e toda a complexidade que acompanha a diferença que se estabelece entre significado e sentido:

O significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação. Já o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas. (FRANCO, 2012, p.13)

O início da análise das transcrições pela Análise de Conteúdo se deu pela pré-análise, etapa na qual uma leitura flutuante de todo o material foi realizada. A

leitura flutuante consiste em estabelecer contato com os textos e conhecer as mensagens neles contidas. O objetivo de se realizar essa leitura está em se deixar invadir pelas impressões, representações, emoções e expectativas proporcionadas pela leitura dos documentos (FRANCO, 2012).

Na continuidade, as entrevistas foram analisadas individualmente, de forma a identificar os aspectos do significado do discurso, explicitamente mencionados ou não, mas subjacentes à mensagem. Tais aspectos possibilitaram a construção de subcategorias de análise que foram agrupadas a partir de suas características mais abrangentes. A identificação e o agrupamento dessas subcategorias resultaram na elaboração de categorias de análise, de forma *não apriorística*, as quais podem ser conferidas no *Apêndice E: Quadro 02: Categorias de análise*, e que serão analisadas mais detalhadamente no próximo capítulo

Segundo Vigotski (2001, p. 409), o “pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”. A palavra representa o objeto na consciência, é pela palavra que se expressa o pensamento e seu significado. A partir da Análise de Conteúdo buscamos, nessa pesquisa, acessar além dos significados da escolha e das expectativas pela educação profissional, os sentidos latentes que envolvem essa escolha e caminhar para além das aparências, clareando os pontos nebuloso que uma análise puramente descritiva da fala poderia revelar.

4.4 Aplicação do instrumento

O projeto da presente pesquisa foi apresentado ao gerente, aos coordenadores técnicos e aos docentes da área de saúde e bem-estar da instituição campo de pesquisa. O pedido formal foi encaminhado a essa instituição, cumprindo-se as exigências éticas e legais para pesquisas com seres humanos, segundo as Resoluções CNS nº 196/96 e CNS 466/2012.

A partir da autorização formal, iniciou-se o contato verbal para convite dos alunos e alunas das turmas de Técnico em Enfermagem, Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia e Técnico em Podologia. Verbalmente, foi feita a apresentação do projeto e seu objetivo geral para as turmas, de forma que sequencialmente os alunos interessados se voluntariaram a participar das entrevistas. Os pré-requisitos para a participação foram justificados e enfatizados.

Todas as entrevistas foram realizadas na própria instituição de pesquisa, em horários próximos aos horários de aula, ou ainda durante os horários de aula, previamente acordados entre pesquisadora e participantes. Desta forma, e tendo cumprido com todos os procedimentos acima, foram agendadas e realizadas oito entrevistas, com dois alunos de cada um dos cursos mencionados.

Marcados datas e horários para as entrevistas, a cada um dos participantes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como o modelo disponível no Apêndice A. Neste documento estão contidos justificativa, objetivo e procedimentos utilizados, além das garantias de sigilo, de esclarecimento e de liberdade de recusa na participação da pesquisa. Após a explicação da intencionalidade da pesquisa, do aceite do participante e da assinatura do termo de consentimento, foi solicitado a cada participante que escolhesse um nome fictício para efeitos de confidencialidade de sua identidade e das informações compartilhadas. Reforçou-se que apenas pesquisadora e seu orientador teriam acesso ao conteúdo gravado e que apenas a transcrição da entrevista seria usada no trabalho final. Para fins de caracterização dos participantes, sistematizamos informações pessoais e informações sobre o curso escolhido, as quais constam no Apêndice B.

Coletadas as informações descritas acima, iniciamos a entrevista propriamente dita com auxílio do roteiro de entrevista semiestruturada, que está contido no Apêndice C. O uso do roteiro teve como intuito auxiliar a pesquisadora na condução das entrevistas, de forma que se conseguisse acessar, por meio da mensagem, os assuntos relacionados ao objetivo geral e aos objetivos específicos do presente estudo. Finalizadas as entrevistas, estas foram transcritas a fim de que pudessem ser analisadas com base na Análise de Conteúdo, metodologia de pesquisa previamente discutida neste capítulo. As transcrições das oito entrevistas analisadas e discutidas neste trabalho estão no Apêndice D. Cabe lembrar que, a fim de validar o instrumento escolhido e de estudar as possibilidades de melhorias na condução da conversa com os sujeitos da pesquisa, foi realizada uma entrevista piloto, a qual não foi considerada no capítulo de análise e discussão dessa pesquisa e não aparece transcrita no Apêndice D.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A coleta das entrevistas, com base nos procedimentos descritos no capítulo anterior, contou com a participação de oito sujeitos que pertenciam a quatro cursos da área da saúde e do bem-estar, ofertados na unidade escolar campo de pesquisa. A partir do material coletado demos início à análise das categorias, constituídas com base no procedimento metodológico já descrito. Partindo-se da Análise de Conteúdo, foram criadas três categorias que sustentam nossa discussão nesse capítulo:

- Razões para a escolha;
- Surpresas no caminho da formação;
- Projeto de formação está contido no projeto de vida.

As entrevistas realizadas com intuito de se compreender as razões e as expectativas da escolha pela educação profissional nas áreas da saúde e do bem-estar, objetivo desta pesquisa, proporcionaram à pesquisadora a possibilidade de inferir sobre cada fala e contemplá-la em seus sentidos e significados. Desta forma, aproximamo-nos dos sujeitos pelas suas concepções de escola, de família e de sociedade. Seguimos então para a análise dos sujeitos e, posteriormente, para a análise das categorias e subcategorias.

5.1 Sujeitos

Antes de nos aprofundarmos na discussão sobre as categorias, entendemos a necessidade de apresentar os entrevistados, previamente caracterizados no quarto capítulo, de forma a explicitar particularidades importantes para esse estudo. Destacam-se assim informações sobre o curso escolhido, a idade dos participantes, sua religião, estado civil e formações anteriores, além de apresentar os pseudônimos escolhidos. Com base no Apêndice B, *Caracterização dos Sujeitos*, organizamos as informações sobre os sujeitos de forma a elucidar suas características, conforme o quadro 1 abaixo::

Quadro 1 Análise dos sujeitos participantes:

Nome fictício	Idade (anos)	Estado Civil	Religião	Curso	Período do curso	Tempo de curso	Possui bolsa de estudos?	Tempo de conclusão do Ensino médio	Possui alguma outra formação, técnica ou graduação?	Formação/Ocupação do pai	Formação/Ocupação da mãe
Nô	20	Solteira	Evangélica	Técnico em Podologia	Noturno	19 meses	Sim, integral	3 anos	Técnico em Administração	Graduação em Engenharia	Ensino Fundamental/Aposentada
Felipe	24	Casado	Espírita	Técnico em Podologia	Noturno	19 meses	Sim, integral	7 anos	Graduação Fisioterapia, incompleta	Tecnólogo em Química	Técnica em Estética
Rapha	20	Solteira	Budista	Técnico em Estética	Vespertino	6 meses	Sim, parcial	2 anos	Não	Educador Físico	Pedagoga
Manuela	19	Solteira	Católica	Técnico em Estética	Noturno	8 meses	Não	2 anos	Não	Ensino fundamental/Agricultor	Ensino Fundamental/Dona de Casa
Sofia A.	23	Solteira	Católica	Técnico em Massoterapia	Vespertino	5 meses	Sim, integral	7 anos	Graduação em Artes Cênicas, incompleta.	Ensino Médio/Comerciante	Ensino Médio/Comerciante
Rafaela	24	Solteira	Católica	Técnico em Massoterapia	Vespertino	5 meses	Sim, integral	7 anos	Graduação Tecnólogo em Logística	Ensino Médio/Operário	Ensino Fundamental/Costureira
Marília	19	Solteira	Evangélica	Técnico em Enfermagem	Vespertino	5 meses	Sim, integral	3 anos	Não	Ensino Médio/Operário	Ensino Fundamental/Dona de Casa
Sophia S.	19	Solteira	Evangélica	Técnico em Enfermagem	Vespertino	5 meses	Sim, integral	Incompleto	Não	Ensino fundamental/Operário	Ensino Fundamental/Dona de Casa

Fonte: Elaborada pela autora

5.1.1 Nô - Técnico em Podologia

Nô descobriu a Podologia por curiosidade. Quando da nossa entrevista, cursava as últimas semanas do curso escolhido. É uma jovem preocupada com a sua família. Aos 20 anos, já concluiu um curso Técnico em Administração e indica que a bolsa de estudos que recebeu para dar continuidade ao curso Técnico em Podologia foi essencial para que não o abandonasse. É solteira, evangélica e mora com uma amiga. O trajeto que percorre entre a escola e sua casa fazia com que ela chegasse de madrugada em casa. Uma das falas mais marcantes de Nô, já no final da entrevista, vem carregada de emoções, remete ao curso e à conquista que atribui a seu término:

É um turbilhão de sensações. Primeiro, você sente o medo do TCC, do trabalho final, mas eu sinto que é a realização. Por exemplo, eu tenho muita coisa pra contar de quando eu entrei e de quando eu saí. Quando eu entrei, eu era outra pessoa. Eu estava totalmente preocupada com a questão financeira. Hoje sou bolsista e ainda tenho a minha passagem pra ir e pra voltar. Então, é realização, sonhos que se concretizaram, porque eu pensei que ia parar e estou conseguindo terminar. Então, é sonho realizado. Um turbilhão de sensações, né? É ótimo.

Um segundo aspecto que nos chama atenção nessa fala é a consciência da mudança e da transformação, marcada pela frase: “*Quando eu entrei, eu era outra pessoa*”.

5.1.2 Felipe - Técnico em Podologia

Felipe tem 24 anos e estuda na mesma turma de Nô, em período noturno. Passou por dificuldades financeiras no início do curso, que o desmotivaram e o fizeram pensar em abandonar o curso. Situações pessoais também o fizeram abandonar a graduação em Fisioterapia, há quatro anos. Durante a entrevista trouxe muitas reflexões sobre seus próprios julgamentos em relação ao curso técnico e sua futura formação, às vésperas de ser concluída. Muito orgulhoso da profissão que escolheu, entende a formação como parte do seu projeto de vida e faz planos para o futuro. Só foi atraído pelo curso e pela profissão depois de uma experiência pessoal, na qual se submeteu a um tratamento podológico. Durante o curso, se viu envolvido

pelos aspectos do cuidar, motivo pelo qual já havia escolhido um curso na área da saúde anteriormente:

Cuidar, eu acho fantástico! Eu acho que fazer o pé, como a gente costuma dizer na podologia. É muito bacana que você tenha conhecimento técnico daquilo, muito legal, mas eu acho que a gente tem que entender que não é um pé, né? É um ser humano que possui aquele pé. Atrás daquele pé, a gente tem que observar o ser humano e não somente o pé.

5.1.3 Rapha – Técnico em Estética

Rapha é estudante do curso Técnico em Estética do período vespertino. Recebeu uma bolsa de estudos parcial para o curso e possui muitos planos para o futuro. Diferente deles, não possui nenhuma formação anterior. Rapha tem 20 anos, é budista e filha de professores, com quem mora. Tem clareza da sua escolha pela formação técnica e dos motivos que a levaram a escolher essa modalidade de ensino:

“Viu, eu não preciso fazer uma faculdade pra ser alguém. Eu posso fazer um técnico. Eu posso fazer cursos livres por fora e ir me aperfeiçoando. Eu não preciso fazer faculdade.”

“Eu vou aprender muito mais no curso, ele vai me dar a mesma matéria, ele vai me ensinar a mesma coisa, mas só que eu vou estar fazendo. Então, pra mim é muito melhor eu estar aprendendo, fazendo, porque eu vou sair de lá pronta pra exercer aquilo do que eu ficar estudando quatro, cinco, seis anos, pra depois começar a tentar a experiência.”

Rapha reforça que a possibilidade de aprender na prática foi um dos motivos que a ajudou a decidir pela escolha do curso técnico. Além disso, está aberta para a realização de uma graduação futuramente, mas reforça que a fará como um complemento para sua formação técnica.

5.1.4 Manuela – Técnico em Estética

Manuela começa sua fala dizendo que sempre gostou de trabalhar com pessoas. Aos 19 anos já trabalhou como maquiadora, manicure e assistente de esteticista. Orgulha-se de ser moradora da zona rural de Jundiaí, região que lhe proporciona qualidade de vida e onde pretende dar continuidade a sua profissão e

manter a residência no futuro. Desde pequena sempre foi muito vaidosa e ligada aos aspectos do cuidado:

“Aí ela começou a me ensinar a lixar, a esmaltar. Aí quando eu estava com doze anos, ela me ensinou a tirar cutícula. Aí eu comecei a fazer a da minha mãe, da minha avó. Por a gente morar na roça, então, não tinha tanta fiscalização, né? Aí eu fazia da vizinha, da outra vizinha.”

Assim como Rapha, Manuela foi atraída pela possibilidade de realizar atividades práticas durante sua formação, as quais julga serem os principais atrativos da formação técnica. Além disso, a possibilidade de conciliar trabalho e estudos foi um motivo que a ajudou a optar pelo Técnico em Estética:

[...] eu preferi colocar a mão na massa do que ficar só na teoria e também, porque eu já tenho um emprego ... Assim, eu sou autônoma, né, nessa área de beleza. Então, se eu tivesse que procurar um estágio, eu tinha que parar. Então, não era muito o que eu queria. Aí com o Senac, eu consegui conciliar os dois. Porque eu consigo trabalhar durante o dia, eu faço curso à noite e além de eu ter toda a parte teórica, eu ainda tenho uma parte de atendimento de laboratório, né? Que é o principal.

5.1.5 Sofia A. – Técnico em Massoterapia

Sofia A. é chilena e veio para o Brasil para um intercâmbio entre universidades. A identificação com o país, em especial com o clima, fez com que ela repensasse seus planos de vida e sua trajetória pessoal e profissional. Encontrou a massoterapia na busca de autoconhecimento, e se mostra muito surpresa com o curso que escolheu:

“Eu estou muito feliz. Muito, muito feliz. Eu me surpreendi muito... Como eu falei no começo, eu não vinha com a expectativa de nada e ainda assim, superou as minhas expectativas. Nossa, gente, o que é isso! Eu não estava tendo a dimensão do que é, o que é se envolver com essa área da saúde. Nossa, falando uma linguagem que eu nunca imaginei na minha vida. E sistema, mercado, hoje eu compreendo que é o sistema que a gente vive e de alguma forma, eu tenho que aprender a lidar com isso. Lógico, eu tenho os meus princípios, os meus valores, eu sempre que posso, eu pego isso e tento utilizar as ferramentas que estão sendo dadas. Então, nesse sentido está sendo bem legal, bem diferente e estou me surpreendendo comigo mesmo, a cada momento. [...]”

Sofia A. conta que abandonou a graduação no último semestre e afirma que não se arrepende. A escolha pelo curso Técnico em Massoterapia tem lhe

proporcionado uma satisfação profissional, que a aluna publicita nas frases: *“Hoje eu estou fazendo sentido para mim. [...] Aí está fazendo sentido a vida”*

5.1.6 Rafaela – Técnico em Massoterapia

Episódios infelizes em seu antigo emprego fizeram com que Rafaela repensasse suas escolhas em relação à profissão. Aos 24 anos, buscou formas de poder aliar trabalho com uma profissão que lhe proporcionasse mais qualidade de vida. Graduada como Tecnóloga em Logística, sentiu os problemas que uma vida de trabalho estressante pode causar e decidiu que priorizaria seu bem-estar e o bem-estar do próximo.

“Então, eu vi que o curso de massagem, ele faz a gente se autoconhecer. Às vezes, a gente acha que a gente se conhece, mas, na verdade, a gente não conhece a gente mesmo, né? Então, eu vi que foi aonde eu pude me conhecer, aonde mexeu um pouquinho na minha história, né, de vida assim, devido ao estresse que eu passei assim, né? Toda a minha história que eu tive e, além de me ajudar, eu posso ajudar uma próxima pessoa”.

5.1.7 Marília – Técnico em Enfermagem

Na família de Marília a carreira em enfermagem é uma opção comum. Tias e irmã compartilham da mesma profissão e são exemplos para ela. Aos dezenove anos, Marília mora com os pais, em uma cidade vizinha a Jundiaí e enfrenta dificuldades no trajeto diário entre sua casa e a escola. Quando da nossa entrevista, ela já havia passado por um campo de estágio e referiu a importância dessa experiência em seu aprendizado:

“Eu gostei bastante. Porque quando a gente faz, a gente se sente melhor. Quando eu fazia, eu me sentia bem. De estar fazendo um bem pra outra pessoa, sabe?”

“Com certeza. Até no estágio mesmo, eu estava pensando... Nossa, tem que pensar... Se fosse o professor, o que ele faria? No estágio mesmo, eu já estou tomando eles como exemplo.”

Um dos objetivos que Marília deseja conquistar com sua profissão é ajudar seus pais:

Ajudando a minha família bastante. Eu acho que já vou ter construído uma casa pra eles.

Objetivos parecidos são nutridos por Sophia S, sua colega de classe, que encontrou a Enfermagem também em função de sua família, mas de uma forma um pouco diferente.

5.1.8 Sophia S. – Técnico em Enfermagem

Sophia S. foi uma mãe precoce. Aos quinze anos, o parto de sua filha lhe proporcionou contato com profissionais da área da saúde, que se constituíram como exemplos e contribuíram na decisão pelo curso Técnico em Enfermagem. Hoje, aos dezenove anos, Sophia S. cumpre uma jornada de estudos que inicia no período da tarde, no curso técnico, e se estende para o período noturno, no qual realiza EJA, a fim de concluir o terceiro ano do Ensino Médio. Só com o suporte de seus pais conseguiria conciliar a vida de estudante e jovem mãe. Para ela, cuidar e se colocar no lugar do outro são essenciais para a profissão na área da saúde:

E eles já fizeram muito por mim, e ainda fazem até hoje. Então eu penso muito no futuro deles e da minha filha

Sim! Espero que eu possa fazer igual a elas, ajudar outras pessoas, porque elas me ajudaram

Quero, no futuro, ter bastante história para contar, de bastante gente que eu ajudei no hospital...

Para podermos caminhar para além das características individuais dos sujeitos entrevistados, é necessário reconhecer em seus discursos não apenas suas características peculiares, mas também compreender o cenário histórico e social no qual os alunos entrevistados mantêm suas interações. Neste ponto, refletimos sobre informações, experiências, saberes e imagens que remetem à dinâmica que sintetiza as relações e contextos sociais de interações pelos quais os alunos se constituem. Nas entrevistas alguns verbos se tornam recorrentes quando se referem às trajetórias de escolha pela profissão e projeção de futuro das pessoas: querer, ajudar, fazer, cuidar, conseguir, pensar, estudar, conciliar, gostar, construir. São verbos que implicam movimento, desejo, prospecção. As falas publicitam a

constante dialética do pensamento interior do aluno ao ser questionado sobre a sua escolha profissional e sua perspectiva de futuro em relação a ela. Revelam a complexidade dos condicionantes sociais, educacionais e políticos que os influenciam em seus diferentes níveis de interpretação da realidade. São discursos que apresentam a complexa relação entre crenças, valores, ideias e histórias de vida, e que nos ajudam a entender como a escolha de um curso e de uma profissão também representa a constituição social e histórica desses sujeitos.

Para avançar na discussão e análise das categorias que surgem a partir da análise do conteúdo das entrevistas produzidas para esta pesquisa, iniciaremos a discussão e análise das categorias a seguir.

5.2 Categorias

Construídas a partir da análise de conteúdo das oito entrevistas, as categorias já citadas nesse capítulo "*Razões para a escolha*"; "*Surpresas no caminho da formação*"; "*O ensino técnico é desafiador*" e "*O projeto de formação está contido no projeto de vida*" serão analisadas a seguir, no intuito de encontrar respostas para as questões que orientam essa pesquisa.

5.2.1 Razões para a escolha

Na construção dessa categoria organizamos muitos significados que pareciam revelar os motivos para a decisão de realizar um curso técnico, um curso na área de saúde e bem-estar ou, mais especificamente, um curso técnico na área de saúde e bem-estar. Organizados, os discursos e seus respectivos significados constituíram as seguintes subcategorias de análise:

- A possibilidade de ajudar e cuidar;
- A valorização do trabalho na área de saúde e bem-estar;
- A Valorização da EPTNM;
- A influência da família na escolha pelo curso e pela profissão;
- As experiências de vida promovem uma aproximação do curso e/ou da profissão.

Passaremos à análise de cada subcategoria a fim de esclarecer o que cada uma delas pode nos revelar sobre a dimensão maior, *Razões para a escolha*.

5.2.1.1 A possibilidade de ajudar e cuidar

Essa subcategoria ressaltou nas entrevistas como um motivo muito forte para a escolha, e aparecia como uma satisfação pessoal em poder ajudar. Podemos dizer que a possibilidade de lidar com pessoas aparece como um dos motivos de aproximação com a área de saúde e bem-estar e como fator de escolha pelos cursos nessa área. Somam-se a essa satisfação o entendimento da responsabilidade do ato de ajudar e a necessidade de empatia, nas relações estabelecidas entre o profissional da saúde e os sujeitos que necessitam de cuidados.

Nas falas dos sujeitos entrevistados, os termos ajuda e cuidado se aproximam em suas significações. Ferreira (2000), define o termo **ajuda** como: “dar ajuda, socorrer, favorecer, facilitar, propiciar, fazer alguma coisa, prestar auxílio, socorrer-se, prestar auxílio a si mesmo, auxiliar-se reciprocamente”. Para o mesmo autor, o termo **cuidado** é definido como “atenção, precaução, cautela, desvelo, encargo, responsabilidade, conta, inquietação de espírito”. Desta forma, nossas discussões abordarão as relações de ajuda e cuidado nas áreas de saúde e bem-estar, e a condição de reciprocidade que se estabelece na manifestação destas relações.

As questões referentes ao cuidado são abundantes. Passamos por discussões que se referem a considerações ontológicas e etimológicas do cuidado. Desde a Fábula de Higino até às discussões acerca da falta de cuidado de nosso tempo, há uma extensa rede de discussão sobre o cuidado e, mais especificamente, sobre o cuidado em saúde. Leonardo Boff, em sua obra *Saber Cuidar*, trata do cuidado nas dimensões macro e micro, a primeira a partir de sua visão ecológica e a segunda em relação ao cuidado entre os seres humanos. Apresenta cuidado como uma constituição ontológica: o cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano.

Por fim, que imagem de ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com-os-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com que se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano. (BOFF, 2014, p. 41).

Ainda segundo Boff (2014, p.103), cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. É uma atitude fundamental de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude. Além disso, a atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietude e sentido de responsabilidade. É possível aproximar as considerações pessoais dos sujeitos entrevistados com as definições de cuidado apresentadas:

A responsabilidade é muito grande. *Porque da mesma forma que você quer ajudar aquela pessoa... Porque eu vou saber o que ela está ouvindo das outras pessoas, eu vou saber o que ela está sentindo, porque eu passei pela mesma coisa.* (Rapha, grifos nossos)

*Ah... Eu não sei explicar, como eu vou dizer... Acho que é meio que tudo... É meio que eu vou ter de ser tudo ou nada... **Eu vou ter de estar me dedicando mesmo, ou não. Se eu me dedicar de verdade, acho que vai valer a pena e eu vou conseguir.** Mas se eu ficar como um “tanto-faz”... Aí num... Num vai...* (Sophia, grifos nossos)

*Então, pra eu poder ajudar ela ao todo, na saúde dela... Eu não quero ajudar só pra ela relaxar ali no programa que ela está fazendo. Não só ajudar superficialmente, **mas poder ajudar como um todo.*** (Rapha, grifos nossos)

*Eu acho que eu já faço. **Eu me coloco no lugar das outras pessoas.** Às vezes... Depois que eu virei mãe também, né? Porque eu acho que eu não era assim. Aí hoje se eu vejo uma criança doente, eu me coloco no lugar da mãe dela. Quando vejo também uma criança que morre... Uma dor que deve ser horrível de sentir... **Acho que depois que eu virei mãe que comecei a me colocar no lugar dos outros*** (Sophia S., grifos nossos)

Roldão (2009, p. 110) acrescenta que não há possibilidade de se pensar as relações de ajuda e cuidado sem considerar o aspecto de conexão com o outro. Ao mesmo tempo em que o ajudador auxilia o ajudado, ele também se torna de alguma forma ajudado. As relações de ajuda e cuidado nas profissões da saúde têm sido discutidas como relações de troca e reciprocidade. Ninguém sai ileso de uma relação, pois toda relação obriga um movimento de conexão de ideias, valores,

percepções, conhecimentos, energias e emoções. A interdependência que se estabelece nas relações de ajuda e cuidado destaca-se na fala de Rapha:

*Sim. Eu olho pros outros, mas eu também vejo o meu. O que eu teria que mudar? E acho que eu também poderia ajudar as pessoas... Por exemplo, **o que eu estou estudando não vai só ajudar os outros que eu quero ajudar, vai me ajudar também.** Então, eu acabo juntando os dois, o útil ao agradável. Eu uso pra mim e pra eles também.* (Rapha, grifos nossos)

Além disso, há uma relação de cuidar de si e cuidar do próximo que se aproxima das falas relativas à ajuda, como nos discursos de Sophia S. e Rafaela:

*Ai, não sei exatamente, mas... Acho que o amor. Ver como que elas, que nem me conheciam, não eram da minha família, nada, mas me tratavam com muito carinho e muito amor. **Então, eu acho que isso fez bem para mim, e eu também quero fazer o bem para outras pessoas, né?*** (Sophia S., grifos nossos)

*A gente tem aqueles sonhos, né? (Risos). Eu me vejo que eu vou conseguir seguir nessa profissão [...]. Então, eu posso lidar com esse tipo de pessoas, né? **De poder ir em busca, de poder ajudar quem está passando pelo que eu já passei. Então, eu vou poder ajudar bastante.** É o pensamento que eu tenho.* (Rafaela, grifos nossos)

Encontramos no *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*, da Fundação Oswaldo Cruz (ESPJV, 1999), importantes considerações sobre o cuidado em saúde. Trata-se não apenas de um nível de atenção do sistema de saúde, mas de ação integral, atitude integrativa e relação subjetiva. É uma ação integral pois tem efeitos e repercussões de interações positivas entre usuários, profissionais e instituições que promovem atitudes como tratamento com acolhimento, digno e respeitoso. É uma atitude integrativa, pois inclui o envolvimento entre as partes, compreendendo acolhimento como escuta do sujeito, respeito pelo seu sofrimento e história de vida. Por fim, cuidado em saúde é uma relação intersubjetiva, que se desenvolve em um tempo contínuo que abre espaço para a inclusão do saber, dos desejos e da necessidade do outro.

Souza et al., ao dialogarem sobre o cuidado em Enfermagem, consideram uma concepção sobre o tema que pode ser estendida para as demais áreas da saúde e bem-estar:

Cuidar em enfermagem consiste em envidar esforços transpessoais de um ser humano para outro, visando proteger, promover e preservar a humanidade, ajudando pessoas a encontrar significados na doença,

sofrimento e dor, bem como, na existência. É ainda, ajudar outra pessoa a obter autoconhecimento, controle e auto cura, quando então, um sentido de harmonia interna é restaurada, independentemente de circunstâncias externas (SOUZA *et al.*, 2005).

Envidar esforços transpessoais é passar do cuidado de si para o cuidado do outro. Destaca-se nas falas dos alunos entrevistados uma proposta de resgate, de entendimento do cuidado de si para o cuidado do outro. Amorim (2013) atenta para a urgente busca do exercício de sensibilidade, criatividade e beleza no cuidado de si e no educar e cuidar do outro. O autor defende a estética como a percepção sensível e responsável da vida. Para ele, o cuidado de si necessita de uma estética de si. Cuidar do outro remete, obrigatoriamente, ao cuidar de si, e nos obriga a refletir sobre o sentido que damos à vida e ao viver, como sugere a fala de Rafaela:

*Então, Thais, eu estava passando por umas dificuldades, né? Em questão emocional, da parte de estresse, na parte de serviços na empresa onde eu trabalhava. Então, eu precisei passar até com psicólogo. **Então, eu quis ir em busca de qualidade de vida.** E eu vi que a Massoterapia trabalha muito nessa parte de qualidade de vida. **Tanto pra mim quanto para o meu próximo.** (Rafaela, grifos nossos)*

O cuidado humano é necessário da geração da vida à sua manutenção e finitude, é indispensável na sobrevivência das espécies, na promoção da vida e na preservação do planeta. Nessa subcategoria, podemos inferir sobre a consciência dos sujeitos em relação ao cuidado e à ajuda como essenciais à profissão escolhida.

Usamos como referência autores que dissertam sobre as relações de ajuda e cuidado a partir de seu entendimento ontológico, como o fazem Boff (2014) e Roldão (2009), a partir de sua implicação direta na atuação dos profissionais da área da saúde, como Pinheiro e Mattos (2004) e Souza *et al.*, e ainda, de sua perspectiva ética e estética, como Amorim (2013). Em suma, a discussão da subcategoria “*A possibilidade de ajudar*” contribuiu para o reconhecimento do significado do cuidado como um valor intrínseco à vida e à humanidade. Ajudar e cuidar seriam, então, representantes de uma dimensão na qual os alunos apreendem a existência do cuidado como algo próprio da profissão escolhida e como razão para a escolha desta.

5.2.1.2 A valorização do trabalho na área de saúde e bem-estar

Nessa subcategoria, a **área da saúde** é considerada como grande área que agrega profissões, cujos núcleos de competências se organizam pelas práticas de promoção à saúde. Desta forma definiremos o profissional da saúde, assim como proposto por Ceccim (2004), como aquele que atua no âmbito terapêutico e que exerce práticas terapêuticas.

Terapia (therapéia) significa **trato cuidadoso**, auxílio que habite para a cura, guia para a autonomia e qualidade de vida, tratamento. Todo profissional de saúde, pela condição de terapeuta, deve deter, com apropriação e acurácia, recursos e instrumentos de intervenção clínica. A clínica, como conhecimento sistematizado de sinais e sintomas e como experiência de atendimento em situações de adoecimento, nasce, justamente, à beira do leito (kliné) – isto é, indica a prática do ato de assistir à beira do leito, por isso o ato dedicado de **tratar/cuidar/escutar**. (CECCIM, 2004, p.240, grifos nossos)

Considerando os sujeitos entrevistados como alunos do ensino técnico de cursos que mobilizam competências necessárias à promoção da saúde, portanto profissionais da saúde em formação, podemos entender os cursos Técnico em Enfermagem, Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia e Técnico em Podologia como pertencentes à área da saúde. Neste trabalho, designados pela instituição campo de projeto como cursos da **área da Saúde e Bem-estar**, os cursos acima mencionados aparecem no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (BRASIL, 2016), dentro do eixo **Ambiente e Saúde**. Recorremos ao mesmo catálogo para a apresentação do perfil profissional de conclusão de cada curso, de forma a elucidar as competências de promoção à saúde e de identificação desses cursos e das profissões a eles relacionadas com a grande área da saúde e com a categoria que nos propusemos à analisar. Quanto ao curso Técnico em Enfermagem:

Realiza curativos, administração de medicamentos e vacinas, nebulizações, banho de leito, mensuração antropométrica e verificação de sinais vitais. **Auxilia a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação no processo saúde-doença**. Prepara o paciente para os **procedimentos de saúde**. **Presta assistência de enfermagem** a pacientes clínicos e cirúrgicos e gravemente enfermos. Aplica as normas de biossegurança. (BRASIL, 2016b) (grifos nossos)

Quanto ao curso Técnico em Estética:

Avalia as condições da pele, seleciona e executa procedimentos estéticos faciais e corporais. Utiliza técnicas manuais, equipamentos, tecnologias e produtos cosméticos. **Trata da promoção, proteção, manutenção e recuperação estética da pele.** Avalia e seleciona as técnicas e os cosméticos mais apropriados de acordo com as características pessoais do cliente. Seleciona e adota procedimentos de higiene e profilaxia dos instrumentais. (BRASIL, 2016b) (grifos nossos)

Quanto ao curso Técnico em Massoterapia:

Identifica, seleciona e aplica técnicas de massagem terapêuticas e estéticas. Avalia e escolhe a técnica adequada às necessidades do cliente baseando-se nos conceitos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos e fisiopatológicos. Respeita as contraindicações das técnicas em face das condições do cliente. Planeja e organiza o trabalho na **perspectiva do atendimento integral e de qualidade.** (BRASIL, 2016b) (grifos nossos)

Quanto ao curso Técnico em Podologia:

Avalia condições da pele e anexos dos pés. Seleciona e executa procedimentos de higienização, **proteção, tratamento e manutenção.** Utiliza técnicas manuais e equipamentos para podologia. Utiliza técnicas de acordo com as características anatômicas, fisiológicas e fisiopatológicas dos pés. Seleciona e aplica procedimentos de profilaxia do ambiente e dos instrumentais. **Promove ações de orientação para a saúde dos pés.** (BRASIL, 2016b) (grifos nossos)

Nessa subcategoria de valorização do trabalho, os alunos entrevistados expressaram que a escolha pela profissão estava diretamente associada ao fato de ser uma profissão da área da saúde ou do bem-estar. A possibilidade da ajuda, categoria previamente discutida, está claramente associada a essa, numa perspectiva em que as relações de ajuda e cuidado podem ser configuradas como práticas laborativas do profissional da saúde. É visto que todos os entrevistados reconhecem a escolha do curso como uma formação na área da saúde, ou seja, reconhecem-se como futuros profissionais dessa área, portanto, cuidadores e/ou ajudadores por essência. De forma complementar, Pinheiro e Mattos (2004), defendem o cuidado como um direito de ser, o qual deve ser pensado na perspectiva de garantia do acesso às práticas terapêuticas, aqui entendidas como as práticas que podem ser disponibilizadas pelos profissionais das áreas de saúde e bem-estar:

*A área da saúde sempre foi uma área que me cativou. Eu acho que **ajudar o ser humano é uma coisa fantástica**, seja da forma que for, e **na área da saúde é o que você consegue mais** (Felipe, grifos nossos)*

*Não sei... (Risos). Ah, eu não consigo achar uma palavra. **A área da saúde é a mais importante.** Eu não consigo achar uma palavra que defina. **A área da saúde, eu acho que é a mais importante.** (Marília, grifos nossos)*

Parece-nos que há um significado de valorização pela área da saúde, expresso pelos alunos, que influencia na escolha da profissão. Há uma relação de admiração e de reconhecimento do profissional da saúde e uma autovalorização dos sujeitos entrevistados enquanto estudantes desta área. Em estudo sobre o perfil de graduandos de Enfermagem, Spíndola, Martins e Francisco (2008) mostraram que o fator de motivação mais importante para a opção profissional, segundo os alunos, foi o interesse e/ou afinidade pela área da saúde, seguida pelo gosto em cuidar de pessoas. Em outro estudo realizado com graduandos das áreas de Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia, Ojeda et al. (2009) identificaram que há uma busca pelo reconhecimento profissional através da escolha pela profissão da saúde. Embora desenvolvidos com graduandos, os estudos supracitados trazem informações importantes quanto à identificação pessoal do aluno com a área da saúde e quanto ao reconhecimento social pela área, ou seja, o quanto ela é reconhecida como importante e necessária à sociedade.

5.2.1.3 A Valorização da EPTNM

A valorização da Educação Profissional Técnica de Nível Médio não é pauta apenas para educadores. Com a sanção da Lei nº 13.415/2017, o tema suscita discussões políticas importantes e é alvo de decisões polêmicas. Frequentemente vinculada à possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e a um futuro promissor, a modalidade de ensino profissionalizante ganha espaço nas falas dos sujeitos dessa pesquisa, tornando sua valorização uma expressão comum. A necessidade de trabalho precoce, a tomada do ensino médio técnico como etapa preparatória para a graduação e o entendimento da formação técnica como uma possibilidade de profissionalização, e não como uma formação inferior, são significados produzidos pelos discursos analisados.

Durante as entrevistas, os alunos expressaram sinais da dualidade entre a formação na Educação Básica, de caráter profissionalizante, e a formação na Educação Superior. Entretanto, os discursos manifestam, em sua maioria, uma

valorização do EPTNM por suas características de proximidade com a realidade cotidiana da profissão e a possibilidade de “aprender fazendo”, questões que serão abordadas nas discussões da categoria *Surpresas no caminho de formação*. Além dessas há outras características, como um entendimento que a profissão técnica em saúde possibilita uma aproximação maior do sujeito que é cuidado, sendo portanto mais humana, também aparece como um motivo para a escolha dos entrevistados.

Em sua fala, Felipe expressa a concepção de dualidade entre a formação técnica de nível médio e a graduação, já discutida no primeiro capítulo desse trabalho. Revela como a influência da sociedade e, no seu caso em especial, da família, foi importante na tomada de decisões e escolhas entre a formação técnica e a graduação. Desde assumir o seu preconceito para com o ensino que ele mesmo considerava operacional, até revelar as surpresas que encontrou durante a realização do curso técnico, Felipe nos permite acessar a sua constituição como aluno dessa modalidade e o seu entendimento como futuro profissional da saúde. É possível entender como a construção de uma nova visão em relação ao ensino profissional acontece durante o curso Técnico em Podologia:

Eu acho que tem um preconceito muito grande com o curso técnico. Um preconceito que depois que você faz o técnico, você quebra o seu próprio. [...] E outra coisa, quanto ao preconceito, eu acho que existe uma preocupação muito grande, eu imagino pelo mesmo motivo que foi comigo, por família assim. A família impor que você tem que fazer uma faculdade. A família deveria impor que a pessoa tem que estudar e não que tem que se graduar, por exemplo. Não que eu seja contra a graduação, mas é porque a gente acaba criando preconceitos internos. Eu, por exemplo, tinha. Por que eu vou fazer técnico? Eu tenho vinte e quatro anos, eu comecei o curso com vinte e três, mas eu poderia ter feito um técnico antes de ter feito a faculdade. Eu teria visto como que são as matérias e talvez me interessado mais pela faculdade e tudo mais. Mas, não. Eu já tinha feito a faculdade, tranquei por motivos particulares, mas... Aí eu falei: agora eu vou deixar de estudar. Se eu não tivesse dado a chance para esse ligeiro pensamento, eu não teria participado desse mundo que é o técnico. E olha a diferença que está fazendo, pelo menos, na minha vida. É a minha profissão. (Felipe, grifos nossos)

Da mesma forma também fica evidente na fala de Rapha a presença do dualismo entre ensino técnico e ensino superior. Há, em contrapartida, um posicionamento importante da aluna que valida a sua escolha em relação ao seu momento de vida profissional, a sua relação com os estudos, ao seu entendimento do mundo do trabalho e aos seus planos para o futuro:

*Não importa o caminho que eu vou fazer. Você tem que chegar lá. E todo mundo me impunha que eu tinha que fazer. Na época que eu estava trabalhando, todo mundo da minha família: Filha, você vai prestar vestibular esse ano? Não. Por que não? Você tem que entrar em uma faculdade. Você não vai fazer faculdade? **Olha, faculdade, eu não vou fazer, não.** Mas, como você não vai fazer faculdade? Você vai ser o que, então? **Viu, eu não preciso fazer uma faculdade pra ser alguém. Eu posso fazer um técnico. Eu posso fazer cursos livres por fora e ir me aperfeiçoando. Eu não preciso fazer faculdade.** (Rapha, grifos nossos)*

Manuela, assim como Rapha, toma a decisão pela formação técnica também em função de sua inserção precoce no mercado de trabalho e da valorização dos benefícios que essa modalidade de ensino pode lhe proporcionar, como a possibilidade de atuação profissional pré e pós formatura. Assim como Felipe, Rapha e Sofia A., ela declinou da possibilidade de fazer ou de terminar os estudos em um curso de formação superior, como é expresso no trecho abaixo:

*[...] Porque eu até passei em duas faculdades, eu passei em duas federais, quando eu saí do Ensino Médio. [...] Eu passei em química na UFSCAR e em Farmácia na UNIFAL. **Só que eu não fui, pelo simples fato de eu não ter o contato com as pessoas, nessas duas áreas de emprego. [...] E eu gosto desse contato com o público. E eu não fui e não me arrependo.*** (Manuela, grifos nossos)

Interessante observar nas entrevistas que a valorização pelo ensino técnico passa por uma infalibilidade de inserção na vida profissional. Há um componente de certeza na garantia do emprego no mercado de trabalho quando da realização do curso técnico. Mais ainda, parece haver um entendimento de que a entrada no mercado de trabalho é mais assertiva ao final dessa modalidade de ensino do que seria ao final da graduação.

*[...] E bem remunerado. Eu quero ganhar bem. **Eu quero trabalhar bem. Eu quero um emprego** que eu goste muito, que eu vejo que é tudo certinho [...] (Marília, grifos nossos)*

*Porque eu **consigo trabalhar durante o dia**, eu **faço curso à noite** e além de eu ter toda a parte teórica, eu ainda tenho uma parte de atendimento de laboratório, né? Que é o principal. (Manuela, grifos nossos)*

*Eu estou assim, querendo já terminar **pra poder começar, né, já a trabalhar na área.** Assim, se eu puder, né? Se eu conseguir. (Nô, grifos nossos)*

*Eu acho que é bom, **eu acho que não vai ser difícil eu conseguir um emprego.** Porque tem muito hospital e muito lugar assim, que precisam de*

*um Técnico em Enfermagem, então **eu acho que tem muitas opções, muitas opções de trabalho** (Sophia S., grifos nossos)*

Além disso, as possibilidades de estudo em período noturno e de conciliação de estudos e trabalho remunerado parecem satisfazer as necessidades pessoais e familiares de alguns alunos. Cursar o ensino técnico parece ser uma alternativa para as frustrações profissionais que surgem a partir da inflexibilidade social que determina ao sujeito sua escolha por determinados cursos ou profissões. À Educação Profissional é atribuída a responsabilidade de servir como um meio para a conquista profissional, seja a partir de sua própria conclusão, ou seja como recurso financeiro para o enfrentamento de novas possibilidades de formação, como podemos acompanhar nas falas de Sophia S. e Marília. Destacam-se na fala de Marília os condicionantes sociais e econômicos que não lhe permitiram dar continuidade a sua escolha inicial, que não estava diretamente ligada à Enfermagem, mas à Graduação em Medicina Veterinária. Muito embora tenha expressado a valorização e identificação pessoal pelo curso Técnico em Enfermagem, assumiu que o cursava não como uma escolha profissional, mas sim como uma possibilidade de formação. Embora tenha obtido sucesso no exame vestibular para cursar a graduação pretendida, foram motivos financeiros que não permitiram sua entrada na faculdade:

*[...] Eu quero fazer **de Medicina Veterinária**. Eu quero ter o técnico, eu gostei muito, mas só que **eu pretendo trabalhar e depois fazer a faculdade dos meus sonhos**, sabe? (Marília) (grifos nossos)*

*Eu penso, mais para a frente, depois que eu tiver contato como técnica assim, **vou fazer uma faculdade. Se eu tiver dinheiro, vou fazer Medicina**, mas a Enfermagem, a faculdade deve ser bem bacana. (Sophia S.) (grifos nossos)*

Se de fato a Educação Profissional cumpre com essa responsabilidade de servir como um meio de profissionalização, a fim de proporcionar mobilidade social e ascensão financeira, para por fim oportunizar o acesso à graduação, ainda não sabemos. Estudos que trazem dados importantes sobre as trajetórias de egressos da graduação na área da saúde, como os realizados por Teodósio e Padilha (2016), e Merighi (2012), mostram com mais fidedignidade as trajetórias profissionais de graduados. Entretanto, somos carentes em estudos similares sobre egressos do ensino técnico e sua trajetória profissional. Para que possamos atender às

expectativas de Sophia S. e Marília, precisaremos de mais pesquisas sobre a trajetória profissional de egressos do Ensino Médio Técnico. Mais ainda, escutar a estas expectativas e planos de futuro é essencial para a qualidade dos cursos técnicos e para que estes se proponham a contribuir verdadeiramente para a opção vocacional e para a inserção responsável dos jovens no mundo do trabalho.

5.2.1.4 A influência da família na escolha pelo curso e pela profissão

Considerar a família como instituição social e historicamente constituída é um dos pontos de partida para a discussão dessa subcategoria. Observa-se assim que são comuns as expressões de proximidade da família com a profissão escolhida. Ressaltam-se nos discursos a presença de familiares que trilharam as mesmas escolhas profissionais, ou ainda um discurso de valorização da área pelos familiares.

É porque na minha família tem um monte de enfermeira. (Marília)

Então, quando eu era pequeno é engraçado, eu sempre me intitulava doutor desde pequeno. A minha mãe sempre me chamava, ah, você vai ser doutor. Mas, eu sempre brinquei de ser doutor. Sempre, sempre, sempre. (Felipe)

Na verdade, segundo a minha mãe, né, desde pequena eu gostava dessa área. (Manuela)

Segundo Medina e Takahashi (2003), ao optar por determinada profissão estamos sofrendo a influência das experiências que tivemos ao longo da vida, daí a influência da família ser presente na escolha profissional. Os mesmos autores, em estudo que buscou entender os motivos pelos quais Técnicos em Enfermagem buscavam a graduação nessa área, identificaram que a influência familiar é uma das motivações mais presentes nas tomadas de decisão profissional. Além deles, Spindola, Martins e Francisco (2008) também identificaram a influência familiar na opção por uma profissão da área da saúde em graduandos de Enfermagem. Ojeda et al. (2009) referem que a expectativa da sociedade e da família em relação à definição da carreira é intensificada nos anos finais do ensino médio, condição similar à que notamos na fala de Rapha:

A minha família fazia muito isso em mim, “você tem que fazer faculdade”, “você tem que não sei o que”... Porque assim, os meus primos fizeram USP, Unicamp, Unesp, mas eu falava assim: mas, eu não vou fazer. Como eu vou falar pra eles que eu não vou fazer? Então, eu fiz vestibular? Fiz. Eu não estudei nenhuma vez. Eu fui fazer, porque a minha mãe queria que eu fizesse e não porque, eu quero passar. (Rapha) (grifos nossos)

Szymanski (2000) disserta sobre a função educacional da família e como seu caráter educativo expressa-se na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos, os quais podem ser reconhecidos como herança cultural familiar. Além de condição de fenômeno social e histórico, a família tem função socializadora e educativa, tem sua base material construída pelos discursos, relações e tradição. Entende-se, então, como as trajetórias escolares e profissionais neste *locus* podem ser representativas e cheias de significados para os alunos entrevistados.

Sendo o projeto de vida individual muitas vezes construído em família, esse passa não apenas a ser influenciado pelas expectativas de pais e familiares, como também se torna um projeto de ordem familiar. Realizá-lo então passa a ser uma oportunidade de responder à família por sua dedicação e lealdade. Como se pudesse demonstrar gratidão a seus pais, Marília e Sophia S. recorrem ao devir da profissão:

*Eu nunca pensei... **Ajudando a minha família bastante. Eu acho que já vou ter construído uma casa pra eles.***

*Pagar a minha faculdade, ter um emprego bom, casar, ter uma casa boa, **ajudar os meus pais. Ajudar a minha família...** E os bichinhos também* (Marília) (grifos nossos)

*E eles já fizeram muito por mim, e ainda fazem até hoje. Então eu **penso muito no futuro deles e da minha filha.*** (Sophia S.) (grifos nossos)

5.2.1.5 As experiências de vida promovem uma aproximação do curso e/ou da profissão

Percebe-se, durante a análise das entrevistas, que as razões para a escolha da profissão estão envolvidas por momentos marcantes na vida dos alunos entrevistados. Há um encontro com a profissão a partir de experiências de vida, que passam por trajetórias de autoconhecimento, cuidado e curiosidade. Essas experiências constituem-se, portanto, como uma subcategoria para as razões da

escolha pelo ensino técnico e pela área da saúde. A constituição dessa categoria marca pelo seu significado, pois vem carregada de recordações emocionadas dos alunos entrevistados, como pode-se perceber nas falas de Nô e de Sophia S:

*Foi assim, é **mais ou menos triste, mais ou menos feliz, não sei**. Eu tinha uma irmã, que tinha leucemia e ela tinha uma úlcera numa parte do pé, no tornozelo dela. [...] Quando ela morreu, ela tinha dezoito pra dezenove anos. Aí, eu comecei a me interessar, né? Eu falei: nossa, a Carina limpa o pé dela sozinha. Tipo, não tem nenhum médico que possa fazer isso pra ela, além do enfermeiro, né? **Eu queria saber se existia um médico, um profissional pro pé.** (Nô, grifos nossos)*

*Na verdade, **antes eu não sabia ainda o que eu queria fazer**. Aí, quando eu fiquei grávida que (eu fiquei grávida supernova, né, com quinze anos) e **as enfermeiras lá no hospital me tratavam super bem**. Quando ganhei (referindo-se à filha), elas pareciam até psicólogas, ficavam lá comigo, conversavam comigo, a técnica, a enfermeira. **Aí eu falei: “Ah! Quero fazer isto aí!”** (Sophia S., grifos nossos)*

Percebemos que há uma relação estreita entre esta dimensão de análise e às subcategorias relacionadas às relações de ajuda e cuidado e à influência da família, já discutidas. É tocante que as experiências vividas pelos sujeitos lhes permitam refletir sobre suas ações no mundo, a ponto de impactar em suas escolhas profissionais e em seus projetos de vida futuros. É notável que as falas que constroem essa categoria destacam episódios veementes vividos pelos alunos e que lhes revelam alguma necessidade perante a vida.

Ao ser questionada sobre a escolha do curso Técnico em Podologia, Nô recorre à doença da irmã, história familiar “*mais ou menos triste, mais ou menos feliz*” para justificar sua resposta. Já Sophia S. relata o cuidado que recebeu da equipe de enfermagem, quando do parto de sua filha, para explicar sua escolha pelo curso Técnico em Enfermagem. É comum a ambas a emoção da fala que as revela afetivamente e a escolha da profissão, que surge como resposta a uma necessidade já conhecida.

Aguiar e Ozella (2006, p. 228) revelam que as necessidades são “como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação, dependendo das condições de existência”. Podemos exemplificar essa afirmação dos autores também pela fala de Rafaela, que busca o curso Técnico em Massoterapia como um recurso de melhoria de qualidade de vida. É na e pela possibilidade de ajudar ao próximo e a si mesma que a escolha do curso se dá. Em

sua fala, Rafaela refere-se a uma experiência frustrante em seu último emprego que lhe revela uma nova necessidade, a de cuidar de si própria:

Então, eu quis ir em busca de qualidade de vida. E eu vi que a Massoterapia trabalha muito nessa parte de qualidade de vida. Tanto pra mim quanto para o meu próximo. Porque eu passei bastante dificuldades na empresa, em questão de muita cobrança e era coisa que eu guardava muito pra mim e eu não sabia como lidar com aquilo. Então, gerou até doenças assim, né? Da minha parte, eu tive arritmia cardíaca, eu precisei ir em busca de psicólogo, pra poder me livrar daquilo. Então, eu precisei mesmo e fui em busca de qualidade de vida. Então, eu comecei a fazer pesquisas, comecei a ver o que poderia se encaixar comigo pra que eu pudesse ter uma qualidade de vida melhor.(Rafaela) (grifos nossos)

Ainda segundo os mesmos autores (2006, p. 228), os sujeitos só completam seu processo de ação no mundo a partir de suas necessidades quando identificam algo do mundo social capaz de lhes satisfazer. Consideramos, pois, que as necessidades de se “encontrar um profissional para o pé”, como refere Nô, de ser “bem-tratada” como na fala de Sophia S. e de se “encontrar qualidade de vida”, como pretende Rafaela, fazem com que essas alunas busquem e escolham suas respectivas profissões, como forma de satisfação. Apoiamo-nos na seguinte citação para finalizarmos a discussão sobre essa subcategoria:

Temos, assim, que as necessidades se constituem e se revelam a partir de um processo de configuração das relações sociais, processo esse que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo. Além disso, é fundamental ressaltar que, pelas características do processo de configuração, o sujeito não necessariamente tem o controle e, muitas vezes, a consciência do movimento de constituição das suas necessidades. Assim, tal processo só pode ser entendido como fruto de um tipo específico de registro cognitivo e emocional, ou seja, a constituição das necessidades se dá de forma não intencional, tendo nas emoções um componente fundamental. (AGUIAR e OZELLA, 2006, p 228)

É interessante observarmos como as experiências de vida relatadas pelas alunas revelaram necessidades que foram configuradas em relações familiares e em relações de trabalho. O movimento de escolha da profissão como resultante de uma busca por satisfação pode ser inconsciente, como referem os autores. Mas há clareza para as alunas de que foram essas experiências de vida que as motivaram na escolha do curso. O registro emocionado da fala de cada um dos sujeitos ao narrar essas experiências foi ora de alegria, ora de tristeza, ora embargado. Entendemos, portanto, que as experiências de vida vividas pelas alunas constituem

registros cognitivos e emocionais que se apresentam como razões para a escolha do curso e da profissão.

Entendidas como essenciais nos processos de escolha, as necessidades que emergem das mais variadas relações sociais vão se modificando frente a nossa ação no mundo. É possível compreender, portanto, que na busca de apreensão das razões para a escolha dos cursos abordados nesse trabalho, caminhemos também pelas novas necessidades que se configuraram a partir do início do curso e que se reconfigurarão em todo o seu desenvolvimento. Ao iniciar as aulas nos cursos escolhidos, os sujeitos constituem novas necessidades e novos motivos para sua satisfação com relação à escolha. São postas novas relações sociais, que demandam novas ações em condições históricas e culturais diferentes. Entende-se que os alunos passam a discutir não mais pelas razões da escolha, mas pelas razões da continuidade dos estudos. Desta forma, passaremos dessa categoria, que se ateve à investigação das necessidades do passado dos sujeitos, para categorias que interrogam suas necessidades atuais e suas projeções de futuro. Continuaremos a sequência de análise e discussão com a próxima categoria, *Surpresas no caminho de formação*.

5.2.2 Surpresas no caminho de formação

As surpresas reveladas durante as entrevistas foram marcantes nas falas dos alunos entrevistados. Parecia-nos que as experiências proporcionadas pelo curso estavam além das próprias expectativas dos sujeitos ao escolherem ou iniciarem esta etapa de formação.

Entendemos então, que não estávamos construindo uma categoria de projeção do devir, relativa às expectativas em relação ao curso, tampouco construíamos uma categoria de investigação de motivos, relativa às razões da escolha. Encontrávamos, então, uma categoria que “se colocava entre” as razões e as expectativas, imbricada no curso da formação do aluno, ou seja, na realização do curso, propriamente dita.

Os discursos que nos permitiram organizar essa categoria revelavam que os alunos percebiam suas próprias transformações durante o período de realização do curso. Tais transformações foram creditadas aos estudos, ao aprender, ao praticar.

Ao mesmo tempo em que os sujeitos reconheciam suas transformações, também se surpreendiam por elas. Além disso, a forma de aprender também se revelou surpreendente. O aprender na prática sobressaltou mais como uma surpresa e menos como uma expectativa nos discursos dos sujeitos. Por fim, a atuação profissional dos docentes parece também representar um motivo de surpresa e admiração para os sujeitos. Apresentada a categoria, *Surpresas no caminho da formação*, passaremos agora a discutir sobre as seguintes subcategorias que a constituem:

- Estudar nos transforma e nos surpreende;
- Aprender a fazer;
- O professor como exemplo
- Desafios da EPTNM

5.2.2.1 Estudar nos transforma e nos surpreende

Surpresas e transformações foram relatos comuns nas falas dos sujeitos. Seus discursos atribuem à educação um papel transformador. Nessa ação de estudar, de aprender e ensinar, surpresas se revelaram: a beleza da anatomia, do corpo humano e da fisiologia foi exaltada nos discursos.

Na construção dessa subcategoria, dois significados se aproximaram e se complementaram. O primeiro refere-se à percepção da mudança ao longo do curso e ao entendimento de uma constituição histórica proporcionada pelas experiências de aprendizagem; o segundo refere-se à beleza e à surpresa de aprender. A admiração dos sujeitos em relação àquilo que aprenderam e a como aprenderam ao longo do curso aparece diversas vezes nas falas das entrevistas:

Por exemplo, anatomia, o sistema nervoso chamou muita atenção. É muito lindo! Sistema linfático. Eu não sabia nem que eu tinha linfa. (Nô, grifos nossos)

[...] E na hora que você acaba conhecendo, você se surpreende! [...] Muito. Surpreendido demais. Era uma coisa que eu não esperava. Eu não esperava nem ter a parte teórica [...] Fui totalmente surpreendido pelas matérias e por tudo. (Felipe, grifos nossos)

[...] *Enfermagem, eu descobri que eu gostava, sabe?* (Marília, grifos nossos)

Apreamos que os significados que passaram pela percepção da mudança ao longo do curso e pela surpresa e admiração em relação ao aprender estavam intimamente conectados, e desta forma, constituiriam uma única subcategoria em torno das discussões sobre **transformação** e **surpresa**. Encontramos em Batista (2004, p.61), a seguinte consideração sobre a transformação a partir da aprendizagem:

Identifico, assim, que assumir a complexidade do processo de aprendizagem remete ao reconhecimento da diversidade que caracteriza o aprender [...]. Nesse bojo, engendram-se **as possibilidades de transformação: aprender é, também, poder mudar, agregar, consolidar, romper, manter** conceitos e comportamentos, que vão sendo (re)construídos nas interações sociais. É nesses **movimentos de transformação** que as pessoas vão elaborando suas possibilidades de intervir no mundo, questionando o estabelecido, concordando ou não com as opções coletivas e contribuindo com alternativas de superação. (grifos nossos)

À característica transformadora atribuída aos sujeitos ao “estudar”, implica-se o aprender e o ensinar. As surpresas que o estudar provoca nos alunos originam-se então, como destaca a autora, acima citada das possibilidades de mudar, agregar, consolidar, romper, manter. São os próprios movimentos do processo de ensinar e aprender que os surpreendem e os transformam.

Recorremos a Rios (2010, p. 53) para que possamos entender a beleza e a surpresa de aprender referidas nos discursos e que compõem essa subcategoria. É necessário caracterizar o processo de ensino como uma prática social de construção e reconstrução de conhecimento, uma construção que invoca valores e que só ganha significado numa articulação dialética com o processo de aprendizagem. Portanto, segundo a autora, “é impossível falar de ensino, desvinculado da aprendizagem” (2010, p. 53).

Entendemos, pelos relatos de suas histórias e experiências, que as vivências escolares dos sujeitos entrevistados foram variadas: ora se aproximavam de uma concepção mais dicotômica e tradicional de ensino/aprendizagem, na qual o professor, detentor do conhecimento, o transferia para os alunos; ora se aproximavam de uma concepção mais dialética do processo de ensino-aprendizagem. Ainda segundo Rios (2010, p. 52), nesta última concepção o

professor assume um exercício de mediação, no qual considera os saberes já constituídos dos alunos e os articula a novos saberes e práticas. Essa “forma de estudar” e essa atitude mediadora do professor parecem surpreender e admirar Felipe:

*[...]. Todas aquelas matérias na prática com cada **professor** e a maneira com que foi passada **com os alunos** todas as matérias que tinham na grade, foi muito didático, foi muito bacana. **Não foi uma coisa imposta, você aprender.** Foi uma coisa [...] **vem comigo, vamos que eu te ajudo.** Nesse sentido, os professores... Coisas que a gente não imagina. (Felipe, grifos nossos)*

Considerando que as surpresas do estudar originam-se no próprio processo de ensino-aprendizagem vivido pelos sujeitos em seus caminhos de formação profissional, avançaremos na discussão sobre o significado da transformação no processo de constituição da identidade do aluno.

Assim como o título dessa categoria maior, *as surpresas no caminho da formação* também revelam constituições de identidade promovidas nessa ação, nesse caminhar. Segundo Ciampa trazido por Lane (1987, p. 58-74), identidade é metamorfose, resultado de constante transformação, é múltipla, mutável, contraditória e Una. Por sua característica múltipla, entendemos que a identidade é constituída a partir de nossas relações; por sua característica mutável, validamos os processos de transformação ao longo da vida; por sua característica contraditória, nos revelamos naquilo que ocultamos; por sua característica Una, entendemos a identidade como síntese das demais características.

Entendemos que as escolhas pela profissão e pelo curso de EPTNM pelos sujeitos estão imbricadas em constituições históricas e culturais, portanto em características múltiplas de suas identidades. Entretanto, em processo de formação na EPTNM, os sujeitos se revelam em plena dinâmica de transformação de sua identidade, constituindo-se como os profissionais que desejam ser. Ao escolher pelo curso, o sujeito já projeta um objetivo futuro, o de constituição de sua identidade também a partir de uma profissão. No caso deste trabalho, os objetivos de “ser enfermeiro”, de “ser esteticista”, de “ser massoterapeuta” ou de “ser podólogo”, se constroem pelo caminho da formação e da transformação do aluno em profissional. Uma fala que marca a consciência da transformação na construção da identidade

profissional é proferida por Nô: “**Quando eu entrei, eu era outra pessoa**” (grifos nossos).

Entendemos assim, que ao escolher suas profissões e realizar os cursos de formação correspondentes, os sujeitos se colocam, simultaneamente, como personagens e como narradores de suas próprias histórias de formação e/ou profissionalização. Surpreende também a esses sujeitos a possibilidade de aprender fazendo, a partir de uma postura mais autônoma e mais próxima da realidade profissional. Essa *nova forma* de aprender revela-se um importante instrumento de transformação não apenas das identidades dos sujeitos, como também da realidade. A partir daqui novos significados são agrupados na construção de uma segunda subcategoria, que também revela surpresas no caminho da formação dos alunos: a possibilidade de aprender na prática.

5.2.2.2 Aprender a Fazer

Aprender a fazer é um dos pilares ou finalidades essenciais para a educação do Século XXI, segundo o Relatório Delors. Organizado por Jacques Delors, o relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI da UNESCO, cujo título é *Educação: um tesouro a descobrir*, faz recomendações para os novos rumos da educação, e em especial para o ensino médio. Conhecido como Relatório Delors, o documento orienta *a educação ao longo da vida* como conceito que permite, dentre os seus objetivos, ampliar as possibilidades de formação associadas às exigências da vida profissional (DELORS, 2010).

Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a conviver e Aprender a ser integram os quatro pilares da educação ao longo da vida, uma noção de aprendizagem que permite, segundo seus orientadores, que todos possam estudar, em qualquer fase da vida, atendendo a diferentes necessidades de formação. Delors (2010, p.12) defende que a *Educação do Século XXI*, baseada nos quatro pilares propostos, é uma alternativa para se avançar na composição de currículos para além dos conteúdos tradicionais.

Integrados, os pilares apresentados no Relatório Delors se propõem a favorecer o desenvolvimento intelectual (*Aprender a conhecer*), permitir a mobilização de recursos para o desenvolvimento de técnicas (*Aprender a fazer*),

reconhecer o aprendizado como um processo construído coletivamente, em sociedade e em um tempo histórico específico (*Aprender a conviver*), sendo capaz de articular atitudes e valores para o desenvolvimento sustentável da sociedade (*Aprender a ser*).

Küller (2016, p. 72), ao discutir sobre os quatro pilares propostos por Delors, destaca o *Aprender a fazer* como o “objetivo essencial de aprendizagem, diretamente ligado à educação profissional”. Embora distantes das discussões pedagógicas que cerceiam as metodologias de ensino e suas bases epistemológicas, os sujeitos dessa pesquisa expressam suas percepções sobre o *Aprender a fazer* e sua importância na escolha do curso de EPTNM, e se surpreendem com as possibilidades de aprender fazendo, como podemos acompanhar pela fala de Marília: **“Quando começou as práticas, eu comecei a gostar. Quando eles começaram a explicar o jeito que era no hospital... Nossa, eu não vejo a hora de trabalhar e ver. Quem sabe, quando eu terminar, né?”** (Marília, grifos nossos).

Em consonância com os pilares da educação, propostos no relatório da UNESCO, orienta-se o modelo educacional do SENAC-SP. Alinhado com a prática educativa da instituição, que se evidencia em sua *Proposta Pedagógica*, o modelo educacional do SENAC-SP prioriza uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem, na qual o aluno é protagonista de sua formação. Para o SENAC-SP, a educação é uma ação intencional e política:

Educar é uma ação intencional e política. Possibilita ao indivíduo o desenvolvimento de competências, fundamentado em conhecimentos científicos e tecnológicos, **aprendendo a conhecer, viver, conviver, agir e transformar sua vida e sua prática social, e a participar da sua comunidade**. Uma educação participativa e de qualidade deverá ser capaz de gerar ferramentas para que as pessoas possam:

- ampliar a visão crítica de mundo;
- participar da vida pública;
- defender seus direitos e ampliá-los;
- inserir-se e permanecer no mundo do trabalho, com desempenho de qualidade e com empreendedorismo;
- assumir responsabilidade social, com desempenho ético, de preservação do meio ambiente e de atenção à saúde individual e coletiva. (SENAC, 2005, p. 5, grifos nossos)

Comprometendo-se, então com os objetivos de uma educação participativa e de qualidade o modelo educacional do SENAC -SP afasta-se de um modelo

baseado em disciplinas e se propõe ao desenvolvimento de competências, no qual *Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a conviver e Aprender a ser* se integram e se articulam. O conceito de *Competência* que atualmente figura nos cursos de EPTNM em todo Departamento Nacional do SENAC propõe que competência é “Ação/fazer profissional observável, potencialmente criativo, que articula conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e permite o desenvolvimento contínuo”. (SENAC, 2015a, p. 12)

Um dos autores que corroboram para a validação do conceito de competência operacional, utilizado pelo SENAC, é Philippe Perrenoud. Este autor propõe o uso de competências como um meio eficaz para a solução de situações-problema, análogas às vividas no cotidiano profissional. Assim, mobilizar competências para a solução de um problema real da prática profissional refere-se a mobilizar saberes, capacidades, atitudes, informações e valores que, articulados, promovem a aprendizagem necessária à prática profissional. O autor define a competência como a “Capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles” (1999, p. 7). A fala de Rapha aproxima-se dessa definição e mostra uma valorização pelo *Aprender a fazer*, competência que ela refere como uma experiência proporcionada pelo curso:

Eu vou aprender muito mais no curso, ele vai me dar a mesma matéria, ele vai me ensinar a mesma coisa, mas só que eu vou estar fazendo. Então, pra mim é muito melhor eu estar aprendendo fazendo, porque eu vou sair de lá pronta pra exercer aquilo do que eu ficar estudando quatro, cinco, seis anos, pra depois começar a tentar a experiência. (Rapha, grifos nossos)

Referido nos Pareceres CNE/CEB n. 16/1999 e CNE/CEB n.11/2012, o uso das competências na educação profissional requer uma superação de paradigmas pedagógicos nos quais se pressupõe que a teoria precede a prática. Essa dicotomia teoria/prática, que acompanha as concepções pedagógicas mais tradicionais, parece acompanhar também o entendimento dos sujeitos de nossa pesquisa no que se refere ao desenvolvimento de técnicas. Foi comum aos discursos a referência às atividades **práticas**, à **prática** profissional, à possibilidade de **aprender na prática**. Provavelmente, estamos diante (mais uma vez) de um resquício histórico de um modo hegemônico de classificar os saberes humanos em teoria/prática, que atribui à

Educação Profissional a característica de formação para a execução de atividades meramente manuais, operacionais e, portanto, práticas.

*Na parte do curso, eu ainda estou na **teoria**, né? Então, eu ainda não entendo na parte **prática**. Mas, um pouco do **prático** que eu recebi ontem, eu acho que o que é importante pra mim é essa... [...] (Rafaela, grifos nossos)*

*Então, para mim, o meu retorno vai ser muito maior, muito melhor num curso SENAC, que eu estou fazendo **prática**, que eu aprendo **teoria** e vou para a **prática** do que em um lugar que eu estou vendo só **teoria** e não tem **prática**. (Rapha, grifos nossos)*

Ajuda-nos Barato (2006) a abandonar esse pensamento hegemônico, ao afirmar que:

1. Teoria e prática são categorias inadequadas para explicar a natureza do saber humano;
2. Para melhor entender a aprendizagem humana, é preciso contar com uma taxonomia do conhecimento que não reduza os conteúdos do saber àquilo que normalmente chamamos de teoria;
3. Saber fazer, ou, melhor ainda, fazer-saber, é uma dimensão epistêmica, com *status* próprio e não se funda numa suposta teoria;
4. As dinâmicas do fazer-saber mostram um estruturar de conhecimentos cuja natureza requer, em termos de aprendizagem, enfoques ou estratégias específicas. (BARATO, 2006, p.15)

Na EPTNM, assim como o próprio nome indica, há uma centralidade no desenvolvimento do ensino de **técnicas**, que segundo o autor supracitado, possuem *status* epistêmico próprio, cuja origem e fundamento é a própria ação, e não um pensar que a precede. Portanto, como um tipo particular de conhecimento, a técnica não pode ser reduzida à prática. Não, ao referir-se ao uso de instrumentos, aplicados na transformação de uma realidade, refere-se ao conhecimento técnico, que a engaja num saber-fazer admirável e surpreendente:

*[...]. Eu não sabia que tinha um **instrumento** específico pra usar. Depois que eu **vi aqueles bisturis lindos fazer milagres...nossa! Me apaixonei.***
[...]

*Que eu aprendi na prática? [...] O principal. Não pode tirar a cutícula, porque ela é a proteção das nossas unhas, né? **Eu aprendi também a cuidar mais do pé diabético**, apesar que tem que fazer um curso de especialização, né? **Nossa, gente, eu aprendi tanta coisa no curso.** (Nô, grifos nossos)*

É importante, porém, que registremos aqui o desafio posto aos docentes dedicados à Educação Profissional, pela necessidade de marcar cada vez mais esse

status próprio da técnica, no qual os saberes do fazer são tão ou mais exigentes que os saberes do saber (Barato, 2006). Ainda que a superação da dicotomia teoria/prática não tenha se concretizado nos discursos dos sujeitos, os saberes do fazer parecem ser valorizados. Na fala de Felipe percebemos que há um fracasso e uma confusão em tentar explicar o *Saber fazer* pela dicotomia teoria/prática, o que não faz desse saber menos importante para ele:

*A gente, principalmente tem que **viver a teoria na prática**. Antes de cortar a primeira unha, a gente tem que entender tudo. **A teoria daquilo é muito forte. E a gente só vai colocar realmente a teoria na prática, na prática.** Parece bobo de falar, mas tem gente que quer por a **prática na frente da teoria**, mas isso não acontece. E os que fazem até hoje não conseguem, por não saberem mesmo, por não terem conhecimento sobre aquilo que estão fazendo. Não é simplesmente você copiar o que está sendo feito. Tem um por quê daquilo. [...]* (Felipe, grifos nossos)

Talvez Felipe não tenha a apreensão das teorias de aprendizagem e suas aplicações na Educação Profissional, contudo, ao relatar sobre a sua ação profissional, especificamente a ação “cortar unha”, o aluno nos dá um exemplo fiel da prática reflexiva, conforme proposta por Donald Schön (1992). O autor, que defende “o ensino prático reflexivo como um elemento-chave da educação profissional” (1992, p. 25) também propõe uma nova abordagem epistemológica do saber técnico a partir da reflexão-na-ação, da reflexão-sobre-a-ação e da reflexão sobre a reflexão-na-ação. Nesta última possibilidade de prática reflexiva, o sujeito realiza uma análise, *a posteriori*, sobre a sua própria ação, e a partir daí recorre a instrumentos objetivos e subjetivos que possam aprimorá-la, ou transformá-la. Esse movimento de ação-reflexão-ação, que se concretiza na fala de Felipe, evidencia um movimento a partir do qual a competência é desenvolvida, um movimento que parte da ação para, depois de uma reflexão sobre ela, a ela retornar de uma nova forma. Após refletir sobre a ação “cortar a unha”, Felipe produz a última ação, diferente e mais elaborada que a primeira a partir da reflexão sobre ela.

De uma publicação do próprio SENAC, que fundamenta o uso de competências pela instituição na Educação Profissional (2015a), extraímos o seguinte trecho, o qual também recorre à prática reflexiva como prática pedagógica da EPTNM. Isso nos auxilia a compreender como o modelo reflexivo proposto por Donald Schön contribui para o conhecimento de técnicas:

Em outras palavras, significa que a prática pedagógica, sustentada pela tríade da ação-reflexão-ação, deve trazer à materialização, a todo tempo, um fazer profissional observável, potencialmente criativo. Para tanto, é necessário que articule conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de forma a permitir o seu desenvolvimento contínuo. (SENAC, 2015a),

A subcategoria *Aprender a fazer* foi construída a partir de discursos que expressaram uma valorização da prática, aqui entendida como valorização do ensino de técnicas. Muito apegados a um discurso tradicional, que insistiu em separar teoria e prática, os sujeitos ainda assim nos revelavam a prática reflexiva na aprendizagem de técnicas durante o curso. A dinâmica reflexão-ação-reflexão está presente na fala de Rapha:

*Então, você está entendendo o que está acontecendo ali. **Você consegue entender a teoria e a prática e você está vendo o que está acontecendo. Você vê o resultado. E você vê também o resultado interior, porque você estudou o que acontece ali.*** (Rapha, grifos nossos)

A prática reflexiva, para a Educação Profissional, exige uma unidade dialética, que se dá na reflexão constante sobre a prática. Trata-se de uma unidade dinâmica, na qual a ação do sujeito no mundo permite a ele desenvolver-se e transformar a realidade, o que se traduz na *práxis*. (SCHMITT, 2011)

Além disso, constituintes sociais, históricos e culturais envolvem a ação educativa. Nesse sentido, a abordagem de um *professor reflexivo* pode favorecer a *práxis*, como um elemento transformador do cotidiano educativo. Como nos lembra Freire (1987, p.39), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Numa proposta reflexiva, abordagens mais tradicionais que centralizam o conhecimento no professor e dicotomizam teoria/prática perdem força. Fortalecem-se assim relações sociais que envolvem valores, crenças e culturas entre todos sujeitos envolvidos na ação educativa.

Nesse trabalho, *Aprender a fazer* é uma subcategoria que integra uma dimensão maior, que por sua vez revela as surpresas vividas pelos sujeitos durante o período de formação. Numa constituição de vida do sujeito que se dá no diálogo consigo mesmo e com o mundo, a próxima subcategoria aborda com mais proximidade a específica relação dos sujeitos com seus professores.

5.2.2.3 O professor como exemplo

No intuito de investigar elementos específicos que pudessem ter influenciado a escolha pela educação profissional, especialmente na área da Saúde e Bem-estar, buscamos pistas nas falas dos sujeitos que nos revelassem alguma proximidade com a profissão. Procurávamos por relações sociais e constituições históricas da vida desses alunos que pudessem mostrar se a escolha profissional teria partido de algum tipo de identificação. No decorrer das entrevistas, comumente questionávamos sobre relações sociais, principalmente com profissionais da área ou da profissão escolhida. Embora alguns alunos tenham reportado conhecer profissionais da área que lhes apresentaram a profissão, quando indagados sobre exemplos que gostariam de seguir, em sua formação e em sua vida profissional, os sujeitos referiram-se a seus professores.

Entendemos, então, que os sujeitos atribuem aos professores um papel que complementa o da ação pedagógica: o papel de exemplo profissional para seus alunos. Quando as falas expressavam a relação aluno-professor denotavam emoção, revelavam carinho, consideração, respeito, valorização e admiração pelo docente: “[...] *Ela ensinou muito pra gente. Por exemplo, como tratar o paciente, saber da higiene, do seu local de trabalho, o que você pode falar, o que você não pode falar. É muito bom, gente!*” (Nô, grifos nossos).

Ronca (2007, p.54), na obra *Docência e Ad-miração (da imitação à autonomia)*, dedicou-se à reflexão sobre o papel do professor na constituição da identidade do aluno. Para a autora, entender a “complexa relação mestre-educando” passa, obrigatoriamente, pela reflexão crítica do processo de ensino-aprendizagem como um processo de construção dialética do conhecimento. O aluno entende as experiências profissionais do professor como exemplos e, mediado pela ação do docente, a projeta em uma ação futura. Nesse sentido recorreremos à fala de Felipe:

*Eu tomo ela como **exemplo** de modo geral pra vida, **as coisas que ela vivenciou no hospital**, nos plantões que ela tinha e passa pra gente na sala. **Foge da nossa área, mas não quer dizer que não existam coisas similares, que nós vamos passar.*** (Felipe, grifos nossos)

Podemos dizer, então, que há características da ação profissional dos docentes que são entendidas como importantes pelos alunos e que são constituintes

da identidade dos sujeitos como futuros profissionais da área. Semelhante à descrição dada por Marília, é na tentativa de imitar o docente que o sujeito constitui a própria *práxis*: “Com certeza. Até no estágio mesmo, eu estava pensando... Nossa, tem que pensar... **Se fosse o professor, o que ele faria? No estágio mesmo, eu já estou tomando eles como exemplo.**”

Mas devemos cuidar para não atribuímos às ações do professor uma condição reducionista de exemplos a serem meramente “copiados”. Nessa perspectiva, de uma atividade humana limitada, a ação profissional do docente pode ser encarada apenas como um exemplo de reprodução sistemática e estéril em autoria. Argumentos de Vigotski, trazidos por Ronca (2007, p. 58), nos ajudam a superar essa perspectiva:

Toda atividade humana que não se limita a reproduzir marcas ou impressões vividas, mas que crie novas imagens, novas ações, pertence [...] a função criadora ou combinadora. O cérebro não se limita a ser um órgão capaz de conservar ou reproduzir nossas experiências passadas, é também um órgão combinador, criador, capaz de reelaborar e criar com elementos de experiências passadas novas formas e delineamentos.

Como encontramos em Ronca (2007, p.24), no processo de construção da identidade os sujeitos desconstróem seus modelos já selecionados e os reconstróem internamente, de forma que um processo ininterrupto de desconstrução e reconstituição de modelos internalizados é instalado. A mesma autora nos afirma que “os verdadeiros mestres são aqueles que instigam a curiosidade de seus discípulos e os impulsionam a caminhar na direção da construção de sua autonomia, de sua autoria pelo uso da criatividade” (2007, p. 127). Parece haver um entendimento dessa superação da imitação na construção da autonomia: “**Não é simplesmente você copiar o que está sendo feito. Tem um porquê daquilo. E aqui é lindo você copiar um professor fazendo na prática, mas e fora daqui? Você não vai ter como copiar. Você é o professor.**” (Felipe, grifos nossos).

Fica claro para Felipe que a imitação é um recurso para seu aprendizado, mas que deverá ser internalizado por ele, a partir dos exemplos de seus professores. A atuação do docente como exemplo confere autoria à ação do aluno que, após formado, “*não terá como copiar*”, assim como também confere autonomia, o que se evidencia na fala do aluno “[...] *fora daqui ? [...]. Você é o professor.*”.

Portanto, os professores exercem uma função muito importante, como exemplos que são, na tarefa de desconstruir e reconstruir a identidade do profissional que seus alunos desejam ser. Dizemos os professores, no plural, pois assim como nos explica Ronca (2007, p. 24), “[...] um único mestre-modelo não é suficiente para dar conta de todas as nossas dimensões pessoais [...]”.

Por conseguinte, ao internalizar o exemplo do docente e suas ações profissionais como modelos para sua constituição como profissional, o aluno modifica o conteúdo já elaborado e garante autoria à própria ação, neste caso a ação profissional (Vigotski, 2007). Recorremos a uma fala de Nô:

*Aí a professora falou: “Tem alguma coisa.” “Não, pro, eu já tirei”. “Se está sangrando é porque tem”. Pra mim, se estava sangrando era porque a pessoa tinha machucado, né? Realmente tinha unha ali dentro, realmente tinha unha ali dentro. Então, eu acho que é uma experiência a mais, porque e se eu tivesse saído daqui sem aprender isso? Talvez o paciente ia chegar pra mim, ia ficar sangrando lá e...meu Deus, o que eu vou fazer, né? Então, são exemplos que eu vou levar. Por exemplo, esse **profissionalismo** da Adriana. **Ela ensinou muito pra gente.** (Nô, grifos nossos)*

Nô revela a *experiência* vivida na ação técnica, propriamente dita, não só como uma situação de aprendizado surpreendente, mas como uma situação na qual o exemplo da docente foi essencial para que o aprendizado se desse. Nota-se que a qualidade revelada pela aluna ao se referir à ação mediadora da professora, nessa situação de ensino-aprendizagem, foi o *profissionalismo*, devidamente internalizado por Nô que nos afirma ser esse um dos exemplos que levará para a vida.

Se “identidade é metamorfose”, como afirma Ciampa (1997), as transformações sentidas pelos sujeitos durante o curso se relacionam com a constituição de suas identidades. O papel do professor e suas características identitárias são extremamente importantes na constituição da identidade do aluno. É pela associação identitária com o professor que o aluno pode desenvolver papéis importantes em seus círculos sociais e não apenas na escola. O aluno que se associa ao professor prestativo, organizado e pontual, buscará em si o aluno prestativo, organizado e pontual. Futuramente, o aluno com tais características identitárias será o enfermeiro, ou esteticista, ou massoterapeuta, ou podólogo admirado por tais características.

Os professores só se constituirão professores no momento em que seus alunos os constituírem. Não há professores sem alunos, assim como não há

educação sem exemplos. Isso marca a fala de Manuela: “*A Maria, **eu quero ser ela quando crescer, sabe? Porque a Maria é uma pessoa muito experiente, além de ser uma pessoa maravilhosa. Eu fico pensando: no lugar dela, eu já tinha dados uns cinco berros no laboratório.***” (Manuela, grifos nossos).

Se uma das surpresas ao longo da formação é a identificação do aluno com os exemplos de seus professores, podemos dizer que é a admiração pelo docente que o surpreende enquanto aluno. Para finalizar essa subcategoria, recorre-se novamente a Ronca (2007, p.24) que utiliza a expressão ad-miração para revelar seu sentimento por seus docentes, na qual o sufixo *ad* significa em direção a, aproximação:

Nunca os considere apenas como sujeitos **ad-miráveis**, porque se assim o fosse, por um lado, eu os transformaria em seres a serem copiados e, por outro, dada a impossibilidade da cópia fiel, em modelos inatingíveis. Além disso, eu teria sobre eles apenas a uma opinião superficial, ao passo que, se eu os vejo como pessoas que **ad-miro**, isso implica adentrar cada vez mais no íntimo de cada um, ou seja, penetrar neles como sujeitos, percebê-los e, apercebendo-os, atingir sua inteligibilidade e como consequência estabelecer a comunicabilidade com eles. (grifos da autora)

Parece-nos que sentimento semelhante também é experimentado por Felipe, ao expressar sua ad-miração pela professora Adriana:

*A Adriana, sem dúvida alguma. É **uma professora, um exemplo, uma mãezona pra sala. Ela é uma das que fala: vem comigo que eu te ajudo. Em todos os aspectos. Ela é uma pessoa que você não quer só como professora...** Não por nenhum interesse, mas você quer como amiga, porque realmente ela não se limita a te ensinar. Se você tem alguma dúvida, no final de semana, por exemplo... Olha, se você quiser, vem no meu consultório e eu te explico. Eu acho que isso é bacana, eu acho que isso **não é fácil de se encontrar.** Não generalizando todos, claro, mas **um professor que te ensine, mesmo em um dia que não tenha aula, principalmente no final de semana.***(Felipe, grifos nossos)

Além das gratas surpresas com relação ao curso, como a ad-miração dos alunos pelos seus professores, uma perspectiva mais desafiadora também surpreende os sujeitos no seu caminho de formação, são desafios cotidianos, que influenciam diretamente a realização do curso e o processo de ensino-aprendizagem e que, infelizmente, pode por em cheque o projeto de formação em curso. São sobre esses desafios que discutiremos a próxima subcategoria, *Desafios da EPTNM*.

5.2.2.4 Desafios da EPTNM

A iminência da necessidade de trabalho, por vezes precoce, a sobrecarga de uma rotina de trabalho e estudos concomitantes, além das condições precárias de mobilidade e das dificuldades financeiras apareciam como grandes desafios para os sujeitos desse trabalho. Diferente das subcategorias anteriores, que destacavam os pontos considerados surpreendentes em relação ao curso e que estavam associados a situações e emoções positivas, essa subcategoria aborda eventos surpreendentes, porém não tão positivos, que se mostraram como dificultadores e, em alguns discursos, impeditivos para a realização do curso. Reflexos do cotidiano dos jovens, sobressaíram-se nos discursos falas sobre superações diárias, relativas a mobilidade no trajeto entre escola e casa ou escola, casa e trabalho. Falas que significavam a condição determinante da bolsa de estudos para a condução do curso também deram significado para essa subcategoria.

Como já apontamos na categoria *Razões para a escolha*, é comum a necessidade de trabalho precoce pelos alunos da EPTNM. A escolha do curso pode, inclusive, se dar em função de uma necessidade profissional que acontece antes da escolha pela profissão em si. Além disso, ainda estamos diante de um limitador social que é referido pelos sujeitos: a possibilidade de iniciar ou de se manter no curso depende diretamente da condição financeira do aluno. Sendo esse aporte financeiro garantido pelo trabalho da maioria dos alunos, situações de desemprego ameaçam sobremaneira o plano de formação profissional, como podemos acompanhar nas falas dos sujeitos:

E o meu marido também estava desempregado. No último mês de seguro desemprego, quando eu estava começando o curso, ele foi mandado embora. Então, ficaram os dois desempregados. E a gente ficou desempregado por um bom tempo. Os dois. Foi bem complexo essa fase. (Felipe)

Adri é o seguinte: o meu pai não está trabalhando, eu também não, ninguém lá em casa está trabalhando... São seis pessoas. Então, não dá mais, eu não vou mais fazer o curso. (Nô)

É importante ressaltar que a Política de Concessão de Bolsas de estudo da instituição prevê tanto a concessão integral como a concessão parcial das bolsas de estudo. Em sua maioria, as bolsas da modalidade integral são concedidas pelo PSG,

programa de gratuidade que apresentamos no capítulo *Senac São Paulo*. Para se candidatar a uma bolsa de estudos, o interessado deve atender a pré-requisitos que constam da política de bolsas da instituição como renda bruta familiar *per capita* de até dois salários mínimos federais e não ter abandonado curso no SENAC-SP como bolsista nos últimos dois anos. As concessões não são cumulativas, assim o interessado só pode se matricular como bolsista em um único curso por período de realização. Entre os sujeitos dessa pesquisa, apenas um deles não estudava com o auxílio de bolsas de estudos e, dentre os que a recebiam, apenas um deles não fora contemplado com a bolsa na modalidade integral. Partindo dessa perspectiva, a instituição assume o critério econômico como o determinante para a concessão da bolsa. Além disso, considera-se também, uma ordem temporal de solicitação pelos interessados via site, dois meses antes do início do curso. Exceções são dadas a interessados que declarem não possuir meios próprios de inclusão digital e alguns casos de deficiência física e/ou intelectual que não o permitam proceder com a inscrição. Nestes casos, o interesse e a inscrição para o processo de bolsas é orientado e executado no setor de atendimento da instituição. (SENAC, 2012). Ser contemplado com a bolsa de estudos pode determinar a possibilidade de estudar em alguns casos, como referem Rafaela e Felipe:

*[...] Que eu fiz a inscrição, que eu **consegui a bolsa** aqui pelo Senac. Foi um **incentivo maior** ainda. Porque eu estou **desempregada** no momento. [...] Eu tive essa **oportunidade** de ter a bolsa, 100%. Aí eu falei: eu vou arriscar!. (Rafaela)*

*Eu ganhei bolsa, **eu sou bolsista**. Se eu não fosse bolsista, esse curso **teria parado**. Eu não teria condição de pagar mesmo. (Felipe)*

Os discursos dos sujeitos revelam que há outros determinantes que se articulam com os desafios financeiros enfrentados pelos alunos durante o curso. Parece-nos que a organização familiar é um desses determinantes, como na fala de Sophia S. que sem o apoio dos pais e da avó não conseguiria conciliar a vida de estudos com seu papel de mãe:

Sim! Correria... Quando minha mãe vai trabalhar, tenho que arrumar minha filha, deixar ela com a minha vó, na casa da minha vó, e vir para o curso. Aí tenho de vir para o curso e estudar, é corrido. (Sophia S.)

São condicionantes que encontramos também na fala de Nô, que pediu uma análise excepcional para bolsa de estudos e foi contemplada:

Foi uns dois meses depois. Eu ainda fiquei devendo a primeira e a segunda parcela. Consegui quitar. [...] Aí a assistente social passou o link pra fazer o bilhete único. Que era o de graça, né? Que a gente ia e voltava. Aí eu consegui também o bilhete único. E, graças a Deus está tudo certo. Uma coisa atrás da outra, né? Eu consegui fazer tudo. Tudo o que eu queria. E aí eu fiquei dividida mais por causa do dinheiro mesmo, da condução. Porque eu não tenho certeza se os meus pais vão poder me dar isso. E eu não vou pedir uma coisa que eu sei que eles não vão poder pagar, porque qual é o pai que não quer ver o filho feliz? Eu sei que eles não têm condições e eu não vou ficar empurrando eles na parede.(Nô)

O fato de residir em outra cidade trouxe dúvidas à Nô em continuar o curso. Os custos com o transporte também eram condicionantes financeiros para os estudos da aluna que só conseguiu continuar a formação em função do benefício social recebido para o transporte de estudantes. É sensível que, além de garantir a continuidade nos estudos, a bolsa de estudos tem a missão de permitir ao aluno projetar novas oportunidades em sua vida, de permiti-lo sonhar. Além disso, o curso pode proporcionar situações de emprego que permitam a sustentabilidade financeira do aluno e, em muitas vezes, como vimos nos dados apresentados, a sustentabilidade de toda a sua família.

Entretanto, é necessário que possamos sempre superar a visão do desafio financeiro na vida de um aluno como um desafio único e estático. Ele se situa entre os condicionantes desafiadores que são muitos, principalmente na missão de conciliar trabalho e estudos e figurar em papéis que vão além de seu papel enquanto estudante. Assim como é claro para Sophia seu papel de mãe, expresso em sua fala anterior, também é para Marília a importância do seu papel como filha, que a levou a mudar de casa e de cidade e que fez com que sua rotina de estudos se tornasse ainda mais desafiadora:

Eu moro em Franco da Rocha. Eu morava em São Paulo, mas aí eu mudei pra cá.[...] A minha mãe ficava sozinha aqui e eu morava com a minha avó. Aí eu acabei saindo do serviço e vim morar com os meus pais, porque eu não queria deixar a minha mãe sozinha.(Marília)

Na continuidade da entrevista, Marília aponta as dificuldades de mobilidade no trajeto entre a escola e sua casa:

Umás seis e meia. Porque até a minha casa tem um caminho enorme de barro, né? Se eu subir de carro que, às vezes, o meu irmão busca, eu chego em casa umas seis e meia. Mas, se eu não subir de carro, eu chego em casa sete horas, sete e dez. (Marília)

Ao descrever sua rotina diária entre o curso e sua casa, Marília destaca um desafio que vai além do educacional. Embora todos os sujeitos estudem em Jundiaí, cidade de IDH considerado “muito alto”, como já descrevemos nas informações sobre a instituição campo de pesquisa, e residam nessa cidade em cidades vizinhas, os discursos revelam que a precária mobilidade urbana é um dificultador em suas vidas de estudos e, mais ainda, na conciliação de estudos e trabalho. Trata-se, como já dissemos de um condicionante que vai além do processo de ensino e aprendizagem, e que esbarra, por exemplo, em políticas públicas de mobilidade urbana adotadas por estados e municípios ao longo de suas histórias.

Nô também revela que além de custoso, o transporte público não é uma forma ágil de locomoção entre a escola e sua residência, de forma que a possibilidade de carona compartilhada é quase um alento, ao adiantar a sua chegada em casa:

[...] Por exemplo, eu estou aqui, mas a minha mãe está lá: “Nossa, a minha filha não chega”. Dá o horário...Caieiras é muito longe daqui. [...] Agora eu estou indo de carona, mas eu chegava 1h40 em casa por causa da condução. Eu tinha que pegar ônibus aqui, eu tinha que pegar trem, né? Dois trens aqui, um ônibus lá. (Nô)

Embora desafiadora, a EPTNM traz em si uma importante missão. Forma para o trabalho tendo nele um princípio formativo. Uma expectativa muito importante com relação a essa formação reside principalmente no ingresso no mundo do trabalho e nas suas características de empregabilidade, muito embora não se limitem a ela. Uma visão não linear das expectativas em relação à EPTNM nos permite enxergar acessar as projeções dos sujeitos que vão além do formar-se unicamente para ter um trabalho ou emprego. Reunidas essas projeções nos permitiram a construção da terceira categoria desse trabalho, na qual o projeto de formação situa-se entre vários projetos de um sonho de vida maior, sobre o qual falaremos na sequência.

5.2.3 Projeto de formação está contido no projeto de vida.

A terceira última categoria que construímos nessa análise traz em seus significados as expectativas e os sonhos de futuro dos jovens entrevistados. Ressaltam-se nas falas o desejo de empreender e a continuidade dos estudos para formação, como uma necessidade de construção da profissão. As subcategorias que analisaremos a seguir destacam a complementariedade dos estudos ao longo da vida, como uma trajetória de formação profissional. Parece-nos importante destacar a subcategoria *formar-se com o objetivo de ajudar à família* que se constitui uma expectativa na fala dos sujeitos, mas que nos remete à primeira subcategoria discutida neste trabalho: *a possibilidade de ajudar*.

Sem perder de vista a totalidade que essa categoria representa, esclarecem-se a dimensão e a importância da formação profissional para esses jovens. Uma vez que o projeto de formação está contido no projeto de vida, amplia-se o valor heurístico da categoria: muitas vezes, o projeto de vida estabelece uma relação de dependência com o projeto de formação. Cuidar para que possamos garantir a formação crítica e cidadã de profissionais da EPTNM revela a responsabilidade de se prover formação, empregabilidade e constituição profissional do sujeito no atendimento das suas necessidades. Revela o comprometimento com a formação de uma sociedade mais equitativa, onde de fato, as trajetórias de formação e profissionalização passam não apenas pelo acaso, pela posição social ou pela necessidade financeira dos indivíduos, mas pela escolha consciente da profissão, constituída em uma relação dialética entre planos e expectativas de profissionalização e projetos de vida.

5.2.3.1 A garantia do emprego após a formação.

A oferta de trabalho e emprego depende da forma como se estrutura o mercado de trabalho e os meios de produção, além de políticas regulatórias em relação à economia e ao mercado de trabalho. A oferta ou a realização de um curso na EPTNM, portanto, não garante o emprego ao seu final. Contudo, é percebido nos discursos dos alunos que a formação técnica parece favorecer a entrada no mercado de trabalho. Esses discursos, trazem em si dois significados que

consideramos mais contundentes para a elaboração dessa subcategoria: o desejo de empreender e a possibilidade de formação em curto prazo. Há sinais nos discursos abaixo que nos remetem a ambos:

Eu estou assim, querendo já terminar pra poder começar, né, já a trabalhar na área. Assim, se eu puder, né? Se eu conseguir (Risos). (Nô, grifos nossos)

*Quando eu fiz dezessete anos, que eu terminei o médio, aí eu falei: agora, eu preciso ir pra algum canto. Faculdade, né? Aí eu **comecei o curso de administração, pensando na Podologia, né? Porque eu queria ter o meu próprio negócio.** [...] Eu fiz Administração pensando na Podologia já, entendeu? Porque eu sabia que eu ia usar aqui. Eu gostei por causa da aula do Kleber, que tem que usar e tal, **empreendedorismo, né?** (Nô, grifos nossos)*

*Então, pra mim é muito melhor eu estar aprendendo, fazendo, porque eu vou sair de lá **pronta pra exercer aquilo do que eu ficar estudando quatro, cinco, seis anos, pra depois começar a tentar a experiência.** (Rapha, grifos nossos)*

Então, talvez assim cursando e trabalhando em local fora, eu não sei se eu vou conseguir, mas eu acho que de poder atender por conta, a minha expectativa é que sim. Eu pretendo estar trabalhando antes de terminar o curso. (Rafaela, grifos nossos)

*Eu quero ter o técnico, eu gostei muito, mas só que eu pretendo trabalhar e depois fazer **a faculdade** dos meus sonhos, sabe. (Marília, grifos nossos)*

Podemos dizer que essa subcategoria se relaciona com as demais na medida em que: a necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho figura como uma razão para a escolha da EPTNM; conciliação entre a rotina de trabalho e a rotina de estudos é tida como uma superação pelos sujeitos e reflete uma expectativa nutrida com relação ao curso.

Assim como nos lembra Frigotto (2004), a ausência de políticas públicas para o primeiro emprego em nosso país pode ser um dos fatores que tanto pressionam os jovens para a entrada no mercado de trabalho. Por consequência, a EPTNM é valorizada por sua duração que “encurta” o período de formação e o início no mercado de trabalho, principalmente quando comparado à formação na educação superior. Acrescentam-se a essas questões uma insegurança em relação a inserção produtiva. Além disso, alterações dos meios de produção, como já discutidos no capítulo de introdução desse trabalho, promovem um incentivo à ação empreendedora, como uma alternativa de entrada no mercado de trabalho. Costa (2004) destaca que a EPTNM deve valorizar uma atitude proativa e construtiva

diante do trabalho e diante da vida, na qual o empreendedorismo se pauta em três dimensões do desenvolvimento da vida dos jovens: uma dimensão pessoal, de formação para a autonomia, uma dimensão social, na formação do jovem solidário e uma dimensão produtiva, na formação de um jovem competente. Segundo esse autor, esse novo ponto de vista marca a transição do conceito de emprego para empregabilidade, que acompanha a educação profissional, tendo o trabalho como um princípio educativo.

5.2.3.2 A trajetória e a continuidade dos estudos

A continuidade dos estudos aparece quase como uma certeza na fala dos alunos. Essa necessidade de dar progressão a trajetória de formação acontece por motivos que vão da satisfação inerente do processo de ensino-aprendizagem à necessidade de acompanhar as constantes mudanças do mundo do trabalho. Também já sinaliza a constituição de uma característica de autonomia na qual os sujeitos começam a traçar, por si, seus itinerários de formação.

*E agora eu quero. **Eu quero fazer alguns cursos a parte.** Eu quero fazer, por exemplo, laser. Eu quero fazer curso de palmilhas. [...] Mas, eu quero procurar pra me especializar em algumas áreas. Especialização em pé diabético. Tudo em volta da Podologia. **E se um dia eu voltasse a fazer Fisioterapia seria pra Podologia também.** Não mais com o intuito que eu tinha antes. (Felipe, grifos nossos)*

Não podemos deixar de ressaltar um aspecto importante, presente na fala anterior de Felipe e que surge na construção dessa subcategoria que parece quebrar um modelo no qual a Educação Superior era vista como uma progressão no itinerário formativo e no *status* profissional, haja vista a própria denominação “Superior”. Neste caso, há uma inversão de princípios formativos na qual a Educação Superior tem como objetivo complementar a formação na EPTNM, considerada pelos sujeitos, sua formação profissional principal. Ora, então temos que a Educação Superior se apresenta para esses sujeitos como uma possibilidade de complementação de uma *formação básica* e principal e não de uma *formação inferior* e marginal. Retomemos uma fala de Nô:

***Eu fiz Administração pensando na Podologia já, entendeu?** Porque eu sabia que eu ia usar aqui. (Nô, grifos nossos)*

Rapha valoriza a graduação, mas refere que a faria somente em função da sua formação no curso Técnico em Estética:

*Talvez, se depois que eu sair daqui, **se eu for pesquisar** algum curso que seja muito do meu interesse e pra eu fazer ele, eu preciso fazer uma graduação, aí eu vou atrás da graduação, entendeu?* (Rapha, grifos nossos)

Ainda assim, a graduação é valorizada pelos sujeitos. As expectativas de continuidade de estudos nesse nível educacional são reafirmadas, inclusive, a partir de uma sustentabilidade econômica advinda da formação na EPTNM. Todavia, tanto na Educação Básica, como na Educação Superior, a expressão de autonomia e de perspectiva de construção de um projeto de vida do qual depende a formação profissional estão presentes nos discursos emocionados dos sujeitos, como abaixo:

*Eu tenho assim uma rota que eu gostaria de seguir. **Daqui cinco anos eu gostaria de estar estudando Naturologia lá em Florianópolis e ter algum estúdio, alguma coisa pra fazer atendimentos.** Eu gostaria de estar fazendo parcerias, esses projetos que são mais a longo prazo que é da comunidade, ecológica, terapêutica, educacional, pedagógica. [...]* (Sofia A., grifos nossos)

*Então, eu falei, vamos terminar o curso, né, eu não sei... **Eu gosto muito do curso, mas a faculdade de Medicina Veterinária é o meu sonho, né?*** (Marília, grifos nossos)

5.2.3.3 Formar-se com objetivo de ajudar à família

Assim como já mencionamos, ajudar a família após a formação é uma expressão marcante nos discursos analisados e que nos permite remeter à subcategoria *A possibilidade de ajudar*. Essa relação entre razão e expectativa permite-nos discorrer sobre a ação de ajudar à família como uma razão e uma expectativa na escolha do curso técnico e da profissão na área de Saúde e Bem-estar. Constitui-se uma razão e um fim em si, e revela uma consciência de ação social, evidenciada pela importância dada às relações recíprocas de ajuda e cuidado no âmbito familiar. Sophia S. refere que a formação na área de saúde pode lhe ajudar no cuidado futuro de seus pais, ao envelhecerem e no cuidado de sua filha:

Verdade! Acho que estudar para cuidar dela... Acho que vai ser mais fácil.[...] Em relação a cuidar da saúde dela, não só dela como da dos meus pais também... É... Porque eles vão envelhecer também... (Sophia S.)

Além disso, há uma expectativa de que a profissão possa garantir recursos financeiros que permitam realizar os sonhos da família, ou de realizar os sonhos que os sujeitos desejam para sua família, como na fala de Marília, Manuela e Felipe:

*Eu quero **ajudar** os meus pais, pagar minha faculdade, casar, né? Eu nunca pensei... Ajudando a minha família bastante. **Eu acho que já vou ter construído uma casa pra eles.** (Marília, grifos nossos)*

*E eu quero fazer essa conciliação, entende? Ou morar em Louveira ou **manter o mesmo local de trabalho pra ficar próximo da minha casa.** Porque como é sítio, eu até consigo construir alguma coisa ali. (Manuela, grifos nossos)*

*A vida no geral? Casado eu já sou, dois filhos, pelo menos. Um casal, de preferência. Um apartamento na praia. **Eu quero ter um apartamento na praia pra poder ir com a família no final de semana.** Talvez monte uma filial lá, né? (Felipe, grifos nossos)*

Além disso, formar-se tem um caráter de validação de um projeto familiar, a conclusão do curso está envolvida, portanto, com uma forma de gratidão pelo apoio recebido durante a realização do curso, como revela Sofia A.:

*Se fosse por mim, eu queria terminar. Uma coisa por mim, porque é legal começar uma coisa e terminar, pelos meus pais, minha família que me apoiou muito, porque foi muito difícil e eu **sentia como uma forma de agradecer eles...** Terminar isso. (Sofia A., grifos nossos)*

As expectativas da formação na EPTNM nos permitiram, então, construir uma categoria que revela a posição da trajetória de formação como constituinte de um projeto de vida. Logo, se é a condição histórica do homem que lhe permite projetar o devir, a trajetória de formação desses sujeitos enquanto parte dessa condição histórica tem função deveras importante na concretização de seus sonhos e de seus projetos de vida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhas profissionais são marcos da constituição da identidade profissional. Podem determinar a inserção dos jovens no mundo do trabalho e estão incorporadas a um projeto de vida que prevê a possibilidade de mobilidade e ascensão social. Associada a isso, a compreensão de que os processos de escolha profissional se dão em interações sócio-histórico-culturais é necessária para que possamos conceber a escolha profissional como uma construção que se dá na e pela atividade dos sujeitos no mundo. Assim, necessitamos ampliar a compreensão das interações sócio-histórico-culturais pelas quais se dão os processos de escolha profissional passando, inclusive, pela escuta daqueles que pretendem se profissionalizar.

Tema desse trabalho a EPTNM acompanha a história da educação em nosso país. Na atualidade, é assunto polêmico que envolve rupturas políticas e reformas educacionais, acompanha discursos de salvação do desenvolvimento nacional e reflete marcas da desigualdade social do nosso país. A EPTNM é também a razão de ser do SENAC - SP e sua principal modalidade de ensino, desde a criação de sua criação, há 71 anos. A instituição que vem reafirmando sua atuação no cenário educacional brasileiro, destaca-se na formação de profissionais da área de Saúde e Bem-estar, a qual abordamos neste trabalho.

Com base na entrevista semiestruturada, possibilitamos a escuta a alunos de cursos da EPTNM da unidade de Jundiaí, do SENAC – SP na intenção de identificarmos as razões, assim como as expectativas, da escolha pela EPTNM na área da Saúde e do Bem-estar, objetivo geral desse trabalho. A partir da Análise de Conteúdo, construímos categorias de forma não apriorística que nos deram insumos para responder aos objetivos geral e específicos propostos. Além de nos permitir analisar os motivos da escolha e as expectativas nutridas em relação ao curso, as categorias também nos permitiram acessar os desafios e as surpresas vividas pelos alunos durante a formação.

Em relação ao objetivo geral podemos dizer que os motivos para essa escolha se constituíram como uma síntese de determinantes que passaram pela família, pelas experiências de vida, pela valorização da EPTNM, pela valorização do trabalho na área de Saúde e Bem-estar e pela sua inerente característica do cuidar. As expectativas em relação ao curso, por sua vez, estavam apoiadas na garantia do

emprego após a formação, na trajetória de estudos, e na formação profissional como meio de ajudar à família.

Especificamente, buscamos identificar elementos que pudessem ter influenciado na escolha pela EPTNM. A decisão pela formação de nível médio foi mediada por fatores de empregabilidade imediata ou de forma rápida, após a conclusão do curso. Também a possibilidade de conciliação dos estudos na formação técnica com a jornada de trabalho foi atribuída pelos sujeitos, como uma razão pela escolha da EPTNM. Esses elementos surgiram tanto na categoria *Razões para a escolha*, como na categoria *Projeto de formação está contido no projeto de vida*. Mas uma terceira categoria também nos ajudou a responder a esse objetivo específico: *Surpresas no caminho da formação* nos revelou que a possibilidade de *Aprender a fazer* ia além de um elemento que influenciava na escolha do curso e também se revelava uma grata surpresa para os sujeitos ao longo de suas formações.

Um segundo objetivo específico desse trabalho foi buscar elementos da vida pessoal que pudessem ter influenciado na escolha pela educação profissional, especificamente, na área de Saúde e Bem-estar. A análise da categoria *Razões para a escolha* nos trouxe que a possibilidade de ajudar era um elemento de decisão na escolha pela profissão. Experiências de vida que envolviam o cuidar e o ser cuidado foram lembradas pelos sujeitos, geralmente, acompanhadas de emoção. Além disso, vinculada à possibilidade de cuidar, estava uma valorização da área de Saúde e Bem-estar e das profissões a ela relacionadas. Por fim, ainda nessa categoria, pudemos perceber a influência da família e da importância de sua base material, contida nos discursos, nas tradições e nas relações por ela estabelecidos. O entendimento e a valorização da área de Saúde e Bem-estar pelos familiares se mostraram elementos que influenciaram na escolha pela profissão.

Elementos de inserção no mercado de trabalho e empregabilidade também foram objetivos de investigação específicos desse trabalho. A própria característica de empregabilidade foi uma razão para a escolha da educação profissional. Além disso, os elementos de empregabilidade, aparecem também na categoria *Projeto de formação está contido no projeto de vida*, na qual há uma atribuição de garantia ao emprego após a formação, que acompanha o desejo de empreender e a possibilidade de se profissionalizar em curto prazo.

Buscamos também entender, de forma específica, se haveria características peculiares do curso que eram consideradas como importantes para os sujeitos na escolha da profissão. Além de se identificarem com a área da saúde, os sujeitos referiram algumas características que eram particulares dos cursos escolhidos, como nos casos das alunas dos cursos Técnico em Estética e Técnico em Massoterapia. Enquanto as alunas que cursavam o curso Técnico em Estética pareciam se aproximar mais da relação saúde/beleza, as alunas que cursavam o Técnico em Massoterapia se aproximavam mais da relação saúde/qualidade de vida. São elementos que apareceram em categorias diversas e tem exemplos nas falas abaixo:

[...] Isso que eu te falei, a pessoa chegava incomodada com uma mancha. Ela não se maquiava, não se sentia bem por conta de uma mancha na pele. Ela fazia dez sessões na pele, a mancha clareava e a pessoa já tinha vontade de se arrumar, de sair. Aí você já vê como faz bem pra pessoa, né? Muda totalmente a autoestima mesmo, né (Manuela - Técnico em Estética)

Eu vi pelo lado da preocupação com a saúde, pra que não desencadeie nenhum problema e também vi pela questão de beleza mesmo. (Rafaela - Técnico em Estética)

E eu vi que a Massoterapia trabalha muito nessa parte de qualidade de vida. Tanto pra mim quanto para o meu próximo (Rafaela - Técnico em Massoterapia)

Porém, uma característica que se revelou importante para todos os sujeitos, de forma inespecífica surgiu da identificação da categoria *Surpresas no caminho de formação*, mais especificamente, na subcategoria *Aprender a fazer* e que se refere à possibilidade de se *aprender fazendo*. Ainda que esperada, e revelada como uma razão pela escolha, aprender a técnica, como prática reflexiva, e unidade dialética, de constante reflexão, surpreendeu aos sujeitos.

Outro objetivo específico buscava elementos que pudessem identificar as expectativas que eram nutridas pelos alunos em relação a formação na área da saúde. A categoria *Projeto de formação está contido no projeto de vida* nos permitiu responder a este. Nesta categoria, a garantia de emprego após a formação, que também responde ao objetivo referente a elementos de empregabilidade, se repete. Além disso, é uma categoria que replica também o último objetivo específico proposto, que foi buscar elementos que indicassem planos de continuidade dos estudos, tanto na área da Saúde e Bem-estar, como em outras áreas. Na medida

em que todos os sujeitos referem a possibilidade de dar continuidade aos estudos, esse objetivo é alcançado. Vale reafirmar aqui que a marca da autonomia esteve muito presente na projeção da trajetória de estudos e nos planos de continuidade de formação dos sujeitos, e que valida esse objetivo específico.

Além disso, essa categoria nos trouxe uma discussão para além do emprego e da formação contínua, nos trouxe também a expectativa dos sujeitos em poder retornar os benefícios de sua formação em Saúde e Bem-estar à família. Seja porque se sentiam aptos a cuidar melhor de seus pais e filhos, seja porque se colocavam como realizadores de um projeto familiar, seja porque supunham que o emprego lhes concederia condições financeiras para materializar possíveis sonhos da família.

Em meio a todos os desafios que a EPTNM coloca ao sistema educacional nacional, acessarmos as condições objetivas dos alunos dessa modalidade de ensino e entendermos os cenários nos e pelos quais se dão as razões pela escolha e as expectativas nutridas em relação à educação profissional se faz importante. Embora tenhamos encontrado elementos de empregabilidade nas razões pela escolha e reconheçamos seu importante papel para a sustentabilidade financeira e a mobilidade social dos sujeitos, também ficou claro que este motivo não é o único que determina a escolha do aluno, nem é sua única expectativa. Ou seja, há outros condicionantes da escolha profissional tão ou mais importantes para os sujeitos que devem ser considerados em todo processo ensino-aprendizagem e em suas constituições identitárias como profissionais, os quais não devem ser esquecidos por educadores e por instituições de ensino. Assim, essa relação linear entre a escolha do curso e a empregabilidade, embora relevante, não é, e não deve ser vista como a única razão pela escolha profissional. Também não deve ser a única variável da importância da EPTNM para a Educação Nacional e para o desenvolvimento do país, que dependem também de políticas públicas que vão além da esfera da educação e do trabalho.

As constituições identitárias profissionais dos sujeitos expuseram o quanto as suas atividades no mundo foram produtoras de referenciais para a escolha de uma profissão técnica. A referência profissional do professor foi essencial não só para a constituição da identidade dos sujeitos ao longo do curso, como também lhes permitiu superar a antiga e histórica visão na qual se atribui ao profissional técnico uma característica operacional prática e não de *práxis*. As trajetórias de formação,

em função da EPTNM, a qual ocupa uma posição central no itinerário formativo desses alunos é também um exemplo de como os discursos superam o preconceito construído em torno dessa modalidade de ensino.

Por fim, entendemos que as categorias construídas neste trabalho nos possibilitaram responder aos objetivos geral e específicos aqui colocados. Entretanto, não podemos deixar de reconhecer o quanto essas categorias se interseccionaram em toda análise. É visto que, ao alcançarmos a categoria final, *Projeto de formação está contido no projeto de vida*, voltamos à categoria inicial, *Razões para escolha*, especificamente por entendermos que a expectativa de se formar para ajudar a família nos remete novamente ao cuidado.

Entendendo as relações de ajuda e cuidado como pontos de partida e de chegada de nossa análise, passamos a refletir sobre as relações que se estabelecem então, entre cuidado e educação e, desta maneira, a educação para o cuidado, e o cuidado para a educação. Essa *intercategorização* nos lembrou Boff (2014, p.39) sobre a condição ontológica do cuidado, uma vez que “*Não temos cuidado, somos cuidado*”. Também nos remeteu a Fazenda e Souza (2012) ao nos lembrarem da necessidade de se pensar o cuidado como um diálogo interdisciplinar entre Saúde e Educação, o qual passa, necessariamente, pelo saber ouvir. Compreender a escola como *locus* de escuta e de desenvolvimento, não apenas para os estudantes da área de Saúde e Bem-estar, mas para todas as áreas de formação profissional, nos auxilia na superação das dicotomias do sistema de ensino brasileiro, permitindo interação entre os saberes necessários à formação de profissionais técnicos, cuidadosos, zelosos e responsáveis. Se, assim como defende Freire (1987), é no diálogo consigo mesmo e com o mundo que o sujeito se constitui, é a partir da escuta, como prática do cuidado, que constituiremos sentidos para as razões e expectativas da escolha da EPTNM, para além dos projetos de formação profissional, entendendo-os como constituintes de projetos de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Org.). *Ensino Médio: Múltiplas Vozes*. Brasília: UNESCO/MEC, 2003. 662 p.

AMORIN, Karla Patrícia Cardoso. O cuidado de si para o cuidado do outro. **Revista Bioethikos do Centro Universitário São Camilo**. São Paulo, v.4, n,7, p. 437-441. 2013. . Disponível em < <https://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/155557/a09.pdf> >. Acesso em 17 mai. 2017.

ARONE, Evanisa Maria; SANNA, Maria Cristina (Org.). **Enfermagem Senac São Paulo: trajetória histórica na formação de profissionais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. 321 p.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília , v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2017

AZEVEDO, Fernando et al. *Manifesto dos Pioneiros da Educação (1932) e dos Educadores (1939)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2010. 126 p. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

BARATO, Jarbas Novelino. **Educação Profissional: saberes do ócio ou saberes do trabalho?** . São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003. 278 p.

BATISTA, Sylvia Helena. Aprendizagem, ensino e formação em saúde: das experiências às teorias da construção. In: BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Sylvia Helena; (Org.). **Docência em saúde: temas e experiências** . São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. p. 57-74.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.200 p.

BRASIL. Constituição (1937) **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm>Acesso em: 15 out. 2016.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: 5 de outubro de 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. Decreto n. 2. 228, de 17 de abril de 1997. **Diário Oficial da União** - Brasília, 18 abr.1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm>. Acesso em: 06 nov. 2016.

_____. Decreto n. 5. 154, de 23 de julho de 2004. **Diário Oficial da União** - Brasília, 26 jul.2004. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm>. Acesso em: 06 nov. 2016.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **Síntese de indicadores sociais** : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2015 – Rio de Janeiro: IBGE, 2015a.137p.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2013**: resumo técnico - Brasília : INEP, 2014.39 p.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação – PNE 2014 – 2024**: Linha de Base - Brasília : INEP, 2015b.404 p.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 1º ciclo de monitoramento das metas do PNE : biênio 2014- 2016**. – Brasília, DF : INEP, 2016a. 590 p.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União** - Brasília, 23 dez.1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 06 nov. 2016.

_____. Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008. **Diário Oficial da União** - Brasília, 17 jul. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm> Acesso em: 06 nov. 2016.

_____. Lei n. 12.513, de 23 de outubro de 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). **Diário Oficial da União** - Brasília, 27 out .2011. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12513.htm> Acesso em: 11 mai. 2017.

_____. Lei n. 12.816, de 05 de junho de 2013. Altera a Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. **Diário Oficial da União** - Brasília, 06 jun. .2013a. Disponível em:<<http://sislex.previdencia.gov.br/paginas/42/2013/12816.htm>> Acesso em: 11 mai. 2017.

_____. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação -PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 06 nov. 2016.

_____. Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial da União** - Brasília, 17 fev. 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm> Acesso em: 06 nov. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. – Brasília, DF : SETEC, 2016b. 286 p.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Brasília: MEC, 2013b. 562p.

_____. Parecer CNE/CEB n.5/2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, de 05 de maio de 2011 **Diário Oficial da União** - Brasília, 26 nov. 1999. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb016_99.pdf>. Acesso em: 18 mai 2015.

_____. Parecer CNE/CEB n.16/1999. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Médio, de 05 de dezembro de 1999 **Diário Oficial da União** - Brasília, 26 nov. 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&category_slug=maio-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 mai 2015.

_____. Parecer CNE/CEB n.11/1012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Médio, de 09 de maio de 2012 **Diário Oficial da União** - Brasília, 04 set. 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10804-pceb011-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 mai 2015.

CAIRES, Vanessa Guerra; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Educação Profissional Brasileira: da colônia ao PNE 2014-2024**. Petrópolis: Vozes, 2016. 204 p.

CALLAS, Danielle Girotti. **A constituição da profissionalidade e os saberes docentes na educação profissional de nível técnico das áreas de Saúde e Bem-estar**. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

CECCIM, Ricardo Burg. Equipe de Saúde: a Perspectiva Entre - Disciplinar na Produção dos Atos Terapêuticos. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo de.(Org) **Cuidado: as fronteiras da integralidade**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 2004. p. 233-254.

CIAMPA, Antonio da Costa. As categorias fundamentais da psicologia social: Identidade. In: LANE, Silvia. **O homem em movimento**. Brasília: Editora Brasiliense, 1987. p. 58-74.

CIAVATTA, Maria; CAMPOS, Marise. A “era das diretrizes”: a disputa pelo projeto de educação dos mais pobres. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, p.11-37, abr. 2012.

Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000100002>. Acesso em: 25 jul.16.

CNC – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. Senac completa 70 anos. 2016. Disponível em:

<<http://cnc.org.br/noticias/senac/senac-completa-70-anos>>. Acesso em: 18 maio 2016.

CORDÃO, Francisco Aparecido. A educação profissional no Brasil. In: PARDAL, Luis; VENTURA, Alexandre; DIAS, Carlos. **Ensino médio e ensino técnico no Brasil e em Portugal**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 35.

_____. Educação, trabalho e desenvolvimento sustentável: Cultura, ciência, tecnologia, saúde e meio ambiente: A educação Profissional como uma das dimensões do direito à profissionalização. In: RONCA, Antonio Carlos Caruso; ALVES, Luiz Roberto (Org.). **O Plano Nacional de Educação e o Sistema Nacional de Educação: educar para a equidade**. São Paulo: Satillana, 2015. Cap. 2. p. 57-73

COSTA, Antonio Carlos Gomes, Educação para o empreendedorismo: Uma Visão Brasileira. In. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org). **Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo: 2004. Cap. 11. p. 264-288.

CUNHA, Luiz Antonio. O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata. São Paulo: Unesp, 2005a. 190 p.

_____. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: Unesp, 2005b. 243 p.

_____. O ensino profissional na irradiação do industrialismo. São Paulo: Unesp, 2005c. 270 p.

CURY, Jamil. A educação profissional em três tempos. Boletim Técnico do Senac. Rio de Janeiro, v. 1, n. 40, p.128-143, jan .- abr. 2014. Disponível em:<<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/117>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI – destaques. Brasília: Unesco/Faber-Castell, 2010.p.41.

ESPJV - ESCOLA POLITÉCNICA JOAQUIM VENÂNCIO (2009). Fiocruz -fundação Oswaldo Cruz. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. 1999. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes.html>>. Acesso em: 31 maio 2017.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; SOUZA, Fernando César de Souza. Diálogos Interdisciplinares em Saúde e Educação: a arte do cuidar. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 107-124, jan.-abr. 2012. Disponível em:< http://www.ufrgs.br/edu_realidade/>. Acesso em 17 mai. 2017.

FERES, Marcelo Machado. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO FUTURO. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro.: **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 41, p.174-179, dez. 2015. Disponível em: < <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/viewFile/51/38>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p

FONSECA, Celso Suckow. **A história do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1986 apud CAIRES; OLIVEIRA, 2016.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012. 96 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, Trabalho e Educação no Brasil: Perplexidades, desafios e perspectivas. In. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo. Fundação Perseu Abramo: 2004. Cap. 9. p. 215-239

MEDINA, Neuma Vital Julca; TAKAHASHI, Regina Toshie. A busca da graduação em enfermagem como opção dos técnicos e auxiliares de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v.4, n.37, p. 101-108. 2003. Disponível em <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/159.pdf>>. Acesso em 17 mai. 2017.

MERIGHI, Mirian Aparecida Barbosa. Trajetória profissional das enfermeiras obstétricas egressas da escola de enfermagem da universidade de São Paulo: um enfoque da fenomenologia social. . **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 5, n. 10, p. 644-653, set.-out. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/1700/1745>>. Acesso em: 17 Jun. 2017.

MORAES, Francisco de; KÜLLER, José Antonio. **Currículos integrados no ensino médio e na educação profissional: Desafios, experiências e propostas**. São Paulo: Senac São Paulo, 2016. 398 p.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena T. A. **O Processo de Pesquisa: Iniciação**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2006. 124 p.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Education on a glance 2014**. OECD Publishing, 2014.

OJEDA, Beatriz Sebben et al . Nursing, nutrition and physiotherapy students: career choice. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 17, n. 3, p. 396-402, Jun. 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Jun. 2017.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre :Artmed Editora. Porto alegre: Artmed, 1999.

PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo de. Cuidado: as fronteiras da integralidade. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 2004. 320 p.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: Por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.157p.

ROLDÃO, Flávia Diniz. Relações de ajuda e cuidado: um diálogo entre psicologia e teologia. In SANCHES, M. A. (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 9., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em:< <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/>>. Acesso em: 17 mai. 2017

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 40. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014. 279 p.

RONCA, Vera de Faria **Docência e Ad-miração: (da imitação à autonomia)** . São Paulo: Edesplan, 2007. 144 p.

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. 203 p.

SCHMITT, Miguel Angelo. Ação -Reflexao- Ação: A prática reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo,

v.25, maio-ago. 2011. Disponível em <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/157> >. Acesso em: 25 mai. 2017.

SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS.

Indicadores Município de Jundiaí: 2010. Disponível em:

<<http://www.seade.gov.br/visualizacao/desmementos>>. Acesso em: 15 maio 2016.

SENAC - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL (Departamento Nacional). **Competências:** coleção de documentos técnicos do Modelo Pedagógico Senac. Rio de Janeiro: 2015a. 34 p. Disponível em:

<http://www.extranet.senac.br/modelopedagogicosenac/arquivos/DT_2_Competencias.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

_____. **Concepções e Princípios:** coleção de documentos técnicos do Modelo Pedagógico Senac. Rio de Janeiro: 2015b. 34 p. Disponível em:

<http://www.extranet.senac.br/modelopedagogicosenac/arquivos/DT_1_Concepcoes%20e%20Principios.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

_____. **Diretrizes da educação profissional do Senac.** Rio de Janeiro, 2014. 26 p.

_____. **Relatório do Programa Senac de Gratuidade e outras ações sociais 2009.** Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2010. 104 p.

SENAC - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL (Departamento Regional de São Paulo). **Desenvolvendo pessoas há 70 anos.** 2017a. Disponível em:

<<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp,?newsID=a718.htm&testeira=457>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

_____. **Planejamento estratégico Senac:** 2016- 2020 . 2016a. Disponível em:<[http://www.intranet.sp.senac.br/intranet-](http://www.intranet.sp.senac.br/intranet-frontend/sisnormas/detalhes/4766/1/planejamentoestrategico/PR/0)

[frontend/sisnormas/detalhes/4766/1/planejamentoestrategico/PR/0](http://www.intranet.sp.senac.br/intranet-frontend/sisnormas/detalhes/4766/1/planejamentoestrategico/PR/0)>. Acesso em: 14 jul. 2017.

_____. **Política de transparência na gestão Senac.** 2016b. Disponível em:<<http://www.sp.senac.br/sites/portalthtransparencia/files/cartilha-politica-de-transparencia.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

_____. **Política Senac de concessão de bolsas de estudo:** manual de procedimentos. São Paulo: Senac São Paulo, 2012. v.17. 20 p. Disponível em:<<http://www.intranet.sp.senac.br/intranet-frontend/servicos/detalhes/458>>. Acesso em: 15 jul. 201.

_____. **Portal da transparência:** SENAC SÃO PAULO. 2017b. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/sites/portalttransparencia/#!/senac-sao-paulo>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. **Proposta Estratégica para a década de 2001-2010.** São Paulo, 2000. 21 p. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/pdf/29548.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016

_____. **Proposta Pedagógica.** São Paulo: Senac São Paulo, 2005. 15 p. Revitalização 2005. Disponível em:<<http://www.sp.senac.br/pdf/53727.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

_____. **Relatório Anual 2016 do Senac - SP.** São Paulo, 2016c. Disponível em:<http://www1.sp.senac.br/hotsites/materiais/relatorios/Relatorio_Anuar_2016.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

_____. **Saúde e Bem-estar.** 2016d. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=DYNAMIC,oracle.br.dataservers.CourseDataServer,selectCourse&course=24159&template=380.dwt&unit=NONE&testeira=1015&type=T&sub=2>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

_____. **Senac Jundiaí.** 2016e. Disponível em: <<http://www.intranet.sp.senac.br/intranet-frontend/pagina/unidades/jundiai>>. Acesso em: 15 maio 2016.

_____. **Senac São Paulo: 60 anos.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. 269 p.

SCIOTTI, Lucila Mara Sbrana. **Horizontes para a liderança:** Para onde nos levam nossos modelos, crenças e ações. São Paulo: Senac São Paulo, 2016. 137 p.

SOUZA et al. O cuidado em Enfermagem: uma aproximação teórica. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis v. 2, n. 14, p. 266-270, abr-jun.2005. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a15v14n2>>. Acesso em 25 mai. 2017.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo:** Um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Penso Editora, 2009. 256 p.

SPÍNDOLA, Thelma; MARTINS, Elisabeth Rose da Costa; FRANCISCO, Marcio Tadeu Ribeiro (2008). A enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro v.2, n. 61, p.164-169, mar-abr.2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a04v61n2>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

SZYMANSKI, Heloisa. A família como um *locus* educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília v 81, n.197, p 14- 25 jan.- abr. 2000. Disponível em<<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/948> >. Acesso em 25 mai. 2017.

SZYMANSKI, Heloisa.; ALMEIDA, Laurinda. Ramalho. de; PRANDINI, Regina Célia A. Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2010.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair; PADILHA, Maria Itayra. “Ser Enfermeiro”: escolha profissional e a construção dos processos identitários (anos 1970). **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro v.3, n. 69, p.428-434, mai-jun.2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n3/0034-7167-reben-69-03-0428.pdf>>.Acesso em: 25 mai. 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 520 p.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.182 p.

_____. **La imaginación y el arte em la infancia: ensayo psicológico**.Madri, España. São Paulo: Akal Ediciones, 1996, apud RONCA, 2007.

WITTACZIK, Lidiane Soares. Educação Profissional No Brasil: Histórico. **E-tech: Atualidades Tecnológicas para Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.17-27, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.sc.senai.br/etech/>>. Acesso em 19 nov. 2016.

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução CNS nº 196/96)

Este formulário de consentimento tem por objetivo informar-lhe sobre esta pesquisa, a qual você foi convidado a participar, bem como ter sua autorização explícita para realizá-la.

Espera-se, através deste, oferecer-lhe uma ideia básica sobre a pesquisa e o que a sua participação envolverá. Se você desejar mais detalhes sobre algo mencionado aqui, ou informações não incluídas, sinta-se à vontade para perguntar.

Por favor, leia cuidadosamente este formulário e as informações aqui contidas.

TÍTULO DO PROJETO: Razões e expectativas da escolha pela educação profissional por jovens de 18 a 24 anos nas áreas da saúde e do bem-estar.

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: o aumento das matrículas na educação profissional destaca uma trajetória de crescimento dessa modalidade de ensino em nosso país. Segundo o Censo Escolar, mais relevante e abrangente levantamento estatístico sobre a educação básica no país, a quantidade de matrículas na educação profissional no ano de 2013 foi 84,1% maior que no ano de 2007. Esse aumento justifica a relevância dessa pesquisa que pretende compreender quais são as razões e expectativas da escolha pela educação profissional por jovens de 18 a 24 anos nas áreas da saúde e do bem-estar. Como escolha de procedimentos metodológicos, propomos, uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de 8 entrevistas semiestruturadas como procedimento de coleta de informações, com alunos dos cursos Técnico em Enfermagem, Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia e Técnico em Podologia da unidade escolar do Senac Jundiaí.

RISCO OU DESCONFORTO: não há risco associado a esta entrevista, mas, se em algum momento, você se sentir desconfortável, pode solicitar a suspensão de sua participação.

SIGILO: os nomes dos participantes estarão em absoluto sigilo. Todas as informações obtidas na pesquisa serão utilizadas apenas para a análise científica dos dados. Serão citados nomes fictícios.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: você será esclarecido sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária. Uma cópia deste consentimento lhe será entregue.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: a participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Participante: _____

Assinatura: _____

Data: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador do RG nº. _____, declaro ter recebido as devidas explicações sobre a pesquisa intitulada *Razões e expectativas da escolha pela educação profissional por jovens de 18 a 24 anos nas áreas da saúde e do bem-estar* e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento, sem que ocorram quaisquer prejuízos.

Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora:

Nome: Thais Antonia Pires Salla Trevisan

RG: 34.872.418 - 4

Fone de contato: (11) 99648 - 9053

Data: ____/____/____

APÊNDICE B
CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Nome fictício: _____

Idade: _____

Estado Civil: _____

Religião: _____

Curso: _____

Período do curso: _____

Tempo de curso: _____

Há quanto tempo concluiu o ensino médio? _____

Possui alguma outra formação, técnica ou graduação? _____

Se a resposta anterior for “sim”, qual a formação? _____

Qual a formação e profissão dos pais?

APÊNDICE C

ROTEIRO DIRIGIDO PARA ENTREVISTA

Razões da escolha pelo curso

- Sobre a escolha pela Educação Profissional.
- Sobre as possibilidades de escolha pela educação profissional *versus* escolha pela graduação.
- Experiências de estudos, cursos e formações anteriores.
- Sobre os motivos pela escolha de um curso na área da saúde.
- Experiências de trabalhos anteriores e atuais.
- Sobre pessoas que foram exemplos e que serviram de inspirações para a escolha do curso.
- Conhecimento sobre o mercado de trabalho para a profissão escolhida.

Realizar do curso

- As características do curso que são importantes para o aluno.
- As dificuldades encontradas para a realização do curso.

Expectativas da escolha pelo curso

- Sobre as expectativas nutridas em relação ao curso.
- Sobre as projeções de vida após a formação técnica.
- Sobre os planos para a profissão.
- Sobre planos de entrada no mercado de trabalho ou de troca de emprego.
- Sobre as intenções de continuidade dos estudos após o término do curso.
- Sobre os desafios para a continuidade dos estudos.
- Sobre os desafios do mercado de trabalho.

Afirmações incompletas:

- Para você, saúde é:
- Para você, seu curso é:
- No final do curso quero estar:
- Daqui cinco anos que estar:
- Daqui dez anos quero estar:

APÊNDICE D

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Pesquisadora

Entrevistada/ Entrevistado

Entrevista com Nô

Técnico em Podologia

Gravação 1 (45 minutos)

Bom Nô, primeiramente muito obrigada, por você ter aceitado participar dessa minha pesquisa. Como eu já te disse, é pra minha pesquisa de mestrado, na qual eu estou estudando razões e expectativas da sua escolha. Tá bem? Desde já, eu queria te deixar bem à vontade, pra você me interromper na hora que você quiser, tá? E é muito mais um papo do que perguntas e respostas. Então, eu queria assim, agora você estava me contando que está na rota do gol, né? Já estamos na reta final. Quando você se forma no Técnico em Podologia?

O mês que vem.

Então, você está literalmente em contagem regressiva.

Sim. (Risos)

Conta pra mim, como estão essas expectativas?

Toda pessoa quando está fazendo um curso, uma faculdade assim, não vê a hora de terminar logo quando está no final, né? Eu estou assim, querendo já terminar pra poder começar, né, já a trabalhar na área. Assim, se eu puder, né? Se eu conseguir (Risos). Porque tem as repetições, né? Você não sabe se você vai repetir ou não, né? A professora já perguntou, porque eu tenho um módulo que eu acabei faltando demais, porque eu não estava com condições de vir, mas aí eu consegui a bolsa. Aí eu consegui vir. Por causa desse módulo, eu não sei se vou conseguir voltar pro curso, mas fora isso, de boa.

É? São boas expectativas. Vamos lá, você é uma pessoa de dezenove anos, você acabou de fazer vinte. É isso?

É.

Quando foi seu aniversário?

Fevereiro, dia dezesseis.

Eu sou de trinta e um de janeiro. Certinho, tudo aquariano, não é? Diz pra mim, o que te motivou a chegar na Podologia?

Foi assim, é mais ou menos triste, mais ou menos feliz, não sei. Eu tinha uma irmã, que tinha leucemia e ela tinha uma úlcera numa parte do pé, no tornozelo dela. E essa úlcera não sarava, porque, além dela ter a leucemia, ela tinha diabetes. Diabetes fica difícil de cicatrizar, né? Eu era muito pequena, porque já faz dez anos que ela morreu. Eu tinha dez anos quando ela morreu. Aí ela limpava e tal, mas quem fazia isso era ela, porque ela não sabia que existia um podólogo pra poder fazer isso pra ela. Porque o podólogo pode fazer o curativo.

Quantos anos ela tinha?

Quando ela morreu, ela tinha dezoito pra dezenove anos. Aí, eu comecei a me interessar, né? Eu falei: nossa, a Carina limpa o pé dela sozinha. Tipo, não tem nenhum médico que possa fazer isso pra ela, além do enfermeiro, né? Eu queria saber se existia um médico, um profissional pro pé.

Você já pensava nisso com dez anos?

É. Aí quando ela morreu, porque não ia aguentar a leucemia, né? Aí eu comecei a pesquisar. Eu amava fazer unha, gente! Aí eu comecei a pesquisar se só tinha mesmo a manicure. Aí teve uma amiga minha, que mora lá na minha rua...na verdade, era amiga da minha mãe, na época. Aí ela falou, que ela estava fazendo Podologia no Senac. Aí eu peguei e falei assim: o que é Podologia? (Risos). Aí ela me apresentou o curso, aí ela falou pra mim que era como se fosse um médico, enfermeiro, né? Especialista no pé das pessoas. Aí ela começou a falar que era uma área da saúde e tal. Aí eu peguei e comecei a me interessar. Nisso, eu tinha uns doze, treze anos, aí eu esperei, né? Até aí eu tinha parado de pensar nisso. Aí eu foquei nos estudos. Quando eu fiz dezessete anos, que eu terminei o médio, aí eu falei: agora, eu preciso ir pra algum canto. Faculdade, né? Aí eu comecei o curso de administração, pensando na Podologia, né? Porque eu queria ter o meu próprio negócio. Aí

eu terminei o curso de Administração na ETEC quando eu estava no primeiro módulo do curso de Podologia. Aí eu apresentei o meu TCC e fiquei aqui.

Você foi pra ETEC... Você prestou vestibulinho, passou e foi pra ETEC, mas você estava...

Pensando na Podologia. Eu fiz Administração pensando na Podologia já, entendeu? Porque eu sabia que eu ia usar aqui. Eu gostei por causa da aula do Kleber¹, que tem que usar e tal, empreendedorismo, né? Eu amei, porque eu já tinha uma ideia do que se tratava. Aí eu cheguei aqui e superou as minhas expectativas. Porque eu pensei assim, que Podologia se tratava só da unha. Mas, não. Não se trata nem só da unha e nem só do pé. Se trata de uma pessoa inteira. Na verdade, a gente estuda anatomia pra isso, né? A gente estuda o corpo humano todo. Porque quando a pessoa senta ali, não é só um pé que está ali na sua frente. Tem uma pessoa inteira pra você estudar. Em Podologia, a gente aprende isso também, né? Que tem vários pontos do pé, que a gente pode mexer com os órgãos da pessoa, né? Eu super não sabia disso. (Risos). Aí eu descobri e fiquei super alegre, né? Nisso, eu comecei a me interessar cada vez mais e agora eu só estou querendo terminar logo pra fazer.

Que delícia! Você entrou com baixa expectativa e foi surpreendida ou não?

No começo, eu entrei totalmente perdida. Porque quando eu pesquisei no *Google*, no *You Tube*, “Podologia” só aparecia umas unhas triste de ver (Risos) e eu pesquisei os módulos e fui procurando cada módulo. O primeiro foi anatomia, aí eu já olhei assim, ai meu Deus! Eu vou estudar anatomia num curso de Podologia, pra que? Porque eu não sabia. Eu acho que foi uma das matérias que eu mais fiquei ali... Eu vou desistir do curso, entendeu?

Por quê?

Porque é muito difícil anatomia, gente! Anatomia é a parte mais difícil do curso. Só que também foi a que eu mais gostei. Porque você pensa que você está estudando, por exemplo, pra pessoa, entendeu? Pro paciente que você vai atender. Mas, não. Na verdade, você está estudando pra você mesmo. Porque você descobre coisas no seu corpo que não tinha, né? Na verdade, que tem, mas, você não tinha conhecimento e eu super amei. E foi a matéria que eu mais amei do curso. Essa e a matéria do Kleber, empreendedorismo.

Posso voltar um pouquinho? Quando você fez algumas escolhas. Você terminou o Ensino Médio. Enquanto você fez o médio, você trabalhou?

Eu trabalhei na CPTM. Eu entrei quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio. Eu estava com dezesseis anos. Eu estava louca pra conseguir emprego, eu não parava de ir lá. Aí eu consegui na CPTM e fiquei um ano. Aí eu saí da CPTM e quando eu terminei o Ensino Médio... Não, foi antes. Quando tinha feito um ano, aí eu saí. Aí quando eu comecei o técnico, lá eles tinham o jovem aprendiz. Aí eu tentei também, porque eu não queria ficar sem trabalhar.

Você começou o técnico depois de concluir o Ensino Médio?

Eu ainda estava no médio. Eu estava no terceiro ano. Foi na metade do ano quando eu entrei na ETEC. Aí eu entrei na *Essencis - Soluções Ambientais* -é um aterro sanitário. Tem lá em Caieiras, pertinho da minha casa. Aí, eu entrei lá e comecei a trabalhar. Quando eu entrei aqui, quando eu estava terminando o curso de administração, eles não conseguiram me efetivar, né? Porque estava na crise.

Você era jovem aprendiz.

Eu era jovem aprendiz. Aí eles não conseguiram efetivar, eles fizeram de tudo e tal, mas não conseguiram. Aí, eu saí de lá. Aí agora, eu estou aqui. (Risos)

Você saiu do *Essencis*, terminou o curso de Administração e terminando o curso de administração, juntamente você já começou o curso Técnico em Podologia.

Eu acho que foi um, dois meses antes, eu já estava no curso de Podologia.

Teve uma hora que você falou: tá, eu precisava dar um rumo na minha vida. Eu vou fazer uma graduação, fazer um técnico...

Porque você começa a ficar desesperada.

Você escolheu entre fazer graduação e técnico?

Eu achei que o técnico é melhor. Eu confiei na pessoa que me falou.

Em quem?

A mulher da minha rua.

A podóloga.

¹ Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

Ela falou: eu fiz no Senac e é ótimo. Então, seria legal. Só que quando ela fez, ela não fez no Senac aqui de Jundiá. Porque até então, não tinha aqui, né? Foi em Osasco, se não me engano. Aí ela fez e ela super amou. Ela falou assim: se você gosta, faz. Porque vai superar. Na verdade, superou mesmo.

Você confiou na indicação dela.

Confiou.

Em algum momento você pesquisou alguma graduação? Eu não digo nem só da Podologia, por exemplo, você fez a administração. Foi uma decisão fazer o Técnico em Administração? Ou não, Eu vou fazer uma graduação em Administração?

Foi uma decisão. Porque tinha eu e a minha melhor amiga, a gente sempre andava juntas, né? (Risos) Aí ela falou assim: Não, eu vou fazer administração, que nem você, pensando no meu futuro, né? Ela está fazendo assistente social. Aí ela falou: eu vou pensar nisso, né? Eu vou fazer pensando nisso. Aí eu pensei: não, realmente eu vou fazer pensando na Podologia. Aí eu comecei o técnico já pensando na Podologia, quando eu estava em administração. Eu acho que na vida de todo mundo é assim, né? Você tem vontade de parar algumas vezes. E ela foi quem não me deixou parar o curso. Porque teve horas que eu falei: eu vou parar.

Por quê?

Eu acho que começa a ficar muito sobrecarregada, trabalhos pra apresentar. Administração era muito trabalho. E os professores... não é Ensino Médio, né? Os professores não querem saber se você terminou um, se você está fazendo um. Eles querem a nota deles, né? A nota que eles vão te dar. E eu comecei a ficar muito sobrecarregada, porque tinha coisa de serviço pra fazer... nossa, a minha mente ficava...

Trabalhar e estudar?

Aí, eu peguei e falei assim: eu vou desistir, Ju. Ela falou: não, não desiste. Você vai conseguir, eu te ajudo. A gente vai fazendo junto. E eu consegui terminar todos os trabalhos, né? Eu nunca atrasei um trabalho. Sempre que o professor passava, se fosse pra entregar o mês que vem, ele já estava feito, porque eu não queria me sobrecarregar. Até porque, no trabalho eu mexia com a área comercial e era muito papel, muita coisa e eu não podia deixar parado aquilo. Então, eu tinha que focar naquilo também, né? Então, eu já deixava os trabalhos prontos e entregava, eu nunca faltei. E amei Administração também.

Amou?

Amei.

Ficou dividida?

Fiquei (Risos). Ainda estou. Porque assim, como eu sou bolsista, né? Eu não teria mais condições de pagar o curso. O meu pai ficou desempregado...

Você entrou como pagante.

Entrei. Assim, na verdade, eu fui na fé, né? Eu só tinha o restinho do dinheiro, porque eu estava dando pro meu pai construir a casa. Eu peguei o restinho de dinheiro que eu tinha do trabalho, que eles deram lá... esqueci o nome.

Da rescisão?

Isso. Aí eles deram e eu peguei o restinho do dinheiro da rescisão e paguei o curso. Eu vou começar com isso, eu não tenho ideia de como eu vou fazer pra pagar depois. Porque eu não tinha dinheiro, o meu pai não estava trabalhando, ninguém. Mas, eu vou pagar. Aí eu comprei o curso pela internet e chegou aqui boleto e eu falei: e agora? Aí eu vim aqui conversar com a Adri. Adri é o seguinte: o meu pai não está trabalhando, eu também não, ninguém lá em casa está trabalhando... São seis pessoas. Então, não dá mais, eu não vou mais fazer o curso. Não, Não, vamos lá conversar com a assistente social do Senac e a gente vê se consegue a bolsa pra você, né? Aí eu fui conversar com ela, né? Aí ela chegou em casa e perguntou pra mim: você quer a bolsa 100% ou você quer 50%? Aí eu fiquei com vergonha de falar que eu não podia pagar tudo, né? Eu falei: não, eu quero 50%, né? Eu me viro pra pagar o resto. Eu consegui a bolsa, o diretor do Senac, né? Ele autorizou a bolsa de 100%. Graças a Deus!

Isso foi em que momento do curso?

Foi uns dois meses depois. Eu ainda fiquei devendo a primeira e a segunda parcela. Consegui quitar. Aí ela começou a conversar comigo, pra mim não desistir, né? Aí deu o dinheiro da passagem, que eu não tinha o dinheiro da passagem. Aí a assistente social passou o link pra fazer o bilhete único. Que era o de graça, né? Que a gente ia e voltava. Aí eu consegui também o bilhete único. E, graças a Deus está tudo certo. Uma coisa atrás da outra, né? Eu consegui fazer tudo. Tudo o que eu queria. E aí eu fiquei dividida mais por causa do dinheiro mesmo, da condução. Porque eu não tenho certeza

se os meus pais vão poder me dar isso. E eu não vou pedir uma coisa que eu sei que eles não vão poder pagar, porque qual é o pai que não quer ver o filho feliz? Eu sei que eles não têm condições e eu não vou ficar empurrando eles na parede. Então, eu fiquei indecisa entre Podologia e Administração. Aí eu pensei que eu vou fazer o ENEM, né? E vou pegar a nota do ENEM pra tentar ganhar uma 100%. Eu não sei se eu vou conseguir, mas eu vou tentar ganhar os 100% em uma faculdade pra tentar fazer administração. Pra mim tentar alguma coisa, né? Um estágio que me permita óhhh... É uma coisa muito louca, um estágio que me permita ir pra administração. Pra mim pegar o dinheiro desse estágio e fazer o consultório de Podologia. Porque não tem como tentar um estágio em Podologia, né? Aí eu vou tentar em administração.

Você já está fazendo os seus planos para além do Senac.

É.

Como estão as coisas em casa hoje?

Graças a Deus, eu acho que uns seis meses depois que eu conversei com a assistente social aqui do Senac, o meu pai conseguiu emprego. A minha mãe não pode trabalhar, porque ela é deficiente, né? Aí o meu irmão também conseguiu. E eu estou tentando.

Quem são as pessoas da sua casa? Você, seu pai, seu irmão...

Eu, meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã e tem uma prima minha que veio morar junto com a gente e a mãe dela também está vindo.

Então, vocês vão passar pra sete em breve. É isso?

Sete. Na verdade, ela vai chegar depois de amanhã. Pra não ficar muito pesado pra eles, porque mesmo assim, eu vejo que é muito difícil, né? Eu moro com uma amiga minha. Na verdade, ela está morando sozinha agora, aí ela pediu pra mim fazer companhia pra ela. Aí vai diminuir um pouquinho o gasto lá em casa e eu fui ficar com ela.

Acompanhando a sua amiga.

É.

Mas, está trabalhando, como que é?

Eu estou tentando alguma coisa. Amanhã eu vou fazer uma entrevista. É bem longe, mas eu vou conseguir. Ela também vai fazer a mesma entrevista, porque ela também não está trabalhando. E é bem difícil pras duas ficar ali, né? Mas, só que eu não posso levar ela pra casa. (Risos) Mas, se Deus quiser, vai dar tudo certo.

Voltando um pouco pro curso, você se arrepende de não ter feito a graduação ou você acha que tinha que ser o técnico antes da graduação mesmo?

Tinha que ser o técnico. Porque eu acho que o técnico a gente aprende mais... Não na teoria, mas na prática. Eu acho que o técnico é melhor. Eu queria aprender a prática mais, né? Porque eu sei que vai me ajudar mais logo que eu terminar o curso. E na graduação, eu não ia conseguir isso. Na verdade, a professora contou pra gente o que ela fez.

Ela fez a graduação.

Eu não lembro se foi ela que falou pra mim ou se foi outra pessoa, que na graduação só aprende a teoria. Não aprende a prática. Aí eu fiquei meio assim, eu vou pro curso, né?

Mas, é uma informação que você recebeu quando você já estava aqui, né?

É.

A sua maior inspiração foi a sua vizinha.

Foi ela.

E que você já tinha vivido aquela questão com a sua irmã e tal. Eu só não entendi, por que você não foi direto pra Podologia?

Porque eu fiz o curso de Administração pra ter o meu próprio negócio de Podologia. Eu queria saber administrar, entendeu? Então, eu fiz Administração pensando na Podologia. O meu alvo foi sempre a Podologia.

Você traçou essa rota conscientemente?

Conscientemente. Por exemplo, quando eu fiz o curso na ETEC, eu era menor de idade. Na Podologia, você só pode entrar com dezoito. Aí eu falei: já que eu não consigo esse... Os meus planos era fazer Podologia primeiro e depois administração. Mas, como eu não tinha idade pra fazer Podologia, eu pensei em até mentir no site, mas não ia ter jeito, né?

Não, porque pra certificação tinha que ser maior de dezoito.

Tinha que trazer RG e tudo, né? Aí eu falei: eu vou fazer Administração primeiro, porque pra fazer ETEC tinha que estar cursando o médio. Eu consegui e fiz pensando já na Podologia.

Que bacana! Você já estava traçando essa rota.

Mas, tudo pra Podologia. Eu não tinha nada pra fazer administração, porque eu nunca gostei de matemática. Eu sempre quis uma área que eu gostasse, mas que não envolvesse matemática.

Além da sua vizinha, você sabia mais alguma coisa do mercado de trabalho da Podologia ou não?

Não. Depois que ela falou, eu comecei a pesquisar, mas eu não tinha ideia.

Onde que trabalhava, como que começava?

Não tinha ideia. Pra mim, podóloga era manicure. Eu não sabia que tinha um instrumento específico pra usar. Depois que eu vi aqueles bisturis lindos fazer milagres...nossa! Me apaixonei.

Você pode dizer que você aprendeu na prática?

Que eu aprendi na prática? Por exemplo, mais higienização. A gente aprende que podólogo não é manicure. (Risos)

A primeira coisa que você aprendeu...

O principal. Não pode tirar a cutícula, porque ela é a proteção das nossas unhas, né? Eu aprendi também a cuidar mais do pé diabético, apesar que tem que fazer um curso de especialização, né? Nossa, gente, eu aprendi tanta coisa no curso.

Quais os momentos que te marcaram durante o curso, que foram os diferenciais? Coisas que aconteceram, você falou da anatomia, o que mais? As aulas do Kleber...

Das aulas do Kleber, eu amei tudo, gente!

Foi a hora que *linkou* tudo pra você, né?

Matemática é difícil, mas eu gostei da aula dele.

Porque ele dá toda a parte de cálculo de caixa, pra vocês se organizarem financeiramente.

É. Só que eu ainda tenho dúvidas, né? Eu ainda falei pra ele. Porque sempre fica gente, matemática é muito difícil.

De onde será que vem isso, não?

Nossa, eu não sei quem inventou a matemática (Risos). Mas, tudo bem, né, a gente tem que usar. Por exemplo, anatomia, o sistema nervoso chamou muita atenção. É muito lindo! Sistema linfático. Eu não sabia nem que eu tinha linfa. (Risos)

(Risos)

É muito interessante. Agora a gente está com promoção da saúde e a gente está com projeto, né, pra apresentar. Se não me engano, vai ser sobre... O curso assim, o pessoal da sala estava meio indeciso, mas ficou pra fazer sobre violência contra a mulher.

A temática do projeto?

Isso. A gente vai fazer e me chamou muito atenção, né? Porque a gente não fazia ideia de como...

A dimensão disso.

Nossa. É muito grande. Eu fico pensando, quantas mulheres sofrem com isso. E a professora estava falando pra gente, que tem gente que tem medo de denunciar e tal. Só que assim, eu acho que mesmo a gente fazendo o trabalho, não vai mudar. Pode mudar algumas pessoas, mas nem todas, entendeu?

Qual a importância disso pra você como podóloga? Mudou alguma coisa na Nô?

Mudou. Por exemplo, a professora falou pra gente: não é só o pé. É uma pessoa. Teve uma amiga minha, que ela fez o pé como manicure, né? Ela trabalha e ela falou que essa mulher chegou roxa. E a mulher não quis falar pra ela, porque ela estava roxa. É muito mais que um pé, a mulher estava totalmente destruída assim, sentimentalmente, sabe? Ela começou a chorar e ela descobriu que foi o marido dela, que tinha batido nela e tal. Óbvio, que ela não foi denunciar. Eu fiquei, nossa, tão pertinho da gente, sabe? E, às vezes, a gente não...

Você nunca tinha vivido?

Nunca tinha. Eu tinha um tio, que não era meu tio, né? Que meio que ele maltratava assim ela, né? Mas, ela acabou terminando. Mas, eu não sabia que isso ia além, que tinha gente que apanhava e tal. Pra mim, a mulher apanhava e ia lá e denunciava. Eu não sabia que tinha gente que tinha medo, né?

Hoje você entende porque a mulher tem medo?

Eu entendo. Dá até um medo de casar, né? Porque a gente não conhece a pessoa, por mais que esteja junto com a gente.

Mas, Nô, pensando em você no lugar dessa sua colega, recebendo essa mulher. Você acha que você é mais sensível...

Eu sou muito sensível. (Risos)

E perceber isso hoje? Mudou essa sua sensibilidade?

Mudou. Gente, eu não ia conseguir deixar a mulher ir embora, entendeu? Nossa, se ela sair daqui e ele matar ela fora? Se ele estiver esperando ela em casa. Então, eu não teria psicológico pra aguentar isso, mas como a nossa professora falou pra gente, a gente tem que guardar as nossas emoções, entendeu? Você tem que fazer a pessoa se sentir bem. Se ela não está se sentindo bem

em casa, você faz com que aquele momento que ela está com você, que ela sinta tudo aquilo que ela não é em casa. Então, eu comecei a pensar diferente.

É muito mais do que cuidar de um pé, não é?

Demais. Vai muito mais além. Não é só uma unha encravada.

Pelo que você está me dizendo, você acha que os projetos são diferenciais no curso?

São. Porque eles levam a gente a descobrir... É muito mais, a Podologia não é um pé. Tudo o que eu falei pra você, não é um pé. É muito mais do que isso. Envolve sentimento, o corpo humano inteiro. Nossa, gente! É maravilhoso! (Risos)

Dentro do curso ou durante todo o curso, os professores vão te trazendo essas questões. São professores de diferentes áreas, saúde, bem-estar, o Kleber que você citou; que é um professor da área de Administração e Negócios e tal, mas eles sempre estão ali dentro da sua área de atuação. Eu queria saber assim, entre os seus colegas, seus professores...tem exemplos, que você vai levar daqui pra sua vida?

Ai gente!! De professores tem, a Adriana². Eu acho ela uma excelente podóloga. Ela, a Fabi e a Marli. Eu aprendi muito com elas. Por exemplo, uma unha encravada. A gente não tinha ideia de como tratar e elas ensinaram pra gente. E esses dias tinha um paciente que chegou assim e a unha dele estava...a podóloga foi e tirou o pedacinho ali que tinha e a unha continuou jorrando sangue. E a gente não sabia o que era aquilo. Aí a professora falou: tem alguma coisa. Não, pro, eu já tirei. Se está sangrando é porque tem. Pra mim, se estava sangrando era porque a pessoa tinha machucado, né? Realmente tinha unha ali dentro, realmente tinha unha ali dentro. Então, eu acho que é uma experiência a mais, porque e se eu tivesse saído daqui sem aprender isso? Talvez o paciente ia chegar pra mim, ia ficar sangrando lá e...meu Deus, o que eu vou fazer, né? Então, são exemplos que eu vou levar. Por exemplo, esse profissionalismo da Adriana. Ela ensinou muito pra gente. Por exemplo, como tratar o paciente, saber da higiene, do seu local de trabalho, o que você pode falar, o que você não pode falar. É muito bom, gente!

Questões éticas, de respeito.

Tudo isso. Eu amei o Senac.

Estudar o corpo humano é maravilhoso. A gente aprender na questão da humanização também traz uma questão diferencial.

Do respeito, né? O paciente idoso. Por exemplo, tem o idoso diabético. É terrível. Você tem que ter um cuidado imenso ali, né? Saber tratar a pessoa com educação, pra que ela volte. Que o profissional que ela está indo, ele sabe dividir, né? O trabalho da pessoa mesmo, né? Eu não vou levar aquilo que eu estou passando em casa pro meu trabalho. É totalmente diferente ali, né? Você vai receber pacientes que estão com problemas psicológicos, problemas de saúde. Você não pode levar o que você está passando pra eles, entendeu? É como se você fosse uma psicóloga. Você vai ouvir tudo aquilo e vai ficar ali no seu espaço que você trabalha, mas você tem que ouvir.

Essas são informações do dia a dia dessas profissionais. O que mais elas falam do dia a dia do trabalho, de como que é esse desafio de empreender, de montar a sala?

Por exemplo, pra montar o consultório... foi o que eu falei, que é o problema. Porque é muito caro pra manter também. Por isso, que eu estou meio indecisa. Porque não é só montar o consultório, você tem que manter. E eu não quero ser uma podóloga com falta de higiene nas pessoas. Você tem que manter a sua autoclave em dia, você tem que fazer os testes.

Você está dizendo que você vai ter que remunerar, colocar isso no seu custo.

E é caro.

Garantir a qualidade.

Com certeza.

Sem dúvida. É realmente um investimento de início muito caro.

Mas, dá dinheiro depois.

Sim.

Você tem um retorno depois. No começo, tudo é difícil. A gente tem que pensar assim.

Mas, eu estou vendo que você tem planos aí, né? Então, você não está enxergando um final...está faltando a grana pra abrir aqui a minha sala de atendimento de Podologia, mas eu tenho outros planos.

Sim. Sempre tem que ter um plano B (Risos) Pra poder...

Conta um pouco como estão esses planos, além da faculdade? Você vai prestar ENEM esse ano, né?

² Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

Esse ano eu estou vendo se vou conseguir prestar. Eu estou estudando bastante, pra ver se eu consigo, né?

Você tem estudado pro ENEM durante o dia?

Tenho, mas só que matemática (Risos). Só matemática que é o problema.

Você estuda sozinha?

Normalmente, sozinha. Com a minha amiga. Porque a gente não faz nada o dia inteiro, né? Aí tem que fazer alguma coisa. Então, eu pego um livro, eu vou ler, mas eu tento ajuda dos meus professores da ETEC, porque eu tenho ainda uma amizade com eles, né? Eu ainda não fui buscar o meu certificado de lá, mas assim, toda vez que eu vou lá, eu tento conversar com eles pra eles me ajudarem. Oh, Nô, estuda isso daqui, né? Aí eu vou tentando. Eu estou estudando, mas matemática é o problema, gente!

E o professor de matemática?

Ele é o melhor professor do mundo.

(Risos)

Ele é o melhor professor. Porque assim, o que eu não aprendi no médio, eu aprendi com ele. Por exemplo, regra de regra, uma coisa fácil. Eu não sabia. Ele me ensinou como se fosse uma coisa baba, sabe?

Fez mais sentido quando ele explicou?

Sim, muito mais. Ele é considerado o melhor professor de matemática do Brasil. Ele ganhou um certificado da Dilma.

Verdade? Qual o nome desse professor?

Espera! Eu não acredito que eu esqueci o nome do meu professor. Ele dá aula na ETEC.

De Caieiras?

De Franco da Rocha. Nossa, gente, ele é o melhor professor do mundo. Melhor. Os professores de hoje em dia sempre falam assim: você não entendeu? Me pergunta, eu explico de novo. Só que nem todos os professores tem essa paciência. Eles falam isso, mais por educação. E esse professor, eu descobri que ele não é assim. Você pergunta realmente pra ele e ele responde. Senão ele vê que o aluno ficou quieto assim, porque, às vezes, eu não vou falar. Todos os alunos da sala ficaram quietos e, às vezes, é uma coisa tão besta, né? Ele vê e vai atrás de você. Ele percebe que você não entendeu. Ele passa perguntando aluno por aluno. E ele tem a maior paciência. Se precisar ficar o dia todo, ele explica. Ele é o melhor professor, gente! Tudo que eu aprendi de matemática foi com ele. Tudo.

Está vendo! Só você fazer as pazes com a matemática, né?

É. Porque a gente acaba esquecendo um pouco, né? Eu gostei muito do curso de lá. Eu estou estudando, porque a gente tem que ser alguma coisa na vida, né?

Sim. Então, os dois cursos técnicos te marcaram demais.

Muito. Eu estou dividida. Eu não me vejo sem a Administração e sem a Podologia.

Eu acho que você já conseguiu fazer esse casamento. Eu acho que você pode parar de sofrer com essa divisão. São as duas coisas acontecendo ao mesmo tempo e constituindo a No e você vai encontrando o que te faz mais sentido. Em alguns momentos da vida, talvez seja Administração e outros momentos, seja a Podologia. É que, às vezes, dá aquele desespero, né?

Por quê?

Por exemplo, ah, eu não vou conseguir. Sempre dá.

Por que você acha que não vai conseguir?

Eu não sei, sempre dá. Mais pela condição.

Você diz financeira?

Mais pela condição financeira.

Então, você acha que a Administração te dá uma segurança de você ter um leque maior de possibilidade de emprego, por exemplo, e de remuneração.

Isso. Pra conseguir a Podologia.

Particular.

Porque a Podologia exige mais condição financeira. E eu não tenho essa condição. Eu vou sair aqui do Senac com o meu certificado, mas eu não vou ter a certeza de que eu vou ter o meu consultório na hora, entendeu? Só um milagre. Aí eu penso em fazer o estágio em administração, justamente por isso.

Mas, você já venceu um desafio financeiro durante o curso.

É. Já consegui.

Você acha que teve outros desafios aqui dentro?

Financeiramente foi a bolsa e a passagem.

Foi um momento que você achou que ia desistir?

Foi. Porque realmente eu conversei com a Adriana: “*Adri, não vai dar. Eu vou desistir, porque não tem como*”. Eu falei com o meu pai e ele falou: “*Tá, era o que você queria, mas você pode esperar a gente ter mais condições e a gente paga esse curso pra você*”. Eu nunca vou colocar os meus pais na parede pra falar: pai, eu quero isso agora. Porque a gente tem que ver as condições. O pai sempre quer o melhor pro filho.

Então, você tem vários projetos.

Vários.

Profissionais e projetos de vida, pelo que você está me dizendo. Me fala um pouco desses projetos. Como que você se vê daqui cinco anos?

Formada.

Daqui dez anos?

É tão difícil falar sobre isso. Podologia. Eu quero fazer o meu consultório, mas eu acho que só vou conseguir se eu arrumar emprego. Por exemplo, eu vou na entrevista amanhã, se eu conseguir esse trabalho, eu vou pegar o dinheiro e já começo a guardar pra fazer o meu consultório, entendeu? Por exemplo, se eu ficar nesse emprego, daqui a cinco anos, eu já me vejo trabalhando... Na verdade, daqui um ano e meio, eu já tenha conseguido.

Você vê o seu consultório em algum lugar, você já está vendo a população que você vai atender? Como que é isso?

O meu tio que morava na Bahia, ele tinha um terreno. Tinha, né? Um terreno na Paulista e ele entregou esse terreno pra filha dele trabalhar e ela quer fazer um salão de cabeleireiro. Aí eu falei: prima, a gente podia dividir, né? Aí ela falou: a gente pode dividir, você trabalha embaixo, porque pra atender paciente cadeirante, idoso, não tem como ser andar de cima. Aí ela falou: você trabalha embaixo e eu fico com o salão em cima. Porém, ela acabou com esses planos dela. Ela acabou vendendo e depois que ela foi me consultar, mas tudo bem. Ela acabou vendendo esse espaço que ela tinha na Paulista, porque ela precisava mesmo do dinheiro. Aí eu penso em fazer perto de casa mesmo. Em Caieiras. Fazer ali no centro ou no meu bairro, que tem gente precisando. Até porque dizem que Caieiras vai valorizar, porque vão fazer um aeroporto lá. Se fizerem, aonde eu moro é perto do aeroporto. Vai ser perto do aeroporto e eu acredito que eu consiga ter um retorno melhor do que eu teria lá.

Bom, a gente está avançando para o nosso final e aí eu vou fazer um jogo rápido com você.

Pra você, Podologia é saúde?

Sim. Podologia é saúde.

E saúde pra você é o quê?

Bem-estar. A pessoa tem que se sentir bem. O corpo dela tem que se sentir bem, à vontade, com tudo. Desde o início eu estou falando pra você, a gente não mexe só com o pé, entendeu? É uma pessoa inteira ali. Tem pessoas que chegam e falam: nossa, quando vocês terminam, eu me sinto mais leve. A reflexologia podal, que te faz... Ela mexe com o corpo inteiro, com a saúde da pessoa. Eu tenho uma dor no rim, por exemplo. Tem pontos do pé que a gente vai pegar e vai estimular e a dor vai parar, entendeu? Isso é saúde. Fazer com que a pessoa se sinta melhor. O bem-estar dela é tudo. Ainda mais pro profissional.

E pra Nô, Podologia é...

É tudo, gente! Saúde, bem-estar, superou tudo.

Daqui dez anos vou estar...

Com o meu consultório pronto, atendendo. (Risos)

Após a minha formatura, em maio, estarei...

Se eu não estiver trabalhando, eu vou tentar a faculdade de administração, pra poder fazer tudo aquilo que eu te falei e conseguir Podologia.

Você está feliz com a sua formatura?

Estou. Muito. Porque gente é... assim, uma preocupação. Por exemplo, eu estou aqui, mas a minha mãe está lá: “*Nossa, a minha filha não chega*”. Dá o horário... Caieiras é muito longe daqui.

Como você vai embora?

Agora eu estou indo de carona, mas eu chegava 1h40 em casa por causa da condução. Eu tinha que pegar ônibus aqui, eu tinha que pegar trem, né? Dois trens aqui, um ônibus lá.

Quanto tempo você fez essa jornada de condução?

Eu fiz até o mês retrasado.

Só agora você conseguiu uma carona.

Só agora.

Perseverou, hein? Foram muitos desafios.

Antes eu chegava uma e quarenta [da manhã] em casa. Agora, onze e meia.

Vai dormir cedo. (Risos)

Nossa, gente! (Risos)

Diz pra mim, o que esse mês final de curso representa pra você?

É um turbilhão de sensações. Primeiro, você sente o medo do TCC, do trabalho final, mas eu sinto que é a realização. Por exemplo, eu tenho muita coisa pra contar de quando eu entrei e de quando eu saí. Quando eu entrei, eu era outra pessoa. Eu estava totalmente preocupada com a questão financeira. Hoje sou bolsista e ainda tenho a minha passagem pra ir e pra voltar. Então, é realização, sonhos que se concretizaram, porque eu pensei que ia parar e estou conseguindo terminar. Então, é sonho realizado. Um turbilhão de sensações, né? É ótimo.

Muito obrigada. Parabéns pelo encerramento, pelo término. Tem alguma coisa que você queira perguntar pra mim?

Não.

Você ficou com alguma dúvida?

Não. Nenhuma. Foi um desabafo. Foi bom. (Risos)

Que ótimo! Muito obrigada por compartilhar. E quando você precisar, você pode me acessar.

Tá bom?

Tá bom.

Entrevista com Felipe

Técnico em Podologia

Gravação 2 (44 minutos)

Bom Felipe, vamos lá! Você está aqui a meu convite, em função da minha dissertação de mestrado e estou investigando as razões da escolha para a educação profissional, principalmente dos alunos da área de bem-estar. O que te motivou na escolha do Técnico em Podologia? Conta um pouquinho desses um ano e seis meses, você está quase se formando.

A área da saúde sempre foi uma área que me cativou. Eu acho que ajudar o ser humano é uma coisa fantástica, seja da forma que for, e na área da saúde é o que você consegue mais. Podologia, dentre os outros cursos, eu tenho uma pessoa da família que é podóloga e nunca havia pensado que isso seria uma ajuda ao ser humano. Eu achei que era mais pra parte estética e nunca relatei pra parte da saúde. Até o dia que a gente percebe que tem uma dor extrema no pé e que realmente isso faz parte da área da saúde. Então, por causa de uma unha encravada, vamos dizer assim, eu decidi que eu queria saber como corrigir aquilo. Então, eu decidi que iria fazer o curso e acabei entrando no técnico, não de corpo e alma a princípio... Até que deu duas semanas de curso e você começa a aprender toda a parte de anatomia, toda a parte de fisiologia, tudo que qualquer outro curso da área de saúde tem na grade curricular e foi onde me cativei mais ainda. Eu acho que é isso que eu queria mesmo.

Que bacana! Você precisou ter uma unha encravada pra achar a Podologia?

Sim. Por mais que já tivesse há muitos anos uma pessoa na família, que faz Podologia, não tinha nunca me cativado. Pelo contrário, eu não tinha nenhuma relação boa com os pés, principalmente das outras pessoas. E hoje em dia é o meu futuro ganha pão.

Me explica essa relação com os pés.

Eu sempre trabalhei em loja de calçado como vendedor de calçados, mas era um certo nojo, vamos dizer assim. Realmente, um nojo vai. Não com falta de respeito, mas uma repulsa de você pegar no pé de uma pessoa. Eu acho que um preconceito interno, pode se dizer. Eu acabava ajudando as pessoas a calçarem os sapatos enquanto eu era vendedor, mas não era uma coisa que me agradava. Então, fazer Podologia era muito mais, porque, além de você pegar no pé da pessoa, você iria tratar daquele pé, né? Por isso, a frase aí. (Risos). Dessa repulsa contra os pés, né?

Nem olhar para os pés, distanciar...

Distanciar. Realmente era uma distância grande!

E quando você teve problemas com os seus pés, você cuidou de que jeito? Como foi?

Então, aí eu fui até ela falando que tinha encravado. Ela fez o tratamento normal, me ensinou a cuidar e depois eu vi o quanto aquilo era difícil de se tratar. Não era um simples corte de unha que faria com que parasse. A dor pararia no momento, mas depois iria voltar se não tivesse todo tratamento na correção daquela unha. E aquilo me interessou, porque eu queria saber por que a unha não cresce mais certo? Se você cortou ela, porque a pele não se regenera se você não tem mais nada lá

alfinetando ela, vamos se dizer assim. Na verdade, não. Não tem mesmo, você precisa tratar, você precisa ter um conhecimento prático daquilo e aí isso me cativou. Eu queria saber o como fazer, o porquê daquilo e fui atrás pra conseguir entender. Eu não imaginava que era um curso tão extenso, não imaginava que era um curso de formação técnica, não imaginava que era tão difícil e muito menos que você teria anatomia, que você teria cinesiologia; o estudo dos movimentos, né? São coisas que ninguém pensa. As pessoas da minha sala também não pensavam. Elas não tinham ideia. Elas só achavam...todo mundo achava que era só cortar a unha e aprender a lixar certinho. (Risos) E na hora que você acaba conhecendo, você se surpreende. Aí você quer terminar, porque você estudou tanto pra aquilo.

Sim. Essa pessoa que cuidou do seu pé é seu familiar?

É a minha tia.

E você nunca tinha olhado com carinho pra ela?

Não.

Nem admiração de profissão, nada?

Assim, eu sabia que ela ganhava bem.

(Risos)

Mas, não tinha nem me interessado por isso, em momento algum. E eu vejo desde criança. A formação de Podologia dela foi vindo depois de vários workshops, porque ela fez o curso...ela era calista, né? Calista e pedicure. E depois ela foi fazendo vários workshops e fazendo várias reciclagens pra ela conseguir ganhar uma posição igual a de Podologia. Mas, o Técnico em Podologia ela não tem. Ela tem toda a grade que tem o técnico, então, a vigilância sanitária que vai sempre no consultório dela entende que é como Técnico em Podologia, por todos os cursos que ela tem.

Provavelmente, ela se formou antes da profissão se regulamentar.

Sim. Ela tem trinta e cinco anos de profissão. Faz bastante tempo já. E antigamente não tinha nada disso, né? Não tinha um estudo específico de tudo, né? Quem estudava eram os enfermeiros que iam lá fazer, que eram os pedicuros.

E foi um estalo assim? Eu vou ver o que essa tal de Podologia faz. Você começou a pesquisar, como que foi?

Eu comecei a pesquisar graduação, na verdade. Eu não queria o técnico. A graduação em si é extremamente cara, só tem em uma faculdade, não é na cidade em que eu moro e a Podologia não é uma profissão regularizada, né? Infelizmente, ela não é ainda. Não tem nenhum órgão que regularize ela. Então, a graduação de Podologia não me daria muitos poderes, vamos dizer assim, pra podólogo. Eu precisaria de um fisioterapeuta, pra assinar em vários aspectos sobre o que eu fosse tratar, né? Que não fosse um tratamento somente de Podologia. Uma palmilha, alguma coisa mais adiante. Então, eu peguei...eu vou procurar, então, o que eu vou poder fazer, porque a graduação, mesmo que eu aprenda várias e várias coisas, você não tem poder pra aquilo. Aí eu fui procurar sobre o técnico e aí eu vi que tinha na cidade. Aí a hora que eu vi que tinha no Senac, eu preferi pela qualidade que o pessoal falava. Tinha no Caps também, mas eu não quis ir no Caps. Uma porque era fora e outra pelos comentários mesmo.

Você está dizendo que você escolheu o Técnico em Podologia, não era a sua primeira opção.

Não. Não era. Eu acho que é uma coisa... Pra mim, uma coisa de família, uma coisa imposta por família, na verdade. Os meus pais me cobram de uma graduação. Mesmo que eu não a utilize no futuro, só pra falar: o meu filho é formado. Eu não vejo a necessidade disso. Agora eu estou quebrando alguns tabus já e falando que eu não pretendo mais fazer. Pra eles já irem se acostumando que eu vou ficar com o técnico. Não vai fazer diferença. Talvez se um dia registrar, regularizar a profissão, talvez eu até faça. Mas, eu não vejo necessidade, porque o técnico me traz tantas coisas que era o que eu buscava, por que eu vou?

Você não sabia que era o que você buscava?

Não. Eu não sabia que era em momento algum. Eu falei: vou fazer, porque eu vou fazer. Que nem eu te disse: eu não entrei de corpo e alma. Eu entrei com o corpo só. Depois de umas duas semanas que a alma entrou. (Risos)

Você foi surpreendido?

Fui totalmente surpreendido pelas matérias e por tudo.

É?

Muito. Surpreendido demais. Era uma coisa que eu não esperava. Eu não esperava nem ter a parte teórica.

Você não se arrepende da sua escolha pelo técnico?

De maneira alguma.

Tem algo que você acha que a faculdade te daria e que você não encontrou aqui?

Que eu fosse usar? Não.

Não.

Não. Sinceramente.

Você está falando com muita propriedade das grades, dos assuntos, anatomia, fisiologia...

Você estava me contando antes da gente começar a gravar, que você já fez fisio.

Eu fiz Fisioterapia durante três anos e eu posso dizer que do que eu aprendi lá, mesmo sendo resumidamente, foi passado quase tudo. Um semestre de anatomia, na faculdade de Fisioterapia, foi passado em quase três meses de matéria dada aqui no técnico. É incrível isso. Realmente parece que está abrindo o crânio e colocando dentro a informação. Mas, foi muito bom, a matéria foi muito bem passada. Deu uma compreensão geral em todas as salas, então, assim, isso que me assustou. Porque ter matéria de graduação no técnico, eu acho que é algo maravilhoso! Mesmo depois que as pessoas busquem uma graduação, elas vão ter uma base gigante pra aquilo já. Porque já teve no técnico, na área da saúde, pelo menos.

Você acha que você foi quebrando os seus tabus com o curso técnico?

Totalmente. Eu acho que tem um preconceito muito grande com o curso técnico. Um preconceito que depois que você faz o técnico, você quebra o seu próprio. Eu vou dar um exemplo. Você acha que quem é técnico em enfermagem é sempre inferior ao enfermeiro, porém, quantos enfermeiros a gente vê no hospital? Quantos técnicos? Com médico não existe, óbvio, mas, por exemplo, eu não me sinto inferior a um podologista que seria graduado em Podologia, né? Eu não me sinto inferior em momento algum, porque eu sou técnico. Pelo contrário. Eu acho que cada um busca o que é seu. E outra coisa, quanto ao preconceito, eu acho que existe uma preocupação muito grande, eu imagino pelo mesmo motivo que foi comigo, por família assim. A família impor que você tem que fazer uma faculdade. A família deveria impor que a pessoa tem que estudar e não que tem que se graduar, por exemplo. Não que eu seja contra a graduação, mas é porque a gente acaba criando preconceitos internos. Eu, por exemplo, tinha. Por que eu vou fazer técnico? Eu tenho vinte e quatro anos, eu comecei o curso com vinte e três, mas eu poderia ter feito um técnico antes de ter feito a faculdade. Eu teria visto como que são as matérias e talvez me interessado mais pela faculdade e tudo mais. Mas, não. Eu já tinha feito a faculdade, tranquei por motivos particulares, mas... Aí eu falei: agora eu vou deixar de estudar. Se eu não tivesse dado a chance para esse ligeiro pensamento, eu não teria participado desse mundo que é o técnico. E olha a diferença que está fazendo, pelo menos, na minha vida. É a minha profissão.

E olha só, você abandonou a Fisioterapia prestes a entrar no último ano, né?

Sim. Eu estava no finalzinho do sexto semestre. Eu estava começando com TCC e tudo mais.

Você estava na reta final.

Na reta final de tudo, né?

Você sente falta da Fisioterapia?

Sinto.

É?

A Fisioterapia, eu acho que é uma das únicas faculdades, que você estuda todos os funcionamentos do corpo humano. Tudo de todas as partes. Você acaba sabendo de tudo. Do por que aquilo acontece, do por que tal movimento, por que tal célula, por que tal órgão e tudo isso me cativa. Isso é a minha paixão.

A sua paixão, você pode dizer que é entender como é o funcionamento humano...

Que foi o que me puxou pra Podologia. Eu queria entender o porquê daquela unha não crescer mais corretamente se você fez um corte correto nela, ela poderia ser aquilo. Já tendo uma noção da Fisioterapia, eu entendo que são estruturas que não tem como se corrigir dessa forma, mas eu queria saber, entender o porquê. Pra saber, eu teria que entrar no curso. Mesmo na Fisioterapia, eu não teria tido uma explicação tão a fundo dessa parte da unha, que eu queria e que foi o que me cativou e que me fez entrar no curso. Só se eu tivesse buscado essa informação, mas no curso normal não se fala. Pelo menos do que eu passei até o terceiro ano, não falou especificamente da unha do dedo.

A gente começa a entender que existem especificidades, né? E que cada profissional acaba avançando mais naquilo que se propõe a estudar, né?

Sim.

E tem um pouco a questão do cuidado... Você falou pra mim que você é fascinado pela questão do cuidado, do cuidar da saúde. De onde vem isso?

Então, quando eu era pequeno é engraçado, eu sempre me intitulava doutor desde pequeno. A minha mãe sempre me chamava, ah, você vai ser doutor. Mas, eu sempre brinquei de ser doutor. Sempre, sempre, sempre. Enquanto o pessoal desmaiava de ver alguns vídeos, algumas fotos de perna quebrada, de braço quebrado, de osso pra fora...eu não. Eu já queria ir lá pra ver, pra relar, pra ver de onde estava saindo todo aquele sangue. E queria sempre ajudar as pessoas. Desde pequenininho, eu ajudava. Eu sempre fui fascinado a ajudar. No começo de tudo, eu queria ajudar pra ter um reconhecimento. Depois eu comecei a me habituar a ajudar pelo bem-estar da pessoa e não pelo reconhecimento. Eu acho que é uma coisa mais de criança mesmo, você querer aquele: nossa, que legal! Nossa, que ele me ajudou. Depois passou.

Você viveu isso na fisio, quando você estudou?

Vivi. Nos estágios, né, a gente ajuda. Mas, o que eu mais queria na Fisioterapia, eu não vivi, infelizmente. Ver uma pessoa reabilitar totalmente, né? Ou pelo menos, parcialmente. Eu não consegui ver uma melhora. Eu não consegui vivenciar, eu saí antes do tempo. Mas, por incrível que pareça, eu presenciei na Podologia (Risos). Eu presenciei mesmo na Podologia. Um paciente que estava... Eu atendi ele pela primeira vez, ele estava na cadeira de rodas. Eu atendi ele na segunda vez, ele estava com andador. E atendi ela na terceira vez, isso mensalmente... Foi uma coisa incrível. É, uma vez por mês que eu atendia ele e na terceira vez que eu atendi, ele estava com uma muleta, mas ele ainda não tinha sensibilidade. Ele conseguia executar os movimentos, mas sem sensibilidade. Então, eu sempre fiz os testes de sensibilidade nele, pra ver se estava sentindo ou não, né? Mas, eu fazia por fazer. Eu não precisaria. Somente se ele fosse diabético que precisaria fazer, mas eu fazia. E não tinha voltado ainda e quando eu fiz, ele sentiu. Na hora que ele sentiu ele fez o "Ái! Senti!" Nossa! Foi uma emoção gigantesca.

Que bacana!

Porque foi comigo. Ele fazia fisioterapia quatro vezes por semana, mas comigo ele sentiu e com o fisioterapeuta ele falava: eu não sinto. Não desmerecendo o fisioterapeuta, mas, talvez seja eu na vida das pessoas falando... Está vendo? Você presenciou isso. Porque com o paciente que a gente fazia estágio, não deu tempo de eu pegar essa parte.

E na podó...

Na podó eu peguei, por incrível que pareça. Parece que estava fechando um ciclo mesmo e começando outro.

Que bacana!

Foi muito emocionante no dia, eu fiquei muito feliz.

Bom, e como é cuidar?

Cuidar, eu acho fantástico! Eu acho que fazer o pé, como a gente costuma dizer na Podologia. É muito bacana que você tenha conhecimento técnico daquilo, muito legal, mas eu acho que a gente tem que entender que não é um pé, né? É um ser humano que possui aquele pé. Atrás daquele pé, a gente tem que observar o ser humano e não somente o pé. Infelizmente, a maioria das pessoas sempre enxerga esse cifrão naquilo que fazem.

E eu imagino que vários podólogos enxerguem esse cifrão na planta daquele pé. E isso não é bacana, porque isso não é cuidar. Isso é produção, né? A gente trabalha com pessoas e pessoas não tem que trabalhar com linha de produção. Não é uma questão de que se você errar, você pode corrigir. Não. Dependendo do erro que você tiver com aquela pessoa, não é fatal, graças a Deus (Risos), mas, às vezes, demora-se muito pra corrigir. Por exemplo, você vai desbastar uma calosidade, se você faz muito rápido, porque está com pressa ou porque você se acha muito experiente... Se você cortar e aquela pessoa é uma bailarina clássica e ela precisa daquele pé pra dançar no dia seguinte e ela for girar, a apresentação dela já era. É nesse sentido que eu falo do cuidar. Então, eu acho que você tem que ter cuidado ao cuidar. Uma frase estranha.

Um cuidado ao cuidar não é estranho. Faz muito sentido. É uma escolha de muita responsabilidade, né? São profissões que você escolheu ao longo da sua vida e que lhe trazem muita responsabilidade em cuidar, né?

Com certeza.

Diz pra mim, além de tudo que você falou do curso, que outras coisas bacanas você viveu aqui, em vista de que a gente está na reta final. Você se forma daqui dois meses. É isso?

Isso. Coisas que eu vivi aqui? Uma que me marcou bastante foi a simulação da turma de TST. Por mais que a gente escuta um ou outro falando, mas só pra não gerar tanto pânico, mas a simulação me marcou bastante. A organização não foi um alvoroço. Noventa por cento dos alunos que estavam, não sabiam que ia ter a simulação, né? De incêndio. Eu fiquei sabendo, na verdade, eu sou representante da minha sala, eu fiquei sabendo pra não gerar alvoroço na minha sala, então, eu falei:

calma. É só uma simulação, gente! Não é real, mas vamos seguir o que o técnico, eles precisam dessa simulação. Mas, o pessoal, realmente entra em pânico dentro da sala de aula e fica com medo. Isso me marcou bastante, de ver a cara de pânico das pessoas, sabe? De ver aquele alarme tocando e achar que está pegando fogo em uma parte do Senac. (Risos). Mas, me marcou a organização, o jeito com que foi tratado. A paciência e a calma com que foi falado. Outra coisa que me marcou bastante foi a semana de saúde que o Senac promoveu. As atividades que foram propostas ao público foram muito bacanas. As pessoas conhecerem mais sobre a área de saúde foi muito bacana. Infelizmente acaba sempre gerando aquela coisa, que a área da saúde é Enfermagem, Medicina, Fisioterapia e só. Ah, mas ela usa jaleco branco. Mas, não é questão de um jaleco, né? É legal que as pessoas conheçam a área da saúde. O que mais me marcou no Senac? Desde que eu comecei o curso...

Que aspectos que você acha importante para sua atuação profissional atual?

Eu acho que uma coisa, eu não sei se enquadra no que você perguntou, mas uma coisa que eu acho extremamente importante são as aulas no laboratório.

Os atendimentos...

Os atendimentos que a gente tem, a vivência que a gente tem com cada paciente que vem aqui. Isso é bacana. Vários deles acompanham a gente depois que sai, eu imagino. A gente tem depoimentos de alunos que saíram e pacientes que não voltaram pro Senac, porque foram junto com alunos que já saíram. Eu acho que a grade do curso toda, eu acho muito importante e depois ser colocada em prática. Porque é lindo você ver a grade de um curso, né? Todas aquelas matérias na prática com cada professor e a maneira com que foi passada com os alunos todas as matérias que tinham na grade, foi muito didático, foi muito bacana. Não foi uma coisa imposta, você aprender. Foi uma coisa que ele vem comigo, vamos que eu te ajudo. Nesse sentido, os professores. Coisas que a gente não imagina. Eu não imaginaria.

Viver a teoria na prática?

Sim.

Você pode dizer que você viveu?

Com certeza. A gente, principalmente tem que viver a teoria na prática. Antes de cortar a primeira unha, a gente tem que entender tudo. A teoria daquilo é muito forte. E a gente só vai colocar realmente a teoria na prática, na prática. Parece bobo de falar, mas tem gente que quer por a prática na frente da teoria, mas isso não acontece. E os que fazem até hoje não conseguem, por não saberem mesmo, por não terem conhecimento sobre aquilo que estão fazendo. Não é simplesmente você copiar o que está sendo feito. Tem um por que daquilo. E aqui é lindo você copiar um professor fazendo na prática, mas e fora daqui? Você não vai ter como copiar. Você é o professor.

Você falou que aqui é lindo copiar o professor. Teve professores que te marcaram nessa trajetória?

Tive.

Que você pode dizer quem foram esses exemplos pra você?

Com certeza. A Adriana³, sem dúvida alguma. É uma professora, um exemplo, uma mãezona pra sala. Ela é uma das que fala: vem comigo que eu te ajudo. Em todos os aspectos. Ela é uma pessoa que você não quer só como professora...não por nenhum interesse, mas você quer como amiga, porque realmente ela não se limita a te ensinar. Se você tem alguma dúvida, no final de semana, por exemplo...olha, se você quiser, vem no meu consultório e eu te explico. Eu acho que isso é bacana, eu acho que isso não é fácil de se encontrar. Não generalizando todos, claro, mas um professor que te ensine, mesmo em um dia que não tenha aula, principalmente no final de semana. A Arianne uma vez disse uma frase na sala de aula, que me marcou muito. Eu sempre fui muito fã dela pela postura dela, pela aula que ela dava, mas ela me falou uma vez...poderia ter saído grosseiramente, mas, assim, pra quem quisesse atender dessa forma. Eu entendi o que ela quis passar. Ela falou: quem não quiser, quem não estiver a fim de aprender a porta está ali. Vocês se inscreveram pra um curso na área da saúde, vocês vão lidar com seres humanos. Então, não é brincadeira. Então, vocês vão ter que aprender o que está sendo passado. Ao contrário, ou vocês reprovam ou vocês saem pela porta. Pareceu serem duras as palavras na hora, mas a gente lidar com o ser humano. Não tem uma brincadeira com isso. É outra pessoa, não é você, não é um familiar. Isso me cativou bastante nela.

³ Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

Eu já era fã, mas... A Ceci⁴. Ela é enfermeira. Ela deu aula em umas quatro matérias pra gente até agora. Diferentes matérias, mas todas se enquadram. Eu tomo ela como exemplo de modo geral pra vida, as coisas que ela vivenciou no hospital, nos plantões que ela tinha e passa pra gente na sala. Foge da nossa área, mas não quer dizer que não existam coisas similares, que nós vamos passar. Isso é engraçado. Ela falando de um caso, por exemplo, cirúrgico, mas uma situação que a gente pode colocar na Podologia. Lógico, não cirúrgica, mas num paciente perguntar ou de uma brincadeira que aconteça, enfim, as experiências dela mesmo. E eu levo isso pra mim. Eu acho que são esses professores que eu vou sempre levar.

E aí você vai levar pra esse futuro que é quase imediato.

Sim.

Está batendo aí.

Já levo.

Como você se vê daqui dois meses, Felipe?

Me vejo me intitulado podólogo pela primeira vez (Risos). Por enquanto. Você é podólogo? Não. Sou estudante.

Sou podólogo em formação.

Podólogo em curso.

(Risos)

Mas, eu me vejo bem. Eu me vejo satisfeito com o que eu queria. Depois das duas semanas que eu me toquei, né? Porque no comecinho não era o que eu pensava que ia ser. Eu me vejo feliz, eu me vejo completo. Eu me vejo querendo mais conhecimento sobre a área. Coisas que eu não imaginava que eu iria ter. Buscar mais conhecimento sobre a Podologia depois do técnico? Imagina, eu não quero. Eu pensei que eu não quisesse. E agora eu quero. Eu quero fazer alguns cursos a parte. Eu quero fazer, por exemplo, laser. Eu quero fazer curso de palmilhas. Se bem que tem que ter alguns requisitos que tem que ver se atende. Mas, eu quero procurar pra me especializar em algumas áreas. Especialização em pé diabético. Tudo em volta da Podologia. E se um dia eu voltasse a fazer Fisioterapia seria pra Podologia também. Não mais com o intuito que eu tinha antes. É um pensamento que eu tenho.

Então, você se vê atuante como podólogo.

Como podólogo.

Como estão os seus planos?

Os meus planos estão ótimos. Eu vou atender home care por um tempo, fazer uma cartela de clientes bacana, fiel, principalmente, né? E ver depois um ponto bacana pra abrir. É uma opção. Ou atender home care. A minha tia vai atender mais uns cinco anos só e depois pegar o consultório dela. Arrendar o consultório dela, porque ela tem trinta e cinco anos de reconhecimento, o pessoal já sabe, então, é bacana. O pessoal já conhece e vai pra lá quando precisa.

Que responsabilidade, hein?

Sim. Gigante! Mas, a gente dá conta.

Você se sente preparado?

Sim. Eu não pensaria que fosse me sentir preparado no final do curso. Eram tantas dúvidas que a gente tinha no comecinho. Eu tinha muitas dúvidas. A primeira vez que eu fui cortar uma unha, imagina! O primeiro paciente eu queimei com a lixa, porque eu achei que tinha que tirar a calosidade com a lixa. Eu não me toquei que se eu ficasse com a lixa muito tempo, que fosse queimar.

E como que foi isso pra você?

Foi péssimo! Me senti muito mal, pelo fato do paciente cair com o pé queimado por minha culpa. São coisas de prática mesmo. Não existe a teoria pra isso. Isso são coisas de prática. A gente teve toda a parte teórica, mas não tinha uma teoria pra que se a lixa ficasse mais que três segundos...

E foi um paciente de público aberto?

Com a graça de Deus, não. Foi um familiar. A gente começou atendendo os familiares, pra depois atender o público, né? Pra não gerar mesmo algo mais forte, né? E pra não cair o nome do curso também, né? Imagina... As pessoas sabem que são os alunos que estão fazendo, mas as pessoas sabem que os alunos são bons, né? Não sabem que os alunos começam péssimos, queimando os pés das pessoas.

(Risos)

Por exemplo, eu.

E está tudo bem na família depois do acidente?

Está tudo em ordem. Em recuperação...já faz um ano. Brincadeira. Está tudo ótimo, graças a Deus. Mas, é bom. Foi o primeiro aprendizado que eu tive. Não deixar a lixa por muito tempo, porque ela queima. E é uma coisa que se você for pensar...é básico, né? Mas, na hora que você vai fazer, você não pensa.

Eu acho que de qualquer forma, você estava dando o melhor de si.

Sim. Eu queria tirar uma calosidade.

Você estava cuidando de alguém querido.

Sim. Alguém querido ficou com o pé machucado por duas semanas.

Você cuidou durante essas duas semanas?

Cuidei. Eu fiz curativo. Eu já tenho os medicamentos antiqumeadura.

E aí você teve uma evolução, né? Você fala que nem ligava muito pra sua tia, imaginava que era uma questão muito mais estética e hoje você mudou totalmente.

Totalmente. Porque existem vivências dela, que a gente não vai ter aqui no laboratório. Existem casos que a gente não vai conseguir pegar aqui. Por exemplo, psoríase, a gente nunca conseguiu pegar um paciente que tenha psoríase. Pela falta do aprendizado é infeliz, lógico, né? Bom, porque imaginamos que as pessoas não tenham tanto. Mas, a gente queria bastante pegar um paciente com psoríase. A gente não pegou também. Por incrível que pareça, a gente achou que ia chover unha encravada e dá pra contar nos dedos quantos vieram. O que a gente mais pega são as calosidades, que crescem na planta, que seja, ou nas pregas laterais das unhas e machucam, pressionam as unhas e as unhas quando são extremamente curvadas e a gente tem que aplicar a órtese pra correção da curvatura. Não tem muito mais...

E sendo uma turma da noite é mais restrito, porque você não tem como entrar no posto de saúde.

As meninas da manhã já pegaram, porque no posto de saúde, realmente, as pessoas vão pra tratar úlcera, vão pra tratar diversas patologias, né? E algumas podopatologias também. Então, como elas vão pra UBS [Unidade Básica de Saúde] fazer tratamento lá, elas já pegam. A gente tem contato com algumas da manhã e elas falam: que bacana, a gente atendeu hoje o paciente tal, tal, tal. À noite isso fica restrito. Não que isso seja ruim por ser à noite, mas a gente queria pegar. Mas, é bom, porque quando a gente pegar também, a gente prova que a gente tem conhecimento sobre aquilo e faz.

Eu vou voltar um pouquinho só. Você falou que se você fizesse a fisio, você faria em função da podó.

Sim.

Você voltaria? Está nos planos?

Está nos planos. 2018. Em 2018 está nos meus planos de voltar, terminar, né? Graças a Deus, eu já tenho várias matérias fechadas. É só voltar e realmente, que nem você falou: nutrir a Podologia.

Muito bom!

Eu não pensava que seria assim, mas...

Felipe, daqui dez anos, como que está a sua vida?

Dez anos? Vai estar muito boa. Eu vou estar com o meu salão, clientela fixa, uns dez mil por mês. Dez mil, a gente consegue daqui uns três meses, depois de estar formado (Risos). A expectativa é bem grande pra daqui dez anos. Eu acho que é bom a gente sonhar bem alto, porque mesmo que a gente não alcance o máximo, a gente chega bem próximo. Então, já vai ser muito bom.

Você está falando muito em relação as questões relacionadas à Podologia, mas e a vida no geral?

A vida no geral? Casado eu já sou, dois filhos, pelo menos. Um casal, de preferência. Um apartamento na praia.

Quer ir pra praia?

Eu quero ter um apartamento na praia pra poder ir com a família no final de semana.

Mas, você vai continuar aqui na cidade.

Sim. Talvez monte uma filial lá, né?

Você enfrentou muitas dificuldades durante o curso? Você teve desafios nesse um ano e seis meses?

Desafio com relação ao curso ou ao...

Tudo.

Tive. Eu entrei no curso desempregado. Na verdade, eu entrei no curso no mês que acabou a parcela do meu seguro desemprego e foi bem complicado. Tanto que se... Eu ganhei bolsa, eu sou bolsista.

Se eu não fosse bolsista, esse curso teria parado. Eu não teria condição de pagar mesmo. Então, existiram momentos no curso, que eu estava vendendo coisas de dentro de casa pra conseguir pagar a conta no final do mês. Isso impactou bastante no aprendizado. Porque você não tinha cabeça, né? Você estava tentando ver se alguém tinha respondido a sua mensagem sobre a sua mesa de cozinha, que você estava vendendo pra poder pagar uma conta de água ou de luz. E o meu marido também estava desempregado. No último mês de seguro desemprego, quando eu estava começando o curso, ele foi mandado embora. Então, ficaram os dois desempregados. E a gente ficou desempregado por um bom tempo. Os dois. Foi bem complexo essa fase. Mesmo assim, vamos dar a volta por cima e não desiste, né? Até porque, como que você vai desistir de uma coisa que você gosta e você nem paga? É uma chance que poucos tem. Eu acho que foi a maior dificuldade. Agora, as dificuldades da sala que acabam sendo dificuldades sua. Por exemplo, as pessoas que reclamam das matérias serem tão difíceis. Eu ficava feliz das matérias serem tão difíceis. Porque prova que a gente está aprendendo uma coisa de qualidade, né? Uma matéria de graduação mesmo. E as pessoas ficavam bravas. Imagina, isso é matéria de faculdade e aqui é técnico. Isso foi um grande problema pra mim também. Aceitar a convivência em grupo, sem falar muita coisa, porque eu era representante. Então, não podia ficar em nenhum dos lados, eu tinha que ficar neutro.

Mediando.

Mediando. Pra mim foi uma grande dificuldade, porque não foi uma coisa de uma aula. Foi uma coisa de um semestre. De reclamação de um semestre inteiro.

No final a gente descobre que aprendeu a conviver também, né?

Sim. Com certeza. Eu acho que no curso em si foi a única dificuldade que eu enfrentei. Relacionado ao curso. Agora na minha vida pessoal foi realmente essa parte do desemprego. Foi justo no auge da crise. Agora está mais ameno, graças a Deus!

Você teve que perseverar?

Bastante. É ruim quando você tem uma vida financeira boa e você cai de uma hora pra outra e você não está acostumado. Lógico, o ser humano tem uma capacidade pra se acostumar muito fácil e é bom. O que é ruim é que você demora bastante pra se acostumar. E aconteceu isso exatamente. Porque tudo o que eu conquisei nesse tempo foi perdido. Todas as coisas que eu comprei, que eram pra mim de grande valor... Foi vendido pra pagar conta. Isso foi bem frustrante, depressivo. Graças a Deus, eu não entrei em depressão, mas estava perto. Agora melhorou. Agora voltou a subir a montanha russa.

Você está empregado agora?

Não.

E seu marido?

Está. Eu sou autônomo.

Eu vou fazer a reta final da nossa conversa e é um bate bola. Pra você, a área da saúde é...

Essencial.

Podologia...

Futuro.

Daqui cinco anos, eu quero estar...

Realizado.

Meu sonho na vida é...

Ser pai.

E daqui seis meses?

Ser formado. (Risos)

Felipe, você tem alguma coisa que você queira perguntar? Tem algo que você quer falar, quer deixar registrado?

Eu acho, eu acho não, começar uma frase com eu acho... Eu tenho certeza, que dificuldades sempre aparecem. E que nem você falou, é perseverar mesmo. Seja no técnico, seja numa graduação, seja num emprego, seja onde for. Se você quiser chegar no fim daquilo, no caso dos estudos, se formar... No caso profissional, ser promovido, enfim, perseverar e vai em frente. Não desamine. Tudo é que nem uma montanha russa. Tem altos e baixos, mas uma hora você consegue chegar aonde você quer.

Muito bom! Uma coisa que eu lembrei, você fala muito da segunda semana.

Foi na segunda semana.

O que aconteceu nessa segunda semana? Você sabe?

Sei (Risos). Começou a aula de anatomia. Foi marcante a hora que isso foi falado. Chegou a professora, porque ela não concluiu com a gente, porque ela estava gestante e ela não sabia.

Descobriu depois. A Giovana chegou lá, eu sou professora de anatomia e na hora que ela falou anatomia brilhou o olho. Uma coisa de você estar mexendo no celular, você solta e olha pra lousa e aguarda. Por essa paixão pela fisiologia mesmo. Foi no primeiro dia, da segunda semana de aula. Que é onde eu falei: é isso mesmo.

O seu olho está brilhando agora. (Risos)

É mágico. Foi mágico.

Muito bom, Felipe. Muito obrigada pela sua confiança, pela sua declaração aqui. Foi muito importante.

Obrigado. Pra mim também foi muito bom lembrar essas coisas.

Entrevista com Rapha

Técnico em Estética

Gravação 3 (46 minutos)

Vamos lá Rapha, eu vou ligar os gravadores, eu quero, desde já, agradecer. Eu sei que eu fui te buscar na sala, então, eu sei que você está em aula e exatamente por isso, eu gostaria de te agradecer ainda mais, principalmente a Ju, que liberou você para atividade. O meu tema de estudo é entender quais são as razões e expectativas que trazem o aluno para o ensino profissionalizante. Me conta de você, o que motivou você a vir aqui para o Senac ou, o que te motivou a escolher a Estética?

Primeiramente por eu ter escolhido Estética, porque desde pequenininha, eu sempre me incomodei muito com aparência e eu já sofri muito por conta de aparência comigo. Então, assim, por conta de ouvir o que as pessoas falavam, eu comecei a observar o porquê disso. Por que tem que ser assim? O que leva uma pessoa a buscar a Estética? Será que é só por que ela se olha no espelho e se sente incomodada ou por que os outros impõem uma coisa que ela não pode ter? Então, isso me levou a escolher mais por conta do que acontecia comigo do que por conta...ah, eu gosto de maquiagem. Não. É porque veio várias coisas em torno disso.

Eu entendi, mas me explica melhor, você se questionava ou as pessoas te questionavam?

As duas coisas. Primeiro foi as pessoas que me questionavam e depois eu comecei a me questionar do por que daquilo. Mas, espera aí? Onde que está escrito que tem que ser assim? O que leva uma pessoa a buscar um procedimento estético ou busca uma cirurgia ou buscar trocar a alimentação? Por que a pessoa tem que mudar? Ela nasceu assim, ela tem que ser assim. Esse era o meu pensamento antes. Mas, pensando que, engloba tudo. Todo mundo tem alguma coisinha que não gosta, mas o que mais pesa é o que os outros estão falando. Não porque, ah, você não tem que ouvir o que os outros falam... É porque a sociedade impõe uma coisa, que você não está dentro. Aí as pessoas começam a te julgar, porque você não está dentro daquilo. Então, junta as duas coisas.

Nossa, eu não consigo entender, o que alguém achava de errado em você. (Risos)

Tem muita coisa... Hoje, eu mudei muito assim. Então, antes, eu não era preocupada com o cabelo, eu não usava maquiagem, nem penteava o cabelo pra sair de casa. Então, eu era bem tranquila, assim.

Mas, era por causa disso, que você achava que você sofria?

No meu ponto de vista, pode ser também, porque na época eu estudava em escola particular e você via as meninhas todas maquiadas, tudo arrumadinha e eu sempre de qualquer jeito. Eu nunca me preocupei muito em querer me arrumar. Então, tinham coisas que eu olhava e falava: nossa, por que é assim? Eu podia mudar isso em mim. Mas, não era uma coisa que pesava tanto. Não, eu tenho que procurar um cirurgião plástico, porque eu tenho que mudar isso. Mas, o que me fez mudar e olhar de outra forma é o que a sociedade impõe.

Você acha que você sofreu essa pressão.

Sim. E eu acho que muitas pessoas sofrem isso. Eu escutei uma frase ontem, que eu fiquei pensando... Ah, eu fui convidada para um casamento, mas eu não vou, porque eu estou gorda. Espera aí, você não vai sair porque você está gorda? Pô! Tudo bem, você está se sentindo gorda, então, não vai de vestido. Ou vai de vestido longo ou põe uma calça mais bonita ou uma blusa. Você fica bem do mesmo jeito. O que impede? Não é porque você está gorda que você não pode. Ou uma frase: não, eu não posso ir na praia, porque eu estou gorda. Eu não posso por biquíni. Mas, quem disse que você não pode? Entendeu? Tem que ver os dois lados. Também que a sociedade impõe que você não pode ser gorda e o que vê em você. Você está bem assim? Então, você não precisa.

Te incomoda? Então, você pode mudar um pouco. Mas, não que você tem que ser magra totalmente, porque a sociedade diz que você tem que ser magra. Então, você tem as duas coisas e hoje eu vejo isso, na minha cabeça de hoje, mas antes eu achava que tinha mesmo que mudar, porque a sociedade queria que eu mudasse.

Entendi. Então, você teve um primeiro momento de negação. De não, eu não tenho que me arrumar. Eu sou feliz do jeito que eu sou. Depois você teve um momento de reflexão. Ah, ok, eu acho que estou precisando pentear o cabelo, me cuidar, passar uma maquiagem.

Sim, mas não no extremo, no quanto a sociedade quer. Porque eu não me vejo nem perto do padrão que a sociedade quer. E eu também não quero estar no padrão que a sociedade quer. Não é porque a mídia diz uma coisa, que eu tenho que ser aquilo. Mas, que hoje existe muito essa pressão, existe. E as pessoas procuram por problemas psicológicos, por vários problemas que causam que ela vá procurar uma ajuda estética.

Você acha que nesse diálogo interno de quero; não quero, aceito; não aceito, que você foi se interessando mais pela área de Estética?

Eu acho que sim, pela questão de querer entender, sabe? Existem procedimentos estéticos que você olha, não, isso aqui você precisa fazer por questão de saúde, às vezes, você fazer uma cirurgia porque você precisa, mas hoje a busca é muito mais pela parte física e porque eu quero estar no padrão do que porque você realmente precisa daquilo, porque se você realmente fizer aquilo vai te ajudar na sua saúde. É que nem o caso do gordinho. Você pode estar gordo, obeso, mas o seu colesterol está ok, você não tem problema nenhum, você é saudável. Só é gordinho. E o magro pode ter todos os problemas do mundo, que o gordinho não tem. Tem esse lado, não é porque você é gordinho, que você tem algum problema. Ou não é porque você estava procurando um procedimento estético, que você tem algum problema. Às vezes, você está procurando ali coisa que você não precisa. Às vezes, você vai fazer um procedimento estético, que você nem precisava fazer e pode causar um problema, porque você está fazendo um negócio aonde não precisa. Por exemplo, uma pessoa magra vai fazer uma drenagem, uma massagem modeladora pra que? A modeladora não vai fazer nada ali. Às vezes, vai te prejudicar de uma forma que você não precisa daquilo.

Você sente isso como responsabilidade de um profissional da Estética? Porque você traz uma fala muito carregada disso. Para você está claro que Estética é saúde. Você acha que é isso mesmo?

No meu ponto de vista é. De qualquer forma, na minha clínica, eu estou lá atendendo. Vai vir a pessoa que está querendo por saúde, porque ela está precisando e vai vir muito mais pessoas, que não está precisando, mas quer fazer por causa da estética. E eu vou ter que atender os dois da mesma forma. Mas, no meu ponto de vista, eu acho que deveria ser usada a Estética, mais como uma parte da saúde que você precisa do que pelo seu físico. Pelo seu físico vai fazer atividade física, vai no nutricionista, não precisa de uma coisa tão invasiva pra um probleminha que você não tem.

Você acha que os procedimentos estéticos são invasivos?

Eu não sei se é a palavra certa, mas eu acho que assim, um procedimento tão pesado ali, que você não precisa. Não no sentido de ser invasivo, mas no sentido de ser muito forte. Por exemplo, gordura localizada. Tem gente que é super magro e não precisa e tem aquela gordurinha ali que está incomodando. Muda a alimentação, faz alguma atividade física, muda o treino que está fazendo.

Você acha que está no profissional errado.

Dá pra resolver, entendeu? Você não precisa fazer uma modeladora pra resolver um probleminha ali. Eu acho que o invasivo foi uma palavra errada. Eu não soube explicar. Mas, assim, não precisa de um tratamento tão grande pra resolver um problema tão pequeno. Mas, eu sei que vai aparecer. Vai aparecer muita gente que vai chegar ali. E dentro das pessoas que vão chegar ali, eu acho que vão chegar mais pessoas que estão o psicológico abalado, por conta do que estão ouvindo, por conta do que falam pra ela dentro da família, por conta que ela vê a mídia como é do que realmente, às vezes, nem ela está querendo. Às vezes, pra ela está bom assim o corpo dela, mas de tanto os outros falarem, ela vai querer fazer. Então, vai chegar mais gente com problemas psicológicos nessa questão do que numa questão de saúde.

Você acha que é muita responsabilidade?

É.

E você acha que nesse um mês e meio, você já conseguiu identificar alguma diferença no curso, que te mostre esse olhar? Porque você não entrou ingênua. Você sabe que você tem um público muito pequeno, que vai buscar a Estética pela saúde e tem um público de massa que vai procurar o seu serviço para ficar bonita, né?

Sim.

E você tem um olhar para esses dois públicos e entende que você tem uma postura enquanto profissional da saúde, por exemplo, que é falar para a magrinha, que ela pode alcançar o resultado que ela quer com outros tipos de recursos.

Eu vou fazer ali a modeladora que ela está pedindo, mas eu também posso de uma forma sutil, comentar com ela sobre uma nutricionista, perguntar se ela faz alguma atividade física. Eu posso estar conversando ali, eu não posso passar uma dieta pra ela, porque eu não estou apta pra isso, mas eu posso induzir ela de uma forma sutil, pra que ela procure outra profissional. Não vou negar ajuda pra ela. Ela está ali? Eu tenho que atender. Ela está ali. Mas, eu não posso manter ela ali por muito tempo, porque ali ela pode ter resultado? Pode. Mas, também pode não ter. Mas, a alimentação dela vai contar muito mais do que a modeladora que eu estou fazendo. Então, hoje com o curso até o que eu vi agora...é pouco tempo, mas o que a gente viu até agora foi muito da parte da anatomia e fisiologia. Onde a gente vê o que acontece com o corpo, como acontece, como funciona. Então, se você vê uma pessoa que não tem problema nenhum e vai fazer, por isso que eu disse, que, às vezes, vai prejudicar, porque ela não tem aquele problema. E eu vou mexer em um lugar onde vai ter uma reação química e, às vezes, não precisa. Por isso, hoje eu consigo entender, mas espera aí? Não é assim que funciona. Tem um por que. Às vezes, eu vou mexer aqui e não é bom eu mexer aqui, porque está tudo bem. Às vezes, ela tem outro problema, que pode acontecer outros problemas em cima, pelo que eu estou fazendo ali. Então, tudo tem uma reação química no corpo daquela pessoa. Hoje, mesmo com pouco tempo, eu já consigo entender o que eu vou conseguir fazer e o que eu não posso.

Entendi. Inclusive, o critério, a responsabilidade...

Sim. A responsabilidade é muito grande. Porque da mesma forma que você quer ajudar aquela pessoa... Porque eu vou saber o que ela está ouvindo das outras pessoas, eu vou saber o que ela está sentindo, porque eu passei pela mesma coisa. Então, eu vou querer ajudar ela. Mas, querendo ajudar ela, eu não vou negar tratamento estético. Eu vou fazer, mas eu vou induzir ela a procurar outro profissional.

Eu acho que, talvez, até garantir pra pessoa que tratamento é diferente de procedimento.

Sim.

Eu não sei se você enxerga isso, mas, às vezes, as pessoas buscam o procedimento estético, o que está na moda, o que está dando resultado pra capa de revista.

Também pra poder indicar. Às vezes, olha, você não está precisando desse. Tenta experimentar esse daqui que, às vezes, pode...entendeu? Levar por outro lado. Ou então, às vezes, o que eu já ouvi em aula. Às vezes, a pessoa está lá, não porque ela precisa daquele, mas porque ela quer melhorar a autoestima. Então, você não precisa fazer aquele, você comenta com ela sobre outro tratamento estético, que não vai afetar ela em momento nenhum, mas que vai trazer autoestima para ela. Então, você muda o procedimento. Você faz o que ela quer e durante aquele que você está fazendo, você comenta do outro. Pra ela poder entender que ela pode fazer outro, que não é aquilo lá que ela precisa.

Entendi.

Não é porque todo mundo está fazendo drenagem, que ela tem que fazer. Não é porque todo mundo está fazendo modeladora, ah, eu preciso de modeladora. Então, dá pra mudar isso.

Quando você fala que a sua escolha foi muito motivada por esse diálogo seu entre o que eu preciso e que eu quero, o que eu não quero pra vida... Você teve alguém que te inspirou? Tem algum profissional, alguém que é da área que foi inspirador para você?

Então, o que mudou muito pra mim...eu trabalhei em salão, então, eu via que tinha gente que ia todos os dias lá e não precisava.

Quanto tempo você trabalhou no salão?

Um ano e meio. Eu comecei como recepcionista e subi pra subgerente. Aí eu acabei saindo, porque eu quis estudar. Então, eu pedi pra sair. Mas, assim, você vê...no salão mesmo eu já estava percebendo. Iam pessoas uma vez lá por semana, ah, eu vou fazer a minha unha. Porque ela quis fazer. E tinha gente que ia a semana inteira. Que ia todos os dias. Só lavava o cabelo lá, só secava o cabelo lá. Nascia um pelinho, ela ia tirar a sobrancelha. Então, no salão eu já conhecia ver a pessoa que ia buscar, porque ela se sente bem buscando e a pessoa que ia buscar, porque alguém estava impondo aquilo pra ela e por isso, ela tinha que ir lá todos os dias. Trabalhar no salão foi uma e a questão do meu pai ser professor de educação física. Ele foi uma das pessoas que sempre falou muita coisa pra mim antes. Então, eu via de outra forma e hoje eu vejo de outra. Então, ele fala bastante: não, porque você tem que fazer atividade física... Porque você tem que procurar um tratamento estético. Porque você tem que procurar não sei o que, não sei o que lá...

O seu próprio pai.

O meu próprio pai. Então, por ele ser da área de educação física e ele me mostrar muito essa questão do corpo, da saúde, de ser saudável, eu também quis entrar de vez nisso.

Mas, o seu pai tinha um foco na saúde ou na beleza?

Eu acho que nos dois, porque dava pra eu ver um ar meio preconceituoso assim, sabe? De ver... você não pode ficar assim. Por que eu não posso ficar assim? Eu vejo isso na questão dele com a minha mãe. Porque ele pega muito no pé da minha mãe, porque a minha mãe é gordinha. E ele fica: não, porque ela não pode ser assim...Mas, quem disse que não? Ela está saudável, o meu colesterol está pior que o dela e você está falando o que? Deixa ela continuar com a vida dela, se ela está bem assim. Então, eu vi pelos dois lados. Eu vi pelo lado da preocupação com a saúde, pra que não desencadeie nenhum problema e também vi pela questão de beleza mesmo. Então, dentro da família mesmo deu pra ver isso e que me fez mesmo ir querer estudar e saber. Não, eu quero entender isso daqui.

Você terminou o Ensino Médio, você falou que estudou em escola particular.

É, mas eu terminei o Ensino Médio, em escola pública.

Você estudou particular no ensino fundamental?

Foi o Fundamental I, II, pré, maternal, jardim, tudo em particular. Eu fiz até o primeiro do Ensino Médio, metade dele eu fiz na particular e depois da metade pro final, eu fiz em escola pública.

Foi uma escolha?

Foi. Na verdade, eu estava em escola particular, mas eu não me via muito ali dentro por questões de vida assim, por questões de ver de outro jeito. Onde ali na escola, o que valia mais não era se você tinha caráter ou não. Era se você tinha o celular da moda, se você tinha a roupa que tinha que ter, se você se arrumava e se você não se arrumava. E pra mim, isso não vale muito. Eu não vou fazer amizade com alguém, porque ela está bonita. Eu vou fazer amizade com ela pelo caráter que ela tem, pelo jeito que ela é, pela personalidade dela. Então, ali, eu me via meio fora da caixinha. Aí eu conversei com a minha mãe, que trabalha em escola estadual, em Louveira e aí conversei com ela. Viu, não tem como eu terminar em escola estadual? Ela: você tem certeza? Eu tenho. Mas, é à noite. Não tem problema. Eu vou me dar muito melhor lá do que onde eu estou. Às vezes, pra mim era meio sufocante, porque você tinha que estar ali, do jeito que todo mundo queria que você tivesse e você tinha que manter aquilo. E quando eu fui pra escola pública mudou totalmente.

O que você acha que mudou?

Eu acho que mudou a forma como as pessoas te olham, mudou a forma como as pessoas conversam com você. Elas não ficam te medindo a todo momento. Lógico, quando eu cheguei lá, todo mundo assustou. Porque eu estava acostumada a ir de um jeito pra escola e quando eu fui pra outra...ih, eu posso voltar a me vestir como antes. Eu não preciso me arrumar antes. Então, é muito diferente, desde a forma como te tratam lá dentro até a forma de ensino, de como você estuda, da matéria que é dada. Tudo é muito diferente.

E o que mudou nessa questão do ensino?

Na escola particular era imposta muito a matéria pra você e era dada de outra forma assim. Você tinha que estudar vinte e quatro horas por dia, você tinha que saber aquilo...

Você tem que passar no vestibular.

É. Você é programado pra entrar na USP. É tipo isso. E numa escola pública não. Na escola pública, ele te passa a matéria, mas pra você saber e não porque você tem que entrar em uma USP. Só que tudo que eu aprendi na escola particular, eu fui pra pública e aprendi a mesma coisa. Eu não aprendi nada de diferente. Então, valeu mais pela experiência de convívio com as pessoas, de aprender a ver o outro lado da moeda, de ver a vida como é das outras pessoas e que não existe só a vida que você via. Existe uma outra vida, uma outra realidade e isso pra mim valeu muito.

Você diz que mudou muito de realidade sócio econômica?

Também.

Quais mais?

Econômica, o modo que elas são, a forma como elas foram criadas. Você vê a diferença. Eu sou filha de dois professores, então, eu não fui criada no berço de ouro, mas eu não tinha tanta carência quanto eles tinham. Eu sempre pude ter aquilo que eu gostaria de ter. Não tudo, mas todo mundo sempre deu um jeito de dar aquilo que eu queria. E do outro lado não. Lá eu via, aquele ali queria tanto aquilo e não está conseguindo. A minha vontade era de ir lá, juntar o meu dinheiro com o dele e comprar o que ele queria. A minha vontade era de ajudar todo mundo que estava ali. Então, o que eu fazia pra ajudar elas, era ouvir elas falarem e tentar dar um apoio moral pra elas, psicológico e comentar alguma coisa. E você via do outro lado, numa escola particular, por exemplo, que você

tinha tudo o que você queria, na hora que você queria... Se você falasse: eu quero um tênis, você ia querer agora. Não ia nem esperar. Porque muitas vezes, ah, mãe, eu queria tanto esse tênis. Pode ser o mês que vem? Espera. Pode ser no Natal? Do outro lado não. Qualquer coisa que você fosse precisar, você tinha. Então, eu via só aquele lado que todo mundo tem que ter tudo. E não é bem assim. Na verdade, não é assim. Você não precisa ter tudo. Por isso, eu digo que hoje vale muito mais a sua personalidade, o seu caráter do que o que você tem.

Você acha que a sua experiência de ter trocado de escola foi importante pra você decidir a sua vida profissional?

Sim. Demais. Valeu muito, porque hoje eu consigo ver todos os tipos de pessoas de outro jeito. Eu não ia ver sempre da mesma forma. Então, vai chegar um cliente na minha clínica e eu vou saber atender ele. Se chegar um mais pobre, eu vou saber atender. Se chegar um mais rico, eu também vou saber. Então, eu vi os dois lados. E hoje tem muito preconceito. Se você chega em uma clínica e você está vestido de uma forma mais pobre e você não está arrumando tanto, você vai ser visto de outra forma. Independente de qualquer loja que você for, qualquer lugar que você for, você vai se vestir de outra forma.

Você já sentiu isso?

Já. Muitas vezes. De chegar em um restaurante e ficar todo mundo olhando. De você entrar em uma loja e olharem pra você e muitas vezes nem quererem te atender, porque acha que você não tem dinheiro pra comprar ali, entendeu? Na semana passada eu fiz isso. Eu entrei em uma loja que me olharam assim, ah, essa aí não vai comprar nada, ela não tem como comprar. E eu percebi isso. E eu fiz questão de comprar a blusa que eu queria lá. Eu podia ter comprado em outra loja, mas eu comprei lá. Um valor um pouco mais caro, mas eu comprei. Pra falar: viu, não é a roupa que eu estou vestindo que vai dizer o que eu posso e o que eu não posso. Isso tudo conta muito assim. Pela minha experiência de trocar de uma escola particular pra uma pública, por mais que eu não aprendi nada de muito novo como matérias, conteúdo, eu aprendi de outra forma. Eu aprendi como vida e como olhar as pessoas.

Você acha que se você estivesse na escola particular...uma suposição, você teria trilhado a sua carreira pra um ensino técnico?

Eu acho que sim, porque eu nunca fui de ficar estudando, de ficar ali sonhando, não, porque eu tenho que fazer USP, Unicamp, Unesp... A minha família fazia muito isso em mim, "*você tem que fazer faculdade*", "*você tem que não sei o que*"... Porque assim, os meus primos fizeram USP, Unicamp, Unesp, mas eu falava assim: mas, eu não vou fazer. Como eu vou falar pra eles que eu não vou fazer? Então, eu fiz vestibular? Fiz. Eu não estudei nenhuma vez. Eu fui fazer, porque a minha mãe queria que eu fizesse e não porque, não eu quero passar. Se eu passasse, nossa, eu ia ficar super feliz. Mas, não é uma coisa que vai mudar a minha vida se eu não fizer USP ou Unicamp.

Então, você não teve uma escolha? Eu fui lá prestar vestibular para tal. Você prestou por pressão.

Eu prestei por prestar. Eu fui lá e fiz. Que nem o ENEM. Não, porque eu achava. Eu tenho que passa.

E nesse momento, você tinha algum projeto? Lá em 2015.

Eu tinha um projeto de fazer Estética.

Já estava na cabeça.

Já tinha.

Quando ele apareceu?

Apareceu mais no final, porque eu estava com muita dúvida se fazia Nutrição ou Estética. Então, eu fui conversando com várias pessoas, eu fui pesquisando tudo, visitei Anchieta, visitei Unip que são as mais próximas daqui.

Aí você ia fazer graduação?

Se eu fizesse Nutrição, sim. Aí eu estava procurando, pesquisando, assisti aulas, conheci tudo e falei: não. Vai ser Estética mesmo. Mas, eu demorei, porque eu estava mais focada no trabalho e como eu tinha acabado de subir pra um cargo, eu não queria sair. Eu estava feliz em ter chegado naquele cargo. Aí passou os anos, espera aí, eu preciso estudar. Se eu ficar aqui, eu não vou chegar aonde eu quero.

Porque daí você já tinha terminado o Ensino Médio, foi trabalhar e parou de estudar.

E parei de estudar. Aí eu resolvi procurar mesmo. Pra mim não conta muito se eu vou fazer uma faculdade, se eu vou fazer Unip, se eu vou fazer Anchieta, se eu vou fazer Unicamp. Não importa. O que importa é se eu vou chegar aonde eu quero. Não importa o caminho que eu vou fazer. Você tem que chegar lá. E todo mundo me impunha que eu tinha que fazer. Na época que eu estava trabalhando, todo mundo da minha família: Filha, você vai prestar vestibular esse ano? Não. Por que

não? Você tem que entrar em uma faculdade. *Você não vai fazer faculdade?* Olha, faculdade, eu não vou fazer, não. Mas, como você não vai fazer faculdade? Você vai ser o que, então? Viu, eu não preciso fazer uma faculdade pra ser alguém. Eu posso fazer um técnico. Eu posso fazer cursos livres por fora e ir me aperfeiçoando. Eu não preciso fazer faculdade.

E de onde que vem isso? Você é filha de dois professores, que pegam no seu pé para fazer faculdade. De onde vem essa clareza?

Como eu estava falando, eu nunca fui muito de estudar. Eu sempre aprendi muito mais na prática. Eu sempre aprendi muito ouvindo e não lá lendo o que está escrito no livro. Tudo bem, está escrito no livro, mas eu vou aprender mais se a pessoa falar pra mim, conversando comigo, me passando a informação do que está no livro do que eu ficar lendo lá e grifando e sabendo que está ali e estudando aquilo. Eu sempre aprendi muito na prática. Então, eu procurava alguma coisa que fosse na prática. Então, eu fiz curso de design, de maquiagem, mas é tudo na prática. Se eu tivesse que fazer uma faculdade...como é o nome? Pra cabeleireiro?

Cosmetologia?

Não. Eu acho que cosmetologia capilar, alguma coisa assim. Do que um curso. Eu vou aprender muito mais no curso, ele vai me dar a mesma matéria, ele vai me ensinar a mesma coisa, mas só que eu vou estar fazendo. Então, pra mim é muito melhor eu estar aprendendo, fazendo, porque eu vou sair de lá pronta pra exercer aquilo do que eu ficar estudando quatro, cinco, seis anos, pra depois começar a tentar a experiência. Porque hoje é muito visto assim: todo lugar que você vai, você tem experiência? Não. Então, mas pra eu começar a ter experiência, eu preciso começar em algum lugar. E só estão falando pra mim se eu tenho experiência? Esse foi um dos motivos que eu escolhi o Senac. Porque eu sei que no Senac eu vou ter a experiência dentro do curso. Eu não vou precisar ficar cinco, seis anos estudando pra depois procurar alguma coisa e ter a experiência, pra depois estar trabalhando.

Isso é um dos diferenciais do curso?

Muito. Eu, primeiro que eu não gosto de esperar. Para mim, eu já fiz aqui e já estou fazendo. Mas, também, porque a vida impõe que você comece rápido. No ponto de vista, pela vida social e financeira, se eu ficar esperando muito, ficar estudando lá cinco, seis anos para depois começar, eu gastei muito dinheiro nesses cinco, seis anos. Então, para mim, o meu retorno vai ser muito maior, muito melhor num curso Senac, que eu estou fazendo prática, que eu estou aprendo teoria e vou para a prática do que em um lugar que eu estou vendo só teoria e não tem prática. Não estou dizendo que os cursos de faculdades são ruins, não são. Você vai aprender muita coisa. Pode ser que quem faz uma faculdade de Estética saiba muito mais na parte teórica do que eu que estou fazendo aqui. Mas, na parte da prática, eu vou sair muito melhor do que o outro que está fazendo faculdade. Porque eu já vou estar sabendo fazer, eu tenho que saber a teoria? Mas, para trabalhar, eu tenho que ter a prática e não a teoria.

Você acha que aprender a teoria na prática é importante?

Eu acho que a gente aprende mais fácil, a gente aprende mais. Porque você vai estar fazendo ali. Então, na forma que você está fazendo, você está vendo a reação química por fora, mas você já estudou o que acontece dentro. Então, você está entendendo o que está acontecendo ali. Você consegue entender a teoria e a prática e você está vendo o que está acontecendo. Você vê o resultado. E você vê também o resultado interior, porque você estudou o que acontece ali. Já na onde você só tem teoria, você vai ver? Você vai ver. Mas, depois de cinco, seis anos que você está estudando aquilo. Então, você está ali, teoria, teoria e você fica na cabeça: e na prática, como que será que é? Juntou que eu sou muito curiosa, eu não gosto de esperar e eu aprendo muito mais na prática. Você me ensinar: vamos desenhar uma árvore? Vamos desenhar uma árvore. É assim que faz a árvore. Beleza, eu vou fazer a minha. Você me ensinou na prática como faz. Eu posso não fazer igual a sua, mas eu aprendi que a árvore é feita assim. Então, tem esse negócio que eu acho muito melhor e mais gostoso de estudar.

Você se identifica mais com essa forma de estudar.

Ahã. Você tem mais vontade de estudar. Eu trabalho de manhã, eu venho pra cá e depois à noite, eu vou pro trabalho. Se fosse ver, eu ia estar de manhã na hora que desse meio dia...nossa, eu tenho que ir lá estudar. Mas, não, porque você chega aqui e a aula é dada de outra forma. Você aprende na conversa, que é como eu gosto de aprender. Então, é passada a matéria toda pra você, mas não é passado tudo na lousa, você tem que copiar, você tem que procurar livros, você tem pesquisas, tudo aquilo. Você conversa e você aprende. Você faz as suas pesquisas? Você faz. Mas, não é da mesma forma. Não é jogando ali pra você, você tem que fazer isso agora. Aprende. Faz prova, se você tirar dez é porque você aprendeu. Não é assim. Às vezes, você sabe, mas na hora de você fazer a prova,

você não consegue por ali o que você está falando. A última prova que a gente fez, eu sabia tudo da matéria. Fiz a prova e errei coisas ali...como eu errei isso? Por quê? Se você me perguntasse qual era aquela pergunta, eu ia te responder a certa. Mas, na hora de pôr, você não presta atenção no que você está lendo. Você coloca de outra forma.

Você acha que a prova é um instrumento de avaliação justo? Ele é fidedigno, ele traz a realidade?

Dependendo da prova, sim. Por exemplo, se for uma prova que nem de vestibular, que tem toda aquela pressão, que a prova é gigantesca, que você tem que ler muito pra fazer. Às vezes, a pessoa sabe tudo que tem que responder, mas ela se cansa e na metade da prova, ela não consegue responder aquilo. Então, eu acho que não vale muito a prova. Vale mais, então, você sentar e fazer uma prova oral. Ela vai te dizer o que você quer saber, ela sabe, mas na hora de por no papel, ela não vai conseguir, porque ela vai se cansar de fazer aquilo. Por exemplo, no ENEM, eu acertei todas as questões do começo até a metade. Da metade pro final, eu errei. Por quê? Eu não sabia? Não. Porque depois eu peguei a prova...eu sabia isso. Porque você se cansa. Então, eu acho que não é um método muito bom, você fazer uma prova daquele jeito, enorme, ler um monte de texto pra responder uma questão, pra saber se você está apto ou não pra estudar na USP.

Sim.

Tem que fazer uma prova? Tem que fazer uma prova. Então, faça uma prova mais objetiva. Olha, eu quero saber isso. Responde pra mim, a,b,c ou d. Faça uma prova mais objetiva do que você quer saber. Não tem por que uma prova tão grande, pra saber uma única coisa. Reduz isso. Vai estar economizando papel, vai estar economizando tempo da pessoa que está ali fazendo a prova e vai estar economizando tempo da pessoa que está contigo. Tem que fazer prova pra entrar? OK. Eu também acho que tem que fazer prova, não dá pra todo mundo entrar. Mas, que seja mais objetivo como é aqui. Você tem uma avaliação? Tem. Mas, não é pra saber se você vai passar de ano ou não vai passar. É pra saber se você realmente entendeu aquilo. Pra você se auto avaliar e não pro professor avaliar se você consegue ou se você não consegue. Ou até mesmo pra avaliar o professor. Às vezes, você não entendeu aquilo e ele vai explicar de outra forma pra você entender. Então, eu acho que deveria ser mais objetiva.

Mais próxima. Uma avaliação mais ligada à formação do que a seu julgamento.

É.

Muito bom. Aí você falou que parou de trabalhar, para vir pra cá, mas você está dizendo que trabalha de manhã e vem pra cá e trabalha à noite? Como que está essa vida?

Está meio corrido.

(Risos)

Eu comecei agora. Eu estou como designer de sobancelha no salão. Mas, como eu entrei agora, eu não estou com muitos clientes. Então, pra mim não está cansando tanto. Mas, da mesma forma é um pouco cansativo, porque acorda cedo, eu entro às oito horas no salão. Aí eu fico das oito ao meio dia sem atender, porque o salão não tem movimento de manhã, eu também não tenho muitas clientes ainda, não fiz um nome lá dentro, então, eu fico sem fazer nada. Aí eu venho pra cá, eu saio daqui e volto pro salão. E, às vezes, no salão não tem ninguém. Aí você fica mais uma meia hora, uma hora e volta pra casa.

Está tão vazio assim, o seu salão?

Está um pouco vazio, principalmente durante a semana.

Mas, o salão não é seu? É de outra pessoa.

Não. É de outra pessoa. Começa e ter movimento na sexta. Na sexta à noite. De manhã, também não tem muito. E são sempre as mesmas pessoas que vão durante a semana de manhã. É sempre aquela que faz a mão com a mesma pessoa. Então, você vê que ali de manhã é mais rotina mesmo. De sexta e sábado que vem pessoas de fora, que não é sempre que vai. Aí que você vê a diferença.

Você vive o mercado de trabalho já?

Sim.

O que você acha? O que vai ser esse mercado depois de formada? Você faz algum tipo de plano?

Na verdade, eu gosto mais na parte de Estética, da parte corporal. Então, eu estou trabalhando como designer, eu gosto, mas não é o que eu quero fazer. Eu estou trabalhando nele, pra eu não ficar sem nada. Pra me ajudar de alguma forma com o que eu vou receber dali. Mas, o meu ponto alto mesmo seria mais na parte de spas e nem em clínica ali certinho pra um tratamento estético. Seria mais pra parte de spa e relaxamento.

Mais focado pra qualidade de vida do que pra beleza?

Sim. Porque eu acho que deveria usar mais a Estética pra saúde do que pra beleza. Então, por isso que eu prefiro e gosto mais dessa parte.

E, além dessa rotina de trabalho, você tem algum outro desafio pra vir pro curso, como que é?

Ah, só a questão de ônibus.

Você mora aonde?

Perto do terminal Hortolândia. Pra ir pro trabalho, eu tenho que sair de casa, pegar um ônibus no Terminal Hortolândia, pegar um outro ônibus e ir pro terminal central. Do central, eu desço a pé um quilometro, aí eu vou pro trabalho. Aí eu subo um quilometro pro terminal central. Pego o outro ônibus e chego aqui. Aí eu pego outro ônibus, eu vou embora. E pega mais um e pega mais um. Então, acaba sendo mais cansativo e acaba demorando mais o tempo que estou indo de casa pro trabalho ou do curso até em casa do que o tempo que eu estou ali. Então, esse é o maior desafio.

E nem é um tempo de trânsito. É um tempo de trajeto mesmo, porque pra fazer esses traslados...

Sim. Eu tenho que sair de casa às seis e meia da manhã pra conseguir chegar às oito horas. Às vezes, eu chego um pouco atrasada como cheguei hoje.

E nem é tão distante, né?

Não. Mas, tem a questão do ônibus, que ele não passa na hora certa. Às vezes, ele passa atrasado e, às vezes, adiantado. Aí você fica sem saber se ele já passou ou não passou ainda. Você espera. Se demorar muito é porque ele passou antes. Então, tem tudo isso também. Porque o transporte não é muito bom.

Não ajuda.

Não ajuda.

Mas, é algo que pode influenciar tanto no seu dia a ponto de falar: ah, eu acho que vou desistir do curso, porque está difícil de chegar lá?

Do curso não. Eu posso até desistir de ir pro trabalho. Desistir de estudar, eu não vou.

Você recebe bolsa do Senac?

Não.

Você é pagante.

Pagante, mas eu consegui um desconto quando eu comecei. Por conta da renda mensal, né? Ali de casa. Aí eu consegui um descontinho, mas eu vou ter que pagar do mesmo jeito. Mas, já ajuda bastante. Desistir... É difícil. (Risos)

Muito bem. Tem que perseverar. A gente está caminhando pra fase final e aí é um pouco assim: aonde a Rapha vai estar quando o curso acabar? Você falou: eu quero chegar lá. Onde que é esse lá?

Enquanto eu estou fazendo o Técnico em Estética, eu pretendo fazer outros cursos livres, dentro do Senac mesmo, que dá pra fazer aos sábados. Então, pra estar agregando e quando eu terminar, eu terminar todos os cursos que eu tiver que fazer antes, junto. Porque o meu objetivo, eu já tenho contato com três spas. Um de São Paulo e dois do Rio de Janeiro. Que eu tenho contato desde quando eu comecei a pensar em fazer Estética. Eu converso com eles todo mês e todo mês eles vem conversar comigo, eles expõem a proposta e até agora, o que está mais certo é um do Rio de Janeiro. Eles falaram: quando você tiver o seu diploma, eu preciso que você venha aqui pra gente ter a nossa conversa final. Então, todo mês eu tenho conversado. Então, o meu ponto é terminar os cursos o mais rápido possível, pra quando eu terminar esse, eu terminar todos os outros juntos. Alguns desses que eu quero fazer livre, eles perguntaram se eu não ia fazer. Eles deram uma dica, sabe? A gente precisaria disso, no seu curso tem? Esse aqui tem no Senac...tem, tem no meu curso. Então, eu acabei juntando e conseguindo fazer tudo. Mas, eu também não vou estar pronta, porque quando eu terminar esse, eu teria que fazer faculdade de nutrição.

Você quer fazer faculdade?

Eu vou acabar fazendo também. Eu só mudei a ordem, porque eu acho que vai ser mais rápido o técnico, por ser um tempo mais curto e eu conseguir estar na área antes do que primeiro eu fazer quatro anos de faculdade e depois fazer o mais rápido.

E depois você acha que OK, você fazer um técnico superativo, super prático, super de colocar a mão na massa...

Pode ser que eu não faça a faculdade.

(Risos)

Pode ser que eu faça o Técnico em Nutrição. Se eu ver que vou ter que fazer mesmo pra conseguir chegar na profissão ali que eu quero, naquele cargo que eu quero, eu vou precisar fazer isso? Eu não tenho como fazer só técnico? Eu vou ter que me aprofundar, então, vamos, né?

O que é esse cargo? O que é essa profissão que você almeja?

Na verdade, assim, eu queria ajudar as pessoas na parte da saúde mesmo e de todas as maneiras. Não só na parte estética corporal, mas também na saúde, na alimentação dela, na saúde física e na saúde interior dela. Então, pra eu poder ajudar tudo isso, eu vou precisar de outra coisa. Eu não posso só fazer esses cursos todos junto com o técnico e parar por aqui. Porque eu não vou poder ajudar na alimentação dela. Eu vou ter que procurar outro curso, outra graduação pra poder ajudar ela. Eu não posso ajudar ela ao todo. Porque eu acho que uma coisa engloba a outra. Eu estou ali fazendo um procedimento no corpo dela, mas se ela comer muito chocolate, o que eu estou fazendo não vai adiantar. Ou se ela só comer banana não vai adiantar, ela vai ter que comer maçã também. Então, pra eu poder ajudar ela ao todo, na saúde dela... Eu não quero ajudar só pra ela relaxar ali no programa que ela está fazendo. Não só ajudar superficialmente, mas poder ajudar como um todo.

De forma mais holística.

Sim. De poder juntar tudo e ajudar ela. Por isso, que eu pretendo ainda fazer a nutrição. Porque tem coisas que eu não posso fazer. (Risos)

Uma graduação pra complementar a sua formação técnica.

Sim.

E não o contrário. (Risos)

Pra complementar. Não porque eu acho que tem que ser ela primeiro.

Muito bom. Vamos lá, eu vou falar e você pode completar com uma frase, com uma palavra.

Pra você, Estética é..

Saúde.

E a área da saúde é...

Bem-estar.

O seu sonho profissional é...

Cuidar da saúde.

E o seu sonho de vida?

Ter uma boa saúde (Risos). Não só pros outros, mas a minha também.

Você acha que as suas escolhas incluem também o cuidar de você e da sua qualidade de vida?

Sim. Eu olho pros outros, mas eu também vejo o meu. O que eu teria que mudar? E acho que eu também poderia ajudar as pessoas... Por exemplo, o que eu estou estudando não vai só ajudar os outros que eu quero ajudar, vai me ajudar também. Então, eu acabo juntando os dois, o útil ao agradável. Eu uso pra mim e pra eles também.

Muito bom. Rapha tem alguma coisa que você queira me perguntar?

Acho que não.

Daqui cinco anos, aonde você se vê?

No Rio de Janeiro, no *spa* onde eu gostaria de estar, atuando onde eu queria e ajudando as pessoas da forma como eu queria.

E daqui dez anos?

Eu acho que continuando fazendo aquilo que eu gosto, fazendo aquilo tudo que eu estudei, mas também olhando pra minha família, que eu quero construir um dia. Olhando para os meus filhos e não só pro meu profissional. Daqui dez anos, eu posso olhar pro outro lado também.

Muito bem. Muito obrigado! Você quer deixar mais alguma coisa registrada?

Eu acho que não. Eu acho que falei tudo.

Muito obrigado por compartilhar esses momentos da sua vida e reservar esse tempinho da sua aula pra participar.

Imagina.

Entrevista com Manuela

Técnico em Estética

Gravação 4 (39 minutos)

Você faz PUC-SP?

Faço PUC-SP.

A minha irmã também.

O que ela faz?

Ela faz Medicina.

Verdade?

Só que é em Sorocaba, né?

Sorocaba, que bacana!

Bom Manuela, a gente está aqui para conversar um pouquinho sobre o seu curso, sobre as motivações que te fazem estudar Estética e por que você escolheu esse curso. Você tem oito meses de Estética, conta pra mim, por que você escolheu esse curso? Como foi essa escolha? Como foi esse processo até chegar aqui no Senac?

Na verdade, eu sempre gostei de trabalhar com pessoas e ver o bem-estar que a gente pode passar pra elas através do nosso trabalho. E eu sou manicure, maquiadora, aí eu tive a oportunidade de trabalhar em uma clínica, onde tinha estética e eu era meio que auxiliar da esteticista. Então, eu tinha contato totalmente, né? Porque ela fazia o procedimento, mas quem estava ali por trás pegando produto, recebendo o cliente era eu. Aí eu me apaixonei pelo fato de... A pessoa procura estética não por... Igual procura unha, por exemplo. Não só para embelezar, mas para melhorar algo que incomoda ela. E quando a gente conclui o tratamento, a gente vê uma nova pessoa, totalmente satisfeita e de bem consigo mesma. Isso é o que me dá motivação totalmente. Aí como a moça que eu trabalhei era formada pelo Senac, eu já vim direto e reto. (Risos)

Você nem pesquisou outro lugar? Como que foi isso?

Na verdade, eu pesquisei. Eu comparei currículos com o Anchieta, só que aí é superior, né? Mas, pelo fato do Anchieta, você ter que procurar um estágio e não ter o atendimento que o Senac tem, em cargas horárias, eu preferi colocar a mão na massa do que ficar só na teoria e também, porque eu já tenho um emprego ... Assim, eu sou autônoma, né, nessa área de beleza. Então, se eu tivesse que procurar um estágio, eu tinha que parar. Então, não era muito o que eu queria. Aí com o Senac, eu consegui conciliar os dois. Porque eu consigo trabalhar durante o dia, eu faço curso à noite e além de eu ter toda a parte teórica, eu ainda tenho uma parte de atendimento de laboratório, né? Que é o principal.

Você acha que a sua escolha, por fazer um curso técnico e não uma graduação, nesse momento foi em função da possibilidade de colocar a mão na massa?

Sim.

Você acha que foi isso que determinou?

Foi. Porque eu até passei em duas faculdades, eu passei em duas federais, quando eu saí do Ensino Médio.

É? Conta mais. Onde você passou?

(Risos). Eu passei em química na UFSCAR e em Farmácia na UNIFAL. Só que eu não fui, pelo simples fato de eu não ter o contato com as pessoas, nessas duas áreas de emprego.

Você achou que ia ficar muito apartada?

Sim. E eu gosto desse contato com o público. E eu não fui e não me arrependo.

Não se arrepende.

Não me arrependo.

Você fez o médio em Jundiaí?

Não. Em Louveira. Na escola estadual... Eu não lembro o nome da escola, mas o final é Ladeira. Porque tem dois Ladeiras, um em Jundiaí e um em Louveira.

Jundiaí, eu acho que é Leonita...

Não. Então, lá é o Joaquim Antônio Ladeira. Eu fiz lá.

Você gostou de fazer o médio lá?

Não. É que eu não tinha outra opção, outra oportunidade.

Mas, você saiu do médio e passou em duas federais?!

Sim. Tecnicamente fáceis, né, pelo curso. Por ser matutino e tudo mais tem uma brechinha ali, né? Mas, passei. Mas, não me arrependo de não ter...

Não se arrepende.

Não. Ainda mais que agora a gente está em laboratório e está tendo contato com o público, nossa! É muito bom!

Você constituiu uma trajetória, né, você falou que você é manicure, maquiadora... De onde que veio? Você tem falado, você percorre algo que é muito comum nos alunos na Estética, né? Sair da beleza e fazer essa migração. Como que veio isso em você? Que dia você falou: “ah, eu vou fazer uma unha.”

Na verdade, segundo a minha mãe, né, desde pequena eu gostava dessa área. Então, ela falou que eu sempre estava lá. Ela não podia deixar algum batom, alguma coisa no banheiro, porque quando ela via estava todo quebrado e eu estava toda “borrocada”. E eu sempre...nossa, eu adoro essa parte de expressão, sabe? Que tem na maquiagem e ao mesmo tempo, eu adoro a parte da beleza que tem na unha. Porque você faz uma unha é a sua mão, né? Você se sente totalmente bem, né? É incrível isso. Na verdade, começou assim, eu estava com uma unha encravada e fui em uma

podóloga. E nessa podóloga, ela tinha aquela prateleira assim de esmaltes, sabe? Que começa do branco e vai até o preto? Eu fiquei maravilhada por tudo aquilo. Aí toda vez que eu ia lá, como ela desencravava a minha unha e eu não dava trabalho, ela me dava um esmalte. Aí eu levava o esmalte pra casa e ficava passando na minha unha.

Você tinha quantos anos?

Seis anos. Mentira! Dez anos. Aí eu ficava passando esmalte na minha unha e fui pegando gosto pela coisa, sabe? E eu estava naquela transição pra adolescência, que você começa a querer fazer de tudo um pouco, né? Aí eu começava a pintar a minha unha e a minha mãe: “*ah, pinta a minha*”. Eu pintava a da minha mãe. Não ficava bom, mas ela falava que estava lindo. Aí a minha avó adoeceu e ela ia na manicure toda semana e parou de ir, aí eu comecei a só pintar a unha dela. Quando eu tinha uns doze anos, essa podóloga tinha uma tia que tinha um salão de beleza e ela começou da mesma forma que eu... Tendo alguém que estava ali dando um empurrãozinho pra coisa acontecer, sabe? E ela perguntou se eu gostava, se eu tinha vontade de aprender e eu falei que eu tinha. Aí ela começou a me ensinar a lixar, a esmaltar. Aí quando eu estava com doze anos, ela me ensinou a tirar cutícula. Aí eu comecei a fazer a da minha mãe, da minha avó. Por a gente morar na roça, então, não tinha tanta fiscalização, né? Aí eu fazia da vizinha, da outra vizinha.

Você mora em Louveira?

Eu moro perto do parque Currupira, em Jundiá, quase Louveira. É mais perto ir pra Louveira do que ir pra Jundiá. Eu ia de bicicleta, eu fazia. Ganhava, sei lá, uns cem reais por mês. Tinha Avon, né? Eu já comprava um lápis, um rímel, um batom. Aí eu começava a me maquiar. Quando eu fiz dezesseis anos, eu fui nessa clínica de Estética e comecei a trabalhar. Só que aí a dona começou a ter uns problemas financeiros e teve que me dispensar. Aí eu mandei mensagem pra essa moça. Porque eu tinha contato com ela, porque eu ia todo mês fazer o pé com ela. Falei: *Íria*⁵, você não está precisando de manicure? E no mês anterior, a manicure dela teve um problema, saiu, aí logo eu entrei e eu estou lá até hoje. Dois anos! (Risos)

Foram situações que foram acontecendo e que sempre te remetiam, né?

Isso.

Mas, teve alguma coisa ali na hora que você foi ajudar, que você foi auxiliar na clínica?

Sim. Totalmente. Isso que eu te falei, a pessoa chegava incomodada com uma mancha. Ela não se maquiava, não se sentia bem por conta de uma mancha na pele. Ela fazia dez sessões na pele, a mancha clareava e a pessoa já tinha vontade de se arrumar, de sair. Aí você já vê como faz bem pra pessoa, né? Muda totalmente a autoestima mesmo, né?

Vai além da beleza?

Vai. Muito além. É algo interior, sabe? Eu acho que se a pessoa for em um psicólogo desabafar e ir em um salão de beleza, ela sai melhor no salão de beleza.

(Risos)

Uma que a gente já faz aquela psicologia, porque você sabe a vida inteira da cliente. Aí você ajuda, dá umas opiniões. Mas, ela se vê bem... Talvez, tampe o sol com a peneira, né? Mas, ela se vendo bonita no espelho, ela se sente bem.

Você acha que é uma condição de melhora da autoestima pela melhora da beleza ou tem uma condição de que a pessoa se sentindo melhor, também expressa uma questão de bem-estar?

Não. Eu acho que ela estar arrumada faz com que ela se sintam bem.

Então, você acha que é uma condição... A Estética está mais ligada... Esse bem estar está mais ligado à condição da pessoa se sentir bonita ou da pessoa se sentir saudável?

Bonita.

Você acha que você está em uma área de beleza ou de saúde?

De beleza. Sabe, por quê? Às vezes, quando você faz a ficha de avaliação, a pessoa tem alguma patologia. Ela chega a esconder aquela patologia pra poder fazer o procedimento.

Ela quer ficar bonita a todo custo. É isso que você está dizendo?

Sim.

Raramente o objetivo dela é saúde?

Raramente. A não ser que seja um edema e que tenha que fazer uma drenagem linfática por uma...

Retenção de líquido...

Isso! Alguma coisa assim, entendeu? Ou um pós-operatório. Mas, geralmente, elas nos procuram pra fazer uma drenagem, porque elas passaram por uma plástica.

⁵ Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas.

E esse pós-operatório foi em função de uma cirurgia estética? ...

Isso. Deu pra entender, né? (Risos)

Deu. Essas pessoas que te influenciaram, o que mais você pode dizer? Quem são envolvidos nessas suas referências? Você fala muito da manicure, que estava ali perto de você.

Eu trabalho com ela hoje. Ela é tipo mãe, sabe? Porque agora que eu estou montando o meu espaço, ela me ajuda totalmente. Até o cartão de crédito dela, ela liberou pra eu comprar os aparelhos. É que tem o lado da amizade também, né? Da confiança pela amizade. Mas, ela é uma pessoa que fez com que eu me encontrasse, entendeu? Mais rapidamente. Porque por mais que eu tenha entrado rápido nessa área da beleza, eu acho que eu não escaparia dela.

É?

É.

E tem uma questão que você falava: ah, eu ia na podóloga e a lembrança que eu tenho da podóloga é ela desencravar a minha unha, mas eu também lembro daquele esmalte lindo.

É. Às vezes, eu nem estava com a unha encravada. Mãe, eu vou na Vânia, porque o meu esmalte acabou. Tinha que ir na Vânia, eu não ia na farmácia comprar.

Já não era uma condição de cuidado. Era uma condição de que você queria um esmalte.

Ahãm (Risos). Eu ficava bem com o esmalte.

Bom. Hoje você trabalha. Você está em contato direto com o mercado de trabalho em que você vai atuar após a sua formação. Como que você sente esse movimento?

Você fala em questão de crise ou sem contar com a crise?

Como é o movimento do mercado da Estética?

Ele está crescendo muito. Porque se você pega uma geração mais nova, eu falo pras minhas amigas: eu estou fazendo Estética. Nossa, que legal! Você vai fazer tratamento de pele, corpo e tal. Eu falo pra minha avó: eu estou fazendo Estética. O que é isso? É uma coisa que você percebe que o mercado cresceu, porque as pessoas mais novas tem visão dele. As mais velhas, nem tanto.

É mais atual.

É mais atual. Está chegando no auge ainda. Eu acho que ainda não atingiu, mas vai atingir muito próximo. Daqui uns três, quatro anos. Porque fica interligado com outro fato de que hoje em dia, as pessoas buscam o padrão da beleza.

Você acha que tem essa obsessão? Você acha que é um padrão ou que é um movimento ok?

Com esse negócio das redes sociais, de você ter mais contato com os artistas, você fica... Tipo, a *Aline Rosa*⁶, por exemplo, ela posta um negócio no *Instagram*⁷ dela e todo mundo quer aquilo. Porque tem aquela falsa sensação de que se eu fizer o mesmo treino na academia, eu vou ser ela, sabe? Então, a Estética tem isso, porque hoje em dia as pessoas seguem, pra chegar em um padrão de beleza. E é a Estética que proporciona isso, né?

E aí você está no curso, isso corresponde? Na hora que você começa a estudar, na hora em que você começa a ver mais a anatomia, fisiologia, todo mundo consegue ser a Aline?

Não. Uma porque tem o biotipo, o fototipo, né, que é o que acontece a miscigenação brasileira, né? Ninguém é igual a todo mundo, você pode até tentar, mas nunca vai ser. E tem também outros fatores, o financeiro. Porque se você tem uma nutricionista que faz a comida para você, se você tem um personal que faz o treino para você... É totalmente diferente do nosso dia a dia. Porque a gente precisa cozinhar, porque a gente come uma maçã e a gente está na correria. É totalmente diferente, sabe?

Você consegue enxergar isso? Por exemplo, se chega uma cliente pra você hoje e fala: Manu, eu quero ficar com a pele da Aline Rosa, e aí?

A gente tenta, a gente pode tentar, mas igual, igual, não vai ficar.

Você acha que o curso dá recursos pra você, por exemplo, dar essa explicação?

Eu sou nova no curso, né? Em oito meses a gente não viu tudo ainda, mas sim. Dá. Porque eu tive um caso essa semana de uma cliente que estava em um processo alérgico e ela queria fazer drenagem. Aí ela perguntou se ela podia. Eu tive que explicar pra ela, o que era a drenagem, qual era a reação que o organismo dela estava tendo do processo alérgico e explicar para ela se podia ou não, entendeu? Eu consegui. Então, eu acho que o curso me dá. (Risos)

Você acha que isso é um diferencial?

⁶ Os nomes próprios foram alterados para manter o sigilo sobre a as pessoas mencionadas nas entrevistas

Com certeza.

Você acha que isso é diferencial na sua formação?

Sim. Primeiro, porque a Estética hoje em dia ainda não foi regulamentada como profissão. Então, tem muitos cursos livres. O que você aprende num técnico de 1200 horas, uma pessoa não aprende em um dia. Aí é essa diferença que dá. Ao mesmo tempo é ruim, porque, às vezes, quem não está muito preparado e faz alguma coisa, queima o filme de todos, entendeu?

Você já está indo pra prática. Vocês estão fazendo atendimentos?

É. A gente já fez limpeza de pele, drenagem, massofilaxia a gente está iniciando e a gente já fez um protocolo de quatro sessões que a gente trouxe um modelo com acne.

Como foi essa experiência prática? Porque era o que você estava querendo. Quando você decide entre graduação e o técnico é porque no técnico você tem que colocar a mão na massa. Isso são palavras suas. E aí? Como foi?

Foi muito bom. Por mais que a gente esteja trabalhando três por maca, ou seja, em quatro sessões, eu só coloquei a mão duas vezes na cliente (Risos), mas foi muito bom, porque a gente vê o resultado, sabe? Eu encontrei ela pelo *Facebook*, eu nem conhecia a mulher.

A modelo?

É. Eu precisava de modelo e eu não tinha modelo. Não tinha ninguém na família com acne. Tinha eu, mas não servia. (Risos) Aí eu joguei lá no *Facebook*: “Preciso urgente de alguém disponível...”. E ela comentou. Como eu estudei com a irmã dela, eu já sabia...

Foi rápido? Quanto tempo demorou pra essa pessoa aparecer?

Segundos. Em dois minutos tinha dezoito comentários. Todo mundo querendo. Eu até marquei as meninas.

As meninas da sua turma.

É. Que não estavam conseguindo também, eu marquei elas. Tinha muita gente. Dava pra você escolher, sabe? Então, aí você já vê a procura. Ela veio e a pele dela estava totalmente estourada. Se fosse ver o grau da acne dela era até pra um tratamento dermatológico, com *Roacutan*⁸. Mas, só que ela ficou grávida e não pode tomar o *Roacutan*... Agora ela tem a filha: “*Aaaah, não quero tomar agora e tal*”. Então, ela partiu pro lado estético. Quando a gente terminou as quatro sessões era outra pele, era outra pessoa e era uma cliente. Uma possível cliente. Porque ela é de Louveira e toda semana ela manda mensagem: como que está a sala? Como está o curso? Você vai me atender? Você já está fazendo?

Ela está preocupada com você. (Risos)

É. E tem vários clientes lá que eu atendo e que também estão assim. Elas querem, elas estão esperando pra... Porque é um mercado assim, elas gostam de ter o contato com a pessoa conhecida, entende? Porque tem pessoas que fazem massagem modeladora e elas falam que tem vergonha de tirar a roupa perto de alguém que ela não conhece, entendeu? Então, por elas já terem esse contato comigo, elas ficam esperando.

Quando a gente pensa em todo esse assédio da mídia pra ter o corpo perfeito, a curva das famosas e aí, de repente, você tem um corpo que não se encaixa em nenhum desses padrões, você precisa fazer um procedimento estético e até por condição de saúde, eu preciso fazer uma drenagem, mas eu não me sinto bem com o meu corpo, eu não me identifico com esses padrões impostos... Tem que ser uma relação de confiança muito grande. Você tirar a roupa na frente de um profissional, o que você acha dessa questão? Porque é uma condição de cuidado, não é?

Totalmente. E tem ainda a parte que é mental da pessoa, né? Porque tem muito tabu hoje em dia. Então, se a pessoa não está naquele padrão, ela já se sente mal por aquilo com ela mesma, né? Você tem que jogar ela lá em cima, né? Colocar a autoestima lá em cima, pra ela se sentir bem com ela. Porque eu acho assim... Não sei, e sou muito realista, sabe? Tem pessoas lindas, perfeitas, maravilhosas e chega em casa e não tem um abraço do pai com a mãe. Aí acha que a pessoa... Nossa, que maravilha! Você vê uma gordinha... Mas, você tem relação, você tem família, entende? Eu acho que hoje em dia, pra ser uma pessoa perfeita, a base de tudo é respeito. Se você é respeitada e se você respeita as diferenças, você é uma pessoa maravilhosa! Porque o respeito hoje em dia está tão perdido, sabe, no meio de tudo, que sei lá... É estranho.

Como você enxerga o respeito na sala de aula, nos atendimentos?

⁸ Medicamento utilizado para o tratamento de acne, que possui contraindicações importantes, principalmente para grávidas e lactentes.

Nossa, a gente está tendo muita dificuldade com isso. Agora mesmo, *Ivone*⁹ está falando lá na frente e tem meia sala no celular e a outra meia sala está conversando. É falta de respeito. Só que quando a gente vai apresentar um trabalho, igual as meninas estavam fazendo ali... Quem estava mexendo no celular antes do intervalo, que a Ivone estava dando aula, estava pedindo respeito pra sala pra fazer apresentação dela. Tipo, você não respeita, mas quer ser respeitado? É estranho, sabe? No laboratório é a mesma coisa. Às vezes, é muita conversa, você está fazendo atendimento externo. Você não sabe da onde é, da onde veio. Uma que assim, não é legal você conversar, porque, às vezes, você fala uma coisa que, tipo, afeta a pessoa indiretamente. Porque você não conhece quem é, né? E outra que assim, a pessoa veio ali pra relaxar, ela já teve um dia cansativo igual todo mundo, né? Ela está vindo, se colocando à disposição pro seu trabalho, você tem que respeitar ela e passar tudo o que você tem de melhor pra ela, né?

Está sendo um desafio pra você?

Em certos momentos, sim. Eu sou uma pessoa muito sincera, muito direta, sabe?

Mas, eu acho que tem uma coisa que é o que te move. As suas escolhas são porque você queria estar com pessoas. Você não queria estar dentro do laboratório de química.

Eu queria estar trabalhando com pessoas.

Eu acho que tem uma condição de humanização, que é independente de você estar na saúde, no bem-estar... Está diretamente relacionada com você...

Ahã.

E pelo seu discurso, você traz essa questão do cuidado. Desde o dia que a podóloga desencravou o seu dedo até esse momento, você acha que é isso que te incomoda? Você acha que é falta de respeito ou a falta de humanidade mesmo?

Falta de respeito, porque é a falta de respeito que traz a falta de humanidade. Isso me incomoda muito, porque... Ah, não sei, eu venho de uma família que todo mundo se respeita, sabe? A minha mãe não dá uma roupa embora, porque se não serve pra mim, não vai servir pra outra pessoa. Então, a gente só dá pro outro, o que a gente quer pra gente. Aí a gente chega em um laboratório e a gente vê as pessoas atendendo alguém como se fosse... Ah... Não passa aquele cuidado, aquele carinho. Eu acho que tem que ter. Que é vínculo, sabe? Igual a Ivone fala, que, às vezes, o cliente chega e nem está precisando fazer uma limpeza de pele. Ela está precisando, do "oi", do abraço, do "tudo bem?" que você pergunta quando ela chega. Esse negócio de celular, de computador, hoje em dia, não traz esse contato de pessoa pra pessoa. Às vezes, você vai em um restaurante e está todo mundo no celular. Você está em grupos de amigos pra ficar no celular...

Você escolheu uma profissão. Você fala do colocar a mão na massa, muitas vezes, colocar a mão do corpo da pessoa.

Ahã. Você tem que ter esse cuidado.

É seríssimo.

Você tem que ter o toque.

O toque, o cuidado, a gentileza.

Você tem que amar o que você faz também, né? Porque senão, você não vai repassar isso pra frente.

Você se sente à vontade na Estética?

Me sinto tipo... Como se fosse uma cabine só minha, sabe? Fosse eu e o cliente. Igual você perguntou, os meus desafios é conviver com as conversas alheias.

No ambiente compartilhado.

Isso. Eu acho que agora que eu estou montando a minha sala, eu vou me sentir muito melhor do que eu me sinto no laboratório, apesar de eu já me sentir bem.

Você se sente bem no laboratório, mas você se incomoda com as posturas de algumas colegas.

Sim.

Tem algum outro desafio que você enxerga no curso? Em algum momento você falou, ah, não vai dar, eu acho que vou ter que parar...já passou isso pela sua cabeça?

Não.

Vão acabar essas 1200 horas rapidinho, então!

(Risos) Já faz oito meses e eu nem tinha me dado conta!

Muito bom! Que planos você tem depois da sua certificação técnica?

⁹ Os nomes próprios foram alterados para manter o sigilo sobre as pessoas mencionadas nas entrevistas

Eu acho que eu sou tão ansiosa, que eu não vou esperar o certificado chegar. Eu já estou montando a minha sala, porque a *Maria*¹⁰ falou que conforme a gente for aprendendo, a gente já está apta pra realizar. Então, eu já vou começar a atender. Porque aí, quando eu chegar lá, quando eu já tiver formada, eu vou ter a minha cartela de clientes formada. Quando eu for sair do Senac, se eu for esperar montar sala, montar cartela de clientes pra começar a fazer... Demora muito, entendeu? É uma transição muito longa.

Então, você está fazendo a transição do trabalho de manicure pro trabalho de esteticista?

Sim.

Você está conseguindo fazer esse momento de transição?

Já. Apesar que eu não quero parar, sabe? Eu vou continuar trabalhando com tudo. Porque Estética, o mercado forte é segunda, terça e quarta e manicure e maquiagem é quinta, sexta e sábado.

Entendi. Então, você é polivalente nos dias da semana.

Pretendo conseguir, né? Tipo, organizar a minha agenda de Estética de segunda à quarta... Porque como eu já trabalhei na área, eu sei que é difícil procurar algum procedimento estético final de semana. Que ela quer fazer no começo da semana pra no final da semana, ela já ver o resultado, entendeu? Aí eu quero conciliar.

Aí você fala das aulas da Ivone, das dicas da Maria, né? Como que é essa questão de você olhar um profissional mais experiente?

A Maria, eu quero ser ela quando crescer, sabe? Porque a Maria é uma pessoa muito experiente, além de ser uma pessoa maravilhosa. Eu fico pensando: no lugar dela, eu já tinha dados uns cinco berros no laboratório.

Você acha que tem uma questão de postura da Maria, que é importante pra você?

Eu acredito que sim.

Como é a Maria pra você?

Eu conheci ela há pouco tempo, mas a bagagem dela na Estética é enorme. Nossa, ela tem uns conhecimentos que você fica pensando: meu Deus, sabe? Tudo que você pergunta pra ela, ela sabe. Tudo que ela não sabe, ela procura saber. E tudo já aconteceu na vida dela, sabe? (Risos)

E a Maria nunca parou de estudar. Eu acho que isso...

É superimportante.

E quais são seus planos? Você vai continuar fazendo cursos, você pretende retornar pra uma graduação, como que é?

Eu acho que graduação não. Eu não gosto muito de estudar.

Não?

Eu estudo tipo o básico, sabe? Na escola, o meu pai exigia uma média acima de oito. Eu estudava pra tirar nove. (Risos)

Mas, tirar nove é bastante. É uma média bem alta pro seu pai. (Risos)

Se eu tirava sete: *"Pode estudar, porque você não faz nada além de estudar!"* (Risos). Ele sempre exigiu bastante. Hoje em dia eu vejo que era necessário, sabe? Mas, eu quero focar nessa área da Estética mesmo. Talvez, se depois que eu sair daqui, se eu for pesquisar algum curso que seja muito do meu interesse e pra eu fazer ele, eu preciso fazer uma graduação, aí eu vou atrás da graduação, entendeu?

Entendi. A sua locomotiva é a Estética.

Sim. Igual, eu tenho planos que eu pretendo realizar. Eu quero focar na parte facial, porque a parte corporal é difícil você trabalhar. Porque você precisa da ajuda do cliente mais do que na facial, né? O cliente te procura pra uma redução de medidas, mas não faz um exercício físico e come Mc Donald's. Tipo, é o seu nome que está em jogo, entende? É mais fácil você ficar queimado do que em facial. O facial você só precisa passar o protetor solar. Eu pretendo me especializar em facial e no corporal, só em pós-operatório. Eu quero fazer alguma parceria com algum cirurgião plástico, pra só fazer pós-operatório. Porque aí ela vai ver o resultado através do médico, entende?

Entendi.

Aí é mais fácil você fidelizar a cliente.

Você tem esse plano de vida, de se aproximar...

Sim.

Então, vamos lá! Vamos chegar pra reta final. Vamos pensar na Manuela pós formatura, formada no Técnico em Estética, como que você vai estar?

¹⁰ Os nomes próprios foram alterados para manter o sigilo sobre as pessoas mencionadas nas entrevistas

Nossa! Eu vou estar com a minha sala pronta, porque isso já é fato. Com alguns clientes. Às vezes, eu acho que vou ter que mandar mensagem pra Maria, porque eu vou estar em dúvida de alguma coisa. Você nunca sai pronta pra surfar, né? Você está em cima da prancha, mas surfar assim... É com alguns anos de profissão. Aí eu penso em ter me realizado em escolher o Senac, entendeu? Porque tem momentos que a instituição deixa a desejar.

Em que sentido?

Nesse sentido de média, de nota.

Não existe média e nem nota.

Exatamente.

Mas, não é claro isso pra você.

Já teve provas que eu vi alunos não estudarem e eu me matei de estudar, e todo mundo passou, entendeu? Porque eu acho que se tivesse nota, eu acho que seria mais fácil.

Mas, você acha que é uma questão de não ter nota ou de alinhar um processo de avaliação?

Não ter nota, não significa que não reprova...

Pode ser o processo de avaliação mesmo, porque o professor teria a visão do aluno que está mais pra frente do aluno que está mais pra trás. Porque, às vezes, em laboratório, quem está mais pra frente se prejudica, em ter que esperar o que está atrás ou quem está atrás se perde totalmente pelas aulas estarem andando. Conseguir entender?

Consigo. Até porque você traz uma questão de comportamento de laboratório, que é extremamente importante.

Ahã.

Pra constituição do profissional.

Sim.

Não é porque a gente está na escola, que a gente é chato. (Risos) É porque a gente tem que aprender. Não é que você vai ficar falando, batendo papo de assuntos que podem machucar, inclusive psicologicamente, a pessoa que você está atendendo, não é?

Eu pretendo me realizar. Não me arrependo de ter escolhido o Senac.

E daqui cinco anos?

Falta um pra terminar o curso, quatro anos de formação... Pretendo ser o nome na cidade de Louveira, porque Louveira não tem Estética.

E daqui dez?

Nossa! Eu acho que já vou estar casada.

E você tem um projeto de vida que é casar?

Tenho.

E o projeto de vida, profissional está envolvido ou ele é dependente? Como que é isso?

Está envolvido, porque eu não quero parar de trabalhar, mas também não quero viver pro trabalho, entende? Eu quero conciliar. O meu trabalho já é próximo da minha casa. Em cinco minutos eu estou lá. Ou eu me adapto ao trabalho ou adapto o trabalho na minha vida. Mas, eu não vou deixar de fazer alguma coisa. Eu nunca deixo de fazer nada, entende? Eu sempre dou um jeito.

É uma meta, você conseguir viver a vida, independente do seu trabalho, independente das atribuições do seu trabalho?

Sim.

Mas, é uma meta? Vamos dizer que isso é qualidade de vida pra você?

Sim. Porque a moça que eu trabalhei com Estética era uma profissional muito reconhecida, só que ela entrava pra trabalhar oito e meia da manhã e saía onze e meia da noite. Ela chegava na casa dela e o filho dela já estava dormindo. Quando ela saía, o filho dela estava dormindo. Parecia que ela vivia pro trabalho, entende? E eu não quero isso. Eu quero organizar a minha agenda, igual eu já organizo. Eu tenho curso à noite, então, eu não vou faltar do curso pra atender uma cliente. Eu atendo até às quatro, pra finalizar às cinco. Pra dar tempo de eu tomar banho e jantar, pra mim ir pro curso. E no final de semana, sábado é até às cinco, porque depois das cinco, eu tenho coisas pra estudar, tenho que sair também, às vezes, eu tenho algum aniversário de alguma amiga, né? E de domingo, eu descanso. Porque eu tenho que ter o dia pra descansar. Apesar de eu não trabalhar na segunda, eu não paro em casa, porque eu tenho que resolver um monte de coisas. E eu quero fazer essa conciliação, entende? Ou morar em Louveira ou manter o mesmo local de trabalho pra ficar próximo da minha casa. Porque como é sítio, eu até consigo construir alguma coisa ali.

Você quer ficar no sítio. Que delícia!

É muito sossegado, muito gostoso.

Outra vida, né?

Outro ar, outra água e você sente o cheiro de terra quando chove, entende? Você não sente cheiro de esgoto. (Risos)

Entendo perfeitamente. Manu, você tem alguma pergunta pra fazer pra mim? Algo que você tenha ficado com dúvida?

Não.

Tem algo que você queira deixar registrado?

Acho que não.

Tudo certo? Foi tranquilo?

Tudo certo.

Então, só tenho a te agradecer. Muito obrigado por confiar, por compartilhar um momento com as suas histórias, com a sua vida e eu estou à sua disposição.

Eu também, se você precisar de mais alguma coisa.

Perfeito!

Depois de desligados os gravadores, perguntei a Manuela como ela iria embora, em função do horário, bastante adiantado. Ela respondeu que seu pai a traz de Louveira para o curso e fica esperando no carro para ir embora. O transporte público urbano é muito precário na oferta de veículos entre as cidades e, por este motivo, o pai passa as três horas diárias de curso no carro, esperando por ela.

Entrevista com Sofia A

Técnico em Massoterapia

Gravação 5 (33 minutos)

Bom Sofia, vamos lá. Primeiro eu queria te agradecer por ter aceito o convite. Eu acabei de fazer e você já aceitou! (Risos) É muito importante pra mim. É uma missão pessoal minha, pro meu mestrado e por isso, eu tenho que ser muito grata a você por aceitar. Vamos lá: Você está no curso Técnico em Massoterapia.

Isso.

O que te levou a fazer o Técnico em Massoterapia?

Olha, eu antes estudava Artes Cênicas. Aí começou um processo de autoconhecimento e esse processo foi muito importante e eu me deparei com várias coisas na área da saúde, que tem a ver comigo. Aí eu fui me distanciando e percebendo que na minha vida era um algo além, só não entendia o que era. E eu fiquei bem perdida por muito tempo. Final do ano passado aconteceram várias mudanças na minha vida. Aí eu mudei de casa, mudei de cidade e estava sentindo um vazio, não estava fazendo nada. Eu estava começando a trabalhar, mas um trabalho que não me preenchia, que sabia que era pra me manter, mas não era o que eu queria. Aí eu estava nessa de saber o que fazer, porque eu sempre gostei de massagem, mas nunca recebi uma massagem profissional, mas eu tive algum contato com relaxamento. Sei lá, uma vez eu fiz massagem e uma pessoa falou que era pra mim fazer.

Você aplicou a massagem?

Apliquei. Leiga. Aí eu falei: por que não, né?

E a pessoa que recebeu falou pra você...

Falou que sentiu muito. “Nossa, não precisei nem falar pra você onde que estava doendo e você já estava indo”, falando as coisas e coisas que me faziam muito sentido. E eu acredito bastante no bem-estar. Eu acredito bastante na Medicina Tradicional [Medicina Tradicional Chinesa], acredito que estamos aqui por um motivo maior, nessa terra. Aí eu fui compreendendo. Esse vazio que eu estava sentindo... O que eu faço por esse algo maior? O que eu estou fazendo, além de mim? Aí optei pela Massoterapia, não sabia muito bem, achei informações sobre os cursos e aí resultou que eu ganhei uma bolsa, sem eu saber se ia dar certo ou não. Aí deu certo e eu estou morando em Campinas e aí tudo mudou. Falei: beleza! Aí as portas começaram a se abrir. Eu mudei agora pra cá, pra Jundiá e comecei a conhecer muitas pessoas, muitos amigos e está tudo ligando e fluindo muito bem. Está no caminho certo.

Muito bacana! Você tentou resumir uma história super cheia de detalhes. Eu vou te instigar um pouquinho mais. Primeiro de tudo, a sua formação em Artes Cênicas, você é formada? Conta um pouquinho.

Eu não me formei, porque assim, eu sou estrangeira e eu cheguei aqui no Brasil pra fazer um intercâmbio na área de Artes Cênicas.

Isso foi quando?

Em 2015. Aí nesse ano é só um semestre e eu gostei muito. Eu não ia por causa de umas matérias que não batiam e eu tinha que esperar por um semestre que faltava e terminar.

Seu intercâmbio aqui no Brasil foi onde?

Na Unicamp.

De que cidade?

Val Paraíso. Aí eu decidi ficar mais um semestre, porque não ia ter como eu voltar lá e não queria ficar parada. Aí na hora que chegou a hora de eu ir embora, eu tive uma crise muito grande. Porque eu não queria. (Risos)

(Risos) Nossa, eu já estou há um ano, um semestre e uma matéria pra me formar e é só isso. Está toda a minha família lá, os meus amigos, tudo, mas eu já estou construindo uma coisa aqui, eu não sei muito o que é e não sabia o que fazer. Eu estava me sentindo muito à vontade aqui, me acostumando muito com o clima e sentindo muitas coisas. Eu acredito que o ambiente influi muito no nosso desenvolvimento humano, então, eu estava me sentindo que eu estava me encontrando aqui. Ai eu passei por essa crise e duas semanas antes de voltar, eu decidi que não ia voltar. Aí eu voltei, eu fiz uma visita, fiquei um tempo lá, mas foi mais pra resolver isso, falar com a família, sabe?

E retornou pro Brasil.

É. Aí eu escolhi não me formar.

E você não voltou pra Unicamp, porque já tinha encerrado.

Foi mais uma coisa técnica. Se fosse por mim, eu queria terminar. Uma coisa por mim, porque é legal começar uma coisa e terminar, pelos meus pais, minha família que me apoiou muito, porque foi muito difícil e eu sentia como uma forma de agradecer eles... Terminar isso. Mas, por causa dos currículos, das burocracias e tal, eu tinha que pagar um dinheiro muito alto e não deu certo. Aí a outra crise, eu fiquei meio perdida e sempre estudando o tempo inteiro. Estudei desde o infantil, Ensino Médio, aí eu estudava o dia inteiro. Sempre foi em torno dos estudos. Depois disso, eu imediatamente entrei na faculdade e passei um ano sem isso, quebrando esquemas na minha cabeça, na minha vida. (Risos). Foi bem forte. Aí eu entrei aqui.

Foi nesse período que você pesquisou.

Eu nem pesquisei. Eu não pesquisei nada. Foi uma coisa assim: tá, beleza, eu preciso fazer alguma coisa. Quero me profissionalizar em alguma coisa... Porque eu comecei a pensar, eu ainda estou recebendo ajuda dos meus pais. Então, falei: tá, como que eu vou manter a minha vida, o meu status de vida que eu quero e fazendo o que eu quero. Uma coisa que eu tenho certeza, clareza, que eu não quero fazer uma coisa forçada ou trabalhando em alguma coisa que me faz infeliz. Beleza, eu sei que um tempo você precisa, tudo bem. Eu não quero isso pra minha vida. Eu não sabia se pegava algum curso de instrutor de ioga ou de aromaterapia, aí eu fui pesquisando, mas não foi muito pesquisa. Na real, eu nunca pesquisei muito.

Eram coisas que já tinham passado por você? Aroma, yoga...

Jamais. Eu sinto que eu tenho uma ligação intuitiva com essas coisas, mas eu não conheço. Yoga eu já tenho pegado alguma aula, mas eu não tenho assim um processo. É uma coisa que eu gosto, eu vejo na internet, eu faço por minha conta o que dá pra fazer e gosto e sinto que é pra valer. (Risos)

Aí você fez uma massagem e alguém falou que você levava jeito e aí você virou pra Massoterapia.

Então, eu sempre gostei muito do toque, de fazer nas pessoas e acariciar e tal. Aí eu tinha umas experiências loucas assim, sei lá, de me conectar com a energia da pessoa e meio que descarregar assim em mim e ficar muito mal, aí eu tomei a decisão da minha vida de não fazer mais. Aí eu me afastei totalmente. E essa vez que eu fiz nessa pessoa, uma pessoa muito especial, amiga, maravilhosa, linda, que estava em uma viagem e numa situação muito difícil. Aí eu tomei a decisão conscientemente que eu ia ajudar no que ela estava precisando ali naquele momento, e que eu tinha ferramentas intuitivas pra ajudar ela nesse momento. E na hora que ela foi falando, ela também ia sentindo essa conexão, nossa, eu estou fazendo esse bem, mas ela está me fazendo bem também. E eu percebi que precisava estudar mais. Como chegar nesse músculo aqui? Será que estou fazendo certo? Aí eu fui assim. Mas, quando eu entrei aqui, eu nunca vi a grade curricular... Tipo, foi assim: saiu a bolsa, vamos lá! (Risos)

Você se inscreveu no site?

No site.

E você foi contemplada de primeira? Ficou em lista de espera? Como foi?

Eu me inscrevi, eu não tinha ideia que tinha um prazo. Eu tinha mudado pra cá faz um tempo. Eu já conheço pessoas em São Paulo, pessoas em Campinas, Sorocaba, eu morei um tempo lá. Beleza, vamos ficar mais ou menos na área, nessa segurança assim. Eu estava com medo, porque não sabia

pra onde dirigir a minha vida, aí eu fui, fiz, não esperava nada. Eu estava passando por um período bem escuro assim, sabe? Com bastante angústia, bem perdida. Aí eu tinha uma conversa bem importante com um amigo. Falei: quer saber, eu vou abrir mão de tudo. Eu não quero mais nada. Porque eu quero fazer isso, mas não aquece isso aqui. Será que eu quero fazer aquilo? Qualquer coisa dava igual. Quer saber? Não estou nem aí, eu vou começar a viver a vida e as coisas vão acontecer e eu não vou pesquisar mais, não vou procurar mais. Na hora certa eu vou correr atrás. Dois dias depois chegou um e-mail dizendo que eu tinha sido contemplada na bolsa. Agora, eu nem tenho noção de quanto tempo passou de quando eu fiz a inscrição e de que chegou o e-mail. (Risos)

Mas, você lembra de quanto tempo você está aqui estudando? (Risos)

Beleza, agora estou em Campinas, agora eu estou trabalhando, agora eu tenho um objetivo. Eu vou mudar pra lá, não sei muito como vai ser, mas sei que é lá. Agora eu vou começar a organizar o negócio e está sendo bem assim, eu quero organizar a minha vida, viver a minha vida. Eu tinha que responder pro professor, pros meus pais... Tinha que fazer sentido pra alguém. Hoje, eu estou fazendo sentido pra mim.

Entendi.

Aí está fazendo sentido a vida.

Que interessante! E você diz que mudou, porque você tinha iniciado um curso de graduação, mas você tinha avançado quase pro final do curso e hoje você está fazendo um curso técnico.

Parece que faz mais sentido?

Exatamente. Tem diferença, mas eu acredito que não tem a ver com o técnico ou profissional. Tem a ver em como você se enfrenta aquilo que você está fazendo. Se eu tivesse nesse momento totalmente dedicada, com a maturidade das coisas que eu tenho hoje, estudando na faculdade, eu tenho certeza que seria diferente. Tinham coisas que me torturam ali na faculdade.

O que?

Porque tinham matérias que eu não estava nem aí, mas eu tinha que fazer por obrigação. Hoje, acontece aqui coisas que não me interessam muito, mas eu procuro ver o que me interessa daquilo que talvez não me interesse tanto. Se não me interessa, eu não faço. Vou ser irresponsável? Beleza! Mas, pra quem? Pro outro. Porque pra mim, eu estou sendo muito mais responsável seguindo o que me faz sentido, de verdade, fazendo uma coisa de verdade, do que estar fazendo uma coisa só pra cumprir.

Te surpreendeu? Em que nível você está com o curso? Você está surpresa? Você está curtindo?

Eu estou muito feliz. Muito, muito feliz. Eu me surpreendi muito... Como eu falei no começo, eu não vinha com a expectativa de nada e ainda assim, superou as minhas expectativas. Nossa, gente, o que é isso! Eu não estava tendo a dimensão do que é, o que é se envolver com essa área da saúde. Nossa, falando uma linguagem que eu nunca imaginei na minha vida. E sistema, mercado, hoje eu compreendo que é o sistema que a gente vive e de alguma forma, eu tenho que aprender a lidar com isso. Lógico, eu tenho os meus princípios, os meus valores, eu sempre que posso, eu pego isso e tento utilizar as ferramentas que estão sendo dadas. Então, nesse sentido está sendo bem legal, bem diferente e estou me surpreendendo comigo mesmo, a cada momento. Tem momentos que eu me sinto mal, que eu gostaria de conversar com a coordenação pra gente também ir construindo, porque eu acredito que é uma construção coletiva. Então, se tem uma coisa que não está me fazendo muito sentido, que pra maioria dos meus colegas não está fazendo sentido, então, eu acredito que é bom conversar, analisar.

Já tiveram esses momentos?

Já. Porque tem umas aulas que eu acho totalmente necessárias, mas que o conhecimento, as coisas que tem que ser passadas dá pra fazer em uma aula perfeitamente, duas pra reforçar. A gente tem quatro aulas. E é cansativo, fica um mecanismo um pouco... [pensativa, procurando uma palavra]

Repetitivo?

Repetitivo. Aí as pessoas... Eu mesma saio, a minha cabeça voa. Em uma dessas aulas, eu parei e fui estudar na biblioteca uma coisa de outra aula e que pra mim estava fazendo sentido nesse momento. Mas, isso está me surpreendendo, porque eu sempre fui uma pessoa muito responsável. (Risos) E hoje estou sendo responsável comigo.

Muito interessante isso. A sua história é bem autêntica, né? E eu acho bacana, porque muitas vezes a gente sente que precisa de ajuda e se encontra ajudando. Foi isso que aconteceu com você? Num momento que era você que precisava de ajuda, a sua amiga que precisava de ajuda e quem foi ajudada foi você.

Nossa, totalmente. Eu não tinha ideia do que ia fazer da minha vida.

Você acha que tem isso também dentro dessa escolha? Essa questão de ajudar o próximo, né? De mostrar pro próximo qual o bem do bem estar. Eu sinto isso na sua fala, eu não sei se estou te atravessando.

Não. Eu acredito muito nisso. Tem várias coisas que estão atrás daquilo, né? Uma filosofia de vida que eu estou adotando aos poucos. As coisas que eu acreditava antigamente, eu acredito de outra forma. Que tem a ver em querer o bem, querer o bem-estar, querer a paz mundial, sei lá. Mas, os caminhos que uma vez eu tentei, eu vi que não deu certo. Hoje, eu vejo que o único caminho possível é de mim comigo mesmo. E talvez daquilo, eu possa ajudar o outro. Mas, também existem coisas, a massagem, por exemplo, sei lá, as terapias, a psicanálise, cada um tem um jeito, mas na Massoterapia tem como ajudar. Uma pessoa que se sente muito tensionada e um momento de tirar o seu estresse é uma ajuda que você está fazendo e ao mesmo tempo em que você fazendo o bem. Então, eu gosto muito disso. Eu gosto de falar de bem-estar, do poder na nossa mente, como os meus pensamentos influenciam em tudo o que a gente faz. Como a minha vida está mudando. Antes de eu chegar aqui... Eu sinto que é o resultado de uma trilha que eu comecei atrás. Foi a semente que eu joguei há um tempo, hoje está crescendo e vai dar frutos (Risos).

E quando você fala que vai dar frutos... Você se enxerga massoterapeuta?

Olha, aos pouquinhos. Eu vejo muito isso. Ontem eu estava conversando com uma professora e eu tenho grandes problemas de autoestima, de confiar em mim. Realmente. Porque eu sinto assim, eu passo muita segurança pros outros, mas o que se passa dentro de mim, muitas vezes é bem mais fraquinho assim. É difícil de ver o meu valor real. Então, aos pouquinhos, cada dia eu estou fazendo esse trabalho. E as aulas de Massoterapia, estar aqui, está me ajudando muito nisso. Quando tem esses vislumbres rápidos... Nossa, mas só que assusta um pouco. É muito grande. Eu não sei como explicar, mas é uma coisa que eu nunca imaginei.

É como se o mundo fosse revelado pra você?

Eu estou sonhando hoje, eu estou me conectando com coisas que eu via de criança, imaginava, pra mim era... Ah, conversa com os meus amigos imaginários, aos poucos iam se abrindo esse caminho de autoconhecimento e hoje está fazendo sentido. Algumas coisas que eu vi, nossa, que lugar legal. Por que eu sonho com isso? Eu tinha medo de dormir e sonhar ou de sonhar acordado, meditar paisagens, essas coisas... E hoje está conectando. Eu vejo mais ou menos os caminhos. Aqui já abriu uma outra porta, de uma outra coisa que eu gostaria de fazer, que é Naturologia. E é isso, começar a ir e me virar. Eu sempre sonhei com uma comunidade e vejo que isso é possível.

Você se vê aplicando os seus conhecimentos, todas as habilidades e atitudes que você vai desenvolvendo aqui dentro. Você se vê, por exemplo, aplicando nessa comunidade?

Me vejo.

Te faz sentido isso.

Todo sentido.

Mas, você não tem contato com massoterapeutas?

Não.

Com pessoas formadas, além dos professores. Porque alguns são, né?

Alguns são. Mas, antes daqui eu não tinha relação com nada. Há pouco tempo eu recebi uma drenagem aqui. Eu comecei a chorar, porque foi maravilhoso. Eu imaginava, sabia o que era, mas agora eu estou me tocando com a realidade. (Risos)

Você está sentindo, literalmente. (Risos)

É. Sentindo na pele.

E você acha que tem aspectos do curso que te ajudam a sentir na pele? A questão prática, de poder receber, de poder aplicar?

O curso está muito no comecinho, né? Tem muito essa ansiedade. Ainda está nas matérias básicas, de ver conceitos de saúde, que também é importante pra também ver outro mundo. Eu nem imaginava em falar de cliente, paciente... Aprender a lavar a mão. (Risos) Coisas tão simples, mas são tão importantes. Aí tem essa ansiedade de chegar esse momento de ir pra prática, mas também com calma. Aí ir colhendo todos os aprendizados, né? Não é só o que a gente aprende aqui. É tudo. Eu estou aprendendo a ter essa paciência, a ir aos poucos também, porque vai se dar, vai acontecer, está acontecendo. Então, vamos pelo caminho? O resultado está lá. Segue o foco, esse momento, um dia de cada vez.

Que joia. Você falou que veio de Campinas e agora mora em Jundiá.

Ahã.

Faz pouco tempo que você mora aqui?

Um mês.

E está gostando?

Estou gostando.

Você está morando sozinha?

Eu cheguei em uma república agora. E tenho um contato assim, mas não é tanto. Eu passo bastante aqui. (Risos)

Você estuda bastante, fora a aula, pelo que você está falando. Você gosta de vir pra biblio, você faz pesquisas...

Eu gosto. Em geral, eu gosto de estudar a vida. Agora eu tenho coisas mais focadas pra estudar. Eu gosto de ler, de escutar, de assistir vídeos. Eu achei um emprego por enquanto.

Onde você está trabalhando?

Em um restaurante aqui pertinho.

Dá pra conciliar?

Dá. Eu saio daqui e vou pra lá. Quinze minutos caminhando e depois à noite, eles vão me deixar em casa. Aí eu venho de manhã, dá pra estudar.

Está dando pra organizar a vida.

Eu estou aprendendo a organizar, né?

Quais são os seus desafios pra manter essa rotina, pra dar conta dos estudos? Você sente que tem desafios?

Muitos. O primeiro é isso, de aprender a organizar as minhas coisas, as prioridades, as finanças e acreditar em mim. É isso, daqui a pouquinho eu não vou precisar mais estar dando atendimento. E aí vem nesse minuto: nossa! Sério? (Risos)

Daqui a pouquinho, você acha que você não vai conseguir garantir a sua massagem?

Que daqui a pouquinho, talvez eu não vá precisar trabalhar mais no restaurante.

Ah sim, o atendimento do restaurante.

Daqui a pouquinho, eu vou começar a me virar com esses conhecimentos novos. Eu acho o mais importante essa organização e esse acreditar. Me sentir capaz de fazer.

Entendi. E é um desafio que te faz crescer, né? Porque te projeta toda hora lá pra frente, né?

Está toda hora olhando pra esse futuro, você está toda hora nesse devir.

Exatamente.

No dia da sua formatura em Técnico em Massoterapia, como que você se imagina?

Não me imagino.

Não?

Ainda não. Está caindo a ficha aos pouquinhos. Eu não penso assim tão lá pra frente.

Se eu te perguntar, como que você vai estar daqui cinco anos?

Eu não faço ideia. Eu tenho assim uma rota que eu gostaria de seguir. Daqui cinco anos eu gostaria de estar estudando Naturologia lá em Florianópolis e ter algum estúdio, alguma coisa pra fazer atendimentos. Eu gostaria de estar fazendo parcerias, esses projetos que são mais a longo prazo que é da comunidade, ecológica, terapêutica, educacional, pedagógica. Estar fazendo os vínculos...

Com tudo o que você já viveu. Com as Artes Cênicas, com a Massoterapia, com a futura Naturologia... E Naturologia só tem Florianópolis ou você quer ir pra lá?

Não. Eu quero ir pra lá. Eu senti que é lá.

Verdade? Já passou por Florianópolis?

Já fui uma vez. Nossa, deve ser maravilhoso morar aqui. Quando eu vi Naturologia tem em São Paulo e lá. São as duas reconhecidas. Quando eu soube que é lá, ah, vamos ver. Vai que lá não é tão legal? Aí eu vi a grade curricular e lá tem um reconhecimento há muito tempo já.

Eu acho que é mais antiga do que a de São Paulo, né?

É. E é o que eu falei, o ambiente faz muito na vida da gente. Então, eu não sei se eu vou ficar lá o resto da minha vida, mas, pelo menos esse tempo, estudar lá vai fazer muito sentido também para essa formação.

Está nutrindo expectativas com relação ao seu curso? Eu ouvi você falar que a ficha está caindo...

(Risos). Eu estou assim, com cuidado também. Eu costumo ser uma pessoa de gerar muitas expectativas na minha vida e já me desiludi muitas vezes. Foi muito duro. Então, eu estou tentando viver um dia de cada vez, mas, às vezes, é um pouco incontrolável. Aí eu estou curtindo, vendo, tentando me projetar pro meu futuro, mas se der... Deixa ali e vai pelo caminho.

Bom, a gente está caminhando para o nosso final e aí eu vou te perguntar algumas coisas que você pode responder com uma frase, uma palavra que faz mais sentido. Pra você Massoterapia hoje é...

É um caminho.

E a área da saúde pra você é...

Minha vida. (Risos)

E o seu sonho?

É compartilhar isso e aprender constantemente.

Perfeito! Muito bom! Você tem alguma coisa pra me perguntar? Tem algo que você queira saber? Tem algo que você queira deixar registrado nessa entrevista?

Olha, não está vindo nada nesse momento na minha cabeça. (Risos) Eu achei legal você falar que é fisioterapeuta. Você trabalha com isso?

Já trabalhei. Esse ano, por opção, eu suspendi os meus atendimentos como fisioterapeuta. Eu continuo trabalhando aqui dentro nas minhas atribuições enquanto docente, eu estou em áreas que se correlacionam com a minha formação, mas parei de atender. E eu entendo quando você fala do toque. Porque se tem algo que me faz falta nesse período... Por que eu parei de atender? Porque eu tenho alguns projetos que tem acontecido na minha vida, um sonho muito grande como eu havia te dito, era fazer o meu mestrado. Foi um sonho muito adiado também, por vários motivos e fazer mestrando na educação faz muito sentido pra mim. Eu parei com os atendimentos em fisio, porque senão, eu não ia dar conta de tudo o que eu queria fazer. Porque eu também tenho essa condição, de querer abraçar o mundo e foi uma questão de prioridade, não foi nem de escolha. Eu parei de atender durante esse ano.

Mas, você tem essa expectativa de continuar?

Eu acho que não consigo ficar sem. (Risos)

Olha que legal!

Eu sinto falta. Não achei que eu sentiria tanto quanto tenho sentido.

E aqui no Senac faz muito tempo de aula?

Que eu estou aqui no Senac?

É. Quantidade de horas?

Na semana, são quarenta.

Bastante.

Tirando os horários de mestrado agora, dá trinta. Mas, passo bastante tempo aqui. E o mestrado é em Psicologia da Educação, então, tem alguns momentos que eu tenho que me afastar mais do Senac e, em alguns momentos, eu tenho que estar mais aqui, até em função da necessidade do mestrado. Essa semana pra fazer essas entrevistas, eu estou mais presente, mas estou em função das entrevistas.

O foco agora é o mestrado.

Estou com foco total. (Risos)

Que bom! Você está com quantos anos?

Trinta e dois.

Que bom!

Acabamos? (Risos)

Muito obrigada, mais uma vez. Foi ótimo!

Entrevista com Rafaela

Técnico em Massoterapia

Gravação 6 (50 minutos)

Bom, Rafaela, primeiramente muito obrigada, pelo seu aceite em participar dessa entrevista. Eu já disse pra você, é uma entrevista que faz parte do meu estudo, da minha dissertação de mestrado e estou tentando buscar as razões e expectativas na escolha no curso técnico? Em especial, na área de saúde. E, para isso, eu queria saber um pouquinho de você, o que te motivou a estar aqui hoje no curso Técnico em Massoterapia?

Então, Thais, eu estava passando por umas dificuldades, né? Em questão emocional, da parte de estresse, na parte de serviços na empresa onde eu trabalhava. Então, eu precisei passar até com psicólogo. Então, eu quis ir em busca de qualidade de vida. E eu vi que a Massoterapia trabalha muito nessa parte de qualidade de vida. Tanto pra mim quanto para o meu próximo. Porque eu passei bastante dificuldades na empresa, em questão de muita cobrança e era coisa que eu guardava muito pra mim e eu não sabia como lidar com aquilo. Então, gerou até doenças assim, né? Da minha parte, eu tive arritmia cardíaca, eu precisei ir em busca de psicólogo, pra poder me livrar daquilo. Então, eu precisei mesmo e fui em busca de qualidade de vida. Então, eu comecei a fazer pesquisas, comecei a ver o que poderia se encaixar comigo pra que eu pudesse ter uma qualidade de vida melhor. Então,

eu vi que no Senac tinha o Técnico em Massoterapia, então, surgiu a oportunidade de eu estar participando. Eu saí da empresa, eu não estou mais trabalhando lá, né?

Com o que você trabalhava?

Como auxiliar administrativo, mas era na área de controle e planejamento de produção. Então, aquilo não me fazia bem e eu resolvi ir em busca de algo melhor pra mim. Eu estudei Logística, eu sou tecnóloga, mas por que eu busquei essa área de Tecnóloga em Logística? Por causa que na empresa onde eu entrei, eu entrei com dezesseis anos, na parte de produção e lá eles dão a oportunidade de você crescer. Depois que eu tive dois anos de produção, eles me deram a oportunidade pra ir pra área administrativa, que foi na área de PCP. E na minha cabeça veio assim, ah, se eu tive essa oportunidade, então, eu quero continuar nisso, mas não era assim, que era o meu sonho. É devido as oportunidades que eu tenho dentro da empresa, mas não era realmente o que eu queria pra mim.

O que você queria nessa época, você sabe?

Eu sei, eu queria fazer Técnico em Segurança do Trabalho. Por causa como eu trabalhava na produção, tinha um Técnico em Segurança do Trabalho, que eu via muito ele nessa área de produção. Então, ele estava sempre ali presente, ele sempre estava ali preocupado com as pessoas. Então, sempre que ele passava ali, ele sempre ia ali na minha célula de produção, se eu tivesse fazendo alguma coisa errada, ele não saía de lá enquanto eu não fizesse certo, da maneira certa. Então, eu sempre via a preocupação que ele tinha com as pessoas. Então, a minha admiração por essa pessoa, assim... Me fez gostar dessa área. Só que devido, eu dentro da empresa ter seguido outro caminho, eu acabei seguindo outra área, mas não era a que realmente eu queria.

Entendi.

Eu não conhecia muito a parte burocrática da segurança do trabalho, mas aquilo que é a preocupação dessa área, que a segurança do trabalho tem com o funcionário, era muito importante pra mim. Então, isso que fez eu ter essa admiração com essa área, que é também a área da Massoterapia. Você também tem que ter um cuidado de trazer um bem-estar pro funcionário. Então, querendo ou não, um está ligado com o outro. Então, eu ter escolhido Massoterapia, me deixa muito feliz, porque eu vejo que está ligado em uma coisa, que lá atrás eu queria também.

Quando você começou aos dezesseis, você era aprendiz ou não?

Eu era funcionária CLT.

E foi dentro da empresa que você entrou em contato com Técnico em Segurança do Trabalho?

Foi dentro da empresa. Foi onde tudo começou. Antes eu não tinha nem conhecimento da área.

E não houve a possibilidade de você fazer a segurança? Tinha que ser ogística.

Eu até cheguei a pesquisar valores, lugares que tinha, mas como dentro da empresa... Eu tinha quase terminado de fazer o Ensino Médio e eu ia completar dezoito anos, pra você entrar mesmo pra fazer o seu curso. Então, eu já estava em pesquisa tudo, mas como eu já tive a oportunidade na empresa, de ir pra área administrativa que era a área de PCP... Ah, mas não tem nada a ver com segurança do trabalho... E que ia seguir o que eu estava fazendo. Devido a isso, veio algumas doenças aonde geraram estresse e foi mais a parte emocional minha.

A empresa te auxiliou nos custos com seus estudos? Te ajudou em algum sentido com relação a isso?

Não. Na realidade, a empresa onde eu trabalhava não ajudou, mas ela tinha o desconto. Mas, só que como o meu pai trabalhava em uma outra empresa, onde a outra empresa ajudava, eu acabei pegando um desconto pela empresa que o meu pai trabalhava. Porque onde eu trabalhava, eles davam o desconto, mas era só 5%. E na empresa do meu pai, como era um funcionário velho lá dentro, eles davam oportunidades pros filhos também. Eu me encaixava devido a minha idade, aí eu tive 50% de bolsa.

Onde você cursou tecnólogo?

No centro universitário, no Anchieta.

Quanto tempo é de curso?

Dois anos. É o tecnólogo.

Então, a sua escolha mesmo por identificação, por admiração era o Técnico em Segurança do Trabalho.

Sim.

Mas, pelos caminhos da vida, você acabou optando por fazer o tecnólogo em Logística.

Sim.

Você podia ter feito um Técnico em Logística, né? O que te fez escolher?

Pela oportunidade de ter os 50% de desconto pela faculdade.

Tinha desconto por ser ensino superior.

Na realidade, a empresa onde o meu pai trabalhava tinha... Eu não sei se era contrato a palavra certa, mas junto com a escola do Anchieta, que o dono da empresa onde meu pai trabalhava, ele era meio que sócio, junto com o pessoal do Anchieta. Então, ele conseguia pros funcionários dele, da empresa, os mais velhos assim, ele conseguia dar esse desconto de 50%. O meu pai achou interessante e queria que eu fizesse também. No Anchieta, nessa época, não tinha o Técnico em Segurança do Trabalho. Aí só tinha o tecnólogo mesmo em Logística.

E o seu pai tem parcela aí nas suas escolhas? Como é a influência do seu pai nas suas escolhas?

É que na realidade foi aquilo, né? Quando eu tive essa oportunidade na empresa de entrar na área administrativa, a gente não sabe meio como é, eu não tinha muito esse conhecimento, né? Aí ficava todo mundo assim: *ah, aproveita que você já está na área, né?*

Que idade você tinha?

Dezessete anos. Já que você já está na área, já tem essa oportunidade pra você poder crescer dentro da empresa. É melhor você fazer um curso que você já está na área.

Quem que falava?

A minha irmã, meu pai.

Você tem uma irmã mais velha?

Eu tenho uma irmã mais velha. Ela é oito anos mais velha que eu. Ela também teve o desconto da faculdade, tanto que ela fez administração.

Ela tem uma trajetória parecida com a sua, ou não?

A minha irmã não. Ela sempre já queria nessa área administrativa e ela já seguiu nisso, né? Mas, não que ela foi porque ela teve essa oportunidade. Ah, eu estou na área administrativa e vou seguir. Ela sempre foi decidida que queria fazer administração.

É diferente.

É diferente.

Você fala muito que você se identificou com o Técnico em Segurança do Trabalho, que você pega essa situação pontual dentro da empresa, mas não foi feliz.

Não.

Não foi uma experiência feliz, mas as escolhas foram importantes pra você. E você associou a questão do cuidado do Técnico em Segurança do Trabalho com o Técnico em Massoterapia.

Sim.

Você também disse que fez pesquisas.

Fiz.

Como que foi chegar até aqui? Porque em algum momento você falou assim: *eu não quero mais isso pra mim.* ?

Você fala, como eu consegui chegar aqui no Senac? Então, na internet eu fiz várias pesquisas, né? Pesquisando o que eu poderia tentar fazer pra mim. Eu cheguei a fazer um curso livre aqui no Senac de massagem relaxante energética. Então, aí que eu fui me conhecendo. Eu achei que quando eu comecei a fazer esse curso, que foi me tocando, sabe? Conforme a professora ia falando em questão dessa parte de estresse, emocional, essas coisas assim, isso me tocou bastante. Então, aí que foi que ela me falou que dava pra aprofundar mais e como era um curso livre, ela só podia se aprofundar mais nisso. Mas, que existia o Técnico em Massoterapia, que você conseguia aprofundar mais tanto na parte de teoria, que é da Medicina Chinesa, quanto na parte prática, né? Porque o curso que eu fiz é só trinta horas. Então, foi praticamente um dia que ela pode explicar um pouco da parte da teoria, mas não aprofundar tanto e na parte prática foi assim... Não é que era o básico, mas ela só podia ensinar o que ela ensinou ali pra gente, entendeu? Que no Técnico em Massoterapia a gente ia ter mais vivências. Então, foi isso que me despertou.

E por que você chegou num curso livre de massagem?

Por que eu cheguei num curso livre de massagem?

É. (Risos)

Porque na época que eu estava trabalhando, que eu queria sair da empresa... Eu não queria sair da empresa pra ir em busca de um outro local de serviço que fosse na área de Logística, que fosse na área administrativa, porque na minha cabeça, a mesma coisa que eu passei ali naquela empresa, eu poderia passar em qualquer outra empresa. Eu sempre acreditei, que isso poderia ter em qualquer lugar e que realmente aquilo não era pra mim. E que eu precisava buscar outras coisas pra mim. Então, eu fui em busca de fazer alguns cursos. Então, eu comecei a buscar o que eu poderia estar fazendo. Se eu não gosto dessa parte de estar presa dentro de uma sala, de ficar o dia inteiro na frente do computador, eu acho que isso me estressava bastante, me cansava, eu me sentia presa ali

dentro. Era muita cobrança, aquela rotina de sete da manhã estar passando o cartão e às cinco da tarde estar indo embora. Isso quando não tinha que estar fazendo hora extra. Então, eu me sentia muito presa naquilo e, às vezes, eu pensava assim: será que se tivesse alguma coisa que eu pudesse fazer pra mim, que eu pudesse fazer o meu horário, que eu pudesse fazer a minha rotina, talvez isso fosse ser melhor pra mim. Então, eu comecei a buscar o que eu queria estar fazendo. Eu fiz um curso de depilação e de pedicure e manicure. E nisso, eu vi que eu poderia estar trabalhando fazendo o meu horário, fazendo um atendimento em domicílio. Não que fosse o meu sonho, mas eu estava precisando ir em busca de coisas diferentes na minha vida, pra ver aonde eu poderia me encaixar. Então, conforme eu fui indo atrás dessas buscas, eu sempre entrei no site do Senac, que tem o curso de depilação, mas não foi aqui que eu cursei o curso de depilação devido aos horários e vagas na época... Eu trabalhava e os horários não batiam. Eu fiz em outro lugar, mas conforme eu fui em busca desses cursos, eu descobri que tinha cursos livres e comecei a pesquisar a parte de massagem. Tinha vários cursos livres na área de massagem, que tinha massagens com óleos, tinha *quick [quick massage é uma modalidade de massagem realizada em cadeira relaxante, de forma rápida]*, tinha massagem relaxante energética, tinha reflexologia. Então, eu queria conhecer. Foi mais conhecer e se eu pudesse trabalhar na área, então, eu vi que tinha a oportunidade, que era de sábado, né? Aí foi aonde tudo começou e onde eu realmente me encontrei mesmo.

E por que você acha que você se encontrou? O que aconteceu nesse curso livre?

Nessa parte que eu vi que eu poderia trabalhar essa parte emocional tanto minha, eu me conhecer, porque, às vezes, eu sentia que eu mesma não me conhecia. Então, eu vi que o curso de massagem, ele faz a gente se autoconhecer. Às vezes, a gente acha que a gente se conhece, mas, na verdade, a gente não conhece a gente mesmo, né? Então, eu vi que foi aonde eu pude me conhecer, aonde mexeu um pouquinho na minha história, né, de vida assim, devido ao estresse que eu passei assim, né? Toda a minha história que eu tive e, além de me ajudar, eu posso ajudar uma próxima pessoa. Que é onde entra lá na empresa, onde eu gostava do Técnico de Segurança, que sempre estava preocupado com o próximo, né? Então, foi isso que me despertou, que eu gosto de estar assim, de ajudar ao próximo. Além de ajudar o próximo, eu ia me ajudar também.

Foi no curso livre que você percebeu que podia se cuidar cuidando do outro?

Sim. Foi no curso livre.

E do curso livre virou uma chavinha ou você ainda pensou um pouco? Ah, vou amadurecer...

Você foi pra outras áreas na saúde ou você veio direto pra Massoterapia?

Eu pesquisei na área de saúde, eu vi que tinha o curso Técnico de Enfermagem aqui no Senac, mas pensando bem, eu acho que não é o que realmente eu quero ainda, né? Aí eu vi que aqui tinha o Técnico em Massoterapia. Era o que mais se encaixava comigo e também o Técnico em Estética. Porque como eu entrei um pouco nessa área de depilação, de manicure e pedicure, eu falei que era uma coisa que poderia também estar encaixando comigo. Aí surgiu a oportunidade do Massoterapia, né? Que eu fiz a inscrição, que eu consegui a bolsa aqui pelo Senac. Foi um incentivo maior ainda. Porque eu estou desempregada no momento. Eu faço manicure e pedicure, mas não é uma coisa assim: nossa, eu tenho muito cliente e dá dinheiro. No momento ainda não. Eu não estou divulgando muito também, porque eu não sei aonde eu quero chegar, mas aí eu consegui a oportunidade da bolsa e foi o que me incentivou mais ainda. Eu falei: realmente, eu acho que é pra mim mesmo, sabe? Eu tive essa oportunidade de ter a bolsa, 100%. Aí eu falei: *eu vou arriscar!*

Depois que você conseguiu a bolsa, você largou o trabalho, como que foi?

Então, na realidade eu estou fora do emprego desde agosto do ano passado.

Mas, foi você que decidiu?

Isso. Não por causa da bolsa. Eu saí do emprego mesmo, porque aquilo já não estava me fazendo bem, né? Eu não estava satisfeita em tudo assim. Era a rotina que estava muito difícil pra mim, né? Estava cansativo. Os meus problemas que eu tinha lá dentro, eu me sentia humilhada dentro da empresa. Porque a gente conversa com os chefes, com os gestores e não resolvia, entendeu? Eu pedi até pra me mudar de setor, né? Quem sabe uma mudança de setor pudesse ser diferente, mas também a resposta que eu tinha era sempre não, não. Então, teve uma hora que eu cheguei e falei: eu não tenho mais condições de trabalhar aqui, né? Porque eu estava em um lugar que não estava me fazendo bem e eu ia ficar lá só me prejudicando, né? Eu sempre fui uma pessoa certinho, eu não consegui ser aquela pessoa de ficar pegando atestado, de ficar faltando, de ficar chegando atrasada. Eu sempre assim, em questão de responsabilidade, eu sempre fui muito grande perante à empresa, mas mesmo quando a gente precisava de algo diferente, mesmo a pessoa ali vendo que você estava adoecendo, eles não tomaram atitude de buscar algo melhor pra mim. O importante ali pra eles, eu

estava dando resultado pra empresa, então, pra eles estava bom. Mas, eles nunca viam o meu resultado, né?

Você sentia falta de ser cuidada?

Sentia.

De ser respeitada, naquilo que você estava vivendo.

Sim.

Aí você veio pro técnico, né? Ufa, você largou a empresa, passou esses meses sabáticos da sua vida, né? Que foram importantes...

Sim, né? Aí eu saí da empresa e nesse tempo que eu saí da empresa, eu nem tinha feito inscrição pro Técnico em Massoterapia.

Você tinha feito os livros, né? Já tinha feito depilação...

Sim. Eu já tinha feito os cursos.

E nesse período você ficou fazendo unhas...

Quando eu saí da empresa em agosto, na realidade eu quis um mês pra poder descansar também. Agora vou tentar esquecer, tentar tirar da cabeça aquilo. Então, eu queria um mês descansando. Não deu pra viajar, essas coisas, eu não tive essa oportunidade, mas eu tive a oportunidade de esquecer tudo aquilo que eu estava vivenciando, né? Depois eu fiquei tentando fazer unha, fazendo as coisas assim, mas aquilo não... Como eu posso dizer, assim de boca a boca, mais família, vizinho.

E você só pesquisou curso no Senac? Você falou, eu pesquisei Técnico em Massoterapia, Técnico em Estética, Enfermagem... Você pesquisou alguma graduação?

Em outros lugares também. Tinha instituto Unik, que era Massoterapia *supertop* no momento. Eu fiz também no ano passado, uma prova pro ETEVAV, pro curso de Técnico em Segurança do Trabalho, mas eu não consegui passar. O meu namorado está estudando lá, porque a gente fez a prova juntos. E ele este fazendo Técnico em Segurança do Trabalho lá, por isso que eu falei que tinha uma parte que eu não conhecia, que era a parte burocrática do Técnico em Segurança do Trabalho, que são aquelas normas regulamentadoras, né? Então, eu estou vivenciando um pouco junto com o meu namorado, né?

Isso reforça a sua escolha pra Massoterapia ou não?

Eu acho que reforçou um pouquinho. Eu vi que ele tem um livro enorme.

São as NRs, né?

Exatamente. Não que no meu curso de Massoterapia, eu não estou vivendo um pouco isso. Tem um de anatomia bem extenso. Tem um de anatomia básico, mas você olha... Isso é pra um médico, né? Como o meu namorado... E eu vi que um é bem próximo do outro, porque praticamente as aulas que eu estou tendo, ele teve. Então, ele está me ajudando bastante. Eu também estou começando agora, aulas de boas práticas, com o Gabriel¹¹ aqui no Senac e é sobre as normas regulamentadoras e eu estou tendo bastante ajuda do meu namorado, como eu também ajudo ele bastante. Em questão de trabalhos, essas coisas, está um ajudando o outro. Pelo que eu vi, um está bem encaixado com o outro. Mas, eu vejo pelo meu namorado, que a responsabilidade é bem maior, que eu enxergo assim, né, no Técnico em Segurança do Trabalho do que eu imaginava, né? Algum acidente dentro da empresa, a responsabilidade é muito grande pro Técnico em Segurança do Trabalho. Se eu tivesse escolhido, também poderia ser um estresse, um nervoso através desse momento, entendeu? Então, eu acredito que... Eu sou católica e eu acredito muito em Deus. Então, eu acredito que ele prepara os momentos certos, entendeu? Talvez diz que eu tivesse essa história, porque, às vezes, lá na frente, ele está preparando algo melhor pra mim, onde eu vou poder ajudar muitas pessoas, entendeu? Então, eu penso assim: às vezes, eu precisei ter essa história, pra que eu possa ajudar pessoas, porque lá na frente vai que aconteça alguma coisa que eu fale assim: não, eu precisei dessa história, eu precisei passar por aquilo, pra que hoje eu pudesse receber isso, entendeu? Então, eu tenho muito isso na minha cabeça também. Eu não vejo que estou no caminho errado. Eu vejo que eu precisei passar por aquilo, pra eu poder acertar, entendeu? Então, eu penso dessa forma.

E hoje você acha que você acertou?

Eu acredito que sim.

Você pesquisou alguma graduação antes de chegar no técnico?

Eu não me recordo.

Você queria fazer curso técnico mesmo.

Curso técnico mesmo.

¹¹ Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

Aí você está me falando, que você tem uma fé que move a sua vida, que te dá explicação, inclusive, pro que você viveu e você traz uma condição de que a sua história foi te construindo.

Sim.

Você foi constituindo tudo isso pela sua história, então, você teve a sua história de vida, que lá atrás nunca tinha sido projetada na Massoterapia, mas você passou por algumas situações de vida que te trouxeram para cá.

Isso.

Você conhece algum massoterapeuta, alguém que tenha sido uma inspiração pra você ou foi essa atividade prática mesmo de pesquisa sua, que te trouxe pra cá?

Foi a atividade prática mesmo do curso livre. Eu conheço sim, de vista, quando eu comecei a fazer o curso de massoterapeuta, o meu namorado falou assim: *ah, o fulano de tal é massoterapeuta. Se um dia você quiser ir lá e conversar com ele...* Que é conhecido do meu namorado. Ele falou que se eu quisesse ir lá conhecer a clínica dele, ele me levava lá pra conhecer, mas aí acabou passando. Mas, conhecer mesmo um massoterapeuta de... Não, eu não conheço.

Assim de... Quero fazer o que ele faz.

Não.

Até entrar no curso, você já tinha recebido massagem?

Só a *quick* na empresa, quando tinha a semana da SIPAT, que os profissionais que aplicavam a *quick*, aí eu recebia. De outro tipo de massagem, eu nunca tinha recebido. Eu recebi mesmo no curso livre, que eu recebi dos alunos, que a gente fazia a troca. Agora ontem, eu comecei a participar de um estudo de caso, do pessoal do Técnico em Massoterapeuta da noite, né? Então, eles estão fazendo um estudo de caso que a Arianne¹², a professora, convidou a gente. Aí eu ergui a mão, porque eu vejo que eu preciso assim tratar a minha ansiedade, o meu nervosismo.

Então, você foi não pra fazer um estudo com eles. Você foi pra ser sujeito de estudo.

Isso.

Então, você é um modelo da turma da noite. Ai que gostoso.

Vão ser cinco dias. Eu comecei ontem e ontem eu expliquei toda a minha história pra eles, né? Um pouco mais resumida em perguntas. E eu vou tentar tratar isso, né? Que nem eu falei, a gente primeiro tem que cuidar da gente pra poder cuidar do próximo. Então, como a Arianne deu essa oportunidade pra gente, eu quis assim... Não, eu preciso cuidar de mim.

Entendi. E você escolhe a Massoterapia pra você ter uma liberdade.

Sim.

Então, você fala dessa coisa de você estar presa na frente do computador, de estar presa dentro do escritório, e, às vezes, a gente está preso dentro da gente mesmo, né?

Exatamente.

Como que é isso? Receber a massagem te liberta? Ou fazer a massagem te liberta?

Então, um pouco com a experiência de ontem, eu sinto que sim. É difícil explicar, mas eu sou uma pessoa que eu não consigo, por exemplo, quando a gente está em uma situação, aconteceu uma situação, eu não consigo responder... Por exemplo, bater de frente seria a palavra ideal. Eu sou aquela pessoa, que quando acontece alguma situação, eu guardo pra mim. Então, parece que fica aquilo dentro de mim, sabe? E quando você está na massagem recebendo, parece que tudo aquilo que a gente vai guardando, vai virando aquela tensão na gente.

Porque o corpo vai falando, né?

Exatamente. Então, quando a gente recebe a massagem parece que tudo aquilo vai aliviando, vai relaxando, né? Que nem ontem mesmo, eu falei pras meninas, né, que estavam fazendo o meu estudo de caso, que aqui no meu ombro parecia que era pesado de tanta tensão que eu tive e tenho ainda, né? Então, elas aplicaram a massagem clássica aonde elas trabalharam bastante a parte do meu ombro aqui. E eu percebi realmente, quando eu cheguei em casa e fui tomar o meu banho, que eu passava a mão assim, eu sentia um relaxamento completamente diferente. Como se eu tivesse um outro corpo.

Você acredita que essa experiência, que você pode viver aqui dentro, é um diferencial pro curso que você está fazendo?

Sim. É um diferencial.

O que você acha que é importante pra você receber nessa formação?

¹² Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

Na parte do curso, eu ainda estou na teoria, né? Então, eu ainda não entendo na parte prática. Mas, um pouco do prático que eu recebi ontem, eu acho que o que é importante pra mim é essa... Ai, é difícil responder assim, mas eu acho que é o trabalho do Senac, de ser diferenciado. Eu vejo que é um pouco diferenciado de tudo que eu já vivenciei, né? Nessa questão de outras escolas assim. Eu acho que está sendo muito importante esse diferencial que o Senac tem.

O que você acha que é o diferente do Senac?

Eu acho que essa questão das aplicações. É que eu estou muito na parte de teoria, né?

Essa aproximação com a prática, você acha que é um diferencial?

Isso.

Mesmo você estando nesse momento teórico, você consegue se aproximar da prática?

Sim, eu consigo. Porque é que nem eu falei, né? Eu tive a oportunidade ontem de estar em um estudo de caso, né? Então, isso está sendo muito importante pra mim.

De alunos que não estão muito adiantados, né? Eles estão alguns meses na sua frente, né, a turma da noite?

Eu não perguntei assim, quanto tempo que eles estão, mas ontem que eu fui, as duas meninas viram que eu era da Massoterapia. Então, elas ficaram meio assim... Daí eu falei: não, fica tranquila, né? Eu estou na teoria ainda, eu não conheço muito a técnica e tal. Então, eu deixei elas bem à vontade.

Você que teve que tranquilizá-las. (Risos)

Isso. (Risos) Porque eu vi que elas ficaram meio assim, nossa, da Massoterapia, não sei o que... Porque eu estava com a camiseta, né, de Massoterapia e elas ficaram meio assustadas, com medo. Eu percebi isso ali na hora que eu cheguei. Mas, eu consegui deixar elas bem tranquilas... *Não, fica bem tranquila, né?* Até falei pra elas que eu não conhecia nenhuma técnica.

Pra ver que você não estava investigando, né? (Risos)

Porque realmente eu fui pra cuidar de mim e não pra ver como que é. Não, eu fui porque surgiu essa oportunidade.

E cuidando de você, você foi aprendendo.

Sim. Com certeza, né? Cuidando de mim, eu fui aprendendo. Mas, eu pretendo ser mesmo a cliente. E não que eu fui lá pra ver como são as técnicas. Não. Eu até esqueci que em algum dia eu vou estar no lugar delas.

E como é o seu dia a dia? Vir pra cá pro curso, você enfrenta alguma dificuldade? Você tem desafios pra poder estar aqui hoje?

Não enxergo assim, que seja desafio. Eu moro aqui em Jundiá mesmo, não é tão perto, mas eu consigo vir tranquilo. Eu consigo almoçar em casa pra vir. Eu conheço pessoas que nem almoçar, almoça. Eu consigo almoçar em casa, né? Não enxergo dificuldades.

Em algum momento você tentou desistir? Algo tão forte que seja um impeditivo de vir pro curso?

Em desistir? Um pouquinho quando eu comecei ver essa parte de teoria, que eu vi que era bastante coisa. Eu fiquei preocupada, será que vou dar conta? Querendo ou não, eu me formei em 2012, faz tempo que eu não pego pra estudar, mas aí como eu tive bastante apoio do meu namorado, assim, não foi assim, ah, eu vou desistir. Teve só aquele medo assim, será que eu vou dar conta? Tinham as apresentações de trabalho, começou a surgir bastante coisa. Não assim pra querer desistir. Por enquanto ainda não.

Que bom! E o namorado é um ponto de apoio, ele é quase um alicerce.

Bastante.

Vocês se ajudam muito. São muito parceiros.

Somos. Nessa parte sim.

Inclusive nos estudos.

Inclusive nos estudos.

Muito bom. E aí a gente está caminhando um pouquinho pra nossa reta final, quais são as suas expectativas? Por exemplo, como a Rafaela se enxerga no futuro? Massoterapeuta.

A gente tem aqueles sonhos, né? (Risos). Eu me vejo que eu vou conseguir seguir nessa profissão. O meu sonho é que eu vou poder lá na frente estar nessa área e podendo ajudar o próximo. Então, como eu vivenciei muito essa parte do estresse em serviço, eu penso que é um algo público assim, que eu gostaria de buscar. Pela minha experiência, porque se um dia chegar em uma pessoa que teve a experiência que eu tive assim, porque querendo ou não, a gente conhece bastante pessoas que passa pelo que a gente passou, né? Eu não digo a mesma situação, mas o estresse com essas coisas de serviços, de cobrança assim, né? Então, eu enxergo que se eu buscar esse público alvo, eu vou saber lidar com essas pessoas pelo que eu passei. Então, eu penso que é um público alvo que eu quero buscar, entendeu? Dentro das empresas. Poder oferecer esse serviço dentro das

empresas, porque foi aonde eu tive uma vivência e onde eu conheço. O setor que eu trabalhei, eu conheço praticamente todos os setores, porque ele envolve todos os setores, né? Administrativo e produção. Então, eu posso lidar com esse tipo de pessoas, né? De poder ir em busca, de poder ajudar quem está passando pelo que eu já passei. Então, eu vou poder ajudar bastante. É o pensamento que eu tenho.

É a sua projeção de futuro.

Isso.

Utilizar tudo aquilo que foi construído pela sua história para amenizar essa dor que, às vezes, não é física, né?

Sim.

Mas, que pode ser curada pelo físico.

Exatamente.

Você quer estar dentro da empresa de novo, mas você não quer estar na frente o do computador.

Isso. (Risos). Não é exatamente assim... É isso que eu vivo pensando... Não que eu possa entrar dentro da empresa novamente, mas que eu possa ir em busca dessas pessoas ou trazer elas pra mim, né, num local que eu tiver ou até mesmo em feiras, que eu puder ir em busca dessas pessoas. Se precisar entrar novamente dentro de uma empresa, mas não na frente de um computador, mas como massoterapeuta e tratar essas pessoas, eu não vejo problema nenhum.

E você acha que depois que você concluir o Técnico em Massoterapia, você acha que está concluído, você para de estudar ou você acha que continua...

Eu acredito que eu continuo, porque o pouco que eu estou tendo aqui do Técnico em Massoterapia, eu vejo muito falar sobre acupuntura. Eu descobri que por eu ter o Técnico em Massoterapia, eu posso fazer pós em acupuntura. Eu descobri que eu posso, porque eu tenho uma graduação, Tecnólogo em Logística, né? Mais a Massoterapia, talvez eu consiga fazer pós em acupuntura. Então, eu acho interessante, porque o pouco que eu conheço em acupuntura e que eu vejo as pessoas falando, eu vejo que é uma área muito importante. Que, às vezes, ela nem precisa de um médico assim e só com a acupuntura ela consegue ser curada. Algo que eu não consegui pegar pra pesquisar profundamente, mas o pouco que as pessoas falam, eu vejo o quanto é importante. Então, eu penso assim: até que enfim, a graduação de Logística vai servir pra alguma coisa, né? Se eu conseguir fazer a pós em acupuntura. Sabendo que tenho uma graduação mais o Técnico em Massoterapia e unindo um ao outro pra fazer uma pós e poder entrar ali na acupuntura... Eu não quero parar de estudar. Eu vejo que é uma oportunidade.

Muito bom. E você já projeta esse lugar seu? Aonde você vai atender, os seus clientes, os seus pacientes?

Ainda não. Eu estava pensando, no começo que é o comum, né? Ir... Porque no começo a gente tem esse pensamento, mas a gente iria naquilo que seria o mais fácil, né? O atendimento a domicílio ou se eu tiver a oportunidade de comprar a cadeira de *quick*, tentar entrar nessas partes de feira, né? Na semana da SIPAT se eu puder ir trabalhando nessa parte é o que eu estou pensando assim. Porque como a primeira prática que eu vou ter vai ser a *quick*, então, eu já estou pensando se eu conseguir comprar a cadeira e conseguir tentar essas oportunidades das feiras, né? E atender a domicílio no momento. Se futuramente, eu conseguir abrir uma clínica vai ser muito gratificante pra mim, mas eu ainda não pensei em local, lugar, essas coisas...

A Rafaela no dia da formatura, como ela vai estar?

Na formatura de Técnico de Massoterapia? Eu acho que vou estar muito feliz, né? Em saber que eu consegui chegar até o final e com essas expectativas assim, enormes, né? Agora eu posso falar que eu sou massoterapeuta e pode seguir em frente.

Você acha que você já vai estar trabalhando na área?

Eu acredito que sim. Eu quero. Eu tenho esse propósito que sim. Nem que seja por conta.

Daqui a cinco anos, onde vai estar a Rafaela?

Eu pretendo estar nessa área, mas muito mais evoluída, né? Se eu puder estar dentro de uma clínica ou dentro de uma empresa, mas acredito que bem melhor e satisfeita com aquilo que eu consegui construir da minha história.

E essa história inclui esse aspecto profissional?

Sim. Inclui.

E o aspecto maior da Rafaela? Quais seus sonhos pra daqui cinco anos?

Eu sonho em casar, construir a minha família. Eu e meu namorado, a gente já conversa sobre casamento. Datas, essas coisas, a gente ainda não tem, mas a gente pensa daqui três anos já poder

casar, ter um local pra morar. Fora do profissional, eu pretendo daqui uns cinco anos já estar casada. Filho não é certeza, mas eu quero estar casada, sim.

E daqui dez anos?

Daqui dez anos eu já pretendo estar com uma família construída, né? Eu e meu namorado, a gente brinca de sonho, né? A gente quer ter os nossos filhos e tal, né? Daqui uns dez anos, eu pretendo estar com uns dois filhos. Não sou eu que escolho, claro, mas se Deus permitir que eu tenha mais ou estar com um filho, já é o suficiente, mas eu penso em ter a minha família.

Muito bem. Vamos fazer um jogo rápido, tá bom? Pra você, Massoterapia é...

Tem que responder...

Com uma palavra, com uma frase.

Qualidade de vida.

E a área da saúde, o que é pra você?

Que difícil. (Risos) Cuidar do próximo.

Seu plano ou seu sonho de vida é...

Constituir uma família e profissional ser bem... Eu acho que conseguir assim chegar no meu objetivo.

Muito bom! O que você tem de informações do mercado de trabalho de Massoterapia? Você acha que você vai conseguir garantir a sua inserção? Você acha que vai começar a trabalhar antes de se formar? Você acha isso pelo que você acredita, ou seja, você acha que isso vai acontecer ou por que você vê o mercado de trabalho acontecer, por exemplo?

Do mercado de trabalho, dos locais que o massoterapeuta pode estar trabalhando, eu acredito que a maioria dos lugares pede o certificado, que a pessoa já seja formada. Então, talvez assim cursando e trabalhando em local fora, eu não sei se eu vou conseguir, mas eu acho que de poder atender por conta, a minha expectativa é que sim. Eu pretendo estar trabalhando antes de terminar o curso.

Muito bom. Tem alguma pergunta que você queira me fazer? Tem algo que você queira deixar registrado pra essa pesquisa? De algo que eu não te perguntei ou que a gente não discutiu aqui?

Não. Agora no momento não vem nada pra perguntar.

Ficou com alguma dúvida?

Eu acho que não.

Bom Rafa, então, muito obrigada pela sua participação. Eu agradeço muito, eu sei que você estava em aula e foi muita gentileza sua poder vir até aqui e garantir esses... Cinquenta minutos! Durou a nossa conversa. (Risos) Muito obrigada, viu?!

De nada. (Risos)

Entrevista com Marília

Técnico em Enfermagem

Gravação 7 (34 minutos)

Bom Marília, muito obrigada por você estar aqui. Eu te convidei pra você me contar um pouquinho sobre o seu curso e o que te motivou a escolher enfermagem. Você me adiantou que você é tímida, mas eu vou te ajudar a falar, tá bom? Então, vamos lá. De onde que vem essa escolha, essa vontade em ser técnica em enfermagem?

É porque na minha família tem um monte de enfermeira.

São enfermeiras graduadas?

Sim. Quatro são graduadas, duas não. A minha irmã está fazendo. Eu não queria, mas de tanto que eu vi ela, eu fiquei com vontade. Eu decidi fazer e estou gostando muito.

É? Por que você não queria?

Porque eu queria uma coisa diferente. Porque eu via todo mundo... Nossa, todo mundo fazendo a mesma coisa. Eu quero fazer uma coisa diferente, mas só que surgiu a oportunidade e vamos tentar.

Qual foi a oportunidade que surgiu?

A bolsa no Senac.

Você se inscreveu no processo de bolsa.

É.

E você ganhou a bolsa logo pra começar.

Sim. Na verdade, eu me inscrevi aqui na do centro Paula Souza, aí depois eles mandaram um e-mail eu consegui. Eu fiquei muito feliz.

E ter a bolsa pra estudar é diferencial pra você? Você estudaria em outro lugar se você tivesse bolsa ou é independente? Desculpa, eu vou reformular. Qualquer lugar que tivesse bolsa, você estudaria ou não? Você veio estudar no Senac por algum motivo especial?

Depende. Se uma escola me desse bolsa e eu soubesse que era boa... Se pelos comentários, eu soubesse que ela não seria, mesmo com a bolsa eu não investiria.

E os comentários que você tem do Senac, como são?

Muito bom.

Da sua família, alguém estudou no Senac?

Todas estudaram no Senac.

Verdade? Aqui?

O da Vila Prudente. Só eu faço aqui.

Você mora aonde?

Eu moro em Franco da Rocha. Eu morava em São Paulo, mas aí eu mudei pra cá.

E pra você é mais perto de Jundiá?

É.

Por isso, você vem pra cá. Entendi. Aí você está me falando que da sua família, essas pessoas que já são técnicas ou enfermeiras... Tem algumas que já fizeram a Enfermagem, a graduação.

É isso?

Ahã.

Você teve essa escolha? Ah, eu vou pro técnico, eu vou pra graduação?

Não pensei, porque eu não quero fazer graduação de enfermagem.

Você não quer?

Não. Eu quero fazer de Medicina Veterinária. Eu quero ter o técnico, eu gostei muito, mas só que eu pretendo trabalhar e depois fazer a faculdade dos meus sonhos, sabe?

Entendi. Então, o seu sonho... Você não queria fazer Técnico em Enfermagem...

Mas, eu fiz e acabei gostando muito. Só que a faculdade, eu não quero fazer graduação de enfermagem.

Você quer fazer graduação em Veterinária?

Isso.

E por que não está fazendo a Veterinária agora?

Porque é muito caro e eu tentei a bolsa no FIES e foi muito longe e não tinha condições de eu ir e...

Você conseguiu a bolsa no FIES?

Consegui. Só que era muito longe. Aí ou eu morava lá, mas era em São Paulo, ou eu desistia.

Poxa vida! Mas, como foi esse processo? O que veio primeiro? Estar aqui, fazer o ENEM...

Você saiu do Ensino Médio em 2015.

2014. Em 2015 eu já estava fora do Ensino Médio. (Risos)

O que aconteceu na sua vida? No Ensino Médio você trabalhava e estudava?

Não. Assim que eu terminei o Ensino Médio, eu comecei a trabalhar de novo em um *pet shop*, aí eu gostei muito. Só que eu morava em São Paulo e os meus pais moravam aqui. A minha mãe ficava sozinha aqui e eu morava com a minha avó. Aí eu acabei saindo do serviço e vim morar com os meus pais, porque eu não queria deixar a minha mãe sozinha. Mas, eu já tinha feito o ENEM lá. Aí aqui, eu não fiz nenhuma vez o ENEM. Aí quando eu estava aqui, eu me inscrevi no FIES. Aí eu consegui a bolsa.

Isso foi em 2016.

Foi.

No comecinho de 2016?

Foi.

E quando você começou aqui no Técnico em Enfermagem?

Em novembro de 2016. Aí eu fiz um curso, eu comecei em maio, de auxiliar de veterinário. Mas, era básico, só seis meses.

E esse auxiliar de veterinária, você concluiu?

Ahã.

Então, você me diz que está fazendo um curso que não é o seu sonho.

(Risos) Eu pensava que era uma coisa que eu não me identificava, mas é uma coisa que eu não quero largar, porque é uma coisa que eu gosto muito. Só que eu sempre sonhei em fazer Medicina Veterinária. Não estava nos meus planos fazer Enfermagem.

Ela surgiu, por quê? É isso que eu queria resgatar com você. Aí você foi pro médio, você tentou Medicina Veterinária, aí conseguiu uma vaga muito longe, como que foi? Como que você tomou essa decisão assim, não vou que é longe. Você pensou em ir em algum momento?

Eu fiquei pensando no processo... Como que vai ser se eu for. Sabe, transporte público, eu vou sair que horas de casa, eu vou voltar que horas? Porque eu moro em área rural, né? Aí eu pensei, ah, vai surgir outra e no futuro eu faço.

E como que veio a Enfermagem?

Depois que eu terminei o Auxiliar em Veterinária, eu nunca fiquei parada... Sempre estudando, estudando... Aí eu olhei no site do Senac e vi que ia abrir. Aí eu pensei, pensei...será? Porque eu tinha começado a ETEC e desisti, que era Logística.

Agora que eu não entendi nada. De onde veio a Logística? (Risos).

(Risos) Logística porque eu queria... Sei lá, eu estava sem fazer nada...

E resolveu estudar.

É. Técnico em Enfermagem foi a mesma coisa. Se eu não gostar, eu desisto. Eu não vou ficar em uma coisa que eu não gosto. E eu gostei muito. E foi uma coisa que eu não esperava, entendeu? Me dedicar tanto. E eu não quero deixar...

A turma aqui começou em novembro?

Isso.

Que horas você falou: “eu me identifico”?

Quando começou as práticas, eu comecei a gostar. Quando eles começaram a explicar o jeito que era no hospital... Nossa, eu não vejo a hora de trabalhar e ver. Quem sabe, quando eu terminar, né?

Você tem uma galera da sua família que é Enfermeira ou Técnica em Enfermagem, você deve ter escutado muito sobre Enfermagem na sua vida.

Muito (Risos).

Mas, você só despertou pro negócio, na hora que você estava aqui. Por que você acha que isso aconteceu?

Eu não sei. Verdade, né? Eu nem parei pra pensar nisso. (Risos)

Você nunca pensou nisso? (Risos)

Eu não sei, porque até quando a minha irmã estudava, ela ficava estudando comigo e eu não entendia nada. Igual eu falei, eu quero fazer faculdade de Medicina Veterinária. E eu estava focando só nisso. Ah, não quero. Não quero. Só que eu não parei pra pensar que eu poderia gostar, entendeu? Eu não sei.

Você acha que você se deu uma chance de conhecer.

Sim.

E quando a sua irmã falava, você não se dava essa chance.

Não.

Agora quando a sua irmã fala... A sua irmã está na graduação?

Ahã.

Sua irmã é técnica.

É.

E agora ela está na graduação?

Ahã.

Estuda e trabalha.

É.

E agora quando a sua irmã fala...

Aí já é diferente. (Risos)

Mudou?

Mudou. Porque agora quando ela fala, eu não fico só ouvindo. A gente começa a conversar, sabe?

Vocês já começam a discutir o caso. É isso?

É. (Risos) Ela fala da experiência dela e eu não fico mais... *hmmm...Eu falo: Nossa, que legal!*

Isso faz sentido pra você agora?

Faz.

Entendi. Muito bom. Então, a sua graduação definitivamente vai ser Medicina Veterinária ou ainda corre o risco de você fazer Enfermagem?

Então, eu falei, vamos terminar o curso, né, eu não sei... Eu gosto muito do curso, mas a faculdade de Medicina Veterinária é o meu sonho, né?

Eu procurei vocês na semana passada e vocês estavam em estágio. É isso?

Isso.

Como que foi? Foi o primeiro estágio de vocês.

Foi bem tenso.

Foi tenso?

A gente está há pouco tempo na sala e a gente ia ficar vinte dias com as mesmas pessoas, sabe? Foi muito difícil conviver com a diferença das pessoas. Foi um aprendizado muito grande. Eu acho que a gente aprender mais a conviver com as pessoas do meu grupo do que no estágio.

Como que vocês organizam os grupos de estágio?

A gente que escolhe.

Vocês que escolhem?

O primeiro sim. É uma vez ela e uma vez a gente.

Ah, uma vez é equipe de professores que determina e a outra vez, vocês que escolhem.

É. Só que não foi bem escolhido o nosso. Ah, você não está, então, vem pra cá. Eu fui pra cá. Foi um aprendizado muito grande, eu gostei muito.

Vocês fizeram a escolha, por afinidade a princípio, dentro desses três meses de convívio em sala de aula. E quantas pessoas estão no grupo?

Cinco pessoas.

Cinco em cada grupo e seis campos de estágio. Você rodou os seis campos?

Foi difícil, mas eu gostei.

O que mais que foi difícil?

Eu não sei explicar, mas sabe você aprender a respirar e falar: calma. Tipo, alguém fala uma coisa e você não gostar... Você tentar não absorver, mas é muito difícil.

Essas questões da convivência, que o trabalho em equipe exige. É isso?

Ahã. Foi difícil, mas eu gostei bastante de fazer.

O que você gostou?

Aferir a P.A. [Pressão Arterial], de conversar com as "idosinhas". A gente foi fazer visita em uma casa e o idoso ficou chorando quando a gente saiu. Eu fiquei triste.

Você estava em que? Em saúde da família [Programa de Saúde da Família -PSF]?

É. Deu uma tristeza muito grande, uma vontade de ir pra lá com ele. Uma experiência muito... Assim, pra gente dar mais valor, né? Ele tinha catorze filhos, mas nenhum filho morava com ele. Ele perdeu a esposa dele e ele lá com a perna amputada. Eu aprendi a dar mais valor pra minha família.

Eu acho que tem uma parte que envolve as profissões da saúde, que são as que te trazem a realidade escancarada. Em algumas outras áreas, talvez a gente passe por esse mundo sem perceber, que existem essas diferenças, inclusive de tato, de necessidade de convivência, né? Têm profissionais que são super solitários, né? Mas, quando você traz que foi difícil conviver, que foi difícil viver intensamente o mesmo grupo de trabalho, de pessoas com um número reduzido e que você não tinha escolha. Não é sala de aula, que você ficou com saco cheio da sua colega e você vira pro lado, né? São aquelas pessoas todos os dias, todas as diferenças...

A gente tem que regular as nossas diferenças, os nossos argumentos, os nossos julgamentos, né? Além disso, você colocar em situações... Poxa, vida são catorze filhos, está sozinho, mesmo? Você se pega pensando, como que é a história dele, como que ele chegou até aqui? Por que esses filhos não estão aqui? Não é isso? (Risos) E aí? Como que foi isso pra você? Como foi pra Marília pensar nisso tudo?

No estágio... Com UBS, né? Eu aprendi a dar mais valor também. Eu aprendi a ter mais paciência, eu aprendi a respirar fundo e deixar passar, a ouvir mais, né? Porque ele chega carente e só quer que a gente ouça, né, o que eles têm pra dizer. Foi um aprendizado muito grande.

Como foi pra Marília pensar nisso tudo?

No estágio... Com UBS, né? Eu aprendi a dar mais valor também. Eu aprendi a ter mais paciência, eu aprendi a respirar fundo e deixar passar, a ouvir mais, né? Porque ele chega carente e só quer que a gente ouça, né, o que eles têm pra dizer. Foi um aprendizado muito grande.

Que campo você foi, além da UBS?

A gente foi no CEAD [Centro Especializado no Tratamento de Dependências em Álcool e Drogas.]

Que é álcool e drogas, né?

Isso. Da família, UBS e CEAD.

E como foi conviver com os outros profissionais? Os Técnicos de Enfermagem, Enfermeiros...

Foi difícil. Tinham alguns campos que eu me via como intrometida. Não eu ia lá, pegava e fazia. Mas, tipo assim, me olhavam... O que você está fazendo aqui? Sabe? Teve alguns campos que eu não me senti à vontade. Me senti... Parecia que eu estava incomodando assim. A nossa presença. Não só a minha. Às vezes, não dava a oportunidade pra gente fazer, sabe? Por exemplo, uma PA pra aferir. Que custa dar pra gente, a gente está aprendendo, né? Mas, não. Ela fazia questão de fazer, só pra não deixar a gente fazer, sabe?

Entendi. Mas, você ainda está num momento de bastante observação, né? Eu acho que por isso, você está bastante reflexiva também, né?

(Risos) Sim. Mas, o que era pra gente fazer, eles não deixavam. Eles não queriam que a gente fizesse.

E desses campos, qual foi o que você se sentiu mais à vontade? Em qual foi esse que você conseguiu fazer a medição da pressão...

Na UBS.

Na UBS...

No CEAD, eu também consegui, porque o professor também era bem... Ele deixava a gente fazer tudo.

O seu professor de supervisão, né?

Ele sempre deixava a gente, mas ele sempre ficava observando, né? Mas, eu gostei.

Por que você acha que você gostou?

Não sei explicar. (Risos)

Você acha que foi por causa dessa liberdade, por causa do seu professor, do ambiente, da equipe?

Do ambiente não. Por causa equipe... Eu acho que por causa do professor. Porque ele deixava a gente se sentir à vontade, sabe? Nem a equipe lá, nem o ambiente, mas ele deixava a gente se sentir à vontade. Foi por causa do professor mesmo.

O professor fazia você se sentir à vontade.

É.

O que ele fazia?

Como assim? De conversa ou de...

Tudo.

Ele dava a oportunidade pra todo mundo fazer. Sempre que tinha a oportunidade, a gente fazia alguma coisa diferente.

Que coisas diferentes que ele fez?

Roda de conversa, passear no ginásio, né? Essas coisas diferentes, pra sair da rotina, sabe?

Ele permitiu que vocês também olhassem o mundo ao redor.

Isso. A passeada foi junto com os internos lá.

Os assistidos.

Foi legal.

E como que foi essa coisa de cuidar do outro?

Eu gostei bastante. Porque quando a gente faz, a gente se sente melhor. Quando eu fazia, eu me sentia bem. De estar fazendo um bem pra outra pessoa, sabe?

Você está se realizando no curso?

Sim.

Então, você me diz que as razões que te trouxeram pra cá foram pelo acaso...

(Risos) É.

Mas, em algum momento, isso passou a fazer sentido pra você.

Sim.

Desse pessoal todo da sua família... Tem alguém que é exemplo pra você? Eu quero ser assim.

Não tem uma. Eu acho que todas elas. Quem dera, será um dia? (Risos)

Mudou a sua visão pra elas também, né?

Mudou.

Por que olhava pra elas: *Ah, não quero, esse mundo*. Agora você olha como? Elas se constituíram exemplos pra você?

Sim.

Aí quando você olha hoje... Quem dera! (Risos) Por que você acha? O que elas têm de diferente?

Pra chegar onde elas chegaram... Não foi pouca coisa, entendeu? Eu quero ser forte igual elas. Elas já chegaram lá. Quando eu chegar lá, eu quero estar com aquela força.

O que é o chegar lá?

Chegar lá é estar estabilizada, sabe? Já tem uma faculdade, já tem a pós, trabalho. Eu quero estar assim também. E satisfeita, né? Porque é uma coisa que ela gosta. Eu quero também estar assim. Trabalhando com uma coisa que eu goste.

Entendi. Os seus planos são parecidos com os delas, o que você acha?

Eu não sei. Eu acho que não, porque eu sou muito indecisa. (Risos)

Mas, você não tem dificuldade em mudar a sua escolha?

Não.

Pelo que você disse, né?

(Risos)

Você desapega e vamos embora.

É. Se eu não gosto, eu não vou ficar em uma coisa que eu não gosto.

E o que te fez estar aqui? Porque eu estou entendendo, que depois de quatro meses de curso, você gostou?

Amei!

Você amou! (Risos) O que você acha que tem aqui no curso ou tem na profissão, que te faz amar?

Como curso, eu gosto muito do Senac, de verdade. Quando eu falto... Por que eu gosto muito do Senac... Ele me faz me sentir à vontade e os professores também. O jeito que eles dão aula, sabe, me faz querer aprender mais, me esforçar mais, sabe? E na profissão também, sabe? Eu quero cuidar, eu quero ajudar a pessoa. Pelo menos no cuidado, não precisa nem ouvir. Eu gosto de ajudar as pessoas. E eu quero fazer isso.

E você enxerga essas questões da ajuda, da escuta, nos seus professores?

Sim. Bastante.

Tem outras características que você acha que são importantes?

Nele?

Isso.

Eu acho que eles são humanos. Não são... Ah, sou enfermeiro e acabou. Eu vejo esse lado humano deles, sabe? Sensível, que se importa com as pessoas, de verdade. Eu acho bonito esse lado deles.

Mas, você acha que isso é algo que todo enfermeiro tem, todo técnico tem ou é deles?

É deles. Porque a gente foi pro estágio e foi difícil achar uma pessoa assim no estágio.

Porque você está comparando os professores que você tem com as pessoas que você encontrou no mercado de trabalho...

Isso. E eram bem diferentes.

Eram?

Eram.

E olha só, você fala que tem uma questão da dificuldade do trabalho em equipe, que as pessoas têm dificuldades em se relacionar, em tratar com humanidade... É isso que você está me dizendo, né?

(Risos)

E aí? Você acha que na hora que você sair do Senac, você acha que você vai conseguir ter esses professores como exemplo?

Com certeza. Até no estágio mesmo, eu estava pensando... Nossa, tem que pensar... Se fosse o professor, o que ele faria? No estágio mesmo, eu já estou tomando eles como exemplo.

Você usa o exemplo deles pra se espelhar.

Sim.

Você se coloca, se ele estivesse aqui, o que ele faria?

Sim.

Interessante, né? Muito bom!

(Risos)

Você pensou em parar em algum momento?

Não.

Tem alguma dificuldade que você enfrenta hoje? Pra vir pra cá, pra continuar no curso...

Você está falando de transporte?

Tudo.

No transporte, por exemplo, só tem um ônibus que vem pra cá, né? Se eu não pego ele...

De Franco pra Jundiá.

É.

De quanto em quanto tempo tem esse ônibus?

Depende. Eu não sei...

Se você perder o ônibus que te faz chegar a uma da tarde, o próximo vai ser que horas?

Ele vai estar saindo de lá meio dia e meio. Então, ele chega aqui que horas?

Duas horas. É uma hora e meia?

É. Duas horas. Eu cheguei super atrasada no estágio. Eu estava até com medo, porque não podia faltar, né? E eu cheguei super atrasada, porque o ônibus parou. E eu não tinha como.

Verdade, vocês tiveram greve de ônibus agora, né?

Aí se eu não fosse com ele, eu ia como? Eu cheguei super atrasada, eu fiquei até preocupada, mas, graças a Deus não deu nada.

Você tinha uma justificativa muito clara, né?

Mas, eu me senti muito mal. O estágio, eu estou faltando.

Mas, você foi.

Fui. Eu cheguei super atrasada, mas eu fui.

Você sai às cinco daqui e chega que horas na sua casa?

Umás seis e meia. Porque até a minha casa tem um caminho enorme de barro, né? Se eu subir de carro que, às vezes, o meu irmão busca, eu chego em casa umas seis e meia. Mas, se eu não subir de carro, eu chego em casa sete horas, sete e dez.

É uma boa caminhada, por isso que você é magrinha. (Risos)

(Risos) É!

E você morava em São Paulo e agora está na área rural?

É. Eu já conhecia esse lugar, mas não gostava desse lugar. Eu estou aqui por causa dos meus pais. Eu morava aqui com eles, mas aí eu fui pra casa da minha avó. Aí eu fiquei com a minha avó um tempão lá. Aí eu ligava pra minha mãe... Eu e minha irmã fomos. Ela ficou sem nenhuma filha menina aqui. Ela não tinha ainda a minha irmã menor. Ela ficou sem nenhuma filha menina, aí ela ficou muito deprimida, essas coisas. Aí eu fui para casa da minha avó e a minha avó tem um monte de filhos, né? Então, é muito difícil também conviver na casa da minha avó. Tinha bastante brigas, desentendimentos, essas coisas... Aí eu comecei a trabalhar e depois eu liguei pra minha mãe... A gente já estava de saco cheio já de ficar na casa da minha avó. Aí a minha mãe estava muito triste... Sabe? Eu vou morar... Foi muito rápido assim, eu vou sair do emprego e amanhã já estou lá. Saí e já vim pra cá. Estou aqui, mas não porque eu gosto do lugar. Porque eu gosto dos meus pais, da minha família.

Mas, é um impacto muito grande, né? Você está em uma grande cidade...

E tinha a dúvida. Ou eu fico na cidade, sem os meus pais ou eu fico na área rural com os meus pais. Ai meu Deus! Eu tentei, mas era muito difícil ficar lá.

E hoje mora todos os seus irmãos com os seus pais?

A minha irmã mora lá ainda.

A sua irmã é mais velha que você?

Sim. Ela tem vinte anos.

Que é a que está fazendo faculdade.

Isso.

Com seus pais hoje são, você mais quatro?

Mais três.

A sua irmã mais nova tem três e os outros?

Um tem onze, outro dezoito.

Então, você tem um irmão bem próximo a você?

É.

Ele estuda também?

Ensino Médio. Ele repetiu e está fazendo último ano esse ano. É difícil ter um irmão com dezoito anos.

Por quê?

Porque ele é um menino muito folgado. São muito dono do próprio nariz, quer fazer o que quer.

Bom, deixa eu te perguntar outra coisa. Como você se vê formada? Você tem planos? Acabou o curso técnico, o que a Marília vai fazer?

Eu quero um emprego. Estou pedindo pra Deus, um emprego bom. Eu quero ajudar os meus pais, pagar minha faculdade, casar, né?

Vai casar?

Só quando eu tiver dinheiro suficiente pra fazer o meu casamento.

Você já namora? Você quer casar com esse mesmo? (Risos)

Sim. Se Deus quiser!

Eu vou fazer um bate bola pra ver se a gente consegue se projetar um pouco mais no seu futuro. Tudo bem? Hoje é a sua formatura do Técnico em Enfermagem, como que você vai estar?

Nossa, eu ia estar chorando muito... Meu Deus, feliz! Eu acho que não ia conseguir nem imaginar. Transbordando felicidade. De ter conseguido, né? Eu ia ficar pensando na trajetória, de como foi chegar até aqui.

Quem está aqui na sua festa de formatura?

A família, o meu namorado, o meu irmão.

Daqui cinco, onde que a Marília está? O que ela está fazendo? Quais são os planos de vida?

Nossa, eu vou estar trabalhando em um emprego bom, eu vou estar fazendo a minha faculdade, com a minha casa já. Eu acho que já vou estar casada, será? Eu acho que um emprego bom e ter dinheiro suficiente pra manter o meu casamento.

O que é um emprego bom pra você?

Um emprego bom é um emprego que eu esteja satisfeita, né? Porque tem muito hospital que a gente vê o tratamento, sabe? Eu não quero trabalhar em um hospital assim.

Você tem algum hospital que você mira?

Não. Eu não miro não. E bem remunerado. Eu quero ganhar bem. Eu quero trabalhar bem. Eu quero um emprego que eu goste muito, que eu vejo que é tudo certinho... Se bem que eu vejo que não vai ser tão certinho assim. Que eu esteja satisfeita, né? Que eu não saia... Ah, isso aqui está errado, isso aqui está errado. Que eu saia feliz, com sensação de dever cumprido e não sensação de não aguento mais.

Entendi. E daqui dez anos?

Eu nunca pensei... Ajudando a minha família bastante. Eu acho que já vou ter construído uma casa pra eles.

Você quer construir uma casa pros seus pais.

Isso. Porque eles não querem sair de lá. Pelo menos, reformar. Ajudar eles inicialmente, sempre, sempre. Não deixar eles de lado. Visitar eles sempre, porque eu não vou morar aqui.

Onde vocês vão morar?

Em São Paulo, porque meu namorado mora em São Paulo

Está nos planos voltar pra São Paulo, então.

É.

E esses projetos de vida passam por esses projetos profissionais?

Sim. Depende.

Depende do que?

Depende que eu tenho que concluir esse curso, arrumar um emprego bom, porque senão nada vai dar certo, nada do que eu estou planejando.

Você já pensou em alguma universidade pra você fazer a sua graduação? Você já tem isso de forma mais concreta?

Não. Algumas. Porque se eu for morar em São Paulo vai ser mais fácil pra mim fazer faculdade. Porque vai ser mais perto. Aqui, Franco é mais contramão.

Então, a gente pode dizer que você partiu do cuidado com os animais pro cuidado das pessoas. É isso?

Isso.

E por que foi sempre Veterinária?

Porque eu amo muito, muito, animais. Tipo, se eu ver um na rua, eu estou chorando porque ele está abandonado. Quando eu trabalhava no *Pet*, eu não podia ver um animal abandonado, eu pegava. Aí eu levava pro *Pet* e doava, né? Não vou levar pra casa... Porque quando eu levava pra casa era briga. Porque ninguém queria, né? Mesmo quando eu não estava trabalhando, eu doava. Eu levava pra casa e falava que ia doar. E doava mesmo. Eu não sei... É uma coisa que eu gosto muito, sabe? É uma coisa de mim. Não foi uma coisa que eu precisei descobrir. Enfermagem, eu descobri que eu gostava, sabe? Agora Veterinária eu sei que eu sempre amei.

Sempre gostou.

Sempre, sempre gostei.

Você nunca se pegou pensando, “Ah, por que eu gosto disso?”

Não.

E por que você gosta da Enfermagem?

Porque quando eu me formar, eu quero ser um profissional diferente, sabe, do que a gente vê. Eu quero cuidar, eu quero fazer com amor e pelo dinheiro, sabe? De qualquer jeito, eu quero fazer diferente, sabe? Um olhar mais carinhoso, mais cuidadoso.

Hoje, pra você enfermagem é...

Cuidado, amor, atenção, ouvir.

Daqui cinco anos quero estar...

Não sei, trabalhando. (Risos). Trabalhando com alguma coisa que eu goste, num hospital que eu goste bastante.

Pra você, a área da saúde é...

Não sei... (Risos). Ah, eu não consigo achar uma palavra. A área da saúde é a mais importante. Eu não consigo achar uma palavra que defina. A área da saúde, eu acho que é a mais importante.

Na vida de todo mundo.

É.

Seu plano de vida, seu sonho?

Pagar a minha faculdade, ter um emprego bom, casar, ter uma casa boa, ajudar os meus pais. Ajudar a minha família... E os bichinhos também. (Risos)

Marília, muito obrigada! Me ajudou bastante e foi um papo muito gostoso. Eu queria saber se você teria alguma pergunta pra me fazer, se você ficou com alguma dúvida?

Não.

Você quer deixar registrado, falar alguma coisa aqui?

Não. Eu já estou morrendo de vergonha. (Risos)

(Risos). Muito bom, muito obrigada. Estou à disposição de você! A gente vai se cruzando aí pelos corredores.

Entrevista com Sophia S.

Técnico em Enfermagem

Gravação 8 (35 minutos)

Sophia! Você cursa o Técnico em Enfermagem. O que te levou a fazer o curso, por que você está aqui hoje?

Na verdade, antes eu não sabia ainda o que eu queria fazer. Aí, quando eu fiquei grávida que (eu fiquei grávida supernova, né, com quinze anos) e as enfermeiras lá no hospital me tratavam super bem. Quando ganhei (referindo-se à filha), elas pareciam até psicólogas, ficavam lá comigo, conversavam comigo, a técnica, a enfermeira. Aí eu falei: *“Ah! Quero fazer isto aí!”*

Poxa vida! Então foi a gravidez da sua filha que lhe fez ir ao hospital e entender a realidade desse ambiente?

Isso!

E lá, você se identificou com essas pessoas.

Isso, eu gostei do jeito que elas me trataram. Foi bem... Foi superfamília, assim. Foi bem acolhedor.

Me conta mais sobre isso, você foi para o hospital, lá ficou só o tempo do parto ou teve de ir antes...

Não, eu fui porque ela demorou um pouquinho para nascer. Na verdade, minha mãe que ficava preocupada, achando que ela estava demorando demais para nascer, ela nasceu com quarenta semanas e cinco dias. Aí, eu fui só pra fazer o exame, mesmo. Só que eu estava com cinco dedos dilatados e aí elas me internaram. Aí, elas me tratavam super bem, que eu estava com muito medo, né?! Elas ficavam, sentavam do meu lado, falavam que não doía, que depende da pessoa, que ia ser uma coisa que ia passar rápido, que depois que ela nascesse, que eu ia esquecer de toda a dor... E é verdade! Tudo que elas falaram! Aí eu gostei, achei superbacana o jeito que elas me trataram, tanto o parto como os dias depois que ela nasceu, eu tive que ficar internada no hospital...

Quantos dias você teve que ficar internada?

Três...

Você ficou três dias... Seu parto foi normal... Natural, né?

Foi...

Conta, por que você ficou esses dias...

Porque eu tive começo de depressão pós-parto. Aí elas... Na verdade, eu não sabia o que que era, né... Só que eu ficava com muita vontade de chorar e na hora em que ela chegava, chorava, a bebê, eu não conseguia ficar perto dela porque minha cabeça doía muito! Aí eu achava que minha cabeça ia explodir. Aí eu dizia para minha mãe: *“Tira ela de perto de mim? Eu não quero rejeitar ela, mas eu não consigo, dói minha cabeça.”* Ficava uma veia assim ó, pulsando (*mostra a têttempora*), parecia que ia explodir. Aí, a psicóloga foi lá no quarto, conversar comigo, ela falou para minha mãe que eu estava com começo de depressão pós-parto, só que, até então eu não sabia de nada, elas que conversavam.

Aí elas (referindo-se à equipe de enfermagem) me deviam superatenção, tinha horas que elas falavam pra minha mãe para ela levar a bebê para dar uma volta no corredor do hospital... Aí eu acho que foi por isso que eu fiquei triste, porque eu estava bem e não estava.

Entendi. E qual foi o papel da enfermagem nesse momento para você?

Elas iam toda hora perguntar se eu estava bem, elas falavam para mim ir andar um pouco para me distrair, elas falavam para mim como dar banho, como fazer a massagem para a cólica. E elas falavam: *“Nossa, mas você é tão pequenininha, teve uma filha tão grande!”*. Ela é muito linda! Elas ficavam só elogiando. Aí eu gostei, eu achei superinteressante.

Entendi. Então nós podemos dizer, que pela sua experiência de vida, em especial o nascimento da sua filha, que você teve contato com pessoas que foram exemplos para você?

Sim! Espero que eu possa fazer igual a elas, ajudar outras pessoas, porque elas me ajudaram.

Entendi. Você pode dizer que essas pessoas foram inspirações?

Sim!

O que aconteceu ali, que mudou sua vida, a ponto de você fazer essa escolha?

Ai, não sei exatamente, mas... Acho que o amor. Ver como que elas, que nem me conheciam, não eram da minha família, nada, mas me tratavam com muito carinho e muito amor. Então, eu acho que isso fez bem para mim, e eu também quero fazer o bem para outras pessoas, né?

Nesses momentos, se sentir cuidada é muito importante, né?

É... E amada, porque era bem... Parecia bem família, bem acolhedor.

Bem acolhedor... Sua mãe esteve muito presente com você nesse momento, né? E aí, naquele momento você entendeu que era enfermagem que você queria, como foi isso? Foi conversando com a sua mãe... Quando foi que você decidiu: “Vou fazer o Técnico em Enfermagem!”?

Quando eu vi o jeito que elas falavam comigo, eu falei para a minha mãe, depois de um tempo, né... Aí eu voltei a estudar, que eu não tinha acabado, fui para o supletivo e falei que ia fazer o Técnico em Enfermagem. Aí, as pessoas, minha mãe falava: “*Você gosta, você vai ter coragem?*” Eu falava, “*eu gosto!*” E minha mãe falava, “*mas você vai ver sangue!*” E eu, “*mas eu não ligo*”, acho que isso é de menos, né? E ela falava para mim “*mas se você tem certeza, vai em frente*”, ela sempre me apoiou.

Sempre te apoiou, e o pai?

Meu pai? Ele também sempre falava assim, você tem certeza? Porque ele é medroso, ele tem medo de sangue. Minha mãe não tem medo, mas o meu pai tem. Até para tirar sangue, ele morre de medo. E ele falava assim: “*mas você vai ter coragem?*” E eu disse: “*vou!*”, e ele “*então, vai!*”. E agora ele tem muito orgulho por eu estar fazendo o curso.

E agora, eles estão orgulhosos por você ter tomado essa decisão.

Sim...

Você é corajosa, mesmo?

Acho que sim! (Risos)

Você se sente preparada para ser uma técnica em enfermagem?

Eu me sinto. Eu tenho medo, um pouco, de não conseguir fazer tudo o que eu quero fazer, né?

E o que é tudo isso que você quer fazer, conta para mim...

Por exemplo, eu tenho medo de... Eu vou me apegar muito, aí uma pessoa morrer... Eu acho que vou ficar me sentindo muito culpada, acho que essa é a pior parte, assim. Eu acho que vou ficar me culpando, por não ter conseguido salvar alguém.

Mas é forte isso que você está dizendo...

Mas é o que eu acho que mais vai pegar...

Mas você entende que é um trabalho em equipe?

Sim. Porque tem que ser em grupo, né...

Mas, você acha, por exemplo, que você tem responsabilidade com relação à vida de uma pessoa, no cuidado? Você se sente responsável?

Sim! A partir do momento que ela estará pensando em mim, (referindo-se à pessoa) ela estará em um momento frágil, então... Sim!

Qual nome você daria para essa qualidade que envolve a reponsabilidade, o cuidado, que nome você daria para isso? O que tudo isso significa para você?

Ah... Eu não sei explicar, como eu vou dizer... Acho que é meio que tudo... É meio que eu vou ter de ser tudo ou nada... Eu vou ter de estar me dedicando mesmo, ou não. Se eu me dedicar de verdade, acho que vai valer a pena e eu vou conseguir. Mas se eu ficar como um “tanto-faz”... Aí num... Num vai...

É uma profissão que exige muita dedicação, pelo que você está me dizendo...

É sim...

Você acredita que sim... Você teve os exemplos das pessoas que cuidaram de você, quem mais é exemplo pra você hoje?

Minha professora, a Ceci¹³. Ah! Ela é um exemplo! Ela é tão dedicada, ela se dedica tanto pra poder... Quando ela começa a contar da vida dela no hospital, que ela também trabalhou no pronto socorro, que é onde eu quero atuar, ela sempre foi muito dedicada e ela se cobrava muito. Ela é um exemplo.

Ela é um exemplo. Tem mais alguém?

Não...

Os professores, em especial a Ceci! (Risos)

¹² Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

Ah! Todos são ótimos, vão falar que eu sou puxa-saco, mas não é. A Alana¹⁴, ela também é ótima, ela é um anjo!

Ah eh? A especialidade da Ceci é o pronto-socorro e a Alana?

Ishi... Eu sei que era na UTI [Unidade de Terapia Intensiva], eu acho que era alguma coisa neonatal...

Além disso, esses docentes também te trazem uma informação de como está o mercado de trabalho, você faz ideia de como é o mercado de trabalho para sua futura profissão? Você tem ideia?

Eu acho que é bom, eu acho que não vai ser difícil eu conseguir um emprego. Porque tem muito hospital e muito lugar assim, que precisam de um Técnico em Enfermagem, então eu acho que tem muitas opções, muitas opções de trabalho.

Vou voltar um pouquinho na nossa conversa... Você estava me dizendo que fazer o Técnico em Enfermagem foi um processo de escolha, certo? Você é jovem, foi uma mãe precoce, e o que te fez vir para a Enfermagem foi a sua experiência de vida. Mas o que te fez escolher por um curso técnico, e não um a graduação, por exemplo.

No técnico, a gente vai ter mais contato assim na hora de ajudar, não é bem contato, a gente vai pegar mais a mão na massa assim...

Foi uma decisão consciente, você chegou a pensar em ser Enfermeira?

Eu penso, mais para a frente, depois que eu tiver contato como técnica assim, vou fazer uma faculdade. Se eu tiver dinheiro, vou fazer Medicina, mas a Enfermagem, a faculdade, deve ser bem bacana.

Você já pensou em fazer a Medicina?

Já... A parte de... Se eu fizer Enfermagem, aí eu quero fazer uma pós em obstetrícia, é assim que fala, né?! Fazer parto, porque eu acho muito gostoso.

Essa experiência do parto te marcou demais...

Marcou! Tem um monte de foto que minha mãe tirou da minha preparação, do pré-parto, parto e pós-parto, foi bem...

Aqui no curso, a gente já entrou nessa fase de estudar obstetrícia, ou não?

Ainda não...

Está na expectativa?

Estou, mas até a parte de pediatria, eu gosto também, a parte de criança, eu gosto bastante. Eu estou lendo um livro também sobre os cuidados de um bebê, na verdade, de uma criança, né, mas eu estou na parte dos bebês.

Que legal! Você está lendo um livro que fala sobre os cuidados com a criança e esse livro faz parte do que você está aprendendo agora, ou é um livro que você está lendo por conta?

Estou lendo por conta, mas como já vamos entrar em estágio no mês que vem, a gente também vai no lar Aria Franco, acho que assim que se fala...

Lar Anália Franco

Como a gente vai fazer lá, a gente vai estar lidando com crianças de zero a três anos.

(Peço licença para atender a alguém que bateu na porta e retorno)

Desculpe... Tive de atender a porta.

Imagina!

Você já está se preparando para o seu estágio. Isso é muito bom! Que momentos você está do seu curso?

A gente está vendo os sinais vitais, a aprendendo como aferir a pressão... Que pega né... É difícil...

O que que é difícil?

Escutar a pressão, sabe é meio *difícilinho* no começo [coloca as mãos sobre os ouvidos] ...

A prática, você está dizendo, o ouvir, mesmo!

Isso! Mas a gente tem que treinar que mês que vem já tem que estar craque nisso.

Você estava me dizendo, antes da gente começar a entrevista oficial que você está faz EJA à noite, é isso? Como é essa rotina de vir para o Senac, estudar no EJA à noite, cuidar da sua filhinha, conta um pouco pra mim da sua vida.

É meio corrido, mas falta pouco tempo para eu terminar, então vale a pena, se eu não tiver o diploma do Ensino Médio, eu não vou pegar o do técnico, então, eu tenho que terminar.

Está terminando?

Termino em julho

E o Ensino Médio, você está cursando onde?

¹³ Os nomes foram alterados a fim de se manter o sigilo sobre a identidade dos professores mencionados pelos alunos durante as entrevistas

No Paulo Mendes.

É uma escola estadual, né? Paulo Mendes, aqui em Jundiá, é bem conhecida, né? Você mora lá perto?

Não, eu moro na Várzea.

Poxa vida, ainda é longe da sua casa... Diz pra mim, como é essa vida, de estudar, estudar, cuidar da bebê...

Ah... Eu gosto porque distrai um pouco assim... De manhã, eu fico com a minha filha. Aí eu arrumo ela, para ela ir para a creche, e eu venho para o curso. Aí, eu já comento até com os professores, se eu estou com algum problema, alguma coisa pessoal, a hora em que eu chego no curso eu esqueço. Parece que o problema fica lá, e eu esqueço.

Fazer o curso é terapêutico...

É, até a escola à noite também... Quando eu vou para a escola, distraio bastante.

Você acha que o curso e a escola só te distraem, ou eles te trazer uma perspectiva de futuro...

Traz, a gente precisa dos estudos né...

Quais são os projetos de vida da Sophia?

Ah... Eu pretendo, me formar no técnico, depois que tiver trabalhando, fazer a faculdade, um dia me casar, de- pois! (Risos). Primeiro eu quero me dedicar à profissão e a minha filha, que me consomem bastante tempo.

Já tem marido para esse casamento?

Ah... tem namorado, né? (Risos). Mas espero que dê certo, né?! Vamos ver daqui a alguns anos.

Então, além de estudar no Senac, fazer EJA, cuidar da bebê, ainda sobrou um tempinho para namorar?

A gente quase não se vê, porque ele joga, então a gente quase não se vê.

Ele joga? O que que ele joga?

Futebol.

Ele é jogador profissional?

Isso...

Viaja muito...

Mais ou menos... Agora ele não está, mas ele treina bastante, então a gente quase não se vê. É mais final de semana.

Então a rotina de estudos... Encaixam bem...

A gente dá um jeito! (Risos)

Você está dizendo que no seu projeto de vida, você quer cuidar da sua filha...

Ela é meu foco, sempre!

Como você se vê no futuro? Vamos pensar na Sophia daqui a uns anos, adulta, mãe, Técnica em Enfermagem... Como você vai estar?

Eu espero estar vivendo bem, não só financeiramente. Mas com ela, tendo tempo para ficar com ela. Agora eu não penso só no meu futuro, mas penso nela, com ela. Porque o tempo passa muito rápido! Daqui a pouco ela está adolescente, está da minha idade. Então, eu penso mais como vai ser o meu futuro para ela.

Nesses planos de futuro, o que você pensa em relação a sua profissão?

Eu quero ajudar bastante gente!

Você quer ajudar...

Quero, no futuro, ter bastante história para contar, de bastante gente que eu ajudei no hospital...

Então, vamos pensar: a Sophia daqui cinco anos, onde você vai estar?

Trabalhando no Sírío Libanês (Risos), e ajudando bastante gente... Estarei me dedicando a minha profissão, acho, porque é muito gostoso.

E daqui cinco anos, você já terá, obviamente, terminado o Técnico em Enfermagem, você vai continuar a estudar, como estão seus planos?

Sim! Acho que a área da saúde é uma área que a gente tem que se aprimorar cada vez mais, cada dia uma novidade diferente...

Você acha que na área da saúde o profissional tem opção por parar de estudar?

Não... tem que estudar. E é gostoso também aprender sobre a vida, o corpo, como você pode ajudar uma pessoa, quais as tecnologias que são usadas. Cada dia tem uma tecnologia diferente, tem uma melhor que a outra, mas também tem que aprender a usar. Tem muito isso, né?

Com certeza. E a Medicina e a Enfermagem, a graduação em Medicina ou Enfermagem, elas estão nesses planos?

Sim. Meu foco seria a Medicina, mas se eu não conseguir fazer, eu vou fazer a Enfermagem. Está tudo ligado, né? E é muito gostoso!

Você fala que é muito gostoso, muito gostoso, você tem um amor muito grande por essa escolha, você tem uma satisfação muito grande de estudar, é muito bom te ouvir falar assim! Me conta, como é sua rotina de estudos?

É um pouco puxada...

Você enfrenta desafios para vir para o curso no seu dia a dia? Quais são?

Sim! Correria... Quando minha mãe vai trabalhar, tenho que arrumar minha filha, deixar ela com a minha vó, na casa da minha vó, e vir para o curso. Aí tenho de vir para o curso e estudar, é corrido.

Seu namorado é o pai da sua filha, desculpe perguntar, mas é para entender se o pai divide as responsabilidades de cuidar da pequena contigo...

Não... E ela não tem contato com o pai dela. O pai dela que faz a parte dele é o meu pai. Quando a pessoa não vai acrescentar em nada, não porque dinheiro não é tudo. Se não vai dar amor e ser exemplo para ela, então não faz falta.

Você acha que as pessoas que lhe são bons exemplos fizeram diferença nas suas escolhas, e nos seus planos de futuro, na vida?

Sim...

Eu te vejo muito apaixonada pela saúde, muito envolvida pelos profissionais que foram exemplos para você e você tem uma preocupação na sua vida com a sua filha...

Ela foi tudo pra mim, né?

Poxa vida! Se ela não nascesse talvez você não tivesse descoberto a Enfermagem...

Verdade! Acho que estudar para cuidar dela... Acho que vai ser mais fácil.

Você acha que vai ser mais fácil em que sentido?

Em relação a cuidar da saúde dela, não só dela como da dos meus pais também... É... Porque eles vão envelhecer também...

E eles já fizeram muito por mim, e ainda fazem até hoje. Então eu penso muito no futuro deles e da minha filha.

E, mais uma curiosidade minha, você é filha única?

Não, eu tenho mais dois irmãos, sou a do meio. Tenho uma irmã mais velha, que já é casada e um irmão mais novo, que estuda aqui, ele é menor aprendiz.

Ah! Que bacana, seu irmão estuda aqui!

E minha irmã vai também... Acho que fiscal, que ela se formou nisso, ela é formada em Ciências Contábeis, e ela está se aprimorando na área dela.

A sua irmã, que é casada, mora com você, ou não? Ela tem filhos também?

Não mora. A única criança da família é minha filha...

Então é um xodó!

É, a minha irmã fala que não vai ter filho porque ela já tem a sobrinha que é tudo pra ela.

Uma criança muito amada!

É sim!

Então você acha que os desafios do dia-a-dia não são tão desafiadores?

Ah... Não são desafios.

Você é muito determinada, Sophia... Você me falou que chegou atrasada hoje por quê, mesmo?

Porque ela estava com febre.

Porque sua bebê estava com febre...

Ela está com um pouquinho de diarreia e acho que a garganta está inflamada. E a minha mãe também levou ela no médico.

Mas aí dá pra confiar na mãe, né?

Dá!

Ainda bem, né? Bom, eu vou fazer um bate-bola com você, pode ser?

Pode.

Vou lhe fazer umas perguntas, bem diretas, você me responde o que vem na sua cabeça de pronto. Pra Sophia, Enfermagem é?

Tudo.

Na minha vida, não me vejo sem?

A minha família

Meu maior desafio, como aluna, é?

Meu maior desafio como aluna... Acho que é ser boa aluna, pelo menos tentar né? (Risos)

Pra ser boa aluna e tentar ser, o que é preciso fazer?

Me dedicar.

Você se dedica bastante? Extra Senac, quanto tempo você estuda? Em casa, por exemplo?

À noite lendo, vendo vídeo também na internet. Quando a minha filha dorme, né? (Risos)

Qual a principal característica do curso do Senac que é importante para você? Ou desse curso, de Enfermagem, o que que é mais importante?

Humanização, que a gente aprende. E equipe, que os professores falam muito de equipe. Eles falam bastante pra se pôr no lugar do outro.

Se colocar no lugar do outro?

Isso

Daqui dez anos a Sophia estará?

Sendo médica! Trabalhando e ajudando muitas pessoas. Realizada profissionalmente.

Meu maior desafio como profissional é?

Lidar com morte e me sentir culpada.

Quero arrumar um emprego de?

Pronto Socorro!

Pronto Socorro?! Quero trabalhar no?

Ah... No Sírio Libanês!

Muito bom! Seu projeto de vida e seu projeto de formação caminham juntos?

Sim! A profissão está dentro do projeto de vida.

A profissão está dentro do projeto de vida. Você tem outros sonhos da sua vida que não são a formação, que você não contou aqui?

Não... Acho que não, acho que é isso, mesmo.

Seu grande sonho é ser Técnica de Enfermagem, ou Médica?

Estar na área da saúde, ajudando.

Estar na área da saúde, ajudando...

Acho que é muito bom você estar para salvar uma vida e a pessoa... Depois você vê que ela melhorou porque você ajudou ela...Gratidão assim... Acho que é muito bom.

Você escolheu uma profissão muito bonita, que envolve muito o cuidar...

O amor...

Você acha que todo mundo no mercado de trabalho tem essa visão que você está me trazendo?

Eu acho que não.

Você acha que não... Como que você acha, ou com base em que você está me dizendo isso?

Porque eu conheço gente que, antes de eu começar o curso, eu cheguei a comentar que eu ia fazer. Muita gente comentava que era perda de tempo, que era um curso chato, gente até que já é da área, técnica. Ela falou assim pra mim: *"Ah! Mas as pessoas entram achando que é um mar de rosas!, mas não é tudo isso não!"*

Conta mais sobre isso! (Risos)

Eu não falei nada! Fiquei sem palavras. Falei "Ah, mas eu acho que eu vou gostar". Ela só falou que ela num...

Essa pessoa é próxima de você?

Ahã. Foi comentando no hospital, assim... Eu fui levar minha filha... Aí ela táva lá também com a filha dela. Aí a gente comentando, conversando. Se alguém sentar do meu lado eu vou puxando assunto. Aí, ela falou assim que ela era, né, técnica, e que não era um mar de rosas a profissão. Não sei por quê. Acho que cada um nasce com um dom. Se você gosta daquilo, não adianta fazer nada por dinheiro, porque não vale a pena. Ganhar dinheiro, mas você não vai ser feliz, eu acho assim

Muito bem. Você acha que tem muita gente que pensa, como essa pessoa, no mercado de trabalho? O que você acha?

Ah, eu acho que sim. Mas também tem muita gente que vai por amor.

Sim. E que bom, né? E são dois perfis totalmente diferentes, como será que é trabalhar numa equipe com pessoas que pensam diferente, de formas diferentes?

A gente tem de relevar tudo.

É um desafio profissional?

É! E a gente vai levando. Não pode ser grossa, eu acho, nem devolver na mesma porcentagem, a forma como a pessoa te tratar. Tem de ser educado, sei lá, né? Levando...

Você acha que relevar é importante, quando você está tratando com pessoas fragilizadas, doentes, psicologicamente abaladas...

Sim.

Se colocar no lugar do outro...

Tem muito disso nessa profissão.

Você acha que você faz isso no dia a dia, ou você acha que isso você vai desenvolver quando for uma Técnica em Enfermagem?

Eu acho que eu já faço. Eu me coloco no lugar das outras pessoas. Às vezes... Depois que eu virei mãe também, né? Porque eu acho que eu não era assim. Ai hoje se eu vejo uma criança doente, eu me coloco no lugar da mãe dela. Quando vejo também uma criança que morre... Uma dor que deve ser horrível de sentir... Acho que depois que eu virei mãe que comecei a me colocar no lugar dos outros.

É empatia. Se colocar no lugar do outro.

É isso.

O que você acha de mais bonito na enfermagem?

Cuidar.

O cuidar...

Sim, acho que é o se doar, assim. Você vai estar dando o seu melhor. Mas você não vai estrar dando o seu melhor querendo receber algo melhor, você vai estar dando o seu melhor, por dar... Acho que é isso.

E além de fazer todas essas coisas bonitas e cuidar, é um trabalho.

Sim. Mas acho que quando você faz o que gosta, deixa de ser tão trabalhoso assim.

Você acha que você vai trabalhar muito?

Acho que eu vou, assim, mas vou gostar.

Você acha que vai trabalhar muito, mas que vai gostar?

Acho que sim!

Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre você, sobre sua formação, sobre seu curso, sobre seus sonhos?

Ah, eu acho que já falei tudo. Que espero da minha profissão é que eu seja uma boa profissional, que eu ajude bastante gente...

E o que você espera do curso, para isso?

Ah o curso... Esta cada dia me ajudando mais. E, ah eu não sei explicar, mas ele faz a gente ser bem mais humana.

Você acredita que nesses quatro meses você aprendeu a ser mais humana?

Sim.

Estudando?

Estudando.

Estudar te deixou mais humana, é isso que você está me dizendo? Estudar enfermagem te deixou mais humana?

Acho que sim. O curso... Ai, o curso é ótimo! Não é aquela coisa, se você está indo estudar só... Que vira uma rotina, aquela coisa chata, não. Pelo menos, eu gosto! A gente está aprendendo cada dia mais é algo que é para o bem. É bom!

Que bom! Você tem alguma pergunta que você queira me fazer? Você ficou com alguma dúvida?

Não

Não tem nenhuma pergunta? Você gostou de ter participado?

Ah, gostei!

Qual foi a parte que você mais gostou?

De falar sobre meu futuro! Médica!

Ah muito bom! Então, obrigada Sophia, por estar aqui, por conversar comigo, vai me ajudar demais, vai ser muito importante e eu vou reforçar aqui que se você quiser, você pode desistir de participar a qualquer momento. Vou encerrar nossa entrevista e a gente se vê pelo Senac!

Tá bom! Obrigada a você!

Imagina!

APÊNDICE E

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Quadro 2 Categorias de análise

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Razões para a escolha	A possibilidade de ajudar e cuidar	Há satisfação pessoal em poder ajudar	<i>E queria sempre ajudar as pessoas. Desde pequenininho, eu ajudava. Eu sempre fui fascinado a ajudar.</i>
			<i>Então, foi isso que me despertou, que eu gosto de estar assim, de ajudar ao próximo.</i>
		Lida-se com pessoas	<i>É nesse sentido que eu falo do cuidar. Então, eu acho que você tem que ter cuidado ao cuidar.</i>
			<i>Então, eu acho que isso fez bem para mim, e eu também quero fazer o bem para outras pessoas, né.</i>
		O cuidado exige carinho	<i>Porque eu vou saber o que ela está ouvindo das outras pessoas, eu vou saber o que ela está sentindo, porque eu passei pela mesma coisa. Então, eu vou querer ajudar ela.</i>
			<i>Eu quero cuidar, eu quero fazer com amor e pelo dinheiro, sabe? De qualquer jeito, eu quero fazer diferente, sabe? Um olhar mais carinhoso, mais cuidadoso.</i>
	A valorização do trabalho na área de saúde e bem-estar	A área da saúde é muito importante	<i>Eu acho que ajudar o ser humano é uma coisa fantástica, seja da forma que for, e na área da saúde é o que você consegue mais.</i>
			<i>A área da saúde é a mais importante. Eu não consigo achar uma palavra que defina. A área da saúde, eu acho que é a mais importante.</i>
		A escolha pelo curso passa pela escolha da área da saúde.	<i>Eu vi pelo lado da preocupação com a saúde, (...) e também vi pela questão de beleza mesmo.</i>
		O contato direto com as pessoas, proporcionado pelas áreas estudadas tem peso na escolha	<i>Eu passei em química na UFSCAR e em Farmácia na UNIFAL. Só que eu não fui, pelo simples fato de eu não ter o contato com as pessoas, nessas duas áreas.</i>
		Crença nos benefícios que o trabalho pode proporcionar ao outro	<i>E eu acredito bastante no bem-estar.</i>
			<i>Tem a ver com o bem querer, o bem-estar, a paz mundial, sei lá.</i>

Fonte: elaborada pela autora

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Razões para a escolha	A valorização da EPTNM	Necessidade de trabalho precoce	<i>Eu quero ter o técnico, eu gostei muito, mas só que eu pretendo trabalhar e depois fazer a faculdade dos meus sonhos, sabe?</i>
		O ensino técnico deixa de ser visto como uma modalidade de formação inferior.	<i>Eu achei que o técnico é melhor.</i>
			<i>Eu acho que tem um preconceito muito grande com o curso técnico. Um preconceito que depois que você faz o técnico, você quebra o seu próprio.</i>
			<i>Porque eu acho que no técnico a gente aprende mais... Não na teoria, mas na prática. Eu acho que o técnico é melhor. Eu queria aprender a prática mais, né? Porque eu sei que vai me ajudar mais logo que eu terminar o curso. E na graduação, eu não ia conseguir isso</i>
	Clareza de que a graduação é uma possibilidade e não a única alternativa	<i>Viu, eu não preciso fazer uma faculdade pra ser alguém. Eu posso fazer um técnico. Eu posso fazer cursos livres por fora e ir me aperfeiçoando. Eu não preciso fazer faculdade.</i>	
	A influência da família na escolha pelo curso e pela profissão	Familiares e/ou pessoas próximas são profissionais da área da saúde	<i>A minha irmã também. Ela faz Medicina.</i>
			<i>Eu tenho uma pessoa da família que é Podóloga.</i>
			<i>É porque na minha família tem um monte de Enfermeira. (...)A minha irmã está fazendo. Eu não queria, mas de tanto que eu vi ela, eu fiquei com vontade. Eu decidi fazer e estou gostando muito</i>
		O discurso familiar carrega um caráter profético	<i>Na verdade, segundo a minha mãe, né, desde pequena eu gostava dessa área.</i>
			<i>Trabalhar no salão foi uma e a questão do meu pai ser professor de educação física. Ele foi uma das pessoas que sempre falou muita coisa pra mim antes.</i>
			<i>A minha mãe sempre me chamava, ah, você vai ser doutor. Mas, eu sempre brinquei de ser doutor. Sempre, sempre, sempre.</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Razões para a escolha	As experiências de vida promovem uma aproximação do curso e/ou da profissão	A experiência de vida desperta para a curiosidade pela área	<i>Eu tinha uma irmã, que tinha leucemia e ela tinha uma úlcera numa parte do pé, no tornozelo dela [...] Eu queria saber se existia um médico, um profissional pro pé.</i>
		Trajetórias de autoconhecimento e autocuidado	<i>Aí começou um processo de autoconhecimento e esse processo foi muito importante e eu me deparei com várias coisas na área da saúde, que tem a ver comigo.</i>
			<i>Cuidando de mim, eu fui aprendendo</i>
			<i>Além de ajudar o próximo eu ia me ajudar também</i>
A experiência de vida desperta a admiração pela área	<i>Eu estava passando por umas dificuldades, né? (...). Então, eu quis ir em busca de qualidade de vida. E eu vi que a massoterapia trabalha muito nessa parte de qualidade de vida. Tanto pra mim quanto para o meu próximo</i>		
A experiência de vida desperta a admiração pela área	<i>Na verdade, antes eu não sabia ainda o que eu queria fazer. Aí, quando eu fiquei grávida que (eu fiquei grávida supernova, né, com quinze anos) e as enfermeiras lá no hospital me tratavam super bem. Quando ganhei (referindo-se à filha), elas pareciam até psicólogas, ficavam lá comigo, conversavam comigo, a técnica, a enfermeira. Aí eu falei: “Ah! Quero fazer isto aí!”</i>		

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Surpresas no caminho de formação	Estudar nos transforma e nos surpreende	Percepção da mudança ao longo do curso	<i>Por exemplo, eu tenho muita coisa pra contar de quando eu entrei e de quando eu saí. Quando eu entrei, eu era outra pessoa.</i>
			<i>Por exemplo, anatomia, o sistema nervoso chamou muita atenção. É muito lindo! Sistema linfático. Eu não sabia nem que eu tinha linfa..</i>
		A beleza e a surpresa de aprender	<i>E na hora que você acaba conhecendo, você se surpreende</i>
			<i>Fui totalmente surpreendido pelas matérias e por tudo.</i>
	Aprender a Fazer	O saber fazer é valorizado durante o curso	<i>Eu não sabia que tinha um instrumento específico pra usar. Depois que eu vi aqueles bisturis lindos fazer milagres...nossa! Me apaixonei</i>
			<i>Todas aquelas matérias na prática, com cada professor e a maneira com que foi passada com os alunos todas a matérias que tinham na grade, foi muito didático, foi muito bacana. Não foi uma coisa imposta, você aprender.</i>
			<i>Quando começou as práticas, eu comecei a gostar. Quando eles começaram a explicar o jeito que era no hospital... Nossa, eu não vejo a hora de trabalhar e ver. Quem sabe, quando eu terminar, né?</i>
			<i>Mas, na parte da prática, eu vou sair muito melhor do que o outro que está fazendo faculdade. Porque eu já vou estar sabendo fazer.</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Surpresas no caminho de formação	O professor como exemplo	O suporte do professor e visto como uma qualidade	<i>Foi uma coisa que ele vem comigo, vamos que eu te ajudo. Nesse sentido, os professores. Coisas que a gente não imagina. Eu não imaginaria.</i>
		Há qualidades do docente que despertam admiração	<i>Minha professora, a Ceci. Ah! Ela é um exemplo! Ela é tão dedicada, ela se dedica tanto pra poder... Quando ela começa a contar da vida dela no hospital, que ela também trabalhou no pronto socorro, que é onde eu quero atuar, ela sempre foi muito dedicada e ela se cobrava muito. Ela é um exemplo.</i>
			<i>Eu acho que eles são humanos. Não são... Ah, sou enfermeiro e acabou. Eu vejo esse lado humano deles, sabe? Sensível, que se importa com as pessoas, de verdade. Eu acho bonito esse lado deles.</i>
		Identificação com o professor como o profissional da área	<i>Então, são exemplos que eu vou levar. Por exemplo, esse profissionalismo da Adriana. Ela ensinou muito pra gente. Por exemplo, como tratar o paciente, saber da higiene, do seu local de trabalho, o que você pode falar, o que você não pode falar. É muito bom, gente!</i>
			<i>Com certeza. Até no estágio mesmo, eu estava pensando... Nossa, tem que pensar... Se fosse o professor, o que ele faria? No estágio mesmo, eu já estou tomando eles como exemplo.</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso	
Surpresas no caminho de formação	Desafios da EPTNM	Trabalhar e estudar de forma concomitante é uma superação	<i>Porque teve hora que eu falei: eu vou parar. Eu acho que começa a ficar muito sobrecarregada, trabalhos pra apresentar...</i>	
		Os desafios da (i) mobilidade	<i>Então, acaba sendo mais cansativo e acaba demorando mais o tempo que estou indo de casa pro trabalho ou do curso até em casa, do que o tempo que eu estou ali. Então, esse é o maior desafio.</i>	
			<i>Agora eu estou indo de carona, mas eu chegava 1h40 em casa por causa da condução. Eu tinha que pegar ônibus aqui, eu tinha que pegar trem, né? Dois trens aqui, um ônibus lá.</i>	
			<i>Umás 6h30. Porque até a minha casa tem um caminho enorme de barro, né? Se eu subir de carro que, às vezes, o meu irmão busca, eu chego em casa umas 6h30. Mas, se eu não subir de carro, eu chego em casa 7 horas, 7h10.</i>	
		Os desafios financeiros	<i>Eu ganhei bolsa, eu sou bolsista. Se eu não fosse bolsista, esse curso teria parado. Eu não teria condição de pagar, mesmo.</i>	
			<i>Eu entrei no curso desempregado. Na verdade, eu entrei no curso no mês que acabou a parcela do meu seguro desemprego e foi bem complicado</i>	
			<i>Eu entrei no curso desempregado. Na verdade, eu entrei no curso no mês que acabou a parcela do meu seguro desemprego e foi bem complicado.</i>	
			<i>Porque assim, como eu sou bolsista, né? Eu não teria mais condições de pagar o curso. O meu pai ficou desempregado...</i>	
				<i>Aí surgiu a oportunidade do técnico em massoterapia, né? Que eu fiz a inscrição, que eu consegui a bolsa aqui pelo Senac. Foi um incentivo maior ainda. Porque eu estou desempregada no momento.</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Projeto de formação está contido no projeto de vida	A garantia do emprego após a formação	O desejo de ser empreendedor	<i>Aí eu comecei o curso de administração, pensando na podologia, né? Porque eu queria ter o meu próprio negócio. Aí eu terminei o curso de administração na ETEC quando eu estava no primeiro módulo do curso de podologia. Aí eu apresentei o meu TCC e fiquei aqui.</i>
		A possibilidade de formação em curto prazo	<i>Eu vou aprender muito mais no curso, ele vai me dar a mesma matéria, ele vai me ensinar a mesma coisa, mas só que eu vou estar fazendo. Então, pra mim é muito melhor eu estar aprendendo, fazendo, porque eu vou sair de lá pronta pra exercer aquilo do que eu ficar estudando quatro, cinco, seis anos, pra depois começar a tentar a experiência.</i>
	A trajetória e a continuidade dos estudos	A busca pela especialização	<i>E agora eu quero. Eu quero fazer alguns cursos à parte. Eu quero fazer, por exemplo, laser. Eu quero fazer curso de palmilhas (...). Mas, eu quero procurar pra me especializar em algumas áreas. Especialização em pé diabético. Tudo em volta da podologia. E se um dia eu voltasse a fazer fisioterapia seria pra podologia também.</i>
			<i>Pensando na podologia. Eu fiz administração pensando na podologia já, entendeu? Porque eu sabia que eu ia usar aqui.</i>
		A necessidade da formação continuada	<i>Hoje em dia eu vejo que era necessário, sabe? Mas, eu quero focar nessa área da estética mesmo. Talvez, se depois que eu sair daqui, se eu for pesquisar algum curso que seja muito do meu interesse e pra eu fazer ele, eu preciso fazer uma graduação, aí eu vou atrás da graduação, entendeu</i>
			<i>Eu tenho assim uma rota que eu gostaria de seguir. Daqui 5 anos eu gostaria de estar estudando naturologia lá em Florianópolis</i>

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Projeto de formação está contido no projeto de vida	A trajetória e a continuidade dos estudos	A necessidade da formação continuada	<p><i>Pode ser que eu faça o técnico em nutrição. Se eu ver que vou ter que fazer mesmo pra conseguir chegar na profissão ali que eu quero, naquele cargo que eu quero, eu vou precisar fazer isso? Eu não tenho como fazer só técnico? Eu vou ter que me aprofundar, então, vamos, né?</i></p>
			<p><i>Então, eu falei, vamos terminar o curso, né, eu não sei... Eu gosto muito do curso, mas a faculdade de medicina veterinária é o meu sonho, né?</i></p>
	Formar-se com o objetivo de ajudar a família	Expectativas para o futuro	<p><i>A vida no geral? Casado eu já sou, dois filhos, pelo menos. Um casal, de preferência. Um apartamento na praia. Eu quero ter um apartamento na praia pra poder ir com a família no final de semana. Talvez monte uma filial lá, né?</i></p>
			<p><i>E eu quero fazer essa conciliação, entende? Ou morar em Louveira ou manter o mesmo local de trabalho pra ficar próximo da minha casa. Porque como é sítio, eu até consigo construir alguma coisa ali</i></p>
			<p><i>Se fosse por mim, eu queria terminar. Uma coisa por mim, porque é legal começar uma coisa e terminar, pelos meus pais, minha família que me apoiou muito, porque foi muito difícil e eu sentia como uma forma de agradecer eles... Terminar isso.</i></p>
			<p><i>Eu quero ajudar os meus pais, pagar minha faculdade, casar, né? Eu nunca pensei...ajudando a minha família bastante. Eu acho que já vou ter construído uma casa pra eles.</i></p>
<p><i>E eles já fizeram muito por mim, e ainda fazem até hoje. Então eu penso muito no futuro deles e da minha filha</i></p>			